

N.º1 DO *NEW YORK TIMES*

JODI PICOULT
SAMANTHA VAN LEER

Saído de Um Conto de Fadas

UM PRÍNCIPE ENCANTADO. UMA LEITORA APAIXONADA.
PODERÃO SER FELIZES PARA SEMPRE?

BERTRAND EDITORA

Jodi Picoult é autora de mais de vinte livros, muitos dos quais chegaram ao número 1 de vendas do *New York Times*.

Samantha van Leer, filha de Jodi Picoult, é estudante universitária de Psicologia e Desenvolvimento Humano, e coautora de *Entre as Linhas* e *Saído de Um Conto de Fadas*.

Título original: Off the Page
1.ª edição em papel: outubro de 2017
Autoras: Jodi Picoult & Samantha van Leer
Tradução: Ana Cunha Ribeiro
Revisão: Miguel Freitas
Design da capa: Marta Teixeira
Ilustrações: Yvonne Gilbert e Scott M. Fischer

© 2015 by Jodi Picoult e Samantha van Leer
Copyright das ilustrações de página inteira © 2015 by Yvonne Gilbert
Copyright das ilustrações do miolo © 2015 by Scott M. Fischer
Esta tradução é publicada por acordo com a Random House Children's Books, uma divisão da Penguin Random House LLC, Nova Iorque
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3513-7

PARA KYLE E JAKE:

A mãe diz que eu sou a sua favorita.

Vocês não se importam.

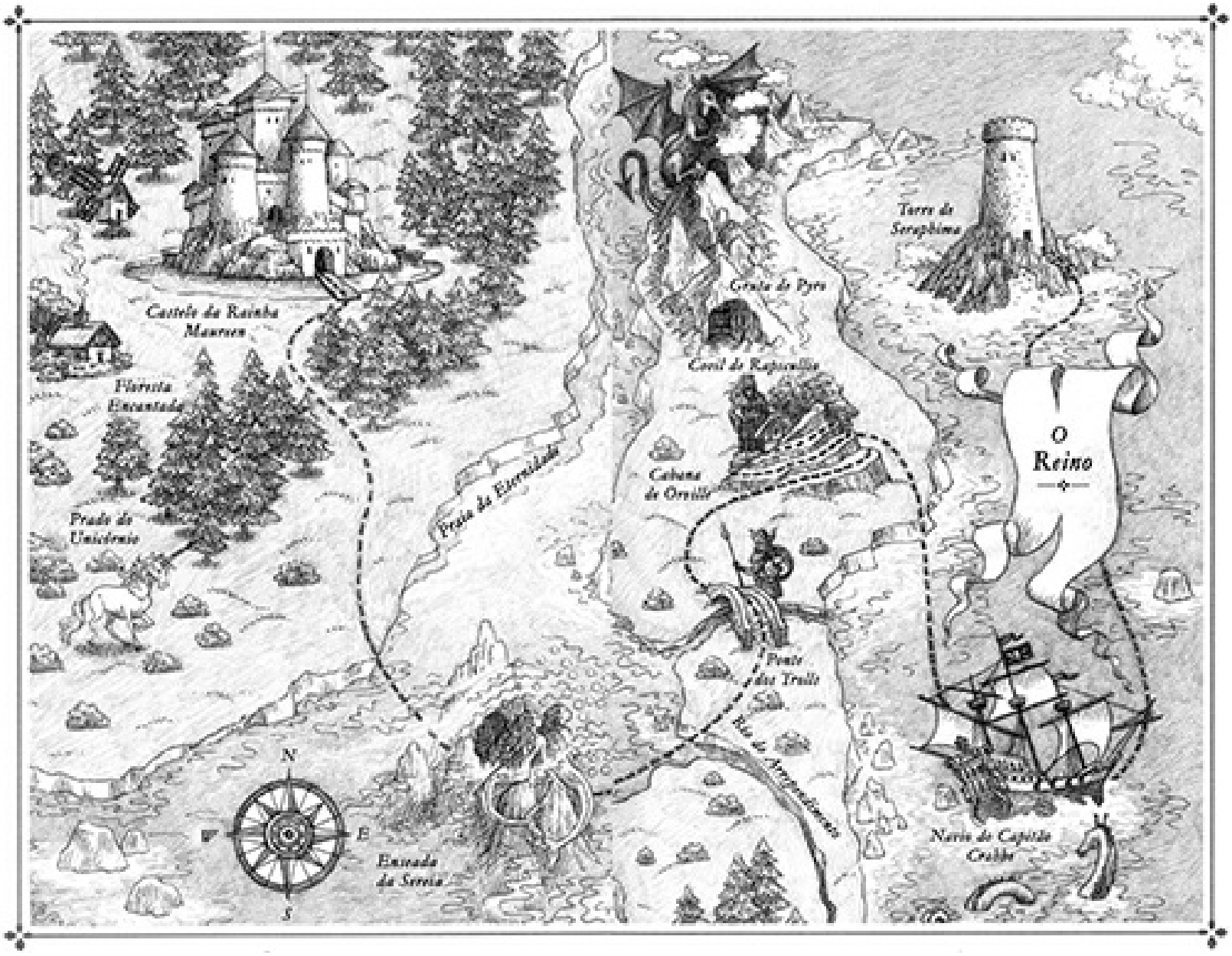
Com amor, Sammy

PARA KYLE E JAKE:

A Sammy está a mentir.

Vocês são TODOS meus favoritos.

Com amor, Mãe


Castelo da Rainha Maureen
Floresta Encantada
Prado do Unicórnio
Praia da Esmeralda
Gruta de Pyro
Torre de Seraphima
Cavalo de Rapunzilla
Cabana de Orvilli
O Reino
Ponte dos Trolls
Rio de Arrepiantes
Enseada da Sereia
Navio do Capitão Crabbe
N
W
E
S

PRIMEIRA PARTE

Sabe? Lá porque o leitor escolheu este livro, isso não significa que ele lhe pertença.

Muitas coisas aconteceram antes de o leitor ter chegado. Um certo dia houve a faísca de uma ideia, que ateou o fogo da imaginação. Cada labareda acendeu uma linha de texto, que se espalhou de um capítulo até ao seguinte.

E o leitor? Onde andava? Provavelmente estava envolvido com um outro livro, sem sequer ter a noção de que tudo isto se passava, algures no universo.

A chama deu lugar ao fumo e do fumo emergiram silhuetas, que marcharam por entre as páginas, cada qual com uma voz que seria ouvida. À medida que elas falavam, os seus contornos tornavam-se progressivamente mais definidos e acutilantes. As suas características vieram à superfície. E, em breve, tornar-se-iam personagens de pleno direito.

Pegaram nas linhas que tinham sido dispostas sobre as páginas e levaram-nas aos ombros, envolveram-nas em torno da cintura, puxaram e reviraram e tornaram-se história.

E nem nesse momento o leitor estava lá.

Até que um dia se acercou de uma estante e, de entre todos os livros do mundo, escolheu este.

Por favor, não me interprete mal. Isto não quer dizer que o leitor não é importante. Pois, no momento em que abriu este conto, a sua mente despertou as personagens. Quando cai uma árvore na floresta sem que ninguém a ouça, ela terá efetivamente caído? Se uma personagem se encontra num livro sem que ninguém o leia, estará ela verdadeiramente viva? À medida que os seus olhos percorriam as páginas e que ouvia a história na sua cabeça, as personagens moviam-se para si, elas falavam consigo e sentiam no seu lugar.

Por isso, como pode perceber, é muito difícil saber a quem pertence uma história. Será ao escritor que a criou? Ou às personagens que dão vida ao enredo? Ou pertencer-lhe-á a si, ao leitor, que lhes dá o sopro da vida?

Ou talvez nenhum dos três possa existir sem os outros.

Provavelmente, sem esta combinação mágica, uma história não seria mais do que palavras numa página.



DELILAH

Passei a minha vida inteira à espera de Oliver, por isso, seria de esperar que mais quinze minutos não fizessem diferença. Mas nesse quarto de hora Oliver está pela primeira vez sozinho num autocarro, sem supervisão, com as criaturas mais cruéis, maldosas, desgastantes à face da Terra — alunos do secundário.

Andar na escola secundária é mais ou menos equivalente a dizerem-nos que temos de nos levantar todas as manhãs e lançarmo-nos contra a mesma parede de tijolos a uma velocidade de cem quilómetros à hora. Todos os dias somos obrigados a constatar o triunfo do princípio de Darwin da sobrevivência do mais apto: vantagens evolutivas, como dentes brancos perfeitos e seios que desafiam a gravidade, ou um blusão de uma equipa de futebol que nos impede de nos tornarmos presas dos demónios que triplicam de tamanho quando se alimentam do medo de um infeliz caloiro e o esmagam completamente. Ao cabo de vários anos a frequentar escolas públicas, eu tinha-me tornado bastante boa na arte de passar despercebida. Desse modo, é menos provável que nos tornemos um alvo.

Mas Oliver não sabe nada disto. Ele foi *sempre* o centro das atenções. É menos desenvolvido socialmente do que o rapaz que entrou para a escola no ano passado depois de ter tido nove anos de aulas num *yurt*. E, na verdade, aquilo que me preocupa é precisamente o facto de imaginar tudo o que Oliver pode fazer mal.

Neste momento, é possível que ele esteja há dez minutos a contar a história do primeiro dragão com que se cruzou. E, apesar de ele poder pensar que essa é uma forma excelente de quebrar o gelo, o resto dos ocupantes da carrinha escolar ou está a rotulá-lo como sendo o mais recente drogado na cidade, que põe cogumelos mágicos na omelete do pequeno-almoço, ou como um daqueles miúdos que andam por aí a falar élfico, vestidos com mantos feitos em casa e com espadas feitas de espuma embainhadas nos cintos. Seja como for, é esse género de primeira impressão que fica colada à pessoa para o resto da vida.

Acreditem em mim, eu sei.

Eu fui *essa* rapariga ao longo de todo o meu percurso escolar. A rapariga que escrevia *O São Valentim é o máximo* em todos os postais do Dia dos Namorados do segundo ano e que foi literalmente contra uma parede enquanto lia um livro. A rapariga que recentemente reforçou a sua posição na zona negativa das votações de popularidade quando esmurrou a miúda mais popular da escola durante uma aula de natação.

Eu e Oliver formamos um casal *fantástico*.

Por falar nisso… ainda nem acredito que somos mesmo um casal. Ter um namorado é uma coisa, mas estar com alguém que parece saído de uma comédia romântica… bom, isso não acontece a pessoas como eu. As raparigas passam a vida a sonhar com o homem perfeito, mas acabam sempre por se conformar quando percebem que ele não existe. Eu encontrei o meu, mas ele estava preso num conto de fadas. Uma vez que esse é o único mundo que ele conhece, adaptar-se ao nosso tem sido um desafio. Como ele se tornou real — e meu — é uma longa história… mas foi a maior aventura da minha vida.

Pelo menos até agora.

— Delilah! — ouço alguém chamar. Viro-me e vejo a minha melhor amiga, Jules, que dispara na minha direção. Abraçamo-nos, como se fôssemos ímanes. Não nos vimos durante o verão todo. Ela foi exilada para casa da tia, no Midwest, e eu andava demasiado preocupada com a chegada de Oliver. A crista dela tinha crescido e ela usava agora um penteado ao estilo egípcio, tendo pintado o cabelo de um azul-profundo. Usava o seu habitual *eyeliner* carregado, botas da tropa e uma *t-shirt* com o nome da sua banda preferida do momento — os Khaleesi and the Dragons.

— Então, onde é que ele está? — pergunta-me, olhando à volta.

— Ainda não chegou — respondo-lhe. — E se ele volta a chamar à carrinha da escola o seu corcel de estimação?

Jules ri-se.

— Delilah, passaste o verão inteiro a praticar com ele. Acho que ele consegue sobreviver a uma viagem de quinze minutos na carrinha sem ti. — De repente, ela faz uma careta. — Ora bolas, não me digas que vocês vão andar colados um ao outro como os BrAngelo — comenta Jules, acenando a cabeça na direção de Brianna e Angelo, o casal sensação da escola, que parece possuir uma capacidade invulgar para curtir ao pé do meu cacifo no preciso momento em que eu preciso de o abrir. — Acho ótimo que tenhas um namorado novo, mas acho melhor não me abandonares.

— Estás a gozar? — digo-lhe. — Eu vou precisar da tua ajuda. Estar com Oliver é como tomar conta de um bebé e darmo-nos conta de que toda a casa é uma potencial zona de perigo.

— Mesmo na hora certa — murmura Jules quando a carrinha de Oliver estaciona à porta da escola.

Sabem aqueles momentos na vida em que o tempo desacelera? Quando nos lembramos dos pormenores de cada minuto, de sentirmos o vento na cara, do cheiro da relva acabada de cortar, de como os fragmentos de conversas se transformam num ruído de fundo e de como, nesse momento, apenas reconhecemos o bater do nosso coração, a nossa respiração e a pessoa cujos olhos se fixam nos nossos?

Oliver é o último a descer da carrinha. O seu cabelo preto fica despenteado por causa do vento. Usa a *t-shirt* e as calças de ganga que eu escolhi para ele e um casaco com capuz, desapertado. Traz uma mala de pele cruzada sobre o peito e os seus olhos verdes perscrutam a multidão.

Quando me vê, um sorriso aberto surge-lhe no rosto.

Caminha na minha direção indiferente ao facto de ter trezentas pessoas a fitá-lo — ao miúdo novo — e como se não se incomodasse com o facto de as raparigas mais populares atirarem o cabelo para trás e pestanejarem repetidamente, como se estivessem numa sessão fotográfica, ou por os atletas estarem todos a tirar-lhe as medidas, numa atitude competitiva. Caminha como se estivesse apenas a ver-me a mim.

Oliver abraça-me e faz-me rodopiar, como se eu não pesasse nada. Põe-me no chão e segura-me carinhosamente o rosto nas mãos, olhando-me como se tivesse encontrado um tesouro.

— Olá — diz ele. E beija-me.

Sinto que toda a gente está de boca aberta e com os olhos postos em mim.

Não vou mentir, era capaz de me habituar a isto.

Conheci Oliver no interior de um livro. No ano passado fiquei obcecada com um conto de fadas infantil que encontrei numa das pilhas de livros da biblioteca da escola. Fiquei particularmente obcecada com o príncipe que aparecia nas ilustrações ao longo do livro. A verdade é que imensos leitores têm paixonetas por personagens de ficção, mas a minha acabou por não ser assim tão ficcional. Oliver quis sair do seu livro, onde os dias eram todos iguais, e viver uma vida com um enredo que não fosse tão rígido.

Fizemos várias tentativas falhadas — incluindo uma que envolveu um cavalete mágico que o reproduziu no mundo real, mas plano como uma panqueca, e um curto período de tempo no qual eu me vi sugada para dentro do livro e dei por mim a nadar com sereias e a debater-me numa luta com uma princesa perturbada que achava que estava apaixonada por Oliver. Uma tentativa de último recurso para tentar aboli-lo da história incluiu uma furtiva viagem até Cape Cod, ao encontro da autora, Jessamyn Jacobs, que escrevera a história para o filho, Edgar, após a morte do pai dele. Veio a revelar-se que Edgar era sósia de Oliver e era precisamente o substituto de que precisávamos para tomar o seu lugar no livro. Nos últimos três meses, Edgar viveu no conto de fadas e Oliver em Cape Cod, fazendo passar-se por ele — com sotaque americano, temperamento de adolescente, roupa do século XXI e tudo o mais. Ao cabo de várias semanas a tentar persuadi-la, Oliver conseguiu finalmente convencer Jessamyn a mudar-se para ali, para o New Hampshire, de modo a eu poder estar com ele.

Eu e Oliver percorremos o corredor onde algumas raparigas se juntam e se organizam para tirarem uma *selfie* para o Snapchat; um grupo de rapazes tenta acomodar um carregamento de equipamento desportivo num cacifo do tamanho de uma mala de mão e as miúdas da claque se olham ao espelho dos seus cacifos e aplicam brilho para lábios em câmara lenta, como se estivessem num anúncio da Sephora. De súbito, surgem no corredor dois marrões, com uma pilha de livros

pressionada contra o peito, contornando os outros alunos como se fossem *flippers* de carne e osso. Oliver quase é varrido do caminho.

— Há algum fogo? — pergunta ele.

— Não. Só falta um quarto de hora para a aula começar. Para um marrão, isso significa que já está meia hora atrasado. — Olho para o fundo do corredor. — Eles andam sempre a correr *para todo o lado. O tempo todo.*

À medida que eu e Oliver passamos, sinto os olhos de toda a gente cravados nas minhas costas. Enquanto atravessamos a multidão, de vez em quando vou contra ele de propósito. Faço-o para me certificar de que ele está mesmo ali. Vocês têm de perceber uma coisa. Eu não sou uma pessoa com sorte. Nunca ganho uma rifa, quando encontro uma moeda está sempre do lado da coroa e o último bolinho da sorte que comi dizia *Boa sorte com isso.* Para mim, isto é literalmente um sonho tornado realidade.

De repente, apercebo-me de que Oliver está a fazer a saudação real enquanto nos dirigimos à ala de ciências. Pego-lhe na mão e puxo-a para baixo.

— Eles não são teus súbditos — sussurro-lhe. Mas, quando ele entrelaça os dedos dele nos meus, esqueço-me completamente de me sentir frustrada.

Antes de eu ter tempo de perceber o que ele está a fazer, Oliver puxa-me para um recanto, que leva ao estreito corredor onde fica o laboratório de fotografia. Numa coreografia delicada, faz-me rodopiar, deixando-me de costas contra a parede, prendendo-me com as suas mãos. Quando se inclina, o cabelo dele cai-lhe sobre os olhos. Ele levanta-me o queixo e beija-me.

— Porque é que fizeste isso? — pergunto-lhe, atarantada.

Ele sorri.

— Apenas porque posso.

Não consigo deixar de lhe sorrir de volta. Há três meses, eu nunca imaginaria que pudesse estender a mão e tocar na de Oliver. Quanto mais que poderia escapar-me com ele a meio das aulas para nos beijarmos em segredo.

O mais terrível quando nos apaixonamos é que a realidade atrapalha sempre. Suspiro e dou-lhe a mão.

— Por muito que eu gostasse de ficar aqui, temos de te levar para a aula.

— Então — diz Oliver —, qual é a minha primeira tarefa?

— Bem — respondo eu, tirando-lhe o horário da mão. EDGAR JACOBS, lê-se, o que me apanha de surpresa. Custa-me lembrar-me de que Oliver está a fazer-se passar por outra pessoa. Deve ser dificílimo para *ele*. — A tua primeira aula é química.

— Alquimia?

— Hum… não é bem isso. É mais poções.

Oliver parece impressionado.

— Uau. Toda a gente aqui quer ser feiticeiro?

— Só aqueles que têm impulsos de morte — murmuro eu. Paro à frente de uma fila de cacifos e procuro o número que consta no horário dele. — Este é o teu.

Ele abana o cacifo e franze a testa diante do quebra-cabeças da combinação numérica. E é então que, de súbito, ele se anima e, sem mais nem menos, saca um punhal e investe sobre o metal.

— Oh, meu *Deus*! — grito, tirando-lhe a faca, que enfio na minha mochila antes que mais alguém consiga vê-la. — Tu queres ser preso?

— Eu não estou assim tão cansado — responde Oliver.

Suspiro.

— Nada de facas. *Nunca.* Percebes?

Os olhos dele pestanejam de tristeza.

— É que há aqui tantas coisas… diferentes — diz.

— Eu sei — concordo. — É por isso que me tens a mim. — Tiro o cadeado numérico, usando o código que se encontra nas costas do horário de Oliver, e substituo-o por um cadeado com uma combinação composta por cinco letras. — Repara — digo-lhe. Com o polegar faço rodar as letras, até escrever T-M-U-F-F. — *Todos merecemos um final feliz*.

— Acho que vou ser capaz de me lembrar. — Ele sorri e encosta-me contra os cacifos. — Sabes qual é a outra coisa de que me lembro? — Os olhos dele são verdes como um campo no verão e é igualmente fácil perdermo-nos neles. — Lembro-me da primeira vez que te vi. Tinhas essa camisola vestida.

Quando ele olha assim para mim, eu nem me consigo lembrar do meu nome, quanto mais o que trago vestido.

— Tinha?

— E lembro-me da primeira vez que fiz isto — acrescenta ele, debruçando-se para me beijar.

De repente, ouço uma voz por cima do ombro.

— Hum… — diz um rapaz. — Vocês os dois estão a modos que esparramados em cima do meu cacifo.

Meu Deus. Eu transformei-me nos BrAngelo.

Empurro imediatamente Oliver e prendo o cabelo atrás das orelhas.

— Desculpa — murmuro. — Não volta a acontecer. — Aclaro a voz. — Já agora, eu chamo-me Delilah.

O miúdo puxa a porta de metal e olha para mim.

— Chris — responde.

Oliver estende a mão.

— Eu sou o Oli…

— Edgar — interrompo. — Ele chama-se Edgar.

— Sim, pois — corrobora Oliver. — É esse o meu nome.

— Tenho a impressão de que nunca te tinha visto — digo a Chris.

— Sou novo. Acabo de chegar de Detroit.

— Eu também me mudei para a cidade há pouco — diz Oliver.

— Ah, sim? Vieste de onde?

— Do reino de…

— Cape Cod — acrescento rapidamente.

Chris troça.

— Ela não te deixa falar muito, meu. Para onde é que vocês vão?

— O Edgar vai ter química com o professor Zhang — respondo.

— Fixe. Eu também. Vemo-nos na aula? — Chris fecha o cacifo, acena e segue pelo corredor.

Oliver observa-o.

— Porque é que *ele* pode acenar?

Reviro os olhos. São oito e um quarto e já estou estafada.

— Depois explico-te — respondo.

Tenho tempo de sobra para levar Oliver à sala de química antes de ter de ir para a minha aula de francês. Jules surge por trás de nós e dá-me o braço.

— Adivinha quem acabou — diz ela.

Oliver sorri.

— Esta deve ser a famosa Jules.

— Os relatos acerca da minha espetacularidade habitualmente não me fazem justiça — replica Jules. Olha de soslaio para Oliver e a seguir abana a cabeça e vira-se para mim. — Muito bem.

— Eu estou com um bocado de pressa. Estou a tentar levá-lo para a sala do Zhang antes do toque — explico-lhe.

— Acredita em mim, tu vais querer ouvir isto… Allie McAndrews e Ryan Douglas?

Oliver fita-me, com uma expressão inquiridora.

— São o rei e a rainha do baile — respondo-lhe brevemente.

Ele parece impressionado.

— São da realeza?

— Eles *acham* que sim — concorda Jules. — Seja como for, eles acabaram. Ao que parece ser fiel é tão fácil para o Ryan como estudar Shakespeare.

Tendo frequentado a mesma aula de inglês que Ryan no ano passado, eu sei que o comentário é bastante esclarecedor.

— Por falar no diabo — diz Jules.

Como se estivéssemos a ver uma telenovela, Allie aparece na esquina ladeada pela sua comitiva. Do lado oposto, ao mesmo tempo, Ryan pavoneia-se pelo corredor. Nós, os espectadores,

congelamos, sustemos a respiração e aguardamos o desastre inevitável.

— Oh, vejam! Que visão rara — diz Allie em voz alta. — Um galdério à solta. — As meninas dela reagem com risadinhas.

Ryan olha-a de alto a baixo.

— Engoliste os teus sentimentos *todos,* Allie?

Nisto, Allie lança-se sobre ele com as garras de fora. Um miúdo mete-se entre eles mesmo a tempo. Trata-se de James, o presidente da Aliança Gay, Lésbica, Bissexual e Transgénero, que dirige o seu próprio negócio de laços de cerimónia e dá formação em gestão de conflitos a mentores de alunos.

— Pira-te, miúda — diz James a Ryan, que o atira contra a parede.

— Baza daqui, fadinha — rosna Ryan.

Antes que eu me aperceba do que se está a passar, Oliver já não está ao meu lado. Ele caminha na direção de Ryan.

— Ora bolas — diz Jules. — Tinhas de andar com um herói?

Mas Oliver passa rapidamente ao lado de Ryan e dirige-se a James, que se encontra esparramado no chão. Estende-lhe a mão e ajuda-o a levantar-se.

— Estás bem?

— Estou, obrigado — responde James, sacudindo a roupa.

Isto é bom, isto é mesmo muito bom. Oliver ganhou a melhor reputação possível. Está toda a gente a olhar para ele como se ele fosse um campeão.

Incluindo Allie McAndrews.

Oliver pousa a mão no ombro de James.

— As fadas daqui são *muito* maiores do que eu imaginava — comenta ele, encantado.

Por um instante, o tempo para. Uma expressão perpassa o rosto de James — desilusão. Resignação. Dor.

O que se passa a seguir é tão rápido que eu mal consigo ver o sucedido. James puxa o braço para trás e dá um soco tão forte a Oliver que ele cai em cheio para trás.

Ah, pois. Vai ser um ano *fantástico.*

Eu corro para Oliver e agacho-me ao lado dele.

— Deixa-me adivinhar — murmura Oliver. — *Fada* tem um significado diferente aqui?

Mas eu não consigo responder porque, quando olho para ele, vejo um fio preto a correr-lhe do nariz e as nódoas na *t-shirt* branca.

— Oliver — sussurro-lhe. — Estás a *perder tinta.*



OLIVER

Passaram cinco longos minutos e ainda parece que a minha cara foi surrada por um gigante. Afasto Delilah, que segura num lenço molhado contra o meu nariz.

— O termo correto — digo-lhe — é *gay.*

— Eu não tive intenção de o insultar — murmuro. — Mas não sabia.

— Não te martirizes. Isto é tudo novo para ti.

Mas o sentimento de culpa dói mais do que as nódoas negras. Decido procurar James mais tarde e pedir-lhe desculpa, como um cavalheiro.

— Se duas pessoas decidem ficar juntas, o que é que os outros têm a ver com isso? — pergunto eu. — Mas que raio. O meu melhor amigo era um *basset,* que estava apaixonado por uma princesa e ninguém sequer pestanejava.

Por falar em olhos, será que os meus vão ficar pretos em breve? Debruço-me sobre o espelho.

— Não percebo isto — digo. Eu já saltei literalmente para a boca em chamas de um dragão, atirei-me de um penhasco de quinze metros para o oceano e quase me afoguei, contudo recuperei mais depressa do que deste golpe miserável.

Além do mais, isto *dói.*

De repente, tudo faz sentido.

— Delilah — digo e engulo em seco. — Receio estar a morrer.

— Tu não estás a morrer. Só levaste um soco.

— Eu já devia ter recuperado.

— Isso só acontece no teu livro — responde Delilah. — Na vida real, não basta mudar de página para ficarmos a sentir-nos melhor.

Toco a medo na cana do meu nariz e encolho-me.

— Que pena — digo.

Tenho de admitir que este não foi o começo que eu tinha antecipado. Estava muito entusiasmado com a ideia de ir para a escola, apesar das coisas que Delilah me tinha dito. Ela faz parecer que andar na escola é como estar preso numa masmorra, mas, para mim, é tudo *menos* isso. Eu já estive preso numa masmorra. Na verdade, isso já me aconteceu vezes sem conta. Até mesmo ser espancado por um estranho é algo novo e excitante e *diferente* daquelas sessenta páginas que eu repeti toda a minha vida.

— Tens de ir para a aula — diz-me Delilah. — Já estás atrasado. Diz que te perdeste. Ninguém vai duvidar de um aluno novo no primeiro dia. Lembras-te das coisas de que falámos?

Começo a tocar nas pontas dos dedos à medida que nomeio as dicas.

— Não fazer vénias quando conheço alguém. Não mencionar que faço parte da realeza. Tirar apontamentos nas aulas como se estivesse interessado, mesmo que não esteja. O professor é o rei da sala de aula e eu não me posso levantar e sair, a não ser que tenha autorização para tal. Ah, e não posso usar facas na escola, nunca.

Delilah sorri.

— Boa. E mais uma coisa… — diz ela, apontando para a minha cara. — Não digas nem faças nada que possa fazer com que isso aconteça outra vez.

Ela enfia a cabeça na abertura da porta para espreitar para o lado de fora. Escondemo-nos numa sala privada que só os professores podem usar. Quando se certifica de que o corredor está vazio, Delilah puxa-me para o seu lado e empurra-me na direção da minha aula de poções.

— Não te esqueças — diz-me. — Segue o teu horário e eu vou ter contigo à hora de almoço.

Eu anuo e viro-me, mas a voz dela faz com que me volte

novamente.

— Oliver — diz-me. — Tu és capaz.

Vejo-a afastar-se. Quando Delilah fala assim, é fácil lembrar-me porque é que abdiquei de tudo para estar com ela. Ela acredita em mim e, se alguém acredita em nós do fundo do coração, nós também começamos a acreditar.

Respiro fundo e lanço-me para a frente, na direção do desconhecido.

Eu interpretei uma personagem a vida toda. Este é apenas um papel diferente.

Tenho um breve vislumbre de *Frump*, o meu melhor amigo no conto de fadas, a abanar a cauda, ao mesmo tempo que nos grita a todos para tomarmos as nossas posições porque um novo leitor abriu o livro. Pergunto-me se *Frump* estará a reunir o elenco naquele preciso momento.

Pergunto-me se eles têm saudades minhas.

Mas eu tenho a minha tarefa a cumprir aqui.

O nervosismo que me faz cócegas na barriga não resulta do medo, mas da excitação.

Abro a porta da sala de aula e dirijo ao professor, que se encontra de pé à frente dos alunos sentados, o meu sorriso mais encantador.

— Lamento imenso. As minhas mais sinceras desculpas, Vossa Majestade.

Ouvem-se risos abafados dos alunos.

— Senhor Zhang é o suficiente — responde o professor numa voz desprovida de emoção. — Sente-se, senhor…

— Jacobs. Edgar Jacobs. Anteriormente de Wellfleet.

— Fantástico — entoa o senhor Zhang.

Só há um lugar vazio e, para minha grande satisfação, é ao lado de alguém que conheço, Chris, que tem o cacifo junto ao meu. Ele levanta os olhos e encolhe-se.

— O que é que *te* aconteceu?

— Um problema de comunicação — respondo.

— Muito bem — anuncia o senhor Zhang. — Vou distribuir um questionário básico para ver o que vocês já sabem. Não entrem em

pânico, que não conta para a nota final. — O professor entrega uma folha a cada um de nós.

Chris debruça-se sobre o teste, com o lápis a arranhar energicamente o papel. Olho para a folha e franzo a testa.

— Por favor — digo, como forma de chamar a atenção do senhor Zhang. — Penso que o meu está escrito na língua errada.

— O inglês não é a sua primeira língua?

— Certamente que é. O inglês da rainha, para ser preciso. Mas esta escrita está cheia de traços e setas estranhos e de cadeias de Cs e Os que parecem insetos.

O professor suspira.

— Nesse caso, diga-me três coisas que saiba sobre química.

Tiro um lápis da pasta de couro que trouxe para a escola.

1. Olhos de salamandra e hálito de dragão, quando misturados em volumes iguais, podem curar uma constipação vulgar.
2. O suco de miosótis, quando destilado, faz recuperar uma memória perdida.
3. Nunca se deve lamber a colher.

Quando entregamos o questionário, fico satisfeito comigo mesmo e tremendamente grato pelo tempo que passei na cabana do feiticeiro Orville a vê-lo criar as suas poções.

Consigo permanecer sentado o tempo todo da aula e vou acenando com a cabeça e tirando apontamentos, tal como Delilah me indicou. Apesar de não entender a utilidade de uma tabela que é periódica em vez de ser constante.

Enquanto o professor fala, deixo a minha atenção vaguear e, à medida que olho em volta, sinto-me maravilhado. Além de Chris, não reconheço *ninguém.* Parece que este mundo não para de criar pessoas novas, como se elas fossem esculpidas em madeira. Tendo crescido sempre rodeado das mesmas trinta personagens, fico encantado com as feições, as roupas e os rostos que nunca vi antes. Há uma rapariga que está sentada na parte da frente da sala e que tem uma argola enfiada na asa do nariz, tal como o boi que vive nos campos por trás do nosso castelo. Um rapaz traz uma prancha com rodas presa à mochila, como se tivesse de estar preparado para zarpar a

qualquer momento. Lanço um olhar à rapariga que se encontra à minha esquerda. Em vez de ter apontamentos, o caderno dela está cheio de imagens ondulantes, que enchem a folha de um lado ao outro. Deve ser uma espécie de artista.

A campainha toca e assusta-me. Parece ser um sinal. Toda a gente se levanta e começa a arrumar os livros.

Enquanto arruma os livros na mochila, Chris olha para mim.

— Então, porque é que a tua família se mudou para cá?

Não tenho propriamente uma resposta para essa pergunta. Quando me apercebi de que Edgar estava no livro e que eu tinha mesmo saído de lá, o meu primeiro passo para me tornar real foi fazer-me passar pelo rapaz cuja vida eu tinha roubado. O que implicava fazer com que Jessamyn Jacobs, autora do conto e mãe de Edgar, acreditasse que eu era o filho dela. E eu não consigo imaginar nada mais difícil do que enganar a pessoa que melhor conhece uma criança, nomeadamente a sua mãe, que esteve presente desde o primeiro minuto da vida dela. Houve muitos desastres iminentes, alturas em que Jessamyn me pareceu estar prestes a descobrir que eu não era Edgar. Ficava a fitar-me demoradamente, com uma expressão curiosa no rosto. Uma vez, apanhei-a a remexer as gavetas dos móveis do quarto de Edgar. Todas as noites, ao jantar, ela perguntava-me se eu me estava a sentir bem, porque não parecia eu. Isso já era o suficiente para me perturbar. Mas, ainda mais devastador, era o facto de este mundo estranho ser muito maior do que as sessenta páginas a que eu estava habituado. A rapariga por quem eu trocara tudo vivia a quatro horas de distância. Eu tinha de convencer Jessamyn de que era preciso que nos mudássemos para a cidade onde morava Delilah. E tinha de o fazer de uma forma que Edgar pudesse ter feito. Ao cabo de várias semanas a esgotar desculpas criativas — Há menos poluição! Fui atingido pela seta do Cupido! As escolas da zona são melhores! —, Jessamyn anunciou, numa certa tarde, que mudarmo-nos para o New Hampshire era de facto uma boa ideia. Continuo sem saber o que a fez mudar de ideias. Mas estou aliviadíssimo por isso ter acontecido.

— A minha mãe, hum, trabalha como editora independente. Ela queria começar de novo e pode trabalhar em qualquer lugar. — Olho

para Chris. — E tu?

— O meu pai arranjou um emprego aqui e a minha mãe gostou da ideia de criar os filhos num ambiente despoluído — responde Chris. — Detroit é tipo a antítese do New Hampshire. Em muitas coisas. Eu nunca vi tantos brancos na minha vida — diz ele e ri-se. — Então, e tu e a Delilah? Há quanto tempo estão juntos?

— Tecnicamente, há três meses — replico.

— Ui, isso é sério, hein?

— Bom, estou a tentar que *não* seja. Ela não ficou muito entusiasmada quando eu a pedi em casamento. Quer fazer uma coisa a que chama *namorar*.

Chris fita-me.

— De onde é que tu és mesmo?

— De Wellfleet — digo. — Já alguma vez encontraste o amor verdadeiro?

— Ainda só estamos no segundo período — reponde Chris, a rir. — Até agora, tu és o relacionamento mais próximo que eu tenho nesta escola.

Sigo-o pelo corredor e dirigimo-nos ambos às escadas.

— Eu vou ter trigonometria com a Baird — comenta Chris. — Ao que parece, ela veste-se sempre de preto e tem pedras guardadas na gaveta da secretária. Ouvi dizer que é uma autêntica bruxa.

— A sério? — exclamo. — Então porque é que não é ela que dá a aula de poções?

Chris sorri.

— Tu és esquisito, meu, mas és engraçado. Vemo-nos mais tarde.

Ele desce as escadas e eu viro para a escadaria, onde quase colido exatamente com a pessoa que esperava encontrar.

— James — chamo, quando o vejo desviar os olhos de mim e começar a subir as escadas. — Espera.

— Sinceramente, acho que já falaste o suficiente por hoje.

— Mas disse as coisas erradas. — Espero que ele pare de andar e olhe para mim. — Não tive a intenção de te ofender. De onde eu venho essa palavra tem um significado diferente.

— E que sítio é esse? A Terra do Nunca?

— Qualquer coisa do género. — Um mar de alunos rodeia-nos, como

se nós fôssemos pedras no meio de um rio. Penso em como teria feito qualquer coisa para ficar com Delilah, em como não faria sentido estar em mundo nenhum a não ser que ela estivesse ao meu lado. — Eu próprio *mudei-me* para aqui por acreditar que todas as pessoas deviam ter o direito de estar com a pessoa que amam.

James fica a fitar-me durante um bom bocado, como se estivesse a tentar aferir a minha sinceridade. Por fim, acena com a cabeça.

— Devias pensar em juntar-te à Aliança *LGBT* — diz ele. — Dava-nos jeito ter mais aliados como tu. — James mexe num crachá que tem na alça da mochila e prega-mo ao peito, como se fosse uma medalha de cavaleiro.

Olho para baixo e vejo o arco-íris preso ao meu casaco de capuz.

Ao partir, James olha por cima do ombro.

— Desculpa ter-te dado cabo da cara. Era bonita.

No interior da sala 322, uma mulher de cabelo grisalho frisado encontra-se voltada para o quadro branco, onde escreve *Senhorita Pingree* numa caligrafia perfeita. Quando soa o segundo toque, ela vira-se e observa a turma. Os seus olhos iluminam-se à medida que se detém em cada um dos nossos rostos.

— O que contém um nome? — pergunta. — «Aquilo a que chamamos rosa / Se tivesse outro nome não teria um aroma tão doce / E Romeu, se assim não se chamasse / Veria retida a perfeição que o caracteriza / Sem esse epíteto…»

Os restantes alunos da turma agitam-se e bocejam, ignorando aquela dramatização improvisada. Mas eu sei reconhecer uma grande atriz… e até conheço o guião que ela está a declamar. É de um dos livros das estantes de Rapscullio, que a rainha Maureen já leu vezes sem conta. Trata-se da mais clássica de todas as clássicas histórias de amor.

A senhorita Pingree termina a sua declamação. Eu ponho-me em pé num salto, deslizo até ao corredor central, onde fico apenas a escassos metros dela. Ajoelho-me e professo o meu amor eterno.

— Aceito a vossa palavra — exclamo, dando largas ao meu sotaque britânico. — «Chamai-me simplesmente amor e de novo eu serei

batizado / De ora em diante, jamais serei Romeu.»

A professora fica boquiaberta e duas rosetas surgem-lhe nas faces. Por um instante, ela fica sem palavras, obviamente desfalecida por aquela minha tirada dramática.

— Ora, muito bem — diz ela, recuperando. — Estou a ver que os deuses me concederam o desejo de ter um aluno que valha a pena ensinar. És fã de Shakespeare?

— Se eu sou fã de Shakespeare? — repito. — Hamlet é indeciso? Lady Macbeth é louca? Falstaff é… corpulento? — Apercebo-me a meio do meu discurso que continuo a falar com o meu sotaque britânico e pigarreio. — Chamo-me Edgar — declaro, imitando os sons monocórdicos do sotaque americano de toda a gente. — Sou novo na cidade.

— E eu espero ver-te no clube de teatro este ano. Obrigada, Edgar, por te juntares a mim numa excitante dramatização daquele que vai ser o primeiro trabalho de leitura deste semestre: *Romeu e Julieta*. Mark, Helen, Allie, venham ajudar-me a distribuir os livros.

Volto para o meu lugar, sentindo-me tremendamente orgulhoso. Esperem só até Delilah saber disto. E achava *ela* que eu não me ia integrar. Pressinto que inglês vai ser o meu forte. Talvez eu até avance um ano ou talvez seja convidado para monitorizar um seminário…

De súbito, um livro desliza sobre a minha secretária empurrado por uma mão esguia com verniz vermelho. Ergo o olhar e deparo-me precisamente com a rapariga que precipitou o confronto que levou a que eu fosse agredido naquela manhã. À minha frente encontra-se Allie McAndrews, a némesis de Delilah. Usa o cabelo louro escorrido pelos ombros e está tão maquilhada que, quando pestaneja, eu só consigo pensar em aranhas. Os lábios dela esboçam um sorriso, como se soubesse um segredo que eu desconheço.

— Talvez, para variar, a aula de inglês venha a tornar-se interessante.

Ao meio-dia, quando entro no refeitório, vejo Delilah a andar de

um lado para o outro.

— Conseguiste — diz ela agarrando-me o braço, como se tivesse necessidade de se convencer a si mesma que eu ainda estou ali. Eu sinto o mesmo em relação a ela. — Pensei que ias parar ao gabinete do diretor. — Ela perscruta o meu rosto. — Não tens o olho negro.

Na verdade, eu tinha-me esquecido da luta. Aconteceram tantas coisas.

— Delilah, este sítio é espetacular — digo eu, entusiasmado.

Ela olha para mim, intrigada.

— Se calhar bateram-te com mais força do que eu imaginei.

— Não, a sério. Deve haver centenas de alunos nesta escola e cada um deles é um mistério. E em química eu posso escolher o meu colega de cena, em vez de me dizerem com quem tenho de trabalhar…

— O teu parceiro de *laboratório*?

— Sim, é isso, é assim que se chama. E o melhor é que o meu dia não teve nada a ver com salvar uma princesa.

— Parabéns — diz Delilah. — Mas, acredita em mim, ser novidade passa depressa.

Ela puxa-me para uma fila e entrega-me um tabuleiro verde-lima. Por trás de uma divisória de plástico, uma criatura que parece um *troll* com uma rede no cabelo despeja uma lavagem num prato.

— O que é aquilo? — pergunto a Delilah.

— O almoço.

— Mas… está vivo.

— Não é propriamente um banquete real, mas ao que parece está em consonância com os parâmetros nutricionais do Estado.

Aceito relutante o prato que me é oferecido.

— Vou buscar água para nós — diz Delilah.

Dirijo-me aos outros alunos, que se encontram distribuídos pelas mesas em pequenos grupos. Segundo o meu horário, é o «intervalo de almoço». Tanta liberdade é quase insuportável. Imaginem meia hora em que se pode fazer o que quisermos, sem termos de nos preocupar que alguém abra o livro e nos obrigue a regressar à primeira página. Avalio a cena e fico encantado com a minha sorte por estar a viver esta vida maravilhosa.

É então que me apercebo de alguém a acenar. É Allie, da minha

turma de inglês, que está sentada ao lado das suas damas de companhia, que são todas irritantemente parecidas.

— Edgar — chama-me enquanto eu caminho com o meu tabuleiro. — Podes sentar-te ao pé de nós.

Olho por cima do ombro e vejo Delilah na periferia, à minha procura.

— Lamento, mas já tenho planos para o intervalo de almoço.

O olhar de Allie segue o meu e detém-se em Delilah. A mão dela toca no meu braço.

— Só quero que saibas — diz-me ela friamente — que eu sou bastante importante aqui na escola. Por isso, quando deixares de te dar com a fracassada cá do sítio, escreve-me. — Allie pega numa caneta cor-de-rosa brilhante e escreve uma sequência de números no meu antebraço, terminando com um coração gordo.

Vou ter com Delilah e toco-lhe no ombro.

— Andas à minha procura?

Ela sorri.

— Sempre.

Delilah conduz-me à mesa onde Jules se encontra sentada, tentando esculpir o seu amontoado de comida com os talheres.

— Que bela obra de arte — digo-lhe.

— Parecem-te as cabeças da Ilha da Páscoa? Porque era isso que eu estava a tentar fazer — comenta Jules.

Tento puxar a cadeira de Delilah para ela se sentar, porque é isso que os príncipes fazem, mas a cadeira encontra-se estranhamente presa à mesa e não se mexe.

— Foi um gesto bonito, Oliver — murmura ela, pousando a mão no meu braço. É então que ela faz deslizar os dedos até ao meu pulso e puxa-me a mão para cima, para conseguir ler o que está escrito na minha pele. — O que é isto?

— A Allie pediu-me que lhe escrevesse alguma coisa — respondo. — Acho que ela é capaz de gostar do *Beowulf*.

Julie cospe o leite com chocolate para cima da mesa e os olhos de Delilah disparam para cima de mim.

— Mas como é que tu a *conheces*?

— Ela é da minha turma de inglês. Que, a propósito, eu *derrubei*.

— Queres dizer que *arrasaste*? — corrigiu-me Jules.

— Estiveste a namoriscar com ela? — pergunta Delilah.

— Foi apenas uma conversa — explico. — Porque havia eu de me interessar pela Allie McAndrews? — Espero que o olhar dela se cruze com o meu. — Eu tenho-te a ti.

Jules pousa o garfo.

— Estou a vomitar arcos-íris.

— Conheces a Branca de Neve? — pergunta-me Delilah.

— Pessoalmente, não…

— Bom, a maçã pode ter bom aspeto exterior, mas lembra-te de que o seu interior é venenoso.

— Importam-se que eu me sente aqui? — inquire uma voz. Eu viro-me e vejo Chris de pé, atrás de nós.

— Senta-te, por favor. Já conheces a Delilah. E esta é a Jules. Jules, é o Chris. Ele acaba de chegar de Detroit.

— Bem-vindo ao inferno — diz Jules. — Espero que tenhas tido direito a um *cocktail* de enxofre de boas-vindas.

— E também recebi cem dólares em fichas — responde Chris, calmamente. — Ou o casino do quarto andar é apenas uma partida que pregam aos miúdos novos?

— Não há casino nenhum — responde Jules a rir-se. — Mas não podes perder a piscina olímpica que lá existe.

Toco no ombro de Delilah.

— Não há quarto andar — sussurro.

— É uma piada — responde ela.

Pego-lhe na mão e, nesse momento, apercebo-me dos números escritos no meu braço. Rodo o braço para os esconder e entrelaço os dedos nos de Delilah. Já lhe dei a mão tantas vezes que não devia continuar a sentir a eletricidade percorrer-me o corpo. Mas, só de lhe tocar, continuam a acender-se faíscas.

— Então, eu e tu? Estamos bem?

Ela desvia o olhar.

— Claro que sim — responde. Mas o sorriso não lhe ilumina o rosto.

Sorrio para ela. Ou, pelo menos, tento fazê-lo. Porque se há uma coisa que eu sei ver é quando alguém está a representar.

Quando chego a casa, ao fim do meu primeiro dia na escola secundária, a mulher que não é a minha mãe — mas que, no entanto, me criou — está à minha espera.

— Como é que correu? — pergunta Jessamyn. — Numa escala de um a dez?

— Quinhentos — respondo. — Foi espetacular.

Ela parece surpreendida.

— É assim tão melhor do que a escola de Cape Cod?

— Infinitamente.

Ela cruza os braços.

— Nunca foste assim tão fã da escola.

— Nunca tinha tido uma namorada na escola. — À medida que as palavras saem, espero que sejam verdadeiras.

Jessamyn comprime os lábios. Delilah não causou nela a melhor primeira impressão. Na verdade, pareceu-lhe meio tresloucada, uma sociopata louca que fugia de casa e viajava durante horas para ir implorar a uma autora esquiva que alterasse o final do seu livro. Quando a senhora McPhee chegou para ir buscar Delilah, não parecia nada satisfeita. Foram precisas semanas de desculpas antes de a mãe dela a deixar sair de casa. Felizmente, durante as curtas horas entre nos termos apercebido de que eu estava mesmo completamente livre do livro e a chegada da mãe dela para a arrastar para casa, Delilah criou um portal mágico para nós podermos comunicar, mesmo à distância.

Ela chama-lhe *Skype*.

Aquelas primeiras semanas foram aterrorizadoras. Eu não só tinha saudades de Delilah, como tinha de me fazer passar por um rapaz que acabara de conhecer e dar o meu melhor para convencer a própria mãe dele. Ser outra pessoa que não eu mesmo era esgotante.

Eu não estava à espera de ser libertado de um livro, onde passava o tempo todo a fingir ser uma pessoa que não era, para ter de voltar a fazer a mesma coisa outra vez.

Para minha grande sorte, Edgar era um rapaz de poucas falas. Ele passava a maior parte do tempo no quarto a jogar na consola. O que

me dava tempo para receber as lições diárias de Delilah acerca de como devia comportar-me para parecer um adolescente. Por exemplo, neste mundo, é suposto os adolescentes fazerem o oposto daquilo que os pais lhes pedem para fazer. Grunhir é uma forma adequada de comunicar até ao meio-dia, e revirar os olhos é sempre aceitável. Por outro lado, pensar antes de agir é uma maneira garantida de ser apanhado como impostor.

Contudo, a maior dificuldade residia nas pequenas coisas. Na infinidade de momentos que Edgar vivera com Jessamyn Jacobs e eu não. Antes de ela me ter contado, eu não me lembrava das férias que ela passara com Edgar no Belize e nas quais tinham apanhado um escaldão tão grande que tiveram de dormir sentados. Não sabia que Edgar passeava com ela pela praia, à procura de corais com a forma das letras dos nomes deles. Não imaginava quais seriam a cor, a comida ou o livro preferidos dele. Tinha de recriar uma vida que eu nunca tinha vivido.

— E como está a Delilah? — pergunta Jessamyn.

— Ela foi a comissão de boas-vindas perfeita — respondo com diplomacia.

Jessamyn ri-se.

— Ah, ser jovem e estar apaixonado…

Esboço um sorriso e viro-me. Mesmo quando era príncipe, não queria ouvir falar da história de amor dos meus pretensos pais.

— Tu não surgiste do nada, sabias?

— Quem diria — murmuro.

Ela segue-me até à cozinha. Uma coisa de que me apercebi é que, neste mundo, eu pareço estar sempre a comer ou a dormir. Tiro uma embalagem de cereais do armário e enfio a mão no interior, de onde retiro uma porção de pedaços amarelos crocantes. Fico a olhar para a ilustração estranha da embalagem. Capitão Crunch. Francamente, até parece que quem desenhou aquilo nunca conheceu um pirata a sério.

— Então — diz Jessamyn, que está sentada num banco ao pé do balcão. — Como são as tuas aulas? Para já, quem é o teu professor preferido?

Sempre que conversamos, sinto-me desorientado. Sinto que estou a

ser interrogado. Como se houvesse respostas certas e erradas e eu estivesse prestes a falhar. Respiro fundo e coloco um sorriso no rosto.

— Fiquei petrificado com a minha professora de inglês — digo-lhe, ao mesmo tempo que tiro um litro de leite do frigorífico e quase o bebo pelo pacote, mas lembro-me de que essa é uma das implicâncias de Jessamyn. — Ela é soberba.

— Petrificado — repete ela. — Soberba. Sabes? Ultimamente tens andado a usar muitas expressões que não têm muito a ver contigo.

Nem imaginas, penso eu.

— Ando a ler Dickens…

— Que curioso, uma vez que nem te consegui pôr a ler Shel Silverstein.

— Foi a Delilah que me ofereceu — respondo rapidamente.

— A Delilah, claro — assente Jessamyn. — Suponho que ela também seja responsável pelo teu novo visual.

Olho para as minhas calças de ganga e para o casaco de capuz que, sim, foi Delilah que escolheu para mim, para eu me integrar melhor no meu primeiro dia.

— As pessoas estão constantemente a reinventar-se — respondo. — Olha para a fotografia em cima da lareira em que estás com o pai. Tinhas o cabelo de uma cor diferente e com o volume de um balão de ar quente… e tinhas umas calças de napa vestidas. É óbvio que tu evoluíste.

Jessamyn ri-se.

— O que aconteceu nos anos noventa fica nos anos noventa — diz ela, arvorando entretanto um ar mais sério. — Pode ser divertido fazer mudanças, Edgar, mas não te esqueças de quem és.

Penso no que Delilah me disse acerca de como responder aos pais quando eles começam a dar-nos lições de vida.

— Relaxa, mãe — digo eu, ao mesmo tempo que desaperto o casaco e o atiro para cima de uma cadeira. — Eu só comprei umas calças de ganga que me assentam melhor. Não é o fim do mundo.

Uma expressão bizarra ensombra-lhe o rosto.

— Claro que não — diz Jessamyn. A seguir, ela arregala os olhos. — Edgar! O que é que aconteceu à tua *t-shirt*?

Olho para baixo. A verdade é que, até agora, eu tinha posto o confronto desta manhã para trás das costas.

— A minha caneta rebentou?

Ela suspira.

— Sabes como é difícil eliminar nódoas de tinta?

— Imagino — respondo entredentes. Volto a guardar o leite no frigorífico e começo a vasculhar o conteúdo do mesmo, à procura de algo que possa satisfazer a minha fome permanente. Pego num pequeno recipiente, tiro-lhe a tampa e enfio os dedos no interior para retirar o seu conteúdo.

— Não! — grita Jessamyn. Ergo o olhar, assustado, com a fruta a meio caminho da boca aberta. — Não sabes o que isso é?

— Ananás? — respondo eu, interrogando-me se se tratará de mais uma pergunta com rasteira.

— Que te provoca urticária — realça Jessamyn.

— Pois é — respondo, ao mesmo tempo que deixo cair a fruta dentro da caixa. — Esqueci-me.

— Esqueceste-te da semana que passaste no hospital, quando a tua garganta bloqueou e deixaste de conseguir respirar?

Hesito.

— Foi um dia comprido — justifico-me, pegando na mochila e no casaco, na esperança de conseguir escapar-me antes de fazer mais alguma coisa mal.

Estou no meu quarto, absorto nos estudos, tentando perceber por que razão todas as substâncias químicas têm alcunhas com duas letras que não fazem sentido nenhum, quando ouço um tilintar vindo do meu computador.

O rosto de Delilah enche o ecrã. Pergunto-me se seria assim que ela me via quando eu estava dentro do livro — suficientemente perto para tocar, mas a duas dimensões.

— O que é que andas a fazer?

— Química — respondo. — Diz-me uma coisa, em que parte da palavra *Chumbo* encontras Pb?

— *Plumbum.* É chumbo em latim.

— Então, porque não lhe chamamos isso?

— Porque a química é um dos círculos especiais do Inferno — diz Delilah. — Porque é que não vens até cá e decifr amos isso juntos?

— Algo me diz que não íamos avançar muito na matéria — gracejo. — O que me parece perfeito.

Depois de ela ter reagido mal ao facto de Allie McAndrews ter escrito o número de telefone no meu braço, fico aliviado por perceber que Delilah ainda me quer ver. Seja como for, antes de sair de casa elimino os números da minha pele. Não quero relembrá-la do motivo por que ela ficou zangada. Digo a Jessamyn que a mãe de Delilah me convidou para jantar e tiro a bicicleta de Edgar da garagem. A casa de Delilah é perto, mas o caminho é sempre a subir. Enquanto subo para casa dela, ofegante, penso com saudade em *Socks*, o meu garanhão, que fazia o esforço todo sozinho sempre que viajávamos.

Quando toco à campainha dos McPhee, um cão começa a ladrar. *Humphrey* é um cão adotado, oferecido pelo namorado da senhora McPhee, o doutor Ducharme. É tão parecido com *Frump* que sempre que o vejo sinto saudades de casa e não consigo evitar falar com ele como falava com o meu melhor amigo, como se ele me fosse responder.

— Bom dia, *Humphrey* — digo-lhe quando a mãe de Delilah abre a porta e o puxa pela coleira. Dirijo-lhe o meu sorriso mais simpático. A senhora McPhee está mais calma em relação a mim, agora que passaram alguns meses desde que Delilah fugiu para Wellfleet, mas eu tenho a sensação de que ela não confia muito em mim. — Olá — digo. — É um prazer revê-la. Está com um ar radiante.

Ela ergue uma sobrancelha, desconfiada, mas eu estou a ser sincero. A mãe de Delilah faz limpezas na casa de outras pessoas e lembra-me uma outra história, que se encontra nas estantes de Rapscullio, acerca de uma jovem criada de copa com sapatos de cristal e beleza interior, por quem um príncipe se apaixona perdidamente.

— Mas que galanteador — responde a senhora McPhee, que abre a porta para eu entrar. — Como é que correu o primeiro dia de aulas, Edgar?

— É exatamente aquilo que eu esperava — digo-lhe. — Mal posso esperar por amanhã.

— Pode ser que uma parte desse entusiasmo contagie a Delilah. Acho que a última vez que ela se empolgou com a escola foi quando tiveram o dia Willy Wonka na segunda classe e estiveram a comer doces oito horas seguidas.

Ouço os passos de Delilah nas escadas e ela dá uma palmadinha na cabeça de *Humphrey*, distraidamente.

— Está bem, obrigada, mãe. Se já acabaste de me humilhar completamente, eu e o Edgar temos de estudar.

— Ah, é *assim* que lhe chamam atualmente?

Delilah revira os olhos e puxa-me para o quarto dela. Deixa a porta entreaberta, a regra da mãe e a única maneira de eu poder estar lá em cima. Quando lhe pergunto porque é que ela não pode confiar em mim, ela responde-me que o cavalheirismo já não existe *mesmo*.

Conheço o quarto dela como a palma da minha mão, porque tive de o desenhar ao mais ínfimo pormenor numa das nossas tentativas falhadas para eu sair do livro. No conto, Rapscullio tinha uma ardósia mágica, na qual desenhou uma réplica exata do seu covil. Quando ele desenhava uma borboleta no cenário, ela voava da tela e ganhava subitamente vida. Eu convenci-o a desenhar o quarto de Delilah, na esperança de mais tarde poder desenhar-me a mim mesmo na ardósia e de surgir, vivo, no mundo dela e não no meu. Mas infelizmente, apesar de me ter materializado no quarto tridimensional dela, eu continuei bidimensional e tivemos de recomeçar do zero.

Uma vez que a minha vida dependia literalmente do facto de eu o conhecer assim tão bem, o quarto de Delilah é o sítio mais familiar para mim. É tudo cor-de-rosa e ela tem tantos peluches em cima da cama que não faço ideia de onde ela dorme. Os tampos dos móveis estão cheios de brincos desirmanados, de elásticos para o cabelo e de trocos. Num mural por trás da cabeceira, há vários retratos de Delilah, alguns onde está sozinha, outros onde está com Jules ou a mãe.

Atiro-me para cima da cama, esmagando um panda de peluche.

Delilah estende-se ao meu lado apoiando a cabeça na mão. Estamos separados por quinze centímetros e isso é muito doloroso.

Ponho o braço na curva da cintura dela e puxo-a para mim, desenhando um trilho de beijos entre a clavícula e o queixo de Delilah. Enterro o rosto no cabelo dela. Cheira a baunilha e a canela.

— Não devíamos estar a estudar para a tua aula de química? — sussurra Delilah.

— E estamos — respondo, e faço-a rebolar para cima de mim. Ela pousa as mãos abertas sobre o meu peito e encosta a boca à minha. O coração dela bate contra o meu compassadamente.

Uma vez, Orville disse-me que, quando duas estrelas colidem, formam-se universos e as galáxias expandem-se. É isso que sinto quando beijo Delilah. Parece que o mundo todo duplica de tamanho.

Dentro do livro eu podia correr, saltar e cair sem encontrar resistência e custa-me um bocado habituar-me a simplesmente existir, aqui, com gravidade. Porém, neste momento, agradeço que a gravidade exista. Sinto Delilah contra mim, desde a clavícula até aos dedos dos pés. Aquele peso penetra-me até aos ossos e fixa-me a este mundo novo.

Não é só à gravidade física que me estou a adaptar. É também à séria realidade de ver os meus sonhos concretizarem-se. E ao sentimento de que tenho tudo — *todos* — de que preciso.

É estranho. O amor, no conto de fadas, parecia sempre tão rápido, saltando os pormenores para se precipitar no final feliz. Com Delilah também estou a ir depressa, mas não perco um único momento. Apercebo-me de como ela morde o lápis quando está nervosa; de como salta ligeiramente quando lhe toco, como se sentisse um choque elétrico; de como ela diz o meu nome com uma suavidade que não usa em nenhuma outra palavra na mesma frase.

De súbito, Delilah afasta-se de mim e salta da cama, boquiaberta. Sento-me rapidamente, na expectativa de ver a senhora McPhee na soleira da porta, mas não está ali ninguém.

— O que é que se passa?

Delilah aponta para trás de mim e eu viro-me.

Penduradas no ar estão as três palavras que eu esperava nunca

ter de ver.

VOLTA PARA CASA.

EDGAR

Porque é que as coisas nunca são tão espetaculares como desejamos que sejam?

No primeiro dia no infantário, a minha mãe disse-me que ia ser fantástico. Disse-me que ia divertir-me imenso nas viagens na carrinha e a fazer novos amigos e que ia passar o dia a fazer coisas excitantes com outros meninos da minha idade. Eis o que sucedeu na realidade: na carrinha, um miúdo vomitou no lugar ao lado do meu. Passámos duas horas a decalcar a letra *A* incessantemente. E, no recreio, uma rapariga atirou-me areia para a cara e quase me cegou. Pois sim, aqueles iam *definitivamente* ser os melhores dias da minha vida.

Achei que aqui as coisas iam ser diferentes. Afinal de contas, tudo isto foi ideia minha. Era o infantário revisitado. Só que agora era eu o professor. Era eu quem tomava todas as decisões e nada podia acontecer a não ser que eu assim o desejasse. E contudo…

Bom. Não posso dizer que não esteja desapontado.

Não me interpretem mal. Continua a ser fixe poder manusear uma pistola a laser e conhecer um dragão em carne e osso. É excelente ser o centro das atenções uma vez na vida, em vez de ser o miúdo cujo nome toda a gente esquece. E eu gosto verdadeiramente das pessoas com quem estou. *Frump* está sempre ao meu lado, o que é espetacular, tendo em conta que o único animal de estimação que me foi permitido ter foi um caranguejo-eremita, que rapidamente perdeu todos os seus membros e estava simplesmente deprimido. Seraphima fica particularmente sensual no seu fato de licra de guerreira espacial intergaláctica. O capitão Crabbe é simpático, mas demasiado obcecado em relação aos dentes e, de cada vez que tento encetar uma conversa com ele, dou por ele a observar a minha sobremordida. Quanto a *Socks*, eu nunca tinha conhecido ninguém com uma autoestima ainda pior do que a minha, mas ele é sempre o primeiro a perguntar-me como está a correr-me o dia ou a desafiar-me para um passeio a trote na praia.

Mas a questão é que, apesar de eu ter reescrito o enredo para que Oliver possa viver fora do livro e apesar de todos aqui conhecerem a história nova e a terem praticado vezes sem conta, nós somos os únicos que sabemos que mudou alguma coisa. Delilah tem a única cópia que existe de *Entre as Linhas* e ela não voltou a abrir o livro desde a troca. O que eu acho que percebo, uma vez que ela estava a ler o livro porque Oliver se encontrava lá. E agora sou só eu que estou aqui.

Mas sem um leitor a história fica incompleta. É como uma maquete que nunca chega a ser construída ou uma piscina sem água. As fundações estão lá, mas são inúteis. Sem um leitor, as palavras limitam-se a ficar no papel, à espera de ganharem vida na imaginação de alguém.

Esta manhã, como todas as outras que passei aqui, fui acordado pelo som de *Pyro* quando ele fazia o seu voo de reconhecimento habitual, às sete da manhã. Os dragões não são nada parecidos com os galos e o som que produzem parece um cruzamento entre o guinchar de um macaco e o zurrar de um burro. Não faço ideia de como é que ele não acorda o reino todo quando abre caminho por cima das sessenta páginas. Olho para o teto de pedra do castelo e parece que ainda espero que a minha mãe entre e me diga que eu vou chegar atrasado à escola. Depois sento-me e deixo que o meu olhar se detenha no fato espacial dobrado sobre a cadeira dourada que se encontra no canto do quarto.

Na história nova, eu conduzo os cidadãos do reino numa batalha contra os Galactoides do planeta Zugon, que envolve o rapto de Seraphima, a princesa espacial — o que desencadeia uma guerra intergaláctica; *trolls* que atiram naves espaciais para fora do céu com as suas patas enormes; fadas que escutam reuniões ultrassecretas (o que dá um novo significado à expressão «se eu fosse uma mosca…»; sereias que dirigem operações secretas de submarinos que se dirigem ao centro da Terra e a descoberta de que Rapscullio é um agente duplo que trabalha como escudeiro de Zorg. O esqueleto da história era parte de um jogo que eu costumava jogar no outro mundo e limitei-me a unir os pontos. Antigamente, passava seis horas por dia de comando nas mãos. Às vezes até acordava a pensar em formas de chegar ao próximo nível. Na realidade, o sonho de qualquer jogador é viver na pele do seu avatar, brandir a espada em vez de carregar num botão para fazer com que isso aconteça, beijar a princesa em vez de ver a ação a desenrolar-se no ecrã e a pontuação dele a atingir valores máximos.

Eu estou excitadíssimo por estar aqui. *Estou mesmo.*

Só tenho de estar sempre a recordar isso a mim mesmo.

Depois de me vestir e de lavar os dentes, dirijo-me à escada em espiral e inalo o aroma divino que se espalha pelo castelo. Encontro a rainha Maureen com o seu fato prateado

especial e os punhos prateados enfiados numa tigela de massa.

— Bom dia, Edgar — diz-me com um sorriso radiante. — Dormiste bem?

— Muito bem, até o dragão passar por aqui a voar.

— Ele é madrugador — comenta ela. — Acabas por te habituar.

Pego num *scone* de cima de uma pilha deles que acabaram de sair do forno e ainda estão quentes e grunho em resposta.

Maureen hesita e a seguir esboça um sorriso.

— Estava aqui a pensar… importas-te que eu só desça para irmos ensaiar depois de acabar de cozinhar? Afinal de contas, há semanas que ninguém nos lê… de certeza que não faz diferença se eu me atrasar uma hora para acabar este *pain au chocolat.*

Como eu não respondo imediatamente, ela começa a limpar as mãos a um pano de cozinha.

— Nesse caso, tudo bem. Posso sempre acabar isto mais tarde…

— Não, não — respondo-lhe. — Tanto faz. Fica, se quiseres. Se eu precisar de ti, grito.

O rosto dela ilumina-se.

— Vais ser o primeiro a provar os bolos — promete-me ela.

Prendo a minha pistola laser e o meu interruptor de campo de forças, com a intenção de descer até à Praia da Eternidade e ensaiar. Tenho de assumir que demorei um bocado a habituar-me a viver a duas dimensões. Quando se começa a caminhar por este mundo, temos a sensação de estar a andar por cima de um livro ilustrado, daqueles cujos cenários se erguem quando os abrimos. Colhemos uma maçã plana de uma árvore e, uma vez na nossa mão, ela transforma-se num objeto tangível, saboroso e real. Não tenho a certeza se isso acontece porque ela *se torna* mesmo uma maçã verdadeira ou porque eu sou tão plano como *ela.* E é desconcertante ter de saltar por cima da falha criada pela estrutura do livro, para passar da página do lado esquerdo para a do lado direito. Aqui há gravidade, mas é diferente. Não é como estar dentro de água, onde temos de nos esforçar por nos manter à superfície, mas também não é tão forte como aquela que nos puxa para baixo no mundo real. Consigo facilmente dar uma cambalhota para trás ou trepar uma parede de rocha escarpada sem ficar a transpirar. De alguma maneira, tudo aqui acontece sem esforço. E não há mapas nem estradas que se conheçam. Não se contam as ruas, contam-se páginas. Para chegar do castelo à casa de Orville, por exemplo, são sete saltos. E saltar de página em página não é simplesmente seguir por um caminho, entramos num vazio muito grande, escuro e confuso, com letras a dançarem por cima de nós e, de repente, damos por nós no nosso destino, sem termos qualquer memória de como chegámos lá.

No preciso momento em que estou a atravessar a ponte levadiça para sair do castelo, *Pyro* grita lá em cima e eu viro-me. Por um instante, não vejo a cena à minha frente. O caminho que leva ao castelo descreve o mesmo tipo de curvas e voltas que o caminho de acesso à minha casa — no qual eu me lembro de não ter conseguido fazer marcha-atrás quando praticava para tirar a carta de condução. Dói-me o corpo todo e percebo por que razão se fala em ficar doente de saudades. De repente, a única coisa que quero é estar sentado na minha cozinha com a minha mãe a dar-me a escolher entre as mesmas embalagens de cereais de sempre. Quero que ela me grite para apanhar a roupa que se acumulou no chão do meu quarto. Quero… bom, quero a minha mãe.

Foi a minha mãe que criou este livro. É provável que as impressões digitais dela estejam por toda a parte. Mas o propósito de entrar para o conto de fadas foi precisamente para viver uma aventura. E eu não vou permitir que o facto de ter um bocado de saudades de casa me estrague isso. Respiro fundo e afasto-me da entrada do castelo, que pode parecer familiar mas, na verdade, fica a uma distância imensa do mundo onde costumo estar.

A Praia da Eternidade é a última página do livro, por isso, é o sítio que fica mais longe do castelo. Atravesso a Floresta Encantada a pé, passo pela ponte dos *trolls* e pela casa de Orville. Faço uma careta e lanço-me da falésia para o oceano, atravesso o cenário das sereias e venho à tona, a escorrer água, junto à margem onde vive *Pyro*. Quando alcanço o navio do capitão Crabbe, sei que estou atrasado porque não está lá ninguém. Por isso, escalo a parede rochosa especialmente depressa e atiro-me da janela num salto mortal para a Praia da Eternidade.

Frump está em cima de um tronco a tentar chamar a atenção dos outros. Os *trolls* Biggle e Snort estão no meio de uma batalha de lasers, o que é um bom treino para o enredo novo, se bem que me pareça que eles estão a divertir-se mais por estarem a cortar a copa das palmeiras e a moldarem areia para fazer vidro do que propriamente por estarem a praticar luta com as espadas. *Pyro* está a ressonar e lança anéis de fumo pelas narinas. As sereias fazem corridas de caracóis, apostando pérolas. O *troll* Trogg está a tocar flauta. As fadas entrançaram fiadas de margaridas que prendem à crina de *Socks*. Ele está de tal maneira envaidecido que até reluz. Orville e o capitão Crabbe estão a jogar póquer *Stud* de cinco cartas, com dólares de areia e conchas a fazer de fichas.

— O que é que se passa? — pergunto, pousando a mão no ombro de *Frump*.

Ele dá um salto e coça a parte de trás da orelha, num reflexo. É difícil perder velhos hábitos, penso eu. Até há dois meses *Frump* era um *basset*.

— Acho que as pessoas simplesmente não estão… inspiradas — responde-me.

— Bom, e como poderíamos estar? — pergunta Seraphima, que acaba de chegar à página. — Não temos um leitor há… — Ela revira os olhos como se estivesse a contar e a seguir franze o sobrolho. — Há mesmo muito tempo.



Quando a vê, *Frump* salta do seu pouso. Pega-lhe na mão e beija-a. Está completamente apanhado.

— Princesa — diz ele —, cada vez que penso que não pode ficar mais radiante, prova-me que eu estava errado.

— Eu não a acho radiante — comento. — Onde é que está o teu equipamento espacial? — Ela tem um vestidinho patético do Renascimento e uns chinelos ínfimos que parecem da grossura de umas meias e são completamente desadequados para andar aos pontapés aos extraterrestres.

— Ora, está mas é calado, Edgar — diz ela com um suspiro. — Até parece. Os extraterrestres não nos vieram buscar. Isto não passa de uma brincadeira ridícula. Eu sou uma princesa. Não vou continuar a fazer o teu trabalho sujo por ti.

Eu e *Frump* entreolhamo-nos. Nos seus melhores dias, Seraphima é esperta como um calhau. Por algum motivo, o facto de representar um papel repetidamente num conto de fadas não a fez entender que ela não é uma princesa a sério, mas apenas uma personagem num livro. Quando entrei na história, pensei que ela seria a mais fácil de convencer de que o enredo tinha sofrido uma reviravolta e que Oliver era um impostor que servia como distração para impedir que os extraterrestres de Zorg destruíssem o nosso planeta. Mas, quando ela soube que não ia continuar a vestir os seus trajes reais nem ia casar com um príncipe todos os dias, perdeu o interesse.

Rapscullio aproxima-se de nós.

— Detesto interromper — diz —, mas não posso deixar de notar que todos os presentes parecem um pouco… como posso dizer isto… *nervosos*? Eu ando a tirar um curso autodidata de resolução de conflitos e, bom, sem querer menosprezar o teu contributo, Edgar, o problema parece resultar das revisões que a história sofreu. Seraphima tem razão numa coisa. Há já algum tempo que não temos um leitor e não podemos deixar de inferir que é possível que as alterações não sejam apelativas para o nosso público. Talvez devêssemos tentar regressar à versão original. Tu podes estudar as deixas de Oliver e nós, os restantes elementos do elenco, podemos voltar a fazer aquilo que fazemos melhor. Nós somos piratas, princesas e fadas, não somos guerreiros espaciais. As sereias sabem pregar sustos de morte aos marinheiros. O *Socks* é um mestre exímio na arte do adestramento. — O olhar dele atravessa a praia e detém-se no lugar onde Snort se encontra, a pegar fogo ao cabelo de Biggle com um feixe errante de laser. — E, na verdade, os *trolls* deviam continuar a dedicar-se à construção. Sem recurso a ferramentas eletrónicas.

É mais fácil alterar uma personagem do que trinta. Penso que eu podia ter entrado no livro substituindo o nome de Oliver pelo meu e eliminando-o da sua própria vida, colocando-me no seu lugar. Mas não foi disso que eu vim à procura.

E se acabo por ficar preso aqui a fazer uma coisa que nunca desejei? O único motivo que me levou a concordar em trocar de lugar com Oliver foi a oportunidade de viver aventuras e emoções a que apenas tinha assistido em frente ao ecrã de um computador. Mas cada vez que se joga numa consola é diferente. Neste mundo, é como se eu estivesse sempre a colocar a mesma gravação de um jogo vezes sem conta. Sei o que está ao virar de cada esquina. Sei qual é a criatura que se vai atirar a mim. Sei quando os extraterrestres estão a aterrar e quando acabo por matar Zorg. O elemento de surpresa desapareceu e isso era o que tinha piada inicialmente.

Agora percebo por que razão Oliver queria ir-se embora. Mas se ele sabia que isto era uma prisão, porque haveria de desejar que outra pessoa passasse pelo mesmo?

— Sabem uma coisa? — exclamo. — Estamos todos a precisar de algo diferente.

Seraphima bate o seu pé minúsculo.

— Eu recuso-me terminantemente a usar mais equipamentos.

— O que eu quero dizer é que nós precisamos de uma pausa. — Viro-me para *Frump*. — Queres fazer as honras?

Frump vota a saltar para cima do seu pouso e ladra. Apesar de na minha recriação da história ele se ter voltado a transformar de cão *basset* em humano, penso que burro velho não aprende línguas.

— Atenção! — grita *Frump*. — As personagens estão todas dispensadas por hoje.

Faz-se um momento de silêncio na praia, em resultado do choque, e a seguir sente-se uma explosão de entusiasmo e atividade quando todos percebem que podem ficar por sua conta. As fadas voam junto ao meu rosto, como se fossem fogo de artifício.

— Minha senhora — diz *Frump* a Seraphima. — Uma vez que vamos ter uma pausa, talvez pudesse levar-me a passear. Err… quero dizer, talvez pudéssemos ir dar um passeio.

A princesa pestaneja na direção dele.

— Talvez noutra altura? — Ela pega nas saias e flutua sobre a areia até ao limite da página.

Frump parece desapontado apenas por um instante e a seguir vira-se para mim.

— Acho que também vou sair — diz. — Alguém tem de fazer a cama da Seraphima antes que ela perceba que afinal não tem aias.

De repente, uma luz ofuscante divide o céu em dois. Eu encolho-me e ergo a mão para

me servir de escudo. O chão estremece debaixo dos meus pés e eu vejo toda a gente agarrar-se instintivamente ao objeto sólido mais próximo — uma árvore, uma rocha, um particípio oscilante. Sigo aos tropeções e esbarro contra as costas de um *troll*, que parece a lateral de uma nave espacial.

— Desculpa — murmuro, e Trogg encolhe os ombros.

— Não te preocupes. Já todos tivemos um pouco mais de prática.

A areia para de rodopiar e o oceano aquieta-se no momento em que as páginas se alisam, e eu dou por mim a fitar uma réplica gigantesca do meu próprio rosto.

— Oliver! — exclama *Frump* a abanar a cauda.

Seraphima corre desde o limite da página e posiciona-se no centro, com as mãos sobre o peito. A rainha Maureen, que apareceu na Praia da Eternidade ao mesmo tempo que todos os outros mal o livro foi aberto, acena, deliciada. As personagens, excitadas por serem colocadas no lugar para um leitor a sério, estão ainda mais entusiasmadas para verem de quem se trata.

Por seu turno, Oliver não parece assim muito satisfeito.

— Está tudo bem? — pergunta ele. Ao seu lado, aparece um segundo rosto, o de Delilah. Ela parece assustadíssima.

Frump ajeita a bainha da camisola.

— Nós estamos ótimos! — exclama, animado. — Sabes como é. O mesmo de sempre. Quer dizer, tendo em conta que não tem havido muitos leitores ultimamente…

Os rostos deles ficam mais descontraídos.

— Então, quem é que enviou a mensagem? — pergunta Oliver.

Franzo o sobrolho.

— Que mensagem?

— Agarrem-se bem — avisa Oliver, e o mundo volta a andar à roda quando ele levanta o livro com cuidado e o vira na direção oposta. Parece tratar-se do quarto de uma rapariga e está tudo turvo, como quando vemos as coisas debaixo de água. Vejo uma carrada de coisas cor-de-rosa e, à medida que os objetos ficam mais focados, vejo uma colagem de fotografias por cima da cama. A maior parte é de Delilah com uma rapariga que parece um ouriço furado. Um ouriço bem bonito, mas ainda assim perfurado.

Não percebo por que motivo Oliver nos está a mostrar a parede de Delilah, até que reparo nas letras flutuantes.

VOLTA PARA CASA.

— O que é isso? — pergunto.

O livro balança e volta a endireitar-se e Oliver fica a pairar sobre nós.

— Estava a pensar que vocês saberiam dizer-me.

— Bem, não fui eu que escrevi isso — respondo.

— Rapscullio? — pergunta Oliver. — Isto saiu da tua ardósia?

— Lamento, Ollie. Mas a única coisa que eu desenhei recentemente foi um *Teinopalpus imperialis.* Trata-se de um espécime lindíssimo, com umas asas iridescentes… que normalmente de encontra na Índia e…

— Se calhar alguém anda a usar a tua ardósia — interrompe Oliver. Ele olha para uma personagem de cada vez.

Começamos todos a entreolhar-nos nervosamente, cada um de nós interrogando-se sobre quem andará triste e não quer admiti-lo.

Parece que sou eu o único.

Poderá ter sido *Frump*, com saudades do seu melhor amigo? Maureen, que sentiu a falta do seu filho fictício? Será que o comentário de Rapscullio a propósito de a nova história não funcionar é apenas a ponta do icebergue? Será que Seraphima — presa a um tipo como eu — anda a sonhar com o príncipe que costumava ter?

É difícil acreditar que eu possa ser uma desilusão tão grande neste mundo como era na realidade.

Frump aclara a garganta, como costuma fazer quando nos quer ordenar que comecemos o ensaio.

— Parece que todos nós estamos *muitíssimo* bem. — Ele empina o queixo. — Mas já chega de falar de nós. Como estás *tu?*

No rosto de Oliver começa a esboçar-se um sorriso.

— Este lugar — exclama — é tudo aquilo com que eu sonhei. Há tantas pessoas neste mundo, que eu não consigo nomeá-las a todas. Quando falo com elas, não faço ideia do que vão dizer. Desde que estou aqui, todos os dias têm sido diferentes. Há tantos cenários que é possível passar a vida a experimentá-los e ainda assim não se fica a conhecer todos. — O olhar dele volta-se para Delilah. — E obviamente — acrescenta — a companhia é encantadora.

Oliver pega na mão de Delilah e beija-a. À minha direita ouço Seraphima suster a respiração e *Frump* aproxima-se um pouco mais dela.

— Como é que está a minha mãe? — ouço-me dizer. Até àquele momento não me tinha apercebido do quanto tenho pensado nela. Penso se ela consegue perceber que o Oliver não sou eu. É muito difícil pensar que tenho saudades dela, ao passo que ela não faz ideia que deve ter saudades minhas.

— Ela é perfeita. Menos quando me manda limpar o quarto.

Sinto um aperto no peito.

— Ela faz isso. Muitas vezes.

O meu rosto deve ter sido perpassado por uma expressão estranha, porque Oliver semicerra os olhos quando olha para mim.

— Edgar, estás bem? — pergunta-me.

Eu abro a boca e quase lhe digo a verdade. Tenho saudades da minha mãe. Tenho saudades da minha casa. Aqui ninguém gosta de mim. Ninguém gosta da minha história. Nada está a correr como eu planeei. Mas a única coisa que me sai é:

— Estou ótimo! — Contraio os músculos do rosto num sorriso aparente.

— Bom, se tens a certeza disso… — responde Oliver. — A mãe da Delilah não tarda a servir o jantar. — Hesita. — Tenho saudades vossas. Tenho mesmo… muitas saudades de todos. Há muitas pessoas neste mundo, mas não há ninguém como vocês. — Ele dirige-nos mais um sorriso. — Bom, então está tudo bem. Segurem-se bem. — Quando ele começa a fechar o livro e nós caímos pelas páginas aos trambolhões, ouço a voz sumida de Oliver dizer: — Prometo que mais tarde vos leio.

À medida que as personagens começam a dispersar, ouço as conversas entre elas. *Socks* acompanha o capitão Crabbe.

— Ele está com ótimo aspeto, não está? Está muito atraente.

— Ele parece *feliz* — acrescenta Maureen. — O que mais pode uma mãe desejar para o seu filho?

As sereias mergulham na maré baixa.

— Parece que se calhar se pode comer, respirar e dormir amor — diz Kyrie. — Mas eu preferia chocolate, oxigénio e um colchão de penas.

Seraphima era a única de testa franzida. Sai da página devagar, com as mãos à volta do próprio corpo, como se estivesse a tentar manter a compostura.

Sento-me na praia e atiro ao mar os dólares de areia que sobraram do jogo de póquer. Quando *Frump* surge por trás de mim, fico surpreendido. Pensei que estava sozinho.

— Fizeste uma boa ação, Edgar — diz-me.

— Estás a falar de quê?

— Tu não és o único a esconder alguma coisa para o fazer feliz. — *Frump* vira-se de costas e levanta a parte de trás da sua camisola, para me mostrar uma cauda comprida, branca e castanha. — O Rapscullio é capaz de estar mais certo do que ele próprio imagina. Não são só as personagens que querem voltar para a história original. É o livro.

Pense na última vez que comprou uma camisola nova.

O que é que fazia com que fosse nova?

A etiqueta, que continuava a fazer-lhe comichão? O facto de ela cheirar a loja e não a detergente? Não estar habituado a vê-la no roupeiro quando abria a porta? Querer usá-la mais do que qualquer outra peça de vestuário por ela ser singular?

A dada altura, a camisola deixou de ser assim tão especial.

Num dado momento, aquela camisola passou a ser apenas uma entre outras camisolas no seu roupeiro.

Quando é que uma coisa deixa de ser nova? Quando passa ela a ser apenas… sua?



OLIVER

No quarto de Jessamyn Jacobs há uma passadeira elétrica na qual ela corre uma hora todos os dias sem ir a lado rigorosamente nenhum. Aquilo, esclareceu-me Delilah, é fazer *exercício.* A mim, aquilo parece-me desprovido de sentido.

Enquanto está a correr, ela usa uma pequena braçadeira vermelha, para o caso de cair da passadeira em movimento ou de se magoar. Se isso acontecer, a braçadeira tem um fio que faz com que a máquina fique completamente imóvel.

Pensei que era exatamente o que tinha acontecido quando eu saí do livro. Puxei o fio e todos os outros ficaram congelados naquele momento, estáticos, à espera de que eu lhes desse vida outra vez.

Mas acho que estava enganado.

Todos parecem estar bem nas suas vidas e nas suas histórias, como se nunca tivessem precisado de mim.

Eu devia estar contente por eles. Devia sentir-me bem por eles, tal como eu, terem prosseguido com as suas vidas. Mas tenho a forte convicção de que a felicidade não provoca um peso no estômago, como se tivéssemos lá uma pedra.

Quando abri o livro e vi a praia, ainda conseguia imaginar-me a olhar para as palavras penduradas por cima de mim, como se fossem balões no céu. Podia sentir as gotas de água vindas do oceano e o sol a queimar a parte de trás da minha túnica.

E é a primeira vez que me lembro de que ver Seraphima é um prazer e não uma tarefa.

Nem consegui olhar nos olhos da rainha Maureen porque isso me doía imenso.

E quanto a *Frump*… bem. Ao vê-lo ali na Praia da Eternidade, tão feliz e humano, eu queria sentir-me entusiasmado por ele. Mas a única coisa que vi foi que ele estava ao lado de Edgar, que parece ter-me substituído muito facilmente.

Uma vez eu e *Frump* trocámos o açúcar pelo sal e, como resultado, a rainha Maureen fez o bolo mais intragável do mundo para o aniversário da sereia Ondine. E houve aquela vez em que nós os dois pintámos o *Socks* de um rosa-elétrico enquanto ele estava a dormir profundamente. Não consigo dizer quantas horas passámos a jogar xadrez na praia, usando as fadas como peças. Às vezes, eu nem tinha de dizer a *Frump* aquilo em que estava a pensar. Ele simplesmente *sabia*.

Não consigo imaginar a minha vida sem Delilah. Mas, para ser sincero, eu sempre achei que *Frump* também iria estar lá.

Estico os braços por cima da cama de Delilah para alcançar as letras VOLTA PARA CASA, que continuam a pairar ali como se fossem lanternas, e esmago-as na palma da minha mão. Fico com a pele surrada. Quando deito as letras ao lixo, elas parecem uma fita preta emaranhada.

Delilah pousa a mão no meu braço.

— Estás bem?

Anuo.

— Só… pensei que eles precisassem um pouco mais de mim.

— *Eu* preciso de ti. — Ela debruça-se para a frente e eu aconchego-a junto a mim. A pele dela é suave como cetim. Isto é que é real. É por isto que *eu sou* real.

Delilah tem a ideia de darmos um passeio no bosque. Começámos a seguir um caminho denso nas traseiras da casa dela que estava coberto de folhas caídas cor de fogo.

— Eu costumava vir para aqui construir casas de fadas com

bolotas, agulhas de pinheiro e galhos — conta-me.

— Isso é ridículo — escarneço. — As fadas nunca viveriam no chão, seriam espezinhadas. Elas constroem as suas casas nos nichos das árvores.

Ela ri-se.

— Bem, nem todos nós temos o privilégio de ter vivido essa experiência em pessoa.

— Eu tinha um sítio na Floresta Encantada onde costumava brincar com *Frump* quando era criança. Era parecido com este — conto-lhe. — Construímos um forte entre dois seixos e passámos horas a tentar caçar um esquilo para o jantar.

— A rainha Maureen deixava-vos comer um esquilo?

— Não — admito. — Felizmente nunca chegámos a apanhar nenhum.

— Chega aqui — diz-me ela. — Quero mostrar-te uma coisa. — Delilah pega-me na mão e conduz-me por entre um emaranhado de arbustos excessivamente altos e raízes entrançadas, que se abre subitamente para uma pequena clareira. A copa das árvores filtra a luz do Sol por cima de nós, deixando o chão todo sarapintado. Um salgueiro arqueia-se como uma bailarino, com os seus ramos estendidos e o cabelo caído numa cascata. Delilah afasta as trepadeiras e põe a descoberto um tronco coberto de musgo. Senta-se e dá palmadinhas no espaço ao seu lado. — Eu costumava vir para aqui quando queria fugir de casa.

Penso na casa acolhedora de Delilah e na sua atenciosa mãe.

— Porque é que havias de querer fazer isso?

— Porque ninguém está sempre feliz no sítio onde está. Sempre que me zangava com a minha mãe ou quando ficava frustrada por ela trabalhar demais e passar pouco tempo comigo, eu tinha vontade de fugir. Por isso, punha tudo aquilo de que achava que precisava na fronha da minha almofada e vinha para aqui. Mas, quando o Sol se punha ao fim do dia, eu já não me lembrava da razão por que tinha tido vontade de fugir. Só conseguia pensar naquilo que a minha mãe provavelmente estava a cozinhar para o jantar e como as minhas almofadas se afundavam precisamente como eu gostava e pensava no meu pijama preferido. Todas essas pequenas coisas me faziam lembrar da razão por que eu não podia fugir. — Ela olha para mim.

— Tenho medo, Oliver. Tenho medo de que o Sol se ponha e tu percebas que queres voltar para casa.

Tomo o rosto dela entre as minhas mãos e olho-a nos olhos.

— Eu *estou* em casa — respondo-lhe.

Depois do jantar, a mãe de Delilah pega numa pilha de álbuns de fotografias. Delilah fica mortificada, a face em chamas, mas eu não me canso de ver aquelas imagens. Vejo-a transformar-se desde que era um bebé minúsculo, com um par de óculos de sol demasiado grandes, até ao tempo em que era uma criança a andar de balouço e, mais tarde, uma rapariga com um vestido de malmequeres num recital de piano. A mãe dela está sentada ao meu lado, com o cão enrolado aos seus pés.

— Olha, Lila — diz, ao mesmo tempo que vira a página, revelando uma pré-adolescente magricela, com a boca cheia de metal. — Lembras-te de termos pensado que ias usar aparelho até aos trinta anos?

Naquele momento, Delilah quase salta por cima de mim e fecha o álbum.

— Fecha isso — exclama.

— Os filhos crescem tão depressa — comenta a mãe. — Tenho a certeza de que a tua mãe concorda comigo, Edgar.

— Talvez não — murmuro entredentes. Eu fui adolescente a vida toda

A mãe de Delilah afaga a capa do álbum, como se preferisse dar a sua vida em vez de perder o que se encontra ali dentro. É exatamente a mesma expressão que Delilah fazia cada vez que abria o conto de fadas. A mãe desvia o olhar de Delilah e olha para mim.

— Um dia vocês os dois vão perceber.

— Oh, meu *Deus*, mãe. *Não.* — Delilah força a mãe a levantar-se. — Não tens de te ir preparar para um encontro?

O dito encontro é com o antigo psiquiatra de Delilah, o doutor Ducharme. Eu pensava que Delilah não devia achar muita graça a tal facto, mas, na verdade, ela não cabe em si de contente. Desde que os dois começaram a namorar, Delilah deixou de ter de ir às

consultas, por haver um conflito de interesses.

A senhora McPhee olha para o seu relógio de pulso.

— Tens razão. O Greg chega dentro de quinze minutos. Ajudas-me com a louça, Delilah?

Humphrey salta e caminha sobre as suas patas atarracadas, abanando a cauda enquanto as segue até à cozinha, na esperança de apanhar algum resto de comida. Entretanto, eu levo os álbuns de volta para a estante onde a mãe de Delilah os encontrou. Enquanto os coloco nos respetivos lugares, apercebo-me de que na lombada fina de um álbum está escrito HALLOWEEN. No interior, Delilah transforma-se de abóbora em rainha cigana, depois em macaco e ainda num cacho de uvas.

Detenho-me na página que se segue.

Delilah é pequena, deve ter seis ou sete anos. Tem um vestido azul de baile, luvas brancas compridas e uma tiara.

Ela deveria ser assim se nos tivéssemos conhecido na infância e no meu mundo em vez do dela.

Faço uma careta, tiro a fotografia da sua capa protetora e guardo-a no bolso.

Ela teria dado uma princesa encantadora.

No sábado fico sem roupa.

Ao contrário daquilo que acontece nos contos de fadas, onde há sempre uma túnica fresca e uns *collants* de cada vez que preciso de uns, neste mundo somos deixados por nossa conta no que toca a garantir um roupeiro limpo. No primeiro mês, mais coisa menos coisa, eu nem me apercebi da diferença. Jessamyn desaparecia com o meu cesto cheio de roupa suja e a mesma era devolvida, como por magia, passada e dobrada, ao interior da minha cómoda. Mas hoje, quando puxo a gaveta, há apenas uma camisola dobrada. Verifico o meu roupeiro e apercebo-me de que a minha roupa suja ainda se encontra no cesto.

Se calhar, Jessamyn esqueceu-se. Chamo a minha pseudomãe, mas não obtenho resposta. Jessamyn tinha-me dito que era capaz de ir ao supermercado hoje. Esse é mais um dos grandes inconvenientes

deste mundo. No livro, a nossa despensa está sempre cheia. Mas eu não estou no livro. Não sou um príncipe. Tenho de aprender a cuidar de mim. Isso não pode ser assim tão difícil.

Transporto alegremente o cesto pelas escadas abaixo até à lavandaria, onde já vi Jessamyn em ação uma dúzia de vezes. Sei que a tarefa inclui verter um detergente líquido e carregar numa série de botões. Ponho a pilha de roupa suja no interior da besta metálica e pego no frasco de detergente para ler as instruções.

ENCHER O COPO.

Que copo?

Vou até à cozinha e fico a olhar para os copos que usamos à mesa da refeição. Há dois tamanhos — um pequeno para o sumo e um grande para a água. *Bem, quanto mais limpo melhor,* penso eu, e pego num dos copos maiores. Na lavandaria encho-o de detergente azul até ao topo e a seguir adiciono um pouco mais, para me certificar de que pus a quantidade suficiente. Fecho a tampa e carrego no grande botão verde que põe a máquina a trabalhar. A máquina ganha vida, gemendo e agitando-se enquanto se enche de água.

Encosto-me a ela, tremendamente satisfeito comigo mesmo. Esperem só até eu dizer a Delilah o que consegui fazer sozinho.

É nisso que estou a pensar quando, de repente, sinto as costas da minha camisola ficarem ensopadas. Viro-me e arregalo os olhos quando vejo a máquina a espumar pela boca. Expele bolhas de sabão a um ritmo alarmante e a espuma precipita-se numa cascata até ao chão. Tento apanhá-la com os braços e atiro-a à pressa para dentro da secadora vazia, mas não consigo de maneira nenhuma acompanhar o ritmo. Os meus ténis já estão escondidos num mar branco e as bolhas escorreram da lavandaria para o corredor.

Corro para o telefone mas escorrego e caio três vezes pelo caminho. Quando chego lá, tenho vestido um fato de bolhas e sinto dificuldades em conseguir que o auscultador não me escorregue da mão. Pergunto-me se virei eventualmente a ser a primeira pessoa a morrer afogada em bolas de sabão.

Delilah atende ao segundo toque.

— Graças a Deus — exclamo. — Tenho aqui uma crise.

— O que se passa? — pergunta-me ela.

— A máquina de lavar roupa explodiu.

— Espera — diz Delilah. — O quê?

— Tentei lavar a minha roupa, mas…

— Vou já para aí — interrompe-me ela.

O telefone desliga-se na minha mão. Viro-me e olho para a lavandaria. Um rio de espuma escorre para o corredor. Arrasto-me pelo meio dele, pontapeando as bolhas, e trepo para cima da máquina, que dá pinotes por baixo de mim como se fosse um garanhão temperamental. Talvez se eu conseguir manter a tampa fechada as bolhas diminuam.

É assim que Delilah me encontra, um quarto de hora mais tarde, empoleirado em cima da máquina da roupa e agarrado a ela como se a minha vida dependesse disso.

— Mas que… — Antes que Delilah possa terminar a sua frase, fica completamente submersa em bolhas. Emerge de seguida com uma barba branca e um chapéu. — Oliver — diz ela a rir-se. — Que quantidade de detergente usaste?

— Dizia para usar um copo.

— Era um copo Stanley[1]? — pergunta-me.

— Eu não conheço o Stanley nem o copo dele. Era um copo normal, da cozinha.

Ela leva a mão à testa e a seguir pega no detergente, de cuja embalagem azul apenas se vê uma pequena parte, entre a catástrofe de bolhas. Ela desenrosca a tampa e mostra-ma.

— É *este* copo, Oliver.

O copo doseador leva apenas cerca de um oitavo da quantidade de detergente que eu usei.

Delilah nada para a frente, afastando as bolhas pelo caminho. Passa por mim e dirige-se ao painel iluminado, carregando num botão. A máquina estremece e a seguir detém-se. Dou um suspiro de alívio.

Delilah crava os olhos em mim.

— Não acredito que tu fizeste isto.

Faço uma careta, pego nalgumas bolhas com o dedo e levo-lhas ao nariz.

Ela limpa-as e finge ficar aborrecida, mas a seguir pega numa mão-cheia de bolhas que me esfrega no rosto. Envolvemo-nos numa batalha de bolas de sabão, às gargalhadas, escorregamos dos braços um do outro e caímos no chão. A seguir, eu beijo-a ou talvez seja ela que me beija a mim, até ficarmos completamente abraçados num casulo de espuma e, por alguns instantes, nenhum de nós se preocupa absolutamente nada com a confusão.

A realidade acaba por se fazer sentir quando o gosto de Delilah dá lugar ao sabor amargo do detergente. Sento-me e puxo-a comigo.

— Como é que nos livramos… disto tudo? — pergunto eu, apontando para o pântano de espuma à nossa volta.

Delilah remexe o armário das limpezas e volta com um balde azul. Pega num monte de espuma com os braços, atira-a para dentro do balde e diz-me para ir despejá-lo na banheira do andar de cima. Ela faz a mesma coisa, usando para esse efeito a panela do esparguete de Jessamyn. Transportamos as provas, uma viagem de cada vez, e abrimos a água fria da banheira até o detergente se dissolver e ir pelo cano abaixo.

Por fim, limpamos o chão e as paredes com uma toalha e, ironicamente, deixamos a casa ainda mais limpa do que estava antes. A seguir, deixamo-nos cair no chão, exaustos.

— Acho que me devo sentir grata por tu não teres começado o teu ataque de independência a queimar leite-creme — comenta Delilah.

O cabelo dela foge do rabo de cavalo e a camisola que tem vestida começa a secar e a ficar tesa junto à sua pele. Mas, apesar da confusão, ela continua a ser a rapariga mais bonita que alguma vez vi.

Seguro-a pela nuca e puxo-a para junto de mim.

— Sabias que as tuas pupilas ficam maiores quando estás mais perto de mim? Isso quer dizer que me amas.

— Ou que tu estás a bloquear a luz.

Rio-me.

— A minha namorada é tão romântica.

Debruço-me e beijo-a quando, de repente, a porta se abre com ruído e Jessamyn entra com dois sacos grandes de compras na mão.

Eu e Delilah afastamo-nos, deixando um palmo de distância entre

nós.

Jessamyn franze o sobrolho e observa-nos, ainda ensopados e desgrenhados.

— O que raio é que vos aconteceu aos dois?

Eu presenteio-a com o meu sorriso mais radiante.

— Limpámos a casa.

Uma semana na escola secundária ensinou-me o seguinte:

1. É preferível levar almoço de casa do que comer a mistela que nos servem na cantina.
2. Ninguém estuda na sala de estudo.
3. Há sempre meia dúzia de rapazes na aula de ginástica que pratica o desporto do dia como se a sua vida dependesse disso, seja ele *dodgeball* ou *badminton* — e são sempre os mesmos.
4. Toda a gente tem telefone mas ninguém parece usá-lo para fazer telefonemas.
5. Há uma coisa chamada Facebook que não é uma cara nem um livro.

Já reparei que a escola está mais dividida pela personalidade de cada um do que pelos anos.

Há rapazes que insistem em levar os tacos de *lacrosse* para as aulas todas, como se eles fossem um porta-estandarte onde transportam o brasão da família. Alguns alunos tiram apontamentos como se estivessem a escrever um romance, ao passo que outros nem sequer pegam na caneta mas pintam as unhas e olham para as suas feições nuns espelhos minúsculos, enquanto o professor fala. Há um grupo de artistas itinerantes que usa a escola como um espaço de exibições. Descem as escadas pelo corrimão em pranchas com rodas e saltam por cima dos bancos de cimento da entrada principal. Alguns deles parecem criaturas noctívagas. São pálidos como a lua, têm o cabelo preto e os olhos pintados e usam joias em forma de caveira. E depois há as raparigas para as quais eu não consigo olhar e não corar — aquelas que usam tão pouca roupa que eu perguntei a Delilah se trabalhavam no bordel da zona.

No entanto, ao contrário daquilo que acontece no livro, estes tipos diferentes de pessoas não parecem relacionar-se bem uns com

os outros. É como o molho para saladas que Jessamyn faz — leva um pouco de azeite, umas gotas de limão e vinagre tinto. Quando os misturamos, eles combinam bem. Mas, se os deixarmos em repouso, voltam a separar-se.

Não percebo bem isto. Quando se tem tantas pessoas, cada uma delas inevitavelmente fascinante, porque havemos de nos limitar àquelas que se parecem connosco? Se eu me comportasse como a maior parte dos alunos desta escola, nunca teria falado com Charlie, que me recrutou para a equipa de esgrima, com Darrell, que faz peluches de meias para angariar dinheiro para as crianças do Uganda, ou com Tina, que vai ter um bebé no inverno. Não me teria juntado ao grupo de teatro *e* à equipa de Ultimate Frisbee *e* à sociedade Dungeons & Dragons (se bem que, para dizer a verdade, eu tenha nascido para isso). A mim não me interessa se a pessoa com quem estou fala de livros de banda desenhada, dos saldos da Sephora ou de quantos pontos marcou no jogo de início de época. Eu gosto de ouvir.

Julgo que seja por causa disso que me é fácil mover-me entre grupos. Em vez de ficar a pensar que estou a ser julgado por alguém diferente de mim, aprendo com eles.

Hoje, na aula de álgebra, o senhor Elyk está a falar-nos do exame estandardizado que iremos fazer no domingo de manhã, um dia em que habitualmente não temos aulas e que eu costumo passar com Delilah. O teste tem alguma relação com o facto de se estar sentado e parece relativamente simples, uma vez que nós temos apenas de assinalar a bolha certa com um lápis número dois. Quando ele acaba de explicar isto pela quinta vez, eu começo a desligar e desenho sereias e barcos de piratas nas margens do meu caderno. De repente, um lápis aterra à minha frente e eu olho para cima. Raj, o miúdo magricela que está sentado à minha esquerda, levanta a sua máquina de calcular. No ecrã vê-se um número:

58008

Encolho os ombros.

Raj faz uma careta e vira a calculadora de modo que os números ficam de pernas para o ar.

80085

— BOOBS [mamas] — articula Raj em silêncio e ri baixinho.

Eu dou uma gargalhada e o senhor Elyk vira-se.

— Há alguma coisa que gostasses de partilhar com a turma, Edgar?

Eu sorrio.

— Estou muito entusiasmado com este teste, só isso.

Ele suspira.

— Eu sei, eu sei, toda a gente odeia os exames. Mas eles são um mal necessário, tal como o fio dental e os sogros.

A campainha toca e eu viro-me para Raj.

— O que é que consegues escrever além disso?

— Amanhã ensino-te a desenhar uma mulher nua no Word.

Depois da aula de matemática, encontro-me com Delilah junto aos cacifos. Quando ela se aproxima de mim, tenho o nariz enterrado na minha calculadora.

— Podes tirar o rapaz da aula de matemática — diz. — Mas não podes tirar a matemática do rapaz.

Rio-me e mostro-lhe, orgulhoso, o ecrã da minha calculadora.

31770

— Deixa-me adivinhar. É o teu número da prisão?

Ponho a mão sobre a dela e rodo-lhe o pulso, para virar a máquina ao contrário.

OLLIE

— Não é fixe? — digo orgulhoso. — Consigo escrever o meu nome em números.

Delilah sorri.

— Estou a ver que as aulas de álgebra estão a render.

— Espera, ainda não acabei.

Pego outra vez na calculadora e mostro-lhe a brincadeira que Raj me ensinou.

Ela revira os olhos.

— Ugh. Pareces um adolescente.

— É o que eu sou — respondo, orgulhoso. — Não era isso que tu querias?

Delilah desliga a máquina de calcular e devolve-ma.

— Eu devia ter dado ouvidos àquele génio da lâmpada — responde ela. — «Tem cuidado com aquilo que desejas.»

No conto de fadas, inúmeros exércitos defrontaram *Pyro*, o dragão. Homens feitos estremeciam no interior das suas armaduras e gritavam pelas mães, quando as chamas lhes lambiam os escudos. Imploravam ajuda aos céus e caíam sobre os joelhos, convencidos de que os seus dias tinham chegado ao fim.

O medo espelhado nos rostos desses homens não era, nem de longe, comparável, àquele demonstrado pelos alunos que se encontravam sentados à minha volta, no momento em que o senhor Elyk começa a distribuir o exame de raciocínio lógico. Uma das meninas da claque, que está sentada atrás de mim, engole em seco repetidamente, como se estivesse prestes a verter o pequeno-almoço nas minhas costas. Raj não para de verificar o estado da bateria da sua calculadora. Até Chris parece um pouco pálido.

— Não percebo porque é que está toda a gente em pânico — sussurro-lhe. — Só temos de pintar os círculos.

— Não se trata de pintar os círculos, mas de saber qual é a resposta certa e decidir qual deles tens de preencher. Dependendo dos resultados deste exame, posso ir parar a Harvard ou posso passar o resto da vida como caixa num supermercado.

— Silêncio — diz o senhor Elyk. — Vamos começar.

O professor pega numa folha e começa a ler uma ladainha de instruções relacionadas com secções, tempo e sistemas de pontuação que me soam como uma grande algaraviada. Fito a grelha de círculos que aparentemente decidirão o meu destino.

— Agora, rasguem o papel selado — anuncia o senhor Elyk. — E comecem.

Eu faço o que ele diz e olho para a primeira pergunta do meu caderno.

Para decorar abóboras, o senhor Smith não usará abóboras com menos de 750 gramas ou mais de 4 quilos. Se x representar, em quilos, o peso de uma abóbora que ele não usará, qual das seguintes comparações representa todos os valores possíveis de x?

a. (x – 2) > 10
b. (x – 4) > 6
c. (x – 5) > 5
d. (x – 6) > 4
e. (x – 10) > 4

Mas que raio se passa com um homem que nem sequer sabe usar uma balança como deve ser? Se ela continuar a mostrar *x*, o melhor será comprar uma nova.

Esta pergunta é obviamente uma rasteira. Por isso, como resposta, decido que a melhor maneira de usar o meu tempo é preenchendo os círculos da maneira mais atraente à vista da pessoa que vai cotar o teste.

Devo dizer que a imagem que eu criei é uma obra de arte. Tem uma silhueta de um dragão a cuspir fogo e um príncipe fanfarrão que brande a sua espada no ar.

— Pousem os lápis — diz senhor Elyk. Olho para Raj. Ele parece ter-se esquecido de como se pestaneja.

— Vamos começar a próxima secção — lê o professor.

Pego no meu lápis, deliciado. Acho que desta vez vou desenhar um castelo.

Às segundas-feiras, na Hora das Atividades, acompanho Delilah à biblioteca, onde ela trabalha a arrumar livros nas estantes. Passeamos pelos corredores de mãos dadas, o que parece discreto, em comparação com casais como os BrAngelo que basicamente se passeiam pelo edifício a acasalar, embatendo às cegas contra os cacifos e caloiros aterrados.

Nessa manhã ainda há um burburinho na escola a propósito dos exames.

— Não correu assim tão mal — digo à Delilah. — Eu não me quero gabar, mas o meu dragão estava bastante criativo.

— Isso é uma metáfora?

— Não. Eu desenhei mesmo um dragão.

Ela desata a rir.

— Os psicólogos da escola vão mandar internar-te. — Delilah solta-me a mão e enfia o braço no meu, puxando-me mais para ela. — Olha, estive a pensar… nós os dois nunca tivemos um encontro a sério.

— Jantámos com a tua mãe.

— Isso está longe de contar.

— Então, em que é que estavas a pensar? — pergunto-lhe.

— Bom… — Delilah olha para mim e parece que o sol apareceu, saído de trás de uma nuvem. — Pensei que talvez…

— Ei, Edgar! — ouço alguém chamar. Viro-me e vejo o capitão da seleção de hóquei da escola a passar por ali. Ele encosta o punho fechado ao meu, por cima da cabeça de Delilah. — Ei, obrigado pela ajuda a inglês. Passei mesmo no teste.

— Estavas a dizer?

— Estava a pensar que podíamos ir, tipo, a um restaurante…

De repente, James aparece à nossa frente.

— Vais à reunião na sexta-feira, Edgar?

Anuo.

— Não podia deixar de ir. Levo comida.

— Fixe — responde James, que entretanto se apercebe da presença de Delilah. — Ei — diz-lhe e acena a cabeça, prosseguindo.

Delilah agarra-me o braço com mais força.

— Bem — diz ela, e suspira — Estava a pensar que talvez tu gostasses de experimentar comida chinesa.

— EDGAR! — Sou rodeado por um bando de raparigas, que parecem galinhas a lançar-me perguntas. *Leste o texto de história? Achas que devo cortar o cabelo curtinho? Um dia destes ensinas-me a lançar disco? É verdade que foste acampar com o Harry Styles?*

Sinto as unhas de Delilah cravarem-se na minha pele.

— Meninas — digo. — Falamos mais tarde. — Volto-me então para Delilah, usando o máximo do meu charme. — Onde é que nós estávamos?

— *Eu* estava a fazer planos para o jantar — responde-me ela com uma voz tensa. — *Tu* estavas a dar autógrafos.

Vejo-a entrar na biblioteca, completamente furiosa. O problema é

que foi Delilah quem me trouxe para este mundo. Mas agora também é o meu mundo.

Encorajado pela senhorita Pingree, entrei para o grupo de teatro. Os encontros também são na Hora das Atividades, no auditório da escola. Todas as semanas dramatizamos cenas de peças diferentes. Na semana passada foi uma de Tennessee Williams. Esta semana é Shakespeare.

Tenho de admitir que me sinto mais confortável com Shakespeare.

— Bom, *Romeu e Julieta* é uma história com a qual vocês provavelmente se identificam. Dois adolescentes que não se largam, apesar de as circunstâncias ditarem o seu afastamento. Edgar — diz a professora —, queres tomar a dianteira e ser o Romeu hoje?

Não fico surpreendido. Sou o único rapaz do grupo de teatro.

— Será um enorme prazer — respondo, e a senhorita Pingree pousa a mão sobre o coração.

— E agora? Quem será a nossa trágica Julieta?

As mãos das quinze raparigas que se encontram na sala levantam-se.

— Claire, querida — diz a senhorita Pingree apontando para a rapariga. — Podes ser tu?

Claire tem um nariz arrebitado e uma nuvem de cabelo ruivo ondulado e enverga uma camisola com um unicórnio de lantejoulas na parte da frente. Ela levanta-se, sem conseguir olhar diretamente para mim, e avança, sem parar de dar risadinhas.

No entanto, antes de ela conseguir chegar ao palco, Allie McAndrews empurra-a para o lado.

— Eu faço isto.

Avanço na direção de Claire para tentar ajudá-la, mas sou afastado por Allie, que me puxa para o meio do palco com a força bruta de um ogre. Ela atira o cabelo brilhante para o lado e olha para mim com os olhos semicerrados.

— Estás pronto?

Lanço um olhar compassivo na direção da pobre Claire, que ainda está a tentar levantar-se no sítio onde Allie a derrubou. A

seguir, aclaro a voz.

— «Se eu profanar, com as minhas mãos indignas / Este santuário sagrado / Os meus lábios, dois peregrinos rosados, ficam prontos / Para amaciar esse toque áspero com um beijo terno.»

Esta agora. A cena mais romântica da peça mais romântica da história da literatura e a minha parceira de palco é o pior pesadelo de Delilah.

Inspiro fundo. Durante anos, fingi que estava realmente apaixonado por Seraphima. Isto não pode ser pior.

Olho Allie McAndrews nos olhos e imagino que estou a olhar para Delilah. Pego na mão de Allie como se estivesse a dar a mão ao amor da minha vida.

— «Bom peregrino, desprezais a vossa mão por demais /… a qual francamente…

— Delicadamente — interrompe a senhora Pingree.

— «Delicadamente» — repete Allie — «Delicadamente mostra devoção / Pois as mãos dos santos estão entre aquelas que as dos peregrinos tocam.»

Levanto a mão e encosto a minha palma à dela.

— «E, palma com palma» — diz ela, arrebatada — «as suas palmas sagradas beijam.»

Avanço para ela e afasto-lhe uma madeixa do cabelo do rosto, cuidadosamente. A minha voz transforma-se num sussurro.

— «Não têm os santos lábios? E os donos de palmas sagradas também…»

Allie fita-me. Sustém a respiração.

— Fala — peço eu.

A senhorita Pingree lê:

— «Sim, peregrino…»

— «Sim, peregrino» — papagueia Allie. — «Lábios que devem usar em oração.»

Gemo.

— «Oh, nesse caso, caro santo, deixai os lábios fazer o que as mãos fazem / Eles rezam, sabei-o vós, a não ser quando a fé dá lugar ao desespero.»

O olhar dela é seguro, luminoso, cheio de esperança.

— «Os santos não se movem, contudo agem em nome da oração.»

Tomo o rosto dela nas minhas mãos.

— «Nesse caso, não vos movais» — murmuro — «e deixai-me sentir o efeito das minhas orações.»

Debruço-me sobre ela, fecho os olhos e beijo-a.

Quando os nossos lábios se encontram, o fecho da porta do auditório abre-se, deixando entrar um feixe de luz que me chama imediatamente a atenção. Ali, ao fundo, encontra-se Delilah com uma expressão chocada.

Vira-se e foge, enquanto Allie continua nos meus braços.

— Delilah! — grito, salto do palco e corro atrás dela.

Corro atrás de Delilah para fora do ginásio, saímos pela porta das traseiras da escola e só quando chegamos ao pátio vazio consigo agarrar-lhe no braço. — Deixa-me explicar — digo-lhe.

Ela vira-se para mim, furiosa.

— Não! — exclama Delilah. — Isto não é o teu livro. Não podes fechar e começar de novo.

— Eu estava só a dizer as minhas falas. Qual é a diferença entre isto e o papel que eu tinha de fazer todos os dias com a Seraphima, quando estava no conto de fadas?

— Nessa altura não tinhas alternativa. Mas desta vez podias ter dito que não. — Os olhos dela enchem-se de lágrimas. Apercebo-me dolorosamente de que nunca tinha feito Delilah chorar. — Como pudeste fazer-me isto? E logo com *ela*?

— Eu não te fiz nada. Estava a representar. Ela não significa nada para mim.

— Não foi isso que me pareceu — argumenta Delilah. — Parecia bem real.

Sinto a frustração aumentar dentro de mim e uma onda de calor subir-me ao rosto.

— É esse o objetivo do grupo de teatro.

Ela escarnece.

— Sabes? Eu fui ao auditório porque me sentia mal pela forma como te tratei na biblioteca. Mas agora estou a perceber que não

tenho motivo nenhum para te pedir desculpa. Volta para a Allie. É evidente onde é que tu queres estar.

Por muito que queira resolver as coisas com Delilah, não percebo em que é que estou errado.

— Por amor de Deus, Delilah! Quantas vezes vou ter de repetir? Ela é apenas uma amiga.

— Ela é uma cabra. Tu é que ainda não consegues ver isso. Uma vez disse-me que o meu corte de cabelo novo fazia a minha cara parecer menos gorda.

— Isso é um elogio!

— Eu não tinha cortado o cabelo — responde Delilah e cerra os dentes. — Ela espalhou o boato de que a Jules era hermafrodita. Quando uma das amigas dela terminou um tratamento por causa de uma perturbação alimentar, a Allie disse-lhe que ela estava suficientemente bonita para ser modelo de tamanhos grandes.

— Tu estás a ser tão crítica como acusas a Allie de ser — assinalo. — Já alguma vez tentaste alargar o teu grupo de amigos para mais do que uma pessoa e procuraste conhecê-la? Se falares com ela, se calhar vais descobrir que ela não é o monstro que tu imaginas.

Os olhos de Delilah brilham com as lágrimas.

— Vocês não estavam simplesmente a falar — sussurra ela e afasta-se.

Ao longo do resto do dia, não paro de rever a minha discussão com Delilah. Não ouço nada à minha volta, nem vejo nada à minha frente. Quando percorro os corredores, apesar de eles estarem apinhados de gente, parecem-me vazios.

Em casa, quando Jessamyn me pergunta como correu o dia, passo por ela, vou para o meu quarto e fecho-me para o mundo.

Não é a primeira vez que tenho problemas, mas é a primeira vez que não tenho ninguém com quem partilhá-los. No passado, os meus confidentes eram *Frump* e a rainha Maureen. Mas, mesmo que o conto de fadas estivesse na minha posse, em vez de estar com Delilah, sei que não podia recorrer a eles. Eles estão felizes e os meus

problemas já não devem ser deles.

Adormeço num sono agitado. Os meus sonhos são preenchidos por Delilah — pelas lágrimas que deixaram os olhos dela tão brilhantes, pela maneira como a sua voz tremia. Pela expressão no seu rosto quando eu revelei ser uma pessoa diferente daquilo que ela esperava que eu fosse.

No livro, era muito fácil. Eu apaixonava-me, beijava a rapariga e ela retribuía-me um amor incondicional. Nunca tive um guião para um pedido de desculpas.

De repente, percebo todas as façanhas que *Frump* armou para tentar conquistar o coração de Seraphima. Sei o que se sente quando sermos nós próprios não é suficientemente bom.

Quem me dera que alguém folheasse as páginas da minha história com Delilah no sentido inverso, levando-nos de novo ao «Era uma Vez».

Acordo sobressaltado, com o cobertor enrolado aos meus pés. Tenho o cabelo encharcado de suor, os punhos fechados agarram os lençóis e nada mudou. Delilah continua mais longe de mim do que nunca.

Tenho de resolver isto. Salto para fora da cama e sento-me à frente do computador. Ao pé do nome de Delilah está um pequeno círculo verde. Clico rapidamente no botão de CHAMADA e espero que o rosto dela encha o ecrã.

Em vez disso, surge uma caixa que diz: CHAMADA TERMINADA.

Antes de eu conseguir voltar a tentar, o círculo que se encontrava ao lado do nome de Delilah desaparece.

Enterro o rosto nas mãos. Que sentido faz estar neste mundo sem ela?

Muito bem, penso. *Recompõe-te, Oliver.* É perfeitamente normal sentir-me perdido. Nunca tinha tido um problema deste género. Não se parece nada com sair das páginas de um livro, letras a aparecerem no ar ou sangrar tinta. para variar, trata-se de um problema perfeitamente comum, que podia afetar qualquer adolescente que se zangou com a namorada. O que quer dizer que, se

calhar, não estou sozinho.

Apesar de serem apenas oito horas, a casa está escura. Jessamyn deixou-me o jantar no balcão da cozinha, mas não tenho fome. Volto ao andar de cima e paro à porta do quarto dela. Abro a porta devagar, com medo que ela já esteja a dormir.

Jessamyn está sentada na borda da cama. Quando ouve a porta ranger, vira-se e limpa os olhos.

Sou apanhado de surpresa. Tenho andado tão absorto nos meus próprios problemas que nunca parei para pensar que posso não ser só eu que está a sofrer.

— Tu… estás bem?

— Estou ótima. Só tenho uma dor de cabeça, mais nada. — Ela finge um sorriso. — Precisas de alguma coisa?

— Não, não. Tu estás doente. Vou deixar-te sossegada.

Não conheço muito bem Jessamyn Jacobs. Mas, naquele momento, ela parece-me pequenina e cansada.

— Boa noite, Edgar — responde-me ela.

— Boa noite… mãe. — Puxo a porta para a fechar, mas, no último momento, volto a espreitar lá para dentro. — Experimenta usar sanguessugas — proponho-lhe, tentando ajudar. — A mim, fazem-me maravilhas.

— Meu… o que é que se passa contigo? — pergunta-me Chris. — Estás a olhar para essa proveta há uns quinze minutos.

— Eu e a Delilah tivemos uma grande discussão ontem — anuncio num tom solene, enquanto meço ácido hidroclórico. Fomos deixados por nossa conta para terminar o trabalho da aula de química. Estou a tentar seguir as instruções à letra, porque sou muito distraído e tenho medo de provocar uma explosão.

Delilah não estava à minha espera quando cheguei à escola hoje. Ela não estava ao pé do meu cacifo.

Chris passa-me um conta-gotas.

— As miúdas passam-se. É mesmo assim. Dá-lhe uns dias para ela acalmar e ela acaba por te perdoar o que quer que tu tenhas feito. — Ele olha para mim. — Afinal, o que foi?

— Beijei a Allie McAndrews.

Chris encolhe-se.

— Puto, a Delilah não vai voltar para ti.

— Obrigadinho pelo apoio — murmuro.

— Bolas, pá, em que é que estavas a pensar?

— Nós estávamos a representar — explico-lhe.

— Chama-lhe o que quiseres — responde Chris com uma careta.

— Foi no grupo de teatro. A Delilah entrou no pior momento possível.

Ele abana a cabeça.

— Não sei o que te diga, meu. Do ponto de vista dela, isso não parece nada bem.

Passo-lhe o prato de evaporação para ele poder colocá-lo por cima do bico de Bunsen.

— Eu dava tudo para poder voltar atrás.

— Bem, a menos que tenhas uma máquina do tempo, isso não vai acontecer — responde Chris. — O que tu precisas é de um gesto grandioso. Alguma coisa que a faça esquecer completamente aquilo que viu.

— Não percebo.

— Estou a referir-me a dares tudo por tudo. Flores. Pores-te de joelhos. Declarares o teu amor. Não viste o filme *O Diário da Nossa Paixão?*

Olho para ele, desconfiado.

— Esse tipo de coisas funciona mesmo?

— As miúdas papam-nas — assegura-me Chris.

O prato de evaporação arrefece e surgem nele cristais brancos puros, pequenos diamantes. É espantoso como algo tão belo tenha origem num ácido.

Chris é capaz de ter razão.

Se calhar ainda há esperança para mim.

Quem me dera que houvesse uma receita que eu pudesse seguir e tornasse as coisas mais fáceis.

— O que se passa? — pergunta-me nessa noite Jessamyn quando

estamos a jantar.

— Nada — respondo, remexendo as ervilhas que tenho no prato com o garfo.

— Bem, não estás a comer. Ou pelo menos não estás a comer tanto como é costume.

Pouso os talheres.

— Alguma vez discutiste com… o pai?

— Não — responde Jessamyn com uma expressão séria. — Nós éramos como a Barbie e o Ken. — Antes de eu ter tempo de perguntar quem *são* esses dois, ela prossegue. — É *claro* que nós discutíamos, querido. Todos os casais discutem. Se tiveres uma relação em que não se discute, provavelmente estás a fazer alguma coisa mal.

— A Delilah viu-me beijar outra rapariga — expludo.

Ela engasga-se com a água.

— Desculpa? Uma rapariga não te chega?

— Não é o que estás a pensar — explico-lhe. — Foi numa peça de teatro.

— Desta vez, acho que vou ter de tomar o partido dela…

Pouso a cabeça nas mãos.

— Eu queria pedir-lhe desculpa, mas ela nem me quer ouvir.

A expressão de Jessamyn torna-se mais suave.

— Uma vez, comprei um par de sapatos de marca. Pu-los num saco à porta do meu roupeiro. Nessa noite, quando me fui deitar, os sapatos tinham desaparecido. Perguntei ao teu pai se ele os tinha visto e ele respondeu-me: «Ah, estás a falar daquele saco que puseste lá fora do roupeiro para dar para a caridade?» — Jessamyn abana a cabeça, perdida nas suas memórias. — Eu não falei com ele durante uma semana.

— O que aconteceu depois?

Ela sorri.

— Ele comprou-me um par de sapatos ainda mais caro.

— Não me parece que neste caso um par de sapatos resolva a questão — respondo num tom melancólico.

— Não tem a ver com os sapatos — diz-me Jessamyn. — Trata-se daquilo que os sapatos representam. Um simples pedido de desculpas pode fazer muito.

— Se ela voltar a ouvir-me…

— Dá-lhe tempo. Ele há de ouvir-te.

— Mas dói-me saber que não posso resolver isto.

— Bem — diz Jessamyn —, imagina o que deve ter doído a *ela* ver-te com outra pessoa.

Olho para ela.

— Acho que tens razão.

— É claro que tenho razão. Eu sou tua mãe. — Ela limpa a boca ao guardanapo. — Fico contente que estejas a falar comigo. Estou habituada a ouvir-te grunhir à hora do jantar.

Esboço um sorriso.

— Obrigado, mãe.

— De nada, Joseph.

— Joseph? — repito.

É como se chamava o pai de Edgar. Eu já vi fotografias dele, com o nome e uma data no verso. É igualzinho ao rei Maurice.

Jessamyn pressiona as têmporas com os dedos.

— Meu Deus, estou a ficar velha. — Ela sorri para mim. — Espera mais um dia e vocês já vão andar agarrados um ao outro.

Estremeço.

— Credo, mãe!

Ela ri-se.

— Ora aí está o Edgar que eu conheço e que eu amo.

Pelo menos *alguém* me ama.

Planeei tudo à perfeição.

Com a autorização da senhorita Pingree, vasculhei o guarda-roupa do grupo de teatro e encontrei um fato de príncipe — composto por uma túnica, coroa e botas —, que, apesar do seu corte de baixa qualidade, serve para o efeito. Prendi uma espada de plástico à anca. Esgueiro-me para o interior da estufa das aulas de biologia, munido de uma tesoura da aula de trabalhos manuais. Corto doze pés de túlipas, com que faço um ramo, antes de ser apanhado por algum professor. A seguir, caminho orgulhosamente até ao bar e localizo Delilah com o olhar.

Sinto todos os ocupantes da sala de olhos postos em mim, mas ignoro facilmente o burburinho e os comentários. Caminho até junto da mesa dela, ajoelho-me e ofereço-lhe o ramo de flores.

— Senhora minha — digo —, os vossos olhos são como duas estrelas gémeas que iluminam o meu universo. A vossa voz é mais doce do que o canto de um melro. Vós sois quem faz bater o meu coração e é por vós que me corre o sangue pelas veias.

Sinto que me estou a sair muito bem. Os alunos que se encontram no refeitório começam a aclamar-me e no rosto de Delilah surgem duas rosetas. Chris tinha razão. De certeza que vou reconquistar Delilah. Afinal, qual é a rapariga que não quer um cavaleiro andante?

— *ED-GAR? ED-GAR? ED-GAR?* — O meu nome emprestado ecoa pela sala.

As duas rosas que floresciam nas faces de Delilah como que se espalham e o rosto dela ficou vermelho como um tomate. Ela não me olha nos olhos e, se não me engano, parece desaparecer cada vez mais para debaixo da mesa.

Ela ainda não pegou no ramo. Abano-o um pouco, ainda ajoelhado, e aclaro a voz.

— Sois o ar dos meus pulmões. Sois…

— Chega — declara Jules, que aparece vinda do nada e me puxa pelo colarinho de veludo. — Leva o teu real rabo para longe da minha melhor amiga.

Ela puxa-me pela túnica, faz-me girar e atira-me na direção da porta do bar. Por pouco não dou um trambolhão. Continuo a ouvir os outros alunos: *Bela tentativa, meu. Mais sorte da próxima vez. Eu tinha-te dito sim.*

Apercebo-me de que ainda tenho as flores na mão. E que elas já começaram a morrer.

Encostado ao meu cacifo, tento entender como consegui piorar as coisas.

— Aquilo de que tu precisas — diz Raj — é de surpreendê-la com o teu intelecto. Sabes qual é considerado o maior e mais poderoso

órgão sexual do nosso corpo, certo? — Ele bate na cabeça. — O cérebro.

— Não me parece que a Delilah queira ouvir nem mais uma palavra minha, Raj.

— Olha. Vais ter com ela e dizes-lhe: «Tu és feita de berílio, lítio, oxigénio e cobre? É que tens um BeLO Cu. — Eu fico a olhar para ele, sem perceber nada, e ele explica: — Percebeste? São os símbolos químicos. Se os juntares, formas as palavras… olha, não interessa.

Viro-me para ele.

— Já alguma vez uma namorada discutiu contigo?

Raj encolhe os ombros.

— Bem, quer dizer, é claro, já houve mulheres…

— Tu alguma vez tiveste uma *namorada?*

— Não tenho bem a certeza — responde ele. — Numa aula de ginástica do sexto ano, caí das cordas, aterrei em cima da Charlotte Tazinski e tecnicamente os meus lábios rasaram a boca dela. — Raj olha para mim. — Isso conta?

Ponho a cabeça entre as mãos e fecho os olhos, razão por que não vejo Allie aproximar-se. Ela agacha-se, levanta-me o queixo com um dedo e, antes de falar, olha para o meu fato atentamente.

— Estou a ver que não sou a única a ansiar pelo grupo de teatro — diz num tom sedutor.

Eu empurro-a.

— Não, Allie. Na verdade, acho que vou desistir. Vou entrar para a equipa de futebol ou alguma coisa desse género, onde seja menos provável cruzar-me com o sexo oposto.

Ela sorri para mim.

— Não me vais dizer que aquilo foi só uma representação, Edgar. Eu senti alguma coisa. E sei que tu também sentiste.

— Para ser sincero, eu sou só bom ator — respondo. — Eu estou com a Delilah. Lamento se disse ou fiz alguma coisa que te levou a pensar algo diferente.

Os olhos dela brilham, fazendo-me lembrar as sereias.

— A sério? — diz num tom de voz frio. — Escolhes *aquilo* em vez *disto?* — Ela levanta-se e desliza a mão pela cintura. — Eu tive

pena de ti por seres o miúdo novo — prossegue. — Mas, olha, se te queres excluir socialmente, por mim tudo bem.

Ela afasta-se a abanar as ancas e os seus saltos fazem ruído ao embaterem no chão de ladrilhos.

Demoro um pouco a lembrar-me de que Raj ainda está sentado ao meu lado. O queixo dele está quase a tocar no chão.

— Tu acabaste com a Allie? — consegue dizer. — És idiota?

No fim da reunião da Aliança LGBT, James chama-me.

— As tuas *Oreos* fizeram sucesso — comenta. — Só sobraram migalhas.

— Obrigado — respondo distraidamente. Desde o meu encontro com Allie que ando a tentar arranjar uma maneira de apanhar Delilah sozinha por um instante para poder pedir-lhe desculpa como deve ser, antes de Jules me atirar por umas escadas abaixo.

— Então? Corre por aí o boato de que tu te armaste em Romeu hoje no bar — diz James. — Que história foi essa?

— Disseram-me que a melhor maneira de conquistar o coração de uma mulher é com um gesto grandioso.

— Mas há gestos que são *demasiado* grandiosos — comenta ele. — Se calhar, é melhor moderares um bocado.

Em que é que eu estava a pensar? Delilah não é do género de gostar de dar nas vistas. Os momentos mais felizes que passámos juntos foram a dois, a falar do livro.

— Bem, provavelmente nem sequer vou ter hipótese — murmuro. — Tenho a certeza de que ela não quer falar comigo.

— Não foste tu que me disseste que nada deve meter-se no caminho de duas pessoas que se amam? O que te impede?

Olho para James quando começo a perceber.

— Eu.

— Se calhar, em vez de fingires que és uma pessoa diferente, devias limitar-te a ser tu próprio — diz James. — Afinal, não foi por ti que ela se apaixonou no início?

A névoa que se formou na minha cabeça desaparece por fim. Percebo o que tenho feito mal. James tem razão. Mas não foi no bar

que eu estive a representar. Eu tenho estado a desempenhar um papel desde que cheguei aqui.

Eu não sei pedir desculpa como se fosse um adolescente que discutiu com a namorada. Não sei distinguir os amigos dos inimigos. Não entendo as convenções sociais da escola secundária.

Mas sou especialista em viveram-felizes-para-sempre.

---

1 Stanley Cup, no original, é o troféu dado à equipa vencedora da NHL, principal liga de hóquei no gelo do mundo. (*N. da T.*)



DELILAH

Neste momento, preferia estar na Sibéria a perder todas as extremidades por queimaduras de gelo. Ou a conversar com a minha barata de estimação numa prisão de alta segurança. Ou a derreter-me em suor no inferno. Preferia estar noutro lado qualquer do que no bar de uma escola secundária com toda a gente a olhar para mim.

Sinto a cara a arder. Se ao menos fosse um fogo a sério, podia transformar-me em cinzas.

Jules, a minha guarda-costas voluntária, está ali de mão na anca, pronta para travar qualquer alminha que se atreva a aproximar-se de mim. Não que alguém esteja a tentar. Ficaram todos a aplaudir Oliver enquanto ele se afasta com a sua fatiota ridícula de cavaleiro.

— Representar é a única coisa que ele sabe fazer — faz notar Jules. — Se calhar ele não estava a tentar humilhar-te propositadamente.

— Tu não eras a minha melhor amiga? — pergunto-lhe. — De que lado é que estás?

— Do teu, obviamente. Só estou a dizer que talvez devesses dar-lhe um desconto. Ele anda na secundária há quanto tempo? Uma semana? Os caloiros demoram dois anos a perceberem exatamente como as coisas funcionam.

Olho para ela.

— Ele beijou a única rapariga da escola que me odeia de morte. Não, na verdade, ela daria um baile ao pé da minha campa e convidava a escola inteira.

— Bom, pelo menos temos de lhe dar pontos pela criatividade — diz Jules.

Oliver costumava ser criativo quando estava no livro. De cada vez que eu abria o conto, ele tinha uma ideia nova, um esquema maluco para conseguir sair do papel e estar comigo. Mas, nessa altura, as coisas eram diferentes.

Ele era diferente.

Quando Oliver estava no conto de fadas, eu pensava que ele me percebia melhor do que ninguém. Habituei-me ao facto de ele estar a páginas de distância. Mas tê-lo fisicamente e todo para mim era algo para que eu não estava preparada. Senti-lo entrar numa divisão antes mesmo de me virar e vê-lo. O cheiro da pele dele, que tem sempre o aroma a tinta fresca num livro novo. O calor da respiração dele no meu ouvido, sempre que ele sussurra o meu nome. Se o Oliver do livro era cativante, o Oliver a três dimensões é fantástico.

Quem diria que ver os meus sonhos concretizados ia ser tão mau? Quer dizer, eu devia estar mais feliz do que nunca. Pela primeira vez na vida, o tipo de quem eu gosto também gosta de mim e ele não é um rapaz imaginário. Contudo, aquele príncipe perfeito que costumava ser só meu, agora, tem

de ser partilhado com o mundo todo. E acho que não devia ser surpreendente que toda a gente adore Oliver, tal como eu. Mas isso não quer dizer que não me magoe ver isso acontecer.

Nas poucas semanas que Oliver passou na escola, até me apercebi de dois caloiros que tentaram imitar-lhe o estilo — calças de ganga clássicas, uma *t-shirt* de boa qualidade, mala de couro. Nos corredores, os rapazes estão atentos a tudo o que ele diz. As raparigas desviam-se do seu caminho para irem «acidentalmente» contra ele. Eu sei que ele não tinha a *intenção* de ser popular e ter toda a gente a agarrar-se a ele como se fosse o fio de um papagaio de papel. Para dizer a verdade, eu pensava que os maneirismos próprios de uma personagem de um conto de fadas iam fazer com que ele ficasse à margem automaticamente, tal como eu, mal caísse no mundo real. Mas isso não ia fazer mal, porque nos teríamos um ao outro.

Em vez disso, ele é o Zac Efron da nossa escola e eu continuo a não ser ninguém.

Oliver não percebe, porque não anda na escola pública há tanto tempo como eu. Ele acha que a vida é como o Disney World, com magia por todo o lado. Ele não se apercebe de que, quanto mais tempo passar com os miúdos populares, mais difícil será ficar comigo.

Não é que ultimamente, eu o tenha encorajado muito a fazer isso.

Eu já tinha ouvido dizer que o amor podia transformar as pessoas… mas nunca imaginei que eu fosse transformar-me *nisto*: um monstro ciumento. *Eu* não gosto da pessoa em que me transformei. Porque havia *ele* de gostar?

Já é suficientemente difícil ver toda a gente a querer um pedaço dele — um sorriso, uma conversa, um cumprimento — quando antes ele era só meu. Não consigo libertar-me da sensação de que, se ele continua a dar esses pedaços, no fim não vai sobrar nada para mim. E no momento em que entrei no auditório e o vi beijar Allie McAndrews, senti um terror que nunca antes tinha experimentado. Foi como estar dentro de um carro no momento em que nos apercebemos de que está a dar-se um embate. Ou ser atirado de um barco para um mar infestado de tubarões e descobrir que se está paralisado. Por muito que ele me diga que aquele beijo não significou nada, que ele estava a representar, como posso eu confiar nele? Como posso saber se ele não estava também a representar quando me disse aquilo?

Oliver vem de um sítio onde há apenas uma pessoa com quem ele deve ficar. Há literalmente só uma rapariga humana da idade dele no livro — Seraphima. Ele amou apenas uma rapariga porque nunca houve outra alternativa. Mas eu não posso deixar de pensar que aquele beijo o fez perceber que eu não sou a única opção que ele tem.

Porque, se me compararem com Allie McAndrews, eu perco. Sempre

Faço um esforço enorme por manter o contacto visual apenas com os condimentos que se encontram em cima da minha mesa, mas, pelo canto do olho, vejo Allie caminhar na minha direção com o seu séquito a reboque. Elas surgem penduradas nela como se fossem enfeites numa árvore de Natal. Endireito os ombros e tento recordar a mim mesma que, sem as suas seguidoras, uma menina

má nada mais é do que uma menina má.

Ela acerca-se da minha mesa, envolta numa nuvem de perfume *Chanel* e confiança.

— Oh não, Allie — diz Jules. — Alguém deixou a tua jaula aberta?

Allie lança um olhar na direção de Jules capaz de cortar aço e a seguir vira-se para mim.

— Olá, Deborah — diz.

— É Delilah. — A sério? Depois de eu lhe ter partido o joelho e o nariz, ela não sabe o meu nome? Francamente, não consigo distinguir se Allie está a ser intencionalmente má ou se é só muito estúpida.

Ela sorri, exibindo uma fiada de dentes perfeitos. Deve mascar pastilhas branqueadoras como quem come pastilha elástica.

— E não é que eu tive um pesadelo horrível ontem à noite? — diz Allie. — Sonhei que era tu. — Ela ri-se e o som ecoa entre o seu grupo.

Jules olha para ela com pena.

— É assustador pensar que permitem que pessoas como tu respirem.

Allie ignora-a. O olhar dela parece laser na minha cara.

— O teu namorado beija muitíssimo bem — diz ela baixinho.

— Já chega — diz Jules e levanta-se. — Baza, Allie.

Allie olha à sua volta, olha para tudo menos para Jules.

— Estás a ouvir aquilo? — replica ela. — É o som de ninguém a importar-se.

Allie e o seu exército saem do bar como se a sua saída tivesse sido coreografada.

— Não ligues ao que ela diz — diz Jules, que volta a acocorar-se ao pé de mim. — Ela é irrelevante.

Anuo e tento sorrir-lhe. Mas, lá bem no fundo, eu tenho medo de que Allie tenha razão. E que ninguém se importe.

Nem sequer Oliver.

Nunca me vou esquecer da manhã em que Oliver saiu do livro pela primeira vez e em que nos apercebemos de que estávamos juntos sem ser a duas dimensões nem presos num conto de fadas. Sentámo-nos nos degraus do alpendre de Jessamyn Jacobs, em Wellfleet, e Oliver agarrou-me a mão como uma criança agarra o fio de um balão, com receio de que ao soltar-me eu pudesse simplesmente levantar voo. Nós acreditávamos verdadeiramente que o pior já tinha passado e que a luta para conseguirmos que Oliver saísse do livro não encontraria par em nenhum outro obstáculo que viéssemos a enfrentar no futuro. O facto de Jessamyn viver em Wellfleet e eu estar a quinhentos quilómetros, no New Hampshire, não importava. Como não importava que Oliver tivesse de fingir que tinha sido Edgar a vida toda. Não importava que a minha mãe me fosse castigar para todo o

sempre por eu ter fugido. Nada disso importava, desde que nós os dois pudéssemos estar ali sentados naquele alpendre, abraçados.

Naquela altura, ele sentia o mesmo.

Uma das primeiras confusões com que nos deparámos quando Oliver se mudou era que Edgar tinha carta de condução, ao passo que Oliver nem sabia o que era um carro. Não podíamos propriamente pô-lo atrás de um volante sem acontecer uma catástrofe. Mas também não podíamos arriscar que Jessamyn lhe pedisse para ir de carro ao supermercado e ficasse surpreendida quando ele recusasse. Por isso, decidimos dizer a Jessamyn que ele se tinha tornado um defensor da natureza e que estava decidido a salvar o planeta sozinho e a reduzir as suas emissões de monóxido de carbono. Cabia-me a mim ensiná-lo a andar de bicicleta.

Primeiro, baixei o selim para que os pés de Oliver pudessem roçar o chão.

— Senta-te — disse-lhe eu. — Não ponhas os pés nos pedais. Empurra-a durante um bocado.

Oliver não tirava os olhos do chão.

— Sabes? É mais fácil andar a cavalo — resmungou ele. — Eles equilibram-se sozinhos.

— Eu teria começado por um triciclo, mas infelizmente não se fazem para o teu tamanho. — Esperei que ele olhasse para mim. — Confia em mim, está bem?

Oliver começou a empurrar-se pelo chão com mais força e alternava com momentos em que deslizava. Eu corria ao lado dele, mas ele não me deixava afastar-me e não conseguia percorrer mais de três metros sem se desequilibrar e cair nos meus braços.

— Não percebo — disse eu, depois de aquilo se ter repetido quinze vezes seguidas. — Tu trepavas torres. Saltavas entre páginas. Como é que não consegues fazer *isto*?

Ele abanou a cabeça e desviou os olhos dos meus.

— Não sei…

— Tenta outra vez — incitei-o. — Mas desta vez vou largar-te.

Ele montou a bicicleta, deu umas pedaladas trapalhonas para a frente e, aparentemente desafiando a gravidade, caiu da bicicleta. Oliver derrubou-me e caiu com todo o seu peso em cima de mim. Tinha os ombros a tremer e o rosto enfiado no meu pescoço.

Eu afastei-o, para tentar ver se ele estava ferido.

— Tu estás bem?

Mas quando Oliver rebolou estava a rir-se com tanta intensidade que não conseguia recuperar o fôlego.

— Desculpa. Não consegui resistir. Eu percebi logo à primeira, mas tu ficas tão gira quando estás frustrada.

Naquela altura, parecia que eu nunca ia conseguir zangar-me com ele. Quando é que deixámos de estar na fase de lua de mel?

Estou deitada na minha cama, a olhar para o teto, com *Humphrey* aconchegado ao meu lado. A

minha mãe diz que, apesar de o cão ter sido um presente para ela, mais parece que é meu. Ele passa a maior parte do dia na minha cama quando eu estou na escola e ama-me incondicionalmente.

Pelo menos *alguém* me ama.

Há apenas alguns dias, eu estava aqui mesmo, nos braços de Oliver, quando apareceu uma mensagem. Quando ele tirou o livro da estante e o abriu, o sangue congelou nas minhas veias. E se bastasse uma recordação de quem ele fora antes para o levar para fora deste mundo? E se o simples facto de abrir as páginas fosse como dizer adeus?

Mas nenhuma das personagens admitiu ter escrito aquele pedido desesperado.

Porém, a verdade é que alguém o *fez*.

Oliver sabe disso. Mas optou por ignorar que alguém no livro está a precisar dele desesperadamente.

Será por recear ter de trocar a sua liberdade pelo regresso ao livro? E, se ele *tiver* receio, será porque não me quer deixar… ou porque não quer deixar *este mundo?*

Parece-me estranho que, depois de termos visto a mensagem, ele não tenha ficado a debater-se com a questão. Afinal, não foi assim há tanto tempo que me enviou uma mensagem igualmente desesperada.

Não consigo libertar-me da sensação de que talvez ele estivesse a usar-me; que eu fosse apenas uma mão para o puxar, um meio para atingir um fim. E se ele estivesse apenas a representar, fingindo que eu era importante para ele por ser a maneira de conseguir sair do livro e, agora que está aqui, eu sou dispensável?

Lá está aquela palavra outra vez, *representar*.

Sinto um nó na garganta. Estarei assim tão desesperada para ser amada que me deixo enganar com tanta facilidade?

Quem me dera nunca ter conhecido Oliver. Porque, nesse caso, agora eu não saberia o que estava a perder.

Ouço o som de uma campainha, vindo do meu portátil que se encontra pousado em cima da secretária. O ecrã ilumina-se, ganhando vida. No ecrã aparece a imagem de um telefone e, por baixo, o nome: PRÍNCIPE ENCANTADO.

Fui eu que lhe dei aquele nome no Skype.

Rebolo na cama, estendo a mão até ao teclado e rejeito a chamada. Duvido que Oliver possa dizer-me alguma coisa que me faça sentir melhor. E não sei o que lhe diria neste momento. Parece que, quanto mais triste me sinto, mais projeto isso nele. E certamente que isso não vai fazer com que ele queira ficar comigo.

Na verdade, conhecendo-me, sou capaz de ter estragado as coisas a tal ponto que a esta hora já deve estar tudo acabado.

Eu posso estar zangada com Oliver, mas estou ainda mais furiosa comigo mesma.

Enrolo-me na cama, abraçando os joelhos junto ao peito e a chorar convulsivamente. Não é uma imagem bonita. Eu estou praticamente a chorar em triplicado e liberto secreções dos olhos, do nariz e da boca ao mesmo tempo. Para não ser ultrapassado, *Humphrey* gane também.

A porta abre-se e a minha mãe apressa-se até junto de mim, agarrando-me pelos ombros.

— O que é que se passa? — A voz dela é como um balde de água fria. — Estás doente? Dói-te alguma coisa?

Aninho-me nos braços dela, como fazia quando era pequena e achava que a trovoada era um monstro que atravessava o meu quarto a correr e partia as árvores à sua passagem. Tenho a cara inchada e vermelha.

— Acho que fiz asneira.

— Precisas de ajuda para esconder o corpo? — pergunta-me a minha mãe.

Afasto-me e olho para a cara dela.

— O quê? Não!

— Não há nada que não se resolva. — A minha mãe faz-me festas no cabelo. — Isto tem alguma coisa a ver com um certo rapaz que tem passado aqui muito tempo?

— Nós tivemos uma grande discussão. A seguir ele tentou resolver a situação e basicamente eu corri com ele porque sou a maior idiota do mundo. E agora vou ser a maior idiota do mundo *sozinha*.

A minha mãe abraça-me com mais força.

— Estar sozinha não é uma catástrofe.

— É fácil para ti dizeres isso. Tu tens o Greg.

— Mas durante muitos anos não tive. Só te tinha a ti. E isso era suficiente.

— É tão triste — lamento-me e enfio a cabeça na almofada. — Eu vou ser a miúda que leva a mãe ao baile de finalistas.

— Eu tenho as minhas dúvidas que isso aconteça — diz a minha mãe. — Vai haver muitos outros rapazes na tua vida até encontrares o tal.

— Eu não quero outros rapazes. Quero o Ol… — Corrijo-me a tempo. — Quero o Edgar.

A minha mãe afasta-se de mim, séria.

— Delilah — pergunta-me ela —, tu ama-lo?

O amor é assim tão difícil?

É precisar tanto de estar com uma pessoa que, quando não se está, não se consegue respirar? É querer matar alguém por nos fazer ter vontade de morrer quando ele olha para outra rapariga? É querer estar com ele a toda a hora, mas saber que isso é pedir demais?

É entregar o nosso coração nas mãos de alguém, dando-lhe igualmente o poder de o despedaçar?

Uma nova onda de lágrimas corre-me pelo rosto.

— Que diferença é que isso faz? Provavelmente nunca mais vou voltar a vê-lo.

— Sabes? — diz a minha mãe. — Eu não teria assim tanta certeza disso.

Ela levanta-se da cama e chama *Humphrey* para ao pé dela. Quando me viro, vejo Oliver junto à porta.

— Eu bati à porta mas ninguém abriu… por isso, fui entrando — exclama Oliver. — É uma má altura?

— É a altura perfeita — responde a minha mãe, que entretanto sai do quarto. Após uma breve hesitação, ela agarra a maçaneta da porta e fecha-a.

Eu sento-me e abro a boca, mas Oliver ergue a mão para me impedir.

— Não fales — diz-me. Ele caminha na direção da cama, detendo-se a um palmo de distância. — Tu tens tentado transformar-me num estudante da escola secundária, mas, quando eu tento comportar-me como um, tudo se desmorona. Isso acontece porque eu *não sou* um aluno do secundário. Eu sou um príncipe. É o que sempre fui e, independentemente do mundo onde viva, é o que sempre serei. Eu percebo que as coisas não pareçam estar bem entre nós neste momento. Mas as coisas entre nós não acabaram.

Ele dá um passo na minha direção.

— Eu sei o que isto é. É nesta altura que eu mato o dragão para subir à torre, matar o vilão e arriscar a minha vida para ficar contigo. É a parte difícil. É neste momento que tu te sentas na beira da cadeira para veres a melhor parte e que finalmente soltas a respiração que nem tinhas percebido que estavas a conter. — Quando ele engole, vejo um músculo mexer-se na sua garganta, mas ele não se move. — Isto não é o fim. Não é assim que acabam os contos de fadas.

— Se isto não é o fim — questiono-o —, então o que é?

Ele pega-me nas mãos e puxa-me até eu ficar de pé.

— Esta é a parte em que eu te olho nos olhos — diz Oliver, de olhos fixos nos meus —, tomo-te nos meus braços — puxa-me contra o seu peito — e digo: Delilah McPhee, eu amo-te.

A boca dele fecha-se sobre a minha, roubando-me o fôlego e todas as minhas dúvidas. As mãos dele emaranham-se no meu cabelo e prendem os meus lábios aos dele. Eu mergulho nele, como se o calor do seu corpo esteja a derreter o meu.

Não se trata de um beijo qualquer. Este beijo é uma estrela cadente, o grande final de um fogo de artifício, um tremor de terra, que faz o tempo parar e nos faz girar dentro de um universo feito para dois.

É isto que o amor é: nunca querer desistir.

Afasto-me ligeiramente dele, deixando um espaço onde apenas caberia uma promessa.

— Oliver — digo-lhe —, eu também te amo.

Como pode o amor parecer tão violento?

Rendemo-nos.

Somos atingidos pela seta do Cupido.

Corremos o risco de nos partirem o coração.

Visto do exterior, isto parece incomportavelmente doloroso, algo que não vale o esforço. Contudo, fazemo-lo todos os dias. E queremos sempre mais.

Porquê?

Se o amor não fosse tão arriscado, talvez não ansiássemos tanto por ele.

Talvez para funcionar tenha de ser brutal. As pessoas têm uma enorme diversidade de formas e tamanhos e, para as fazer encaixar na perfeição, é preciso fazer alguma força.

Mas vocês sabem o que se costuma dizer acerca dos traumas que curam. Eles fazem-nos sempre mais fortes.

EDGAR

Da primeira vez que a vi, não me apercebi, mas dou-me agora conta de que a casa de Orville me é familiar.

É praticamente uma réplica de uma cabana que a minha mãe e eu alugámos no Maine num certo verão. Não havia eletricidade e, ao longo de toda a semana, viveu uma aranha do tamanho da minha mão no nosso chuveiro — porque nenhum de nós lhe quis tocar. A madeira lascada da porta de Orville tem um nó ao centro que faz lembrar Gandhi, tal como acontecia na porta da casa do Maine. E, à semelhança do que acontecia na cabana, o teto cede um pouco do lado esquerdo, aparentemente prestes a cair.

Penso nestes pormenores ocultos da vida da minha mãe, que ela polvilhou para dentro do conto de fadas como *déjà-vus.* Tenho de admitir que me agrada de alguma maneira vê-los. É como quando ela me deixava bilhetinhos na lancheira da escola, para me mostrar que, mesmo quando não estava lá, ela continuava a pensar em mim.

Estou a sair da página onde se encontra a casa de Orville e a atravessar para a praia quando, de repente, *Socks* galopa até se encontrar no meu campo de visão e detém-se à minha frente.

— Isto é um desastre — lamenta-se. — É catastrófico. O mundo é bem capaz de estar a acabar.

Sem sequer olhar para ele, respondo-lhe:

— Tu estás muitíssimo bem, *Socks*.

Estou acostumado a estas manifestações dramáticas de baixa autoestima por parte do cavalo quando ele fica de rastos com o surgimento de uma pretensa ruga ou de uma covinha de celulite.

— Eu não estou a falar de *mim* — escarnece *Socks*. — Credo, achas mesmo que eu sou assim *tão* egocêntrico? — Faz uma pausa. — Espera, é isso que as pessoas andam a

dizer de mim?

— Eu não tenho tempo para isto — respondo-lhe. — Onde é que está o *Frump*? Está aqui toda a gente à espera dele.

Está toda a gente reunida na praia para a nossa corrida matinal, à exceção do nosso líder, que ainda não apareceu.

Socks revira os olhos.

— É precisamente isso que estou a tentar dizer-te. O *Frump* não quer sair da casota. Julgo que *sou capaz* de saber alguma coisa sobre como é fecharmo-nos no estábulo por causa de um assunto relacionado com a nossa aparência…

O capitão Crabbe aproxima-se de nós.

— Peço desculpa por estar a ouvir a conversa, mas são outra vez as pulgas. Se eu fosse a ti, pedia às sereias para prepararem um belo esfoliante à base de sal antes de voltar a deixá-lo aparecer em público.

Socks suspira.

— Vai ser preciso mais do que um tratamento de *spa* para resolver esta situação.

Respiro pesadamente.

— Muito bem. Onde é que ele está?

— Peço desculpa? — Sinto uma palmada no ombro e viro-me. A rainha Maureen tem uma expressão apologética. — Desculpa incomodar-te, querido. Mas há alguma hipótese de me poderem pôr a par do que se está a passar, a mim e aos meus companheiros? Está demasiado calor para andar com este fato galáctico e as pessoas estão a ficar um pouco agitadas.

Salto para cima do tronco de onde *Frump* costuma dirigir-se às personagens.

— Senhoras e senhores… e, hum, *trolls*. Estamos com algumas dificuldades técnicas. Por favor, aguardem. — Dito isto, desço do tronco e salto para a garupa de *Socks*. — Vamos lá acabar com isto — declaro.

Por trás do castelo ficam os estábulos reais e as capoeiras dos pavões. É também ali que se encontra o pombal que será usado durante o casamento, na página final do conto. Nele, as aves repousam entre as leituras. Encostada à porta das traseiras da cozinha há uma pequena estrutura roxa com rebordo branco. Trata-se da miniatura de uma casa vitoriana com persianas e canteiros de flores. O único elemento que a denuncia como sendo uma casota de cão é a aba oscilante que faz de porta.

Quando cheguei ao livro, a rainha Maureen ofereceu a *Frump* um quarto no castelo. Afinal de contas, agora ele é humano. Ele passou duas noites lá, alternando entre o colchão e o chão e acabou por decidir que descansava melhor na sua casota.

— *Frump* — chamo e bato na parede da casota. — O que é que se passa?

— Não entres, Edgar — grita ele. — Só preciso de estar sozinho um bocado.

— Se não me disseres qual é o teu problema, não te posso ajudar.

Frump hesita.

— As coisas estão a ficar um bocado cabeludas.

Olho para *Socks*, que encolhe os ombros. Se é que um cavalo pode encolher os ombros.

— Está tudo bem. Eu ajudo-te a delegar tarefas para não te sentires tão assoberbado. Sai cá para fora e vamos conversar.

Ouve-se o restolhar do plástico e a porta da casota abre-se. *Frump* rasteja para o exterior e levanta-se. Os braços dele estão peludos. A cara dele está coberta de barba e suíças.

— Não, eu quero dizer literalmente — diz ele, desanimado. — As coisas estão mesmo a ficar cabeludas.

Socks sustém a respiração.

— Bendito seja Abraham Lincoln.

— A cauda…? — pergunto-lhe, esperançoso.

— Ainda aqui está.

Digiro a informação.

— Isto resolve-se! — exclamo. — Nós conseguimos resolver a situação.

Socks debruça-se para a frente e reduz a voz a um sussurro.

— A fada Glint faz uma depilação integral supersuave. — Ele desvia o olhar. — Não é que tenha experiência pessoal no assunto ou coisa do género.

— Olha para o lado positivo — aconselho-o. — Não te cresceram as orelhas.

— Espera mais um dia — responde *Frump*, desolado.

— Olha, não tens motivo nenhum para ter vergonha e ninguém te vai dizer nada. Estás entre amigos — digo-lhe.

Frump abana a cabeça.

— Eu não quero que ela me veja assim.

Socks rompe num pranto.

— Esta é a história de amor mais trágica de sempre. É como a de Cleópatra e Marco António. Ou de Píramo e Tisbe. Ou da Bela e do Monstro.

Ranjo os dentes.

— Tu *não estás* a ajudar, *Socks*. Recompõe-te e vai dizer ao Orville que vá ter connosco a casa dele.

Socks funga.

— Está bem. — *Socks* afasta-se a trote, ainda cabisbaixo.

Pouso a mão no ombro de *Frump*.

— Eu sei que ela já te viu como cão.

— Mas ela só começou a dar-me atenção quando eu me tornei humano — lamenta-se *Frump*. — Eu não posso voltar a ser invisível para ela.

— Não tem de ser assim — prometo-lhe. — Eu certifico-me disso.

Frump coça-se atrás da orelha.

— Eu sei que o Oliver deixou um lugar muito difícil de ocupar. Mas… tu és um bom amigo, Edgar.

Antes de eu ter entrado para o livro, era mais provável encontrarem-me no meu quarto sozinho, com o comando de uma consola na mão, do que na companhia de outro ser humano. O mais perto que estive de fazer amigos foi com avatares de estranhos em batalhas *online*. Ter alguém que não se limita a querer andar comigo mas que também procura a minha ajuda — e que acredita que eu poso mesmo fazer a diferença — bem, é algo que eu nunca tinha vivido antes.

— Tu também és um bom amigo, *Frump* — respondo-lhe, perguntando-me se ele terá a noção de que eu preciso tanto dele como ele precisa de mim.

Sucede que eu nunca chego a ir à cabana de Orville. Estou a meio do caminho quando o livro é aberto de repente e eu dou por mim a dar mortais entre as páginas, até aterrar na Praia da Eternidade com a boca cheia de areia. Claro que, como o livro foi aberto, as personagens estão todas lá. Mas apercebo-me de que *Frump* está escondido atrás de uma rocha gigante, enrolado dos pés à cabeça num dos mantos de Rapscullio. Enquanto me sacudo, olho para as lágrimas que estão no cimo da página e vejo Oliver e Delilah debruçados sobre nós.

— Eu ainda me estou a habituar a isto — digo eu e faço uma careta. — Vocês podiam seu um bocado mais delicados.

Oliver parece furioso.

— Bom e se calhar tu podias parar de nos interromper cada vez que nós estamos a começar…

— Oliver! — interrompe-o Delilah. Ela abana ligeiramente a cabeça, tentando que ele se cale. — Recebemos outra mensagem.

Ela vira outra vez o livro e o mundo anda à volta.

— Por amor de Deus — murmuro. — Alguns de nós ainda se estão a adaptar à última chicotada.

Numa vista panorâmica do quarto, aparece estendido em cima da cama dela um cão que parece um parente afastado de *Frump*. A pairar sobre a cama, vê-se uma correnteza de letras, que formam a expressão: EU PRECISO DE TI.

O livro anda à volta e Oliver crava o olhar em nós e agarra as folhas com tanta força que o mundo se dobra nos cantos das páginas.

— Qual de vocês é responsável por isto? — pergunta ele num tom desafiador, que faz a sua voz ecoar pela praia.

Todos olham à volta, desconfortáveis, à espera de que alguém se acuse. A curiosidade espalha-se como se fosse uma febre. Poderá ter sido *Frump*, na esperança de que o amigo o salvasse de voltar à sua existência em quatro patas? Ou Seraphima, com saudades do seu (falso) verdadeiro amor? É possível que tenha sido a maneira de o capitão Crabbe o recordar do seu *check-up* anual no dentista? A rainha Maureen a tentar reconquistar o seu filho ficcional? Ou o próprio Rapscullio que materializou acidentalmente o seu desejo secreto na tela errada?

Se quisermos ser rigorosos, todas as personagens que se encontram na praia têm um motivo para desejar que Oliver regresse.

Pressiono o elenco e continuo:

— Então? Quem é? Qual de vocês anda a escrever estas mensagens?

Sou presenteado com silêncio.

— Muito bem — diz Oliver. — Se ninguém vai admitir, eu próprio vou descobrir quem foi. Edgar, Rapscullio? Vão ter comigo à página seis.

Desta feita, eu ganho vantagem, passando as páginas como um fantasma a atravessar paredes, ao mesmo tempo que Oliver e Delilah andam com as páginas do livro para trás. Aterro, ofegante, no covil de Rapscullio, onde derrubo uma pilha de telas. Em cada uma delas está um retrato da rainha Maureen. Olho para Rapscullio.

— Que esquisito, meu.

Ele encolhe os ombros.

— Não me culpes a mim. Eu fui concebido assim.

O covil é uma gruta escura e estreita, iluminada por velas de sebo. Nas fendas das paredes há aranhas escondidas e os ratos circulam pelo chão, como se fossem sombras em movimento. Tudo ali parece um pouco húmido e ouve-se um som de gotejar, sumido mas incessante, vindo das estalactites.

Enquanto esperamos que Rapscullio encontre o cavalete, olho para Oliver.

— Então? Como está a minha mãe? — pergunto-lhe.

— Ela é uma cozinheira fantástica — responde ele, animado.

— Não — repito. — Eu quero saber como é que a minha mãe está.

— Ela parece cansar-se com facilidade.

Eu encolho os ombros.

— Ela está sempre cansada. Se não beber cinco cafés por dia, estás a viver com uma impostora.

De súbito, Rapscullio interrompe-nos, colocando o cavalete mágico à nossa frente e no centro. Nele está pintado um cenário correspondente ao quarto de Delilah. Ao centro encontra-se uma mensagem igual à que Oliver nos mostrou.

Rapscullio tira a tela da moldura e sacode-a como se fosse um daqueles quadros para as crianças desenharem onde se pode apagar o desenho e ele quisesse fazer isso mesmo. Mas não acontece nada.

— Hum… — diz ele num tom reflexivo. — Alguma coisa não está bem.

Ele pousa a tela novamente no cavalete, pega num pincel, mergulha-o numa lata e cobre as letras. Um de cada vez, cada volta e cada traço desaparece.

— Desapareceu? — pergunto, olhando para Oliver.

Ele desvia o olhar do livro, erguendo o queixo.

— Sim — diz, e suspira de alívio. — Mas isso não responde à pergunta acerca de quem escreveu a mensagem. Há alguém no livro que precisa de ajuda e não podem esperar que eu viva com um pé em cada um dos mundos. Estas pessoas agora são tuas, Edgar. É suposto que as mantenhas debaixo de olho.

O meu rosto fica vermelho de raiva. Quando *Frump* me pediu ajuda, pensei que estava finalmente a chegar a algum lado… que me estava a tornar uma parte integrante desta comunidade. Mas o facto de Oliver ter recebido outra mensagem significa que dei um passo em frente e três para trás. Quer dizer, ele devia saber, melhor do que ninguém, como é difícil viver dentro deste livro. Não preciso que me dê sermões sobre responsabilidade depois de tudo o que fiz por ele.

— A sério? São *minhas,* estas pessoas? Porque não lhes dizes isso a elas? Talvez nessa altura elas deixem de *te* escrever a ti a pedir ajuda.

Oliver inclina-se sobre o livro e grita.

— Não me culpes a mim por não teres a habilidade necessária para ser a personagem principal.

— Parem, vocês os dois — admoesta-nos Delilah. — Podem parar os dois de comparar egos.

— Err… — Rapscullio aclara a garganta. — Acho que vocês têm de ver isto.

Sigo o olhar dele na direção do cavalete. Sem um pincel, uma caneta ou um artista à vista, as letras começam a reescrever-se na tela: EU PRECISO DE TI.

Viro-me para Rapscullio.

— És tu que estás a fazer isto? É magia?

— Eu não estou a fazer nada — garante-me ele.

Ficamos todos a olhar para a tela e vemos as letras serem reabsorvidas e desaparecerem como se fosse tinta invisível. Passado um instante, elas reescrevem-se, voltam a desaparecer e assim sucessivamente.

— Oliver! — grita Delilah. — Socorro!

Eu e Rapscullio desviamos o olhar da tela e vemos que o quarto de Delilah está cheio de curvas e círculos pretos das letras. Elas podem estar a desaparecer no nosso mundo, mas continuam a surgir no dela, formando como que um enxame no ar. O cão que se encontra no quarto de Delilah ladra e tenta morder as letras repetidas. Estas enroscam-se no cabelo da rapariga, incomodando-a. Oliver luta com as letras, tentando afastá-las, mas elas enrolam-se em torno dos punhos dele e puxam-lhe os braços para baixo, para o lado do corpo, prendendo-o. E as palavras continuam a aparecer, flutuando no espaço entre eles, tornando o ar preto e afogando-os em linguagem.

Rapscullio, que se encontra ao meu lado, pega na tela e esmaga-a contra a parede de pedra da gruta, partindo a moldura em duas. Enfia depois a bota no meio da estrutura.

Naquele momento, todas as letras do quarto de Delilah caem ao chão e ela e Oliver ficam com tinta pelos tornozelos.

— O que foi *aquilo*? — pergunta Delilah, ofegante.

— Ninguém enviou aquela mensagem — murmuro. — A tela estava a escrever nela própria.

— Não é a tela. — Viro-me ao ouvir o som da voz de *Frump*. Ele passa pela porta, em quatro patas, novamente transformado em cão. Senta-se sobre os seus quadris e ergue uns olhos tristes para o cimo da página, cruzando o olhar com o de Oliver. — É o livro que se está a corrigir.

Oliver fica desolado.

— *Frump* — sussurra ele. — Porque é que não me disseste?

As orelhas de *Frump* descaem.

— Porque, se eu não te dissesse, isto podia não ser real.

— Eu pensei que talvez o Orville pudesse fazer alguma coisa — respondo. — Vale a pena tentar, certo?

Oliver tenta fazer um sorriso encorajador, mas *Frump* parece sentir-se derrotado.

— Se calhar, andámos a enganar-nos a nós mesmos — suspira. — Se calhar não podemos fingir ser quem não somos.

Oliver abraça Delilah pela cintura.

— Muito bem — diz. — Nós não vamos desistir sem antes lutarmos.

A casa de Orville fica apinhada depois de se terem enfiado lá dentro dois humanos, um cão e um cavalo. Uma vez que Oliver e Delilah insistem em estar presentes quando tentamos desfazer a transformação de *Frump* num cão, ficamos sujeitos às convenções do livro. Temos de escolher uma página que inclua todas as personagens necessárias no sítio certo. Na página 32 do livro original, Oliver, *Frump* e *Socks* deslocam-se à casa de Orville para este mostrar o futuro a Oliver. Na minha versão adaptada da história, a cena é substancialmente melhorada. O barracão velho de Orville dá lugar a um laboratório ultramoderno, no qual ele prepara poções que desafiam a gravidade e ADN extraterrestre.

Por cima de mim, ouço Oliver a assobiar baixinho.

— Agrada-me o que fizeste a este espaço

Frump anda às voltas debaixo de uma mesa.

— E se isto não resultar? — pergunta.

— Tentamos outra coisa — insiste Oliver. — Não é, Orville?

O velho feiticeiro, que enverga agora uma bata de laboratório e óculos protetores, anui.

— Vamos ver o que é que tenho aqui.

Ele desencanta o velho livro de feitiços que fazia parte do conto antes de eu ter chegado, sopra o pó que se acumulou na capa e começa a folheá-lo.

— Invisibilidade… não, não… maçã envenenada… não é isso… uma abóbora transformada em carruagem… definitivamente não…

Ouve-se um chocalhar do outro lado da sala e todos erguemos o olhar. Vemos então *Socks* a caminhar delicadamente por cima de uma pilha de vidros partidos.

— Ups — diz ele. — Fiz asneira. Por acaso não tens nada para o acne em adultos, pois não?

Cinco pares de olhos cravam-se nele.

— Não? Não é um bom momento? Tudo bem. Ótimo. — *Socks* baixa a cabeça.

— Ah, acho que tenho aqui uma coisa que vai funcionar — diz Orville. Puxa os óculos para o cimo da cabeça, revelando um par de óculos graduados por baixo deles. — Trata-se de um feitiço de desejos. Só pode ser usado uma vez por pessoa.

Oliver fica pasmado.

— Espera aí. Estás a *gozar* comigo? Tu tiveste isto o tempo todo?

Orville olha para ele.

— Quando era pequeno, li que foi usado uma vez e os efeitos secundários foram catastróficos. Um tipo chamado Midas, que desejou ter uma fortuna inigualável e que tudo o que ele tocasse se transformasse em ouro. Não correu lá muito bem, porque a família dele foi toda transformada em estátuas. Se tu quisesses dar o teu coração à Delilah, rapaz, era possível que ela acabasse por ficar com dois órgãos no seu peito e tu caísses morto no chão à minha frente.

— Ah, *fantástico* — resmunga *Frump*. — Faz de mim um rato de laboratório.

— Tecnicamente — comenta *Socks* —, tu és um cão. — Ele olha para cima e encolhe-se, quando vê a expressão de *Frump*. — Foi cedo demais?

Orville começa a circular pelo laboratório, pega em vários frascos que despeja num caldeirão de titânio.

— Desespero — diz, ao mesmo tempo que despeja o conteúdo de um dos frascos. — Desejo. Uma pitada de pó de estrelas. — Deita um trevo de quatro folhas. — Um pouco de sorte. — Deita, por fim, pó de prata no caldeirão. — Uma colher de esperança — anuncia. Quando o ingrediente entra em contacto com o líquido que se encontra dentro do caldeirão, aquele começa imediatamente a borbulhar.

Uma névoa azul espessa sobe acima do rebordo do caldeirão, formando um ecrã aquoso, no qual se reflete a seguinte pequena mensagem.

AVISO

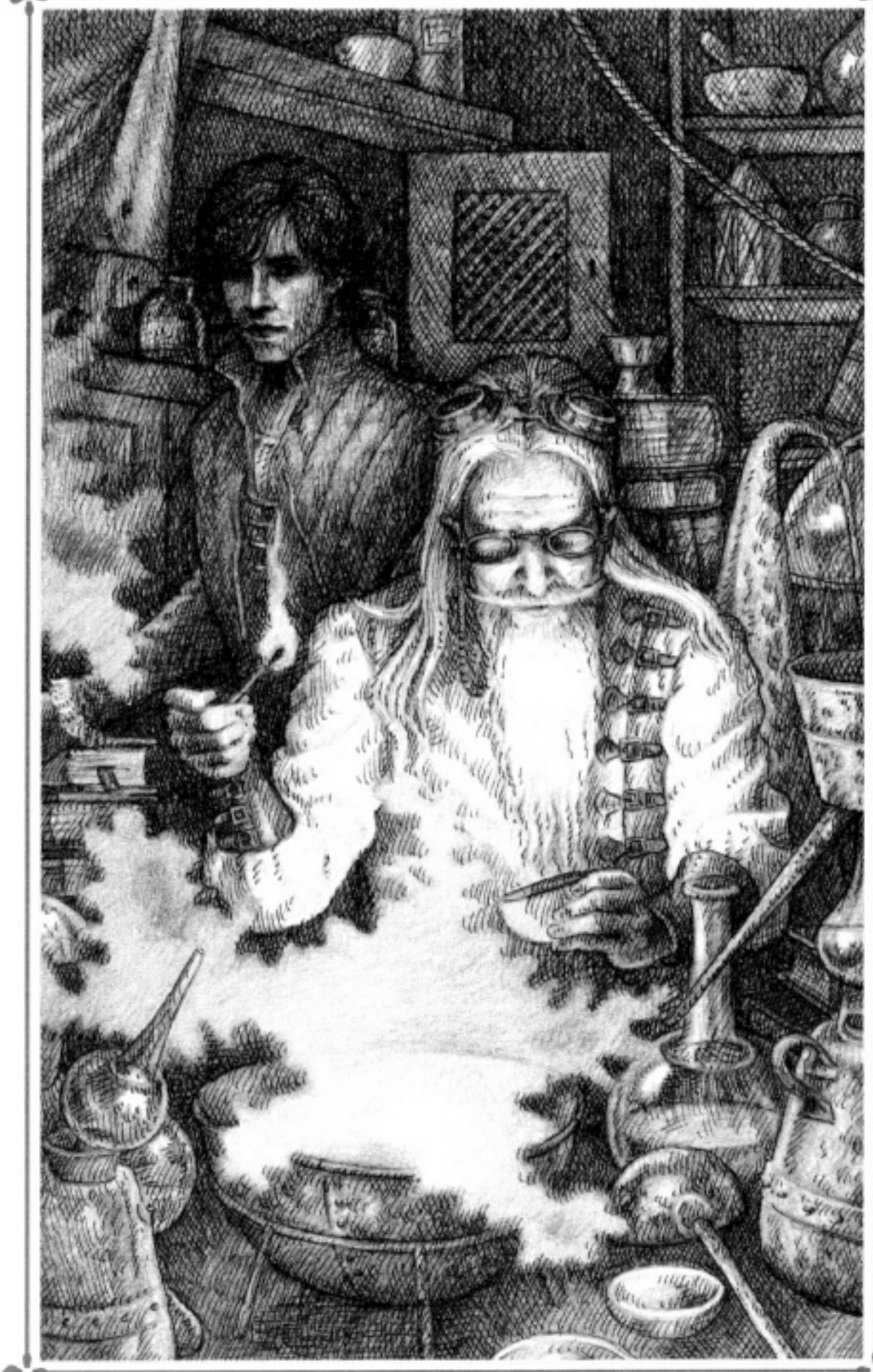
Certificai-vos que, quando fordes tomar esta poção, o vosso feiticeiro tem conhecimento. Não deve ser usado por crianças com idade inferior a doze anos. Avisai o vosso feiticeiro se sentirdes dores no peito, boca seca ou um terceiro olho a nascer. Esta não é uma poção de amor. Não pode ser-vos atribuído o amor de alguém. Este medicamento não pode ser usado em simultâneo com o Tónico da Vingança, pois tal pode provocar efeitos secundários graves. Cuidado com o que desejais e, por favor, formulai os vossos desejos com responsabilidade.

— Este produto não foi testado em aninais —

— Se não foi testado em animais, como sabemos o que me vai fazer? — pergunta *Frump*.

Orville olha para ele com uma expressão grave.

— Não sabemos.
— Tu não tens de fazer isto — diz Delilah calmamente. — Tu és perfeito como és.
— Bem, nem toda a gente pensa o mesmo.



Oliver estende a mão para o livro, mas detém-se quando se apercebe de que já não pode fazer-lhe uma festa para o reconfortar.

— Sabes, *Frump*? Há mais raparigas no universo.

Frump limita-se a fitá-lo.

— A sério, Ollie? Há mesmo?

Oliver pega na mão de Delilah.

— Não — admite. — Não há.

— Então põe essa mistela na minha taça da comida — diz *Frump* com uma voz mais forte.

Orville serve a poção com uma concha para um prato e coloca-o no chão, para *Frump*. Este aproxima-se do prato lentamente e vê o líquido a reluzir. Olha para mim.

— Se isto não resultar… tu dizes-lhe? Contas à Seraphima que eu tentei?

Eu anuo. A névoa azul envolve o focinho de *Frump*. Ele fecha os olhos, debruça-se e para.

— Oliver? — pergunta ele numa voz muito débil. — O que é que tu fazes quando estás assustado?

Oliver fita-o.

— Lembro-me de que o meu melhor amigo está sempre ao meu lado. E de repente as coisas já não são tão assustadoras.

Frump baixa o focinho e bebe a poção.

O chão debaixo de mim começa a chocalhar e as paredes parecem comprimir-se, apesar de o livro estar aberto. Ouve-se um rugido ensurdecedor que abafa o som de Delilah e de Oliver a gritarem pelos nossos nomes. O laboratório estica-se e contorce-se, como se estivesse a ser virado do avesso, e o livro fecha-se com um estampido definitivo. Por fim, aparece uma luz branca ofuscante e todos os vidros do laboratório de Orville despedaçam-se.

A minha visão demora um instante a ficar límpida. Olho para o cimo da página, mas Delilah e Oliver desapareceram. Orville está deitado de costas, com as lentes dos óculos partidas. Senta-se e leva a mão à cabeça. Desafiando todas as probabilidades e a lei da gravidade, *Socks* encontra-se dentro da bacia do lava-louça em posição fetal.

Viro-me para o sítio onde *Frump* devia estar, mas ele desapareceu.

Caramba. Aquilo resultou mesmo?

— Onde é que ele está? — pergunta Orville, olhando à volta.

— *Socks*, sai de dentro do raio do lava-louça antes que se parta. Preciso que galopes

entre as páginas e vejas o que consegues descobrir… — Mas, antes de eu conseguir terminar a frase, a bata de Orville, que foi atirada para o lado durante a explosão, começa a mexer-se.

Rastejo até junto dela e levanto o tecido.

O cão que se encontrava no quarto de Delilah abana alegremente a cauda à minha frente. A língua dele sai da boca e enrola-se estranhamente para formar uma palavra.

— Olá, eu sou o *Humphrey* — diz ele. — És o meu novo melhor amigo?



OLIVER

O livro salta-me literalmente das mãos e mergulha num mar de tinta no chão do quarto de Delilah. Baixo-me e começo a pescar por entre uma massa de letras pretas que me escorregam entre os dedos como se fossem enguias, tentando encontrar o conto de fadas.

— Hum, Oliver — sussurra Delilah. — Temos aqui uma pequena situação.

Olho para cima e puxo um *U* que se agarrou à minha manga e vejo Delilah a olhar para o cão que se encontra em cima da cama dela.

O cão que não é o *Humphrey*.

Se não olhássemos com atenção, talvez não nos apercebêssemos. Mas o cão é ligeiramente maior e mais velho e as manchas dele foram reposicionadas. E tem um brasão real na coleira.

— *Frump*? — arquejo.

Ele abre a boca para falar, mas, em vez disso, tudo o que sai dela é um pequeno latido. O animal abre os olhos, aterrorizado.

— Calma, rapaz — encorajo-o. — Tem calma e tenta novamente.

Desta feita, ele ladra de forma clara.

— *Okay* — diz Delilah. — Eu estou a passar-me de todo. Como é que ele saiu do livro? E o que é que aconteceu ao *Humphrey*?

Frump coça o pescoço e a seguir salta da cama, para o meio da confusão linguística que está no chão, com palavras a saltarem para o ar ao acaso, e desaparece. Ele tenta subir, rema com as

patas até à secretária de Delilah e salta para a cadeira dela. Depois rói o lápis e, com ele preso entre os dentes, começa lentamente a rabiscar letras numa folha.

TROQUEI.

Deslizamos os dois até junto da secretária para lermos a resposta.

— Como? — pergunta Delilah.

Frump começa a escrever mais uma mensagem.

DESEJO.

— Pensava que tu querias ser humano outra vez — digo. — Mas que raio é que tu desejaste?

Frump balouça sobre os quadris e fita-me com… bem com uns olhos de cachorro fofinho. Arrebita o focinho e gane uma palavra óbvia.

— TUUUU.

— Não percebo — digo eu.

— É o mesmo princípio que aconteceu contigo e com o Edgar — explica Delilah. — A forma de tu saíres do livro foi substituindo-te por alguém suficientemente parecido contigo, de modo que o livro tolerasse a mudança. Caso contrário, teria sido corrigido.

— Então o *Frump* está mesmo aqui? Para sempre? — Abraço-me ao pescoço dele. Isto é demasiado perfeito para ser verdade. Agora tenho tudo o que quero no mesmo sítio.

Frump começa novamente a rabiscar na secretária.

VOZ?

Delilah e eu entreolhamo-nos.

— Dá-nos licença só por um minuto — digo a *Frump*. Puxo Delilah para o lado e aproximo-me dela para ele não ouvir. — Deve haver alguma coisa que nós possamos fazer por ele.

— Oliver! — responde-me ela. — Ele é como a Pequena Sereia. Trocou a voz por ficar com o príncipe.

— Ele não é sereia nenhuma. Estás a falar do *quê?*

— Desculpa, Oliver. Neste mundo, os cães não falam. — Ela olha de relance para a secretária. — Já é praticamente um milagre que ele saiba escrever.

— Eu vou levá-lo comigo para casa. Havemos de arranjar uma solução.

— Não podes levá-lo. Ele não é teu — responde Delilah. — Com um bocado de sorte, a minha mãe vai continuar a achar que é o *Humphrey*. Seria tremendamente útil se tu o conseguisses convencer a ser um pouco menos humano até arranjarmos uma maneira de o enviarmos de volta para o livro.

— Espera aí — digo. — Porque é que ele tem de voltar para lá?

— Ele não pertence aqui.

Eu hesito.

— Eu podia argumentar que também não pertenço.

Ela segura-me pelos pulsos e ergue os meus braços entre nós.

— Nunca mais voltes a dizer isso. Tu pertences ao sítio onde eu estiver.

Afasto-lhe o cabelo do rosto e encosto os lábios aos dela.

Um latido vibrante faz-se ouvir entre nós. *Frump* senta-se na cadeira da secretária de Delilah com as patas equilibradas nas costas da mesma, tentando chamar a minha atenção. A cauda dele abana vigorosamente.

— Certo — digo eu e aclaro a voz. — Ouve, *Frump*, eis o que nós vamos fazer.

Antes que eu possa continuar, ouvimos bater à porta. Delilah e eu ficamos paralisados.

— É só um minuto! — grita Delilah, que entretanto se vira para mim e sussurra: — Temos de limpar isto!

Olho para o lago de letras que inundam o chão do quarto dela.

— Como?

Os olhos dela vagueiam à volta do quarto, freneticamente.

— Roupeiro — murmura ela, e começa a apanhar as letras com as mãos em concha. Elas escorrem sobre os braços dela, como se fossem tentáculos, deixando um resíduo oleoso.

— Ouvi o *Humphrey* ladrar — diz a senhora McPhee, através da porta fechada. — Está tudo bem?

Arranco o lençol da cama dela e começo a empurrar as letras para o centro da divisão. *Frump* desce do seu poleiro, morde um dos cantos do tecido e puxa-o para mais perto, para eu conseguir dar-lhe um nó.

— Ele viu um esquilo — responde Delilah à mãe.

Empurramos juntos a montanha gigantesca para dentro do roupeiro e conseguimos fechar a porta inclinando sobre ela todo o nosso peso. Quando terminamos, estamos corados e ofegantes.

Frump salta para a cama de Delilah e, quando ela se dirige à porta, reparamos num *N* errático caído no chão. Pego nele e enfio-o debaixo da almofada no preciso momento em que ela se vira para se certificar de que estamos prontos. A seguir, ela abre a porta do quarto e sorri para a mãe, que a observa de cima a baixo e olha para mim de sobrolho arqueado.

— Estou a ver que fizeram as pazes — diz a mãe de Delilah, e eu penso que devo estar vermelho como um tomate.

Ela bate na perna.

— Vem, *Humphrey*. Está na hora do jantar.

Frump nem vacila.

Aclaro a garganta.

— Então, *Humphrey*? Sê um cão obediente.

Frump lança-me um olhar capaz de matar um dragão e salta da cama de Delilah, trotando até junto da mãe dela. Quando sai do quarto, a mãe de Delilah agarra na maçaneta da porta, mas, pensa melhor e deixa-a aberta.

— Onde é que está o livro? — pergunta-me Delilah, depois de a mãe ter ido para o andar de baixo. — Não o vi quando estávamos a arrumar o quarto.

— Eu também não o vi. — Começamos os dois a virar o quarto do avesso à procura do conto de fadas, que voou para algum lado na recente inundação de letras. — Cá está ele! — grito ao descobrir o livro por baixo da cómoda e rastejo para o apanhar.

Delilah tira-mo das mãos e abre-o imediatamente na última página onde tínhamos estado. Rapscullio, Edgar e *Socks* olham para nós do meio do laboratório com um ar exausto.

— Viram o *Frump*? — pergunta Edgar. — O *Socks* cavalgou pelo livro todo à procura dele, mas ele desapareceu.

— Ele está aqui connosco — responde Delilah. — Vocês viram o meu cão, o *Humphrey*?

Quando ouve o seu nome, *Humphrey* aparece vindo de trás de uma mesa do laboratório, com um modelo de átomo na boca, como se fosse

uma bola. Deixa o átomo coberto de baba cair e abana a cauda.

— Olá, minha pessoa preferida do mundo. Encontrei uma bola. É a melhor bola possível. E, já agora, tu és gigante.

— Oh, meu Deus — sussurra Delilah.

— Pois — exclama Edgar, com sarcasmo. — Então, obrigado por *isto.*

— Orville, como é que conseguimos que eles troquem de lugar outra vez? — pergunta Delilah.

O velho feiticeiro abana a cabeça.

— Não sei — admite. — Tudo o que me vem à cabeça é muito complicado. Receio que qualquer feitiço que possa trazer *Frump* de volta ao livro também possa trazer-te a ti por acidente, Oliver.

Sinto um peso no peito quando me apercebo de que tudo isto — este mundo, esta vida, esta *rapariga* — podem ser-me arrancados simplesmente por causa do desejo acidental de *Frump*. Ele veio para aqui porque queria a minha ajuda. Poderei eu ser tão egoísta a ponto de lha recusar?

Eu posso sonhar em alcançar as estrelas, mas nunca lá chegarei se tiver alguém a prender-me à Terra.

Orville ergue os olhos para nós.

— Preciso de algum tempo para pensar.

— Estou tão contente por estarmos todos juntos. Olhem para os meus amigos. Tantos amigos — comenta *Humphrey*. O animal deita-se aos pés de Edgar e rebola sobre as costas. — Miúdo magricela, podes coçar-me a barriga?

Edgar suspira e olha para Orville.

— Não demores *muito.*

Fecho o livro com cuidado e volto a guardá-lo na estante de Delilah.

— Se o Orville estiver certo, não posso pedir ao *Frump* que sacrifique tanto por mim.

— O que queres dizer com isso? — pergunta Delilah.

— Se ficarmos aqui os dois, ele nunca mais vai ver a Seraphima. E nunca vai voltar a falar. Será sempre um cão.

O rosto de Delilah está tão imóvel que ela parece ser feita de porcelana, como se alguma coisa fosse partir-se de repente.

— Então e tudo aquilo de que *tu* terias de abdicar? — pergunta-me ela.

Mas eu nem sequer consigo pensar nisso, em perdê-la. Se pensar, sei que nunca vou sair daqui.

Quando chego a casa, vindo de casa de Delilah, já está escuro, mas há um brilho oleoso que reluz nas janelas da cozinha. Habitualmente, a esta hora, costumo ver Jessamyn a fazer o jantar — a cortar vegetais ou a temperar carne, na preparação dos seus cozinhados. Mas ela não está à vista. Guardo a bicicleta de Edgar na garagem e entro em casa.

— Mãe? — chamo. Interrogo-me tardiamente se ela se terá deitado mais cedo por causa de uma das suas dores de cabeça recorrentes.

É então que sinto o cheiro a queimado.

Corro para a cozinha onde o ar está denso e pesado. Há fumo a sair do forno. Pego num pano da louça, abro a porta do forno e tusso quando o fumo me rodeia e revela um monte chamuscado do que devia ser o jantar. Corro a anela para cima, deixando o ar fresco e frio entrar. Dou um passo atrás e tropeço.

Deitada no chão, com um halo de sangue à volta da cabeça, está Jessamyn.

Caio sobre os joelhos, agarro-a pelos ombros e grito junto ao rosto dela.

— Jessamyn! — chamo eu. — Jessamyn!?

Ela pestaneja e estremece.

— Edgar… chama o cento e doze.

Eu ponho-me de pé num salto, a tremer como varas verdes. Tenho sangue dela nas mãos e, ao contrário do sangue que vi no conto de fadas, este não desaparece quando fecho os olhos. Olho para o corpo imóvel dela.

— CENTO E DOZE! — grito, com os punhos cerrados ao lado do meu corpo. — CENTO E DOZE!

Mas não acontece nada.

— Edgar — sussurra ela. — Pelo telefone.

Tiro o telefone da base e pressiono os botões respetivos. Quase

em simultâneo, uma voz enche-me os ouvidos.

— Cento e doze, qual é a emergência?

— É a minha mãe — respondo. — Ela está a sangrar.

— Onde é que está?

— Em casa. No número trinta e nove de Oak Hill Road.

— A sua mãe tem alguma reação? — pergunta-me a mulher.

— Ela está caída no chão. Eu não sei o que é que aconteceu. Não vi.

— Ela está consciente?

Olho para Jessamyn, cujos olhos se encontram agora novamente fechados.

— Não sei. Ela estava a falar e agora já não está.

O meu coração bate tão depressa que mal ouço a resposta da mulher.

— Muito bem. Ouça. Vou pô-lo em espera por um instante. Vou enviar uma ambulância para aí e a seguir vou voltar a ficar em linha consigo até chegarem aí.

Ajoelho-me. Tenho medo de tocar em Jessamyn, mas também tenho medo de a deixar sozinha. Quem me dera que Delilah estivesse aqui. Ela saberia o que fazer. Quem me dera que Edgar estivesse aqui.

Quem me dera ter aqui mais alguém para além de mim.

— Senhor, ainda está aí? — pergunta a mulher. — A ambulância vai a caminho. Como é que se chama?

— Oliver — respondo eu e já é tarde demais quando me apercebo de que, no meio do pânico, dei o nome errado. — Edgar.

— Oliver Edgar, já está a ouvir as sirenes?

Como se ela as tivesse incitado, ouve-se o gemido das sirenes lá fora, seguido de um bater firme e retumbante na porta.

— Eles já chegaram.

— Vá abrir a porta — indica-me a mulher. — Eles vão cuidar da sua mãe.

Mas isso não é uma tarefa minha? Não foi isso que eu prometi a Edgar?

Em alguns segundos, dois homens fardados içam Jessamyn para cima de uma cama com rodas e transportam-na para o interior de uma carrinha enorme.

— Pode seguir-nos até ao hospital no seu carro? — pergunta-me um deles.

— Eu… eu não sei conduzir — gaguejo.

— Pode ir na parte da frente da ambulância — diz-me ele, ao mesmo tempo que sobe para a parte de trás, para junto de Jessamyn.

Enquanto a carrinha percorre algumas ruas secundárias, acendem-se luzes vermelhas brilhantes. Até que nos aproximamos de um edifício que eu nunca tinha visto: ST. BRIGID'S MEMORIAL HOSPITAL.

Os homens levam Jessamyn rapidamente para o interior do edifício, ainda presa à cama. Corro atrás deles mas, quando eles passam por umas portas duplas, uma mulher com um pijama azul puxa-me para o lado.

— É o filho dela?

— Sou. — Tento espreitar através do vidro, enquanto Jessamyn se afasta cada vez mais.

— Não pode entrar ali — diz-me ela. — Os médicos vão ajudar a sua mãe. Eu vou acompanhá-lo à sala de espera e alguém irá lá buscá-lo logo que se saiba mais alguma coisa acerca do seu estado. — A mulher olha para mim com uma expressão gentil. — Há alguém a quem gostasse que eu telefonasse?

— Sim — respondo eu, sem hesitar. — A Delilah McPhee.

Ela abraça-me com tanta força, entrelaçando os dedos nos meus, que eu quase consigo acreditar que somos uma só pessoa unida pelas mãos.

— Eu nunca me tinha sentido assim — sussurro. — Estou mesmo assustado.

Delilah olha para mim.

— Ela vai ficar bem, Oliver.

— Mas não podes ter a *certeza* — contesto. — Eu pensava que não saber o que vai acontecer a seguir era uma coisa boa, mas parece que isso nem sempre é verdade. — Recosto a cabeça contra a parede e fecho os olhos. — Não sirvo para nada.

— Oliver…

— Estou a falar a sério. Quando a encontrei, não sabia o que

devia fazer. Não sei nada sobre médicos ou hospitais. Se ela não tivesse acordado, o que teria acontecido?

— Ter-me-ias telefonado.

Eu olho para ela.

— Tu não podes estar sempre a resolver as minhas confusões — respondo-lhe. — Sejamos sinceros, Delilah. Eu não sou o Edgar. Não vai demorar muito até alguém descobrir isso.

A mulher de pijama — ou melhor de bata, como me informou Delilah — volta à sala de espera.

— A sua mãe está a perguntar por si — diz ela, a sorrir.

Delilah aperta-me o braço.

— Eu disse-te. Vou ficar aqui.

Sigo a enfermeira pelo corredor branco imaculado e entro num quarto à direita. Hesitante, afasto uma cortina cor-de-rosa que revela a figura de Jessamyn, que me parece pequena e pálida, recostada contra as almofadas. Tem uma ligadura na cabeça.

— Mãe — exclamo, e ela estende-me os braços.

Deixo-me cair nos braços dela, aliviado. Esta não é a minha mãe, mas, neste momento, sinto como se fosse.

— O que aconteceu? — pergunto e a minha voz é abafada pela camisa de noite às pintas que ela tem vestida.

— Eu estou ótima, Edgar. Desmaiei, só isso, e ao cair bati com a cabeça.

— Desmaiaste? — repito, centrando-me nas palavras mais importantes da frase. — Porquê? Estás doente?

— Hoje andei tão ocupada que me esqueci completamente de comer — responde ela, tentando não me preocupar. — Para ser sincera, foi um disparate e uma estupidez da minha parte. Eu estou ótima.

— Então já podemos ir para casa? — pergunto. Depois do dia de hoje, com a mensagem do livro, a chegada de *Frump* e a doença de Jessamyn, só quero voltar à normalidade.

— Bem, eles têm de me manter aqui durante a noite — admite ela. — É procedimento comum.

— Eu fico contigo — digo. — Amanhã falto à escola.

— Não te escapas da escola assim com tanta facilidade. — Jessamyn sorri. — Isto vai ser extremamente aborrecido. Com

médicos a fazerem exames e eu a ver telenovelas mexicanas que nunca mais acabam. Se bem que… como é que tu vais para casa?

— A Delilah está na sala de espera — respondo. — Ela pode levar-me.

O seu rosto relaxa e ela recosta-se de encontro às almofadas.

— Achas que a mãe dela te deixa ficar lá em casa esta noite? Eu sentir-me-ia melhor se não tivesse de me preocupar com o facto de tu estares sozinho.

— Acho que sim.

Os olhos dela fecham-se.

— Ótimo — responde, num suspiro. — Amo-te, Edgar.

Debruço-me para a beijar, mas ela já adormeceu.

— Lamento não ser quem tu precisas — sussurro e esgueiro-me para fora do quarto.

Encontro-me de pé ao lado de Delilah, envergonhado, enquanto a mãe dela me passa uma pilha de toalhas.

— Obrigado, senhora McPhee — digo.

— Não há problema, Edgar. Podes ficar o tempo que for preciso. — Ela faz uma pausa. — E se houver alguma coisa que eu possa fazer pela tua mãe, é só dizeres.

Eu anuo, mas não consigo imaginar como é que a senhora McPhee, que trabalha o dia todo, teria tempo para andar a tratar de recados. Ela instalou-me no quarto de hóspedes, que fica a três portas do quarto de Delilah. Tenho de admitir que o facto de saber que ela vai estar ali tão perto de mim me vai dificultar o sono.

— Boa noite — diz-me a senhora McPhee. E, quando ela se prepara para se ir embora, *Frump* escapa-se por entre as pernas dela e salta para a cama estreita.

— *Humphrey* — repreende-o ela. — Para baixo.

— Ah, não faz mal — intercedo eu. — Eu não me importo de ter companhia esta noite.

— Antes o cão do que a minha filha — murmura ela.

— Mãe! — protesta Delilah.

— Despede-te, Delilah — ordena a mãe. Fica à espera, de braços

cruzados, deixando bem claro que não vai a lado nenhum sem a filha. Tenho de admitir que me sinto um pouco ofendido. Mas, afinal de contas, ela não sabe que o namorado da filha é um príncipe que nunca comprometeria a reputação do seu verdadeiro amor.

Delilah estica-se e belisca-me a bochecha.

— Dorme bem — diz-me. E sai do quarto de hóspedes atrás da mãe.

Dispo-me, ficando apenas de *boxers*, e enfio-me debaixo dos cobertores. *Frump* senta-se, espeta o focinho na minha direção e eu coço-o atrás das orelhas.

— Que belo par que nós somos — comento, num suspiro. — Perdidos na tradução. Se calhar, em vez de termos pensado no lado positivo de fugirmos do conto de fadas, devíamos ter pensado um pouco mais nas consequências. Tu não consegues falar e eu mal consigo sobreviver um dia sem fazer asneira da grossa. — A minha mente viaja até à imagem de Jessamyn caída, imóvel, no meio do chão. — Ela estava tão parada — sussurro. — E havia tanto sangue. As coisas aqui são diferentes. Este é um mundo de permanência. As consequências mantêm-se. Não basta virar a página para curar o ferimento de uma espada. Por favor, no momento alto do livro, Rapscullio cai de uma altura de nove andares e, mal o livro se fecha, escapa ileso. Aqui, os golpes sangram, os corpos partem-se e não há segundas oportunidades.

Frump abre a boca, como se fosse responder, mas só consegue produzir um latido.

— Eu prometi ao Edgar que tomava conta da Jessamyn por ele. É evidente que estou a fazer um trabalho miserável. No entanto, quando eu contar ao Edgar o que lhe aconteceu, de certeza que ele vai querer trocar de lugar comigo. E isso partiria o coração da Delilah.

Frump pousa a pata no meu braço. Por um momento, limitamo-nos a entreolhar-nos e não importa que ele não consiga falar, porque eu sei precisamente o que ele diria se pudesse. *Oliver*, dir-me-ia ele. *Amanhã só pode ser melhor.*

Deixo-me cair sobre as almofadas e cruzo os braços por trás da cabeça. *Frump* enrosca-se ao meu lado e refila para os cobertores.

Eu tinha imaginado uma vida perfeita. Pensei que fugir do livro significava que todos os sonhos que eu alguma vez tive iriam tornar-se realidade. Mas, ao que parece, os sonhos têm custos. De cada vez que fazes uma pessoa feliz, desiludes outra. Às vezes pergunto-me: se a rainha Maureen ou o capitão Crabbe me vissem na escola, com a minha roupa nova e os meus amigos, será que eles me reconheceriam? E eu *quereria* ser reconhecido por eles?

Lá fora, a Lua é uma tira prateada. Todas as noites a sombra come-lhe um pedaço, até não sobrar nada além daquela capa oca. Eu sinto-me na mesma. A cada dia, perco mais um pouco de mim mesmo.

Frump ressona e as patas dele estremecem como se estivesse a correr atrás de Seraphima. Afasto cuidadosamente os cobertores e esgueiro-me para fora da cama. Percorro o corredor até me encontrar às escuras à porta do quarto de Delilah.

Rodo a maçaneta o mais silenciosamente que consigo e entro.

Ela está deitada de barriga para cima, com o cabelo escuro espalhado sobre os lençóis, como se fosse uma sereia debaixo de água. A pele dela reflete o luar e tem os cobertores enrolados aos pés. Tem vestida uma *t-shirt* que parece tê-la engolido inteira.

Quando vemos o nascer do sol todas as manhãs, acabamos por nos acostumar a ele. Esquecemo-nos de suster a respiração quando observamos a mistura de cores e a forma como os raios de sol incidem sobre as montanhas e incendeiam o oceano.

Ao estar com Delilah diariamente, eu tinha-me esquecido de como ela é absolutamente deslumbrante.

Os olhos dela abrem-se devagar e ela dá um salto, quase levitando sobre a cama.

— Bolas, Oliver — exclama. — Pregaste-me cá um susto.

Eu dou um passo atrás.

— Desculpa. Não te quis assustar. Só… Porque é que estás a olhar para mim dessa maneira?

— Tu não tens nada vestido…

Eu olho para baixo e fico envergonhadíssimo quando me apercebo de que me esqueci de me vestir antes de sair do quarto.

— Desculpa. Eu vou…

— Não! — diz Delilah, engolindo em seco. — Isto é bom. Muito

bom.

Escondo um sorriso e sento-me na cama.

— Não estava a conseguir dormir.

Delilah desliza na cama, dando-me espaço ao lado dela. Deito-me de lado e fico virado de frente para ela, de modo a ficarmos apenas a alguns centímetros de distância.

— Às vezes, quando as pessoas têm insónias, contam carneirinhos — diz-me ela.

Eu franzo a testa.

— Quem é que tem rebanhos dentro de uma casa?

— Não. É uma metáfora. A ideia é *contar* alguma coisa. Quando eu era pequena, a minha mãe fazia-me contar as minhas bênçãos.

Fico a pensar naquilo um momento. A seguir, rebolo e prendo Delilah contra o colchão. Sinto o coração dela a acelerar. Entrelaço os dedos nos dela e sussurro-lhe ao ouvido.

— Número um — digo. — As tuas mãos. — A seguir, deposito-lhe um beijo nas pálpebras, uma de cada vez. — Número dois — prossigo. — Os teus belos olhos. — Deslizo as mãos pelos braços dela e enfio-as por baixo da sua camisola enorme, acariciando o fundo das costas dela. — Número três… a tua pele macia.

Mordisco-a desde a clavícula até ao queixo e ela suspira.

— Número quatro — digo. — O som da tua voz.

Acaricio o lábio inferior dela com o polegar.

— Número cinco… a tua boca.

E então beijo-a.

Os lábios de Delilah mexem-se debaixo dos meus, como se estivéssemos a partilhar um segredo. Só interrompo o beijo quando me falta o ar e enterro o rosto na curva do seu pescoço.

— Eu amo-te tanto.

As mãos dela afagam-me os ombros.

— Quando tu me dizes isso… sinto-me a voar.

Rebolo para o lado, com um gemido, e colo o meu corpo ao dela. Ponho um braço à volta da sua cintura e puxo-a para junto de mim, ficando as costas dela contra a parte da frente do meu corpo.

— Eu nunca te vou deixar cair — prometo-lhe.

Dois dias depois de Jessamyn regressar do hospital, celebramos com uma refeição a que ela chama «comida de fora», que consiste numa coletânea de comidas de um país estrangeiro. Apesar de ela não estar com muito apetite, não consigo parar de comer.

— Esta é a comida mais deliciosa que já experimentei em toda a minha vida — comento eu, enquanto ponho molho num pão espalmado, que enfio na boca.

— Francamente — diz Jessamyn, pensativa. — A maior parte das vezes que eu quero comida indiana, tu debates-te até à morte para que eu peça antes chinesa.

— Se calhar as minhas papilas gustativas estão a evoluir.

— Hum — murmura ela, erguendo o sobrolho. — Quem és tu e o que é que fizeste ao meu filho?

O sangue gela-se-me nas veias. Terá ela descoberto?

E é então que Jessamyn se ri.

— Isto quer dizer que também posso começar a fazer couves-de-bruxelas?

Mas que raio são couves-de-bruxelas? Esboço um sorriso forçado.

— Vamos com calma — sugiro-lhe.

Vejo Jessamyn servir-se de mais um copo de água. Desde que regressou a casa que a tenho observado com atenção, como se ela fosse feita de vidro e, ao mínimo impacto, pudesse partir-se toda. Mas ela parece igual a si própria, à exceção de um pequeno penso que tem na têmpora.

Não que eu saiba exatamente como é que ela *é*.

Sei que tenho de dizer a Edgar o que aconteceu à mãe e que ela passou uma noite no hospital. E, na verdade, estou a ocultar-lhe a verdade. Só que quero esperar até poder dar-lhe boas notícias, dizer-lhe que a mãe está bem.

Quero ter a certeza absoluta disso.

Jessamyn começa a fechar as caixinhas engenhosas que contêm a comida.

— Que tal vermos um filme depois do jantar? Queres escolher tu? — pergunta-me.

Uma das prateleiras da sala de estar é dedicada a pastas que contêm discos, os quais, à semelhança das poções de Orville para o

futuro, projetam uma imagem em movimento num ecrã de televisão. Eu já vi alguns com Delilah. Deixo o meu dedo percorrer imagens de robôs e extraterrestres, cujos títulos parecem todos ter um número, e, por fim, deparo-me com um que me parece bem mais consumível.

Entrego o filme a Jessamyn, que pega nele e faz uma careta.

— Muito engraçadinho.

— O que foi? Parece-me bastante interessante.

— *A Princesa Prometida*? — pergunta ela. — Da última vez que eu te sugeri que víssemos este filme, tu disseste que preferias cortar uma perna com uma colher enferrujada.

— Bom… eu achei que *tu* eras capaz de gostar — digo eu e sustenho a respiração.

Ela sorri para mim.

Ah, os sacrifícios que um filho está disposto a fazer.

Acomodamo-nos no sofá, um ao lado do outro, à espera de que o filme comece. Jessamyn preparou uma tigela de gelado para cada um de nós. Sinceramente, o gelado é uma das vantagens deste mundo que envergonha os contos de fadas. E eu que pensava que a expressão «derrete-se na boca» era apenas uma metáfora.

— É difícil imaginar que daqui a um ano vais sair de casa para ires para a universidade — diz Jessamyn, pensativa.

Viro-me para ela, horrorizado.

— E se eu não me quiser ir embora?

— Edgar, desde os dez anos que tu sonhas ir para a Universidade do Sul da Califórnia tirar uma licenciatura em *design* de videojogos.

Graças à aula de Estudos Sociais, sei que a Califórnia é o sítio mais distante do New Hampshire onde se pode ir, dentro deste reino, sem cair ao oceano. Se eu já achava que estava longe de Delilah quando ela vivia aqui e eu estava apenas em Cape Cod, como poderia eu tolerar uma distância tão grande?

— Eu não posso sair daqui.

Jessamyn põe o braço por cima de mim.

— Edgar, nós já discutimos este assunto. Tu não deves preocupar-te comigo. Aquilo que me faria mais feliz seria saber que tu estás

a seguir os teus sonhos.

Mas os meus sonhos mudaram, agora que eu não sou o Edgar.

Como não sei o que hei de dizer, pego na colher e começo a enfiar gelado de chocolate na boca.

Já tenho a tigela meio vazia quando me apercebo de que Jessamyn está a olhar fixamente para mim como se nunca me tivesse visto.

— Quando é que te tornaste canhoto? — pergunta-me.

— O que é que vou fazer? — pergunto a Delilah, ao mesmo tempo que ando às voltas à frente do meu cacifo. — Ela sabe que eu não sou o filho dela. Por amor de Deus, ela quer que eu vá para o sul da Califórnia. — Como Delilah não me dirige uma palavra de apoio ou encorajamento, viro-me para ela. — Mas afinal o que se passa hoje contigo? — Ela esfrega os olhos. Tem o aspeto de quem passou a noite fechada no brigue de um pirata, mas é claro que não lhe vou dizer isso.

— Eu dormi, tipo, umas duas horas — responde-me ela. — *Frump* recusa-se a comer ração, o que significa que tive de lhe preparar uma refeição *gourmet* depois de a minha mãe se ter ido deitar. E ele ressona. Tipo, *muito* alto. E sempre que eu tentava puxar os lençóis para mim, ele literalmente *escoiceava-me.*

— Espera, *o quê*? — digo eu, com a cabeça a andar às voltas. — Ele dormiu contigo? Na mesma cama?

— Dormiu. Como o *Humphrey*. Lembras-te? Não és o único com uma identidade oculta!

— Eu já vi o que tu usas para dormir.

— Ele é apenas um animal, Oliver!

Ranjo os dentes.

— Precisamente.

Um sorriso perpassa o rosto de Delilah.

— Alguém está com ciúmes. — Ela debruça-se sobre mim. — E sabes que mais? Eu já te vi nu.

Franzo a testa.

— Não tem piada — digo e bato com a porta do cacifo. *Frump* já chegou há dois dias. — Tiveste notícias do Orville?

— Não. O *Frump* e eu abrimos o livro ontem à noite e ele continua a tentar desenvolver uma poção.

Fico a pensar naquilo e Delilah inclina a cabeça para o lado.

— Em que é que estás a pensar?

— Que entretanto talvez seja melhor arranjarmos um par de calças para o *Frump*.

— Tenho a certeza de que a minha mãe ia dar por isso — responde Delilah. — A sério, Oliver? Ele não faz mesmo o meu género.

Baixo os olhos, ligeiramente apaziguado.

— Então, se calhar talvez *tu* pudesses usar calças para dormir — sugiro.

Delilah vira-se, prestes a dar-me um sermão, mas é interrompida pela chegada de Chris, que precisa de ir ao seu cacifo.

— Ainda bem que vocês estão os dois aqui — diz ele. — Preciso do vosso conselho.

Chris olha para Delilah.

— Sabes a tua amiga, a Jules?

— O que é que tem?

— Eu estava tipo a pensar convidá-la para sair…

Delilah arregala os olhos.

— A sério?

— Sim, só que há uma coisa. Ela mete-me medo.

— Porquê?

— Ainda ontem — diz Chris —, eu vi como ela pôs a senhora Jackson a chorar na sala de chamada, quando lhe disse que ela era uma desilusão para o sexo feminino por ter adotado o apelido do marido.

— A Jules pode ser dura, mas, acredita em mim, ela tem um lado mole. Chorou duas vezes a ver o *Titanic.*

— Eu chorei *quatro* vezes — murmura Chris.

— Talvez nós pudéssemos cortejar juntos.

— Meu — exclama Chris. — Nem todos os negros gostam de jogar básquete…

— Ele está a referir-se a sairmos juntos num encontro — explica Delilah, e eu anuo. Um sorriso forma-se lentamente no rosto dela. — Com que então, queres finalmente levar-me a sair, hein?

Encolho os ombros.

— Parece-me adequado, uma vez que já fomos para a cama.

A boca de Delilah abre-se e as sobrancelhas de Chris disparam para cima, quase até à linha de implantação do cabelo.

— Essa é a minha deixa para me ir embora — comenta. E parte corredor fora.

Delilah abana a cabeça e suspira.

— Oliver — diz-me ela. — Nós os dois temos de ter uma conversazinha sobre calão.

Delilah leva Jules a casa depois das aulas, para ela poder ir buscar umas coisas antes do nosso encontro a quatro. A seguir, vamos até casa de Delilah. Jules vai no banco de trás e não para quieta.

— Esta ideia é a mais estúpida que vocês alguma vez tiveram — comentou ela. — Nem sei porque é que disse que sim.

— Porque não queres morrer sozinha, rodeada de gatos — responde Delilah.

— Tu conheces o meu recorde pessoal — resmunga Jules. — É possível que ele baze antes da sobremesa.

— Talvez o Chris seja a exceção — sugiro-lhe.

Jules bufa.

— É fácil para ti falar. Tu tens sorte. Já encontraste a rapariga dos teus sonhos.

— Na verdade, foi *ela* que me encontrou a mim. — Delilah cruza o olhar comigo e eu sorrio para ela.

— Isso ajuda imenso, meninos — comenta Jules. — Agora só tenho de enfiar o Chris dentro de um livro e tentar tirá-lo de lá.

— Isso são só pormenores — responde Delilah, ao mesmo tempo que estaciona na garagem da casa dela. — A questão é que nunca se sabe quem vai ser o tal.

— Ela tem razão. Se eu tivesse desistido, nem teria olhado para a Delilah quando ela abriu o livro. Podia nem sequer saber que ela me podia ouvir. Sê tu própria — sugiro-lhe. — Ou, se calhar, uma versão mais meiga de ti própria.

— O que raio quer isso dizer? — reclama Jules.

Viro-me no meu lugar e ergo a sobrancelha.

— Ugh. Tudo bem — diz ela. — Vou tentar moderar um pouco. — Jules sai do carro. — Não tenho culpa de que o facto de eu ser fantástica intimide as pessoas.

Ficamos os dois a vê-la levar a mala pelas escadas acima. Delilah entrelaça a mão na minha.

— Ela tem razão. Nós *tivemos* mesmo muita sorte.

E se Delilah não tivesse aberto o livro naquele dia? E se eu não tivesse olhado para cima?

E se isto não for permanente?

E se nós tivermos tido *tanta* sorte que nos espera algo terrível?

Dou-lhe um beijo na cabeça.

— Eu sei.

A mim parece-me disparatado, mas Delilah insiste que, quando se trata de encontros a quatro, ela e Jules não são capazes de se vestirem sozinhas. Diz-me que é uma coisa de raparigas e que eu não consigo compreender. Com esse propósito em vista, Jules veio até casa de Delilah com uma mala com roupa que dava para um mês, apesar de só ir ali passar uma noite. Eu fui exilado para a sala de estar, onde fico à espera com *Frump*. Lá em cima, ouve-se uma sinfonia de guinchos e gritinhos. Não estou certo se elas estarão a maquilhar-se uma à outra, tal como Delilah me disse, ou se estão a matar-se.

Ouve-se a campainha e Delilah grita da casa de banho.

— Podes atender?

Chris está de pé na soleira da porta, com um ramo de flores na mão.

— Oh — exclamo e pego nas flores. — Obrigado. Lamento imenso… mas eu não tenho nada para ti…

Chris arranca-me as flores da mão.

— Eu também não tenho nada para *ti* — responde ele. — As flores são para Jules.

Conduzo-o até à sala de estar.

— A Delilah diz que elas estão quase prontas — informo-o. — É certo que ela disse isso há cerca de uma hora.

Chris dá-me uma palmada nas costas.

— Obrigado por fazeres isto, meu. Eu não esperava ter um amigo como tu quando me mudei para cá.

Perante aquilo, *Frump* salta para fora do sofá, de dentes à mostra e está prestes a ferrar as presas na barriga da perna de Chris.

— Mas que…

Eu agarro-o pela coleira.

— Não! — grito-lhe. — *Cão* feio. — *Frump* gane e eu afasto-o de Chris, pego nele ao colo e sento-o numa cadeira o mais longe possível de nós. Debruço-me sob o pretexto de lhe fazer uma festa. — Ele é apenas um amigo — sussurro-lhe. E, a seguir, digo mais alto. — *Quieto!*

Frump bufa.

— Tu estás bem? — pergunto a Chris.

— É por isso que tenho gatos — diz ele.

De repente, ouve-se um festival de ruídos quando Delilah e Jules descem as escadas. Jules continua com as botas da tropa de marca calçadas, mas enverga um vestido preto simples, surpreendentemente desprovido de tachas, esqueletos e crachás.

Contudo, é para Delilah que eu não consigo parar de olhar. Ela traz um vestido branco fluido, que parece espalhar-se sobre as suas curvas. O decote pronunciado revela uma constelação de sardas ao nível da clavícula. Traz o cabelo preso numa trança complicada e alguns fios caem-lhe sobre a nuca. Não posso deixar de pensar como lhe ficaria bem uma tiara na cabeça.

— Estás ótima — diz Chris a Jules.

— Diz-me alguma coisa que eu *não* saiba — responde ela.

— Eu, hum, comprei-te este… — Ele entrega-lhe o ramo de flores.

— Ohh… obrigada pelos cadáveres das flores mortas.

Delilah aclara a voz.

— Jules!

Ela revira os olhos.

— Quero dizer, *uau, que bonitas.* — A seguir, Jules olha para

mim. — Edgar, estás a babar-te.

Quando as duas raparigas começam a caminhar na direção da porta da frente, desvio o olhar de Delilah. Chris pousa a mão no meu braço.

— Ela odeia-me.

Fico a pensar naquilo.

— Não — respondo. — A Jules é mesmo assim.

Para o nosso jantar, Delilah escolheu um restaurante que parece saído de um livro de histórias. As mesas estão aninhadas no meio de um bosque de árvores, as quais estão iluminadas por correntes de luzes reluzentes. Pequenos nichos de pedra iluminados por fogo adornam o espaço e empregados que envergam aventais brancos engomados observam atentos a nossa passagem.

Quando chegamos junto da nossa mesa, puxo uma cadeira para Delilah.

— Minha senhora — murmuro, e ela ilumina-se para mim.

Chris, que já está a sentar-se, salta e puxa a cadeira de Jules, que já está quase sentada. Ela lança-lhe um olhar fulminante.

— Achas que eu não sou capaz de me sentar sozinha?

— N… não — gagueja Chris. — Pareces-me muito capaz. — Ele esconde a cara por trás da ementa.

— Que género de sítio é este, Delilah? — pergunta Jules quando lê a seleção de pratos. — Aipo adocicado, espuma de verbena de limão e pastéis de sorvete? Estas coisas *existem* mesmo?

— Cala-te — riposta Delilah. — Este é o único sítio chique com opções vegetarianas.

— Tu és vegetariana? — pergunta Chris.

Jules endireita as costas.

— Eu não apoio a chacina de animais impotentes para alimentar o desejo humano de ter carne para churrasco… por isso, sim, sou.

— Carne para churrasco? — repito eu.

— Ela quer dizer bife e hambúrguer — explica Delilah. — Só está a ser dramática.

— Dramática? — repete Jules. — De onde é que tu achas que vem a

tua carne?

Pestanejo.

— Do frigorífico? — No castelo, as nossas refeições limitavam-se a… aparecer. E aqui Jessamyn vai a uma loja especial e volta com os ingredientes.

— Das vacas — responde Jules. — A carne vem das vacas.

Eu arregalo os olhos.

— O quê? — arquejo. Viro-me para Delilah e sussurro: — No reino, eu conhecia as vacas todas pelo nome. Vocês deixam-me comer os nossos *animais de estimação*?

— Que tipo de bolha é Cape Cod? — pergunta Chris. Ele vira-se para Jules. — Sabes o que se diz dos vegetarianos? Que são *vegans* incompletos. — Ele sorri. — Eu sou *vegan* desde os doze anos.

— A sério? — exclama Jules, e arqueia a sobrancelha. — *Tu* és *vegan*?

Chris recosta-se na cadeira.

— Há muitas coisas a meu respeito que tu nunca esperarias.

— Bom — diz Jules, que sorri pela primeira vez desde que o encontro começou. — Ainda bem que temos a noite toda.

Para minha surpresa, Jules e Chris passam a refeição toda de cabeças encostadas, a falar de tudo, desde as melhores adaptações de livros de ficção científica em filmes, até à opressão institucional que é a comida da cantina. Agora Chris está a discursar sobre as constelações, que ele observa todas as noites com um telescópio.

— Aquela ali é Cassiopeia — diz a Jules. Levanta a mão dela e guia-lhe o braço, para apontar. — E aquela é a Canis Majoris. Consegue perceber-se porque Sírio, a Estrela Cão, faz parte dela. — Chris fixa o olhar no de Jules. — É a estrela mais brilhante do céu noturno.

— Parece que isto foi um grande sucesso — comenta Delilah discretamente comigo.

— Tenho de admitir que estou admirado por a Jules fazer o tipo dele — sussurro em resposta. — Estou admirado por a Jules ser o

tipo de *alguém*.

Delilah ri-se. O empregado de mesa regressa e coloca uma folha de exercícios de Matemática numa bandeja prateada à minha frente.

— Obrigado — digo, educadamente. — Mas eu prefiro um *éclair*.

— Isso é a conta — explica-me Delilah.

De repente, tudo faz sentido. Jessamyn a colocar-me notas estaladiças na mão antes de eu sair para o meu encontro e a dizer-me que um cavalheiro é sempre quem paga a conta.

Chris puxa da carteira.

— Dividimos — sugere ele e olha para o papel.

Espero que ele ponha o dinheiro no pequeno prato e igualo o montante. A seguir, levanto-me, puxo a cadeira de Delilah e estendo-lhe a mão.

Chris ajuda Jules a vestir o casaco.

— Eu conheço um sítio onde fazem uns queques vegan espantosos — diz ele. — Podemos ir lá comer a sobremesa.

Penso no *éclair* que não comi.

— Parece-me uma excelente ideia.

— Não! — Delilah arregala os olhos na minha direção. — Nós estamos de partida.

— Mas eu *gosto* de queques…

Ela dá-me o braço.

— Nesse caso, eu faço-te uns em casa — diz Delilah, que acrescenta entredentes: — Vamos dar-lhes tempo para ficarem sozinhos. Vira-se para Chris e pergunta-lhe: — Imagino que podes deixar a Jules na minha casa mais tarde?

— Podes crer — responde Chris.

Caminhamos até ao parque de estacionamento e eu e Delilah vemo-los arrancarem no carro de Chris.

— Eles crescem tão depressa — graceja ela. A seguir, pega-me na mão. — Anda. Talvez consigamos falar com Orville antes de ela chegar.

Deixo-a puxar-me na direção do carro.

— Mas tu prometeste-me queques.

Quando regressamos a casa de Delilah, temo-la por nossa conta. A senhora McPhee, que não estava em casa quando saímos, ainda não

voltou com o senhor Ducharme. *Frump* vem ter connosco à porta e, após um embaraçoso jogo de charadas, deixa claro que precisa de alguma privacidade no relvado da parte da frente da casa. Depois disso, reunimos todos na cozinha, onde Delilah vasculha os armários à procura de uma caixa de sobremesa. Deita um pó numa tigela, a seguir parte dois ovos e acrescenta uma colher de azeite e um pouco de água, insistindo que aquela mistura se vai transformar em algo comestível. Enquanto a mistura coze no forno, eu e Delilah especulamos sobre como estarão a correr as coisas entre Jules e Chris.

— Eu não imaginava esta situação — diz Delilah, pensativa. — O último tipo por quem a Jules se interessou tinha o corpo tatuado desde o pescoço até ao umbigo e tinha um falcão de estimação. Comparativamente, o Chris parece tão… manso.

— A lei da atração não obedece à lógica — digo eu e faço uma careta para *Frump*. — Quer dizer, este aqui está apanhadinho pela Seraphima.

Frump olha para mim por cima do ombro e rosna.

Uma campainha soa no forno e Delilah retira do seu interior o preparado. Ela corta um quadrado para mim. Estou encostado ao balcão da cozinha. Pode não ser um queque, mas tenho de admitir que cheira divinamente.

— Satisfeito? — pergunta-me ela.

Pouso o bolo, pego em Delilah para a sentar no balcão e coloco-me entre as pernas dela. Debruço-me e beijo-a, até que ela põe os braços à minha volta e *Frump* ladra.

— Muito — respondo a sorrir.

Neste momento, *Frump* tem a minha camisola entre os dentes e tenta puxar-me para trás. Delilah ergue uma mão.

— Está bem, está bem, nós arranjamos um quarto. — Ela desce do balcão com um salto e atira um quadrado de bolo a *Frump*. — Por falar nisso, vamos buscar o livro. — Aquilo é o suficiente para me lembrar de que ainda tenho de contar a Edgar o que aconteceu à mãe dele.

Frump trota até ao quarto de Delilah, salta sobre uma pata traseira e puxa o livro do lugar que ocupa na estante. Trá-lo a

Delilah, a abanar a cauda.

— Obrigada — diz ela e limpa disfarçadamente a baba da lombada do livro. — Agora, vamos encontrar o Orville.

Abro o livro mas, para minha surpresa, nada está no sítio onde devia estar. Apesar de habitualmente estarmos sempre a postos e no sítio certo para quando aparece um leitor, desta vez pareço ter apanhado as personagens desprevenidas. Na página onze, na floresta encantada, as fadas entrançam os cabelos umas das outras. Na página trinta e um, os *trolls* não se deram ao trabalho de reconstruir a ponte. As sereias nem sequer estão na página vinte e sete e foram a nadar até à Praia da Eternidade, para apanharem sol.

Apercebo-me de que, quando eu estava no livro e tudo funcionava como um mecanismo de precisão, tal se devia ao facto de *Frump* ali se encontrar a ladrar ordens. Olho para ele e ele sacode a cabeça e revira os olhos, como se quisesse dizer: *amadores.*

Folheio a história à procura de Edgar, mas ele não está em parte alguma. Isto é particularmente perturbador, uma vez que, enquanto personagem principal, ele devia estar presente em praticamente todas as páginas. Localizamos *Socks*, que está deitado de costas no prado dos unicórnios, com *Humphrey*. Estão os dois a olhar para as nuvens que por ali passam.

— *Socks* — digo eu. E ele levanta-se sobre os cascos.

— Olá, Ollie — relincha ele. — Eu e o *Humphrey* não te ouvimos chegar.

Humphrey senta-se e todo o seu corpo se contorce de prazer.

— Este é o meu novo melhor amigo. É o maior cão que já conheci. — Vira-se para *Socks*. — Adoro-te.

Socks ilumina-se com aquela atenção.

— E eu adoro-te a ti.

— Por amor de Deus — suspiro. — Onde está o Edgar?

— Não sei, Ollie. Ainda não o vi hoje.

— Então, quem é que está a comandar o livro?

Socks relincha.

— Acho que ninguém — responde. — Desde que o *Frump* desapareceu que toda a gente ficou por sua conta.

Frump ladra para o livro, para chamar a atenção de *Socks*.

— Ei! — exclama ele. — Tu estás mesmo com ótimo aspeto. Parece que não é verdade o que dizem sobre o mundo aí fora nos fazer parecer ter mais cinco quilos…

— *Socks*, onde é que eu posso encontrar o Orville? — pergunto.

— Ah, ele está a fazer uma limpeza aos dentes.

— Obrigado — digo eu. — Agarrem-se bem. — *Humphrey* coloca as patas à volta da garupa de *Socks*, enquanto eu percorro o livro até à página trinta e sete, onde o capitão Crabbe se encontra debruçado sobre Orville, que está recostado no lugar do comandante de uma nave espacial.

— Olá, meu rapaz — diz o capitão Crabbe por trás de uma máscara cirúrgica.

Orville tenta falar, mas tem uma mão-cheia de utensílios na boca.

— Só um segundinho agora. Muito bem. Cospe — ordena o capitão Crabbe, que entrega um copo a Orville. Este revela então um sorriso branco ofuscante. — Nem sabes o que estás a perder, Oliver. Estas novas cadeiras espaciais são muito mais confortáveis do que as antigas do navio pirata.

— Orville, tiveste sorte? — pergunta Delilah.

Orville abana a cabeça.

— Este é o primeiro momento livre que tenho desde que abriste o livro pela última vez. E já desmarquei duas vezes. Tem havido assuntos mais urgentes. — Ele e o capitão Crabbe entreolham-se. — O livro não está a reagir bem a todas estas mudanças — confessa ele. — Está em fase de degradação.

O capitão Crabbe interrompe.

— Ele quer dizer que o livro está a rebentar pelas costuras.

— Como? — pergunto eu.

Orville senta-se e arranca o babete de papel que tem à volta do pescoço.

— Abriu-se uma fenda na Praia da Eternidade e ela está a sugar as árvores da Floresta Encantada para as suas profundezas. Já engoliu cinco cabanas das fadas.

— Uma parte da gruta do *Pyro* ruiu ontem. Felizmente ele não

estava lá quando isso aconteceu.

— O livro não se está a reparar como costuma fazer?

— Esse é que é o problema, meu rapaz — diz o capitão Crabbe. — Desde que o *Frump* se foi embora que ele não reage dessa maneira.

— É como se o livro já tivesse perdido tanto — diz Orville, pensativo — que acabou por desistir.

— Com quem é que vocês os dois estão a falar?

Eu e Delilah congelamos quando ouvimos a voz de Jules. Ela entrou no quarto com o casaco de Chris vestido. Na página, Orville e o capitão Crabbe entreolham-se, em pânico, sem saberem o que devem fazer. Habitualmente, quando chega um novo leitor, há uma deixa — o livro abre-se e *Frump* dá as ordens —, mas, neste caso, ninguém está no sítio certo para representar a história.

— Não há problema — diz-lhes Delilah, que leva o livro até junto do seu peito. — Jules, lembras-te de eu te ter dito que as personagens do conto de fadas que eu lia repetidamente estavam a falar comigo?

Ela semicerra os olhos.

— Sim.

— Na altura, disseste que acreditavas.

— Sim… mas isso é o que se diz sempre à nossa melhor amiga — assinala Jules. — Se tu me dissesses que ias de férias para a Lua, eu também teria dito que sim.

— Bom, o que se passa é que eu não estava a mentir — diz Delilah. Ela vira o livro para as personagens ficarem de frente para Jules. O capitão Crabbe e Orville acenam-lhe, embaraçados.

Jules tira o livro das mãos de Delilah.

— Isto é de loucos — diz ela, virando o livro de pernas para o ar e sacudindo-o.

— Para, por favor! — protesta Orville.

— Onde é que estão as pilhas? — pergunta Jules, espreitando as badanas. — Isto é a última geração de livros eletrónicos ou algo do género?

Ela vira o livro para cima. Orville e o capitão Crabbe estão caídos um por cima do outro no canto inferior.

De repente, a página é levantada, apesar de Jules não lhe ter

tocado. Vira-se para trás, a página seguinte faz o mesmo e assim sucessivamente, numa cascata de papel, como se fosse uma onda a formar-se.

— O que é que se está a passar? — sussurra Delilah.

Mas eu não faço ideia. Nunca vi nada assim.

A última folha fica no início do livro — na página do *copyright*. Trata-se de um território que nós nunca explorámos. É essencialmente espaço vazio com pequenas nuvens formadas por letras que projetam sombras no chão. É muito longe de todas as outras páginas e não há montanhas, árvores, água ou castelos. Não há motivo algum para se ir ali, daí nós, as personagens, nos termos basicamente esquecido de que aquele lugar existe.

Jules ergue o olhar para nós, tem os olhos brilhantes.

— Esta noite não para de ficar cada vez mais fantástica — diz ela. E, naquele momento, desaparece.

EDGAR

Eu vou matá-lo.

Há dois dias que *Frump* desapareceu e, desde então, ando a tentar livrar-me daquele cão estúpido que praticamente se tornou a minha sombra.

— Adoro biscoitos — suspira *Humphrey*, enquanto caminha ao meu lado, quase a vibrar de alegria. — A Delilah dava-me biscoitos. São a minha comida preferida. Tu gostas de biscoitos? Devíamos comprar biscoitos.

— Tens um botão de silêncio? — pergunto-lhe.

Caminho um pouco mais depressa, tentando aumentar a distância entre nós.

— E que tal se jogássemos um jogo? — sugiro.

— Jogos? Eu adoro jogos!

— Estou chocado! — digo com sarcasmo. — Este chama-se Contar as Divisões Todas do Castelo.

— Ah, isso parece divertido. Podemos usar um *Frisbee*? Eu gosto imenso de *Frisbees*. — Ele senta-se sobre os quadris, com a língua de fora. — Uma vez — diz ele — comi um sapato.

— E?

— Vomitei.

Aceno com a cabeça lentamente.

— Ora muito bem. Então, este jogo…? Quando eu disser «três», quero que encontres todas as divisões do castelo e depois voltas aqui e dizes-me quantas são. Preparado? Um… dois… vai!

Humphrey não se mexe.

— Do que é que estás à espera?

— Não disseste *três.*

— Por amor de Deus. Três — suspiro, e ele dispara como se fosse uma seta pela escadaria de pedra acima. As unhas das patas patinam quando ele dobra a esquina.

De imediato, sigo na direção oposta e enfio-me num armário de vassouras. Às escuras, penso em quanto tempo terei de ficar ali até *Humphrey* deixar de ter interesse em encontrar-me. Pelo que já vi, o espetro de atenção dele não dura um nanossegundo. Mas todo o cuidado é pouco. Eu juro-vos que aquele animal estúpido tem uma espécie de radar, porque, cada vez que eu penso que escapei, ele aparece vindo do nada a abanar a cauda.

À medida que os meus olhos se vão acostumando à escuridão, vejo uma prateleira com lençóis e toalhas dobrados.

A porta do armário abre-se e eu sinto um aperto no peito, ao pensar que *Humphrey* me encontrou. Mas é só a rainha Maureen, que me pisca o olho e diz:

— Olá, querido. Podes passar-me aquela esfregona, por favor?

Eu entrego-lha, na expectativa de que ela me pergunte porque é que estou escondido no armário das vassouras em pleno dia, mas ou ela não se interessa ou as pessoas por aqui fazem este género de coisas.

— Diverte-te — diz Maureen. — Se tiveres fome, avisa-me.

— Chiu — advirto-a. — Estou a tentar esconder-me do *Humphrey*.

— Ah, estou a ver — responde-me ela. — Bom, nesse caso, continua.

Contudo, antes de ela ter oportunidade de fechar a porta do armário, ouve-se alguma coisa a partir-se e o barulho é tal que faz vibrar as fundações do castelo. Saio do armário e encontro *Humphrey* sentado no corredor, com o rabo entre as pernas.

— Aconteceu alguma coisa na cozinha — sussurra. — E eu gosto tanto de ti.

É mais fácil pensar em táticas de guerra para derrotar Zorg do que distrair *Humphrey* tempo suficiente para eu poder ter um momento para mim.

— *Humphrey* — digo, enquanto agito um brinquedo que as fadas fizeram com paus, bolotas e palha. — Apanha!

Atiro o objeto o mais longe que consigo, praticamente para as margens do livro.

— Eh pá, eh pá, eh pá — grita *Humphrey*, lançando-se atrás do brinquedo. Um minuto mais tarde, regressa com o brinquedo entre os dentes. Sacode a cabeça vigorosamente e a seguir deixa cair o objeto entre as patas. — Adoro este brinquedo do fundo do coração. — Cheira o objeto e mordisca-o. — Adoro-o tanto que quero comê-lo. — Puxa o material e mastiga. — Adoro-o… adoro-o… adoro-o. Oh, não, ele está morto. — *Humphrey* recua do monte de destroços que segundos antes era o seu brinquedo e olha para mim, nervoso.

— Muito bem — suspiro. — Isto durou trinta segundos. — Se calhar posso cansá-lo. — Que tal uma corrida?

— Eu sou o corredor mais rápido de todos os tempos — anuncia *Humphrey*, que salta para o próximo capítulo. Corro atrás dele enquanto ele se lança para a frente e a seguir vira a cabeça para trás, apenas para se certificar de que eu ainda ali estou. Ele segue o rasto de um cheiro, de nariz junto ao chão, pela Floresta Encantada, ziguezagueando por entre as árvores. Nada à cão no oceano e corre em círculos à volta do laboratório de Orville. Finalmente, na base da Torre Timble, ele derrapa até se deter. Está a arfar. — Isto foi tão divertido. Vamos repetir. Eu estou de olhos bem abertos. Não vou adormecer de maneira nenhuma. — E é então que cai para o lado a ressonar.

Suspiro. *Finalmente.* Provavelmente tenho menos de um minuto até ele voltar a acordar e eu ter de descobrir mais uma maneira de o distrair. O meu olhar fixa-se na torre que se ergue à minha frente.

Os cães não sabem trepar.

Agarro-me ao penhasco que dá acesso à torre, tateando à procura de um apoio para as mãos e para os pés. Iço o meu peso e começo a subir, contendo a náusea que me invade como uma onda quando olho para baixo e vejo o mar revolto.

Finalmente, atinjo a janela da torre onde Seraphima se encontra prisioneira na história e impulsiono-me para o interior, de cabeça, aterrando violentamente num monte que se encontra no chão.

Graças a Deus, penso. *Paz e sossego.*

— O que estás a fazer aqui? — pergunta uma voz abafada vinda de um monte de colchas, do outro lado do quarto.

Pestanejo.

— Seraphima?

Nunca a tinha visto assim. Está de camisa de dormir e com duas meias desirmanadas. O cabelo dela parece ser o lar de pequenas criaturas do bosque. E tenho a certeza de que há vários dias que ela não toma banho.

— Hum — digo. — Estás a sentir-te bem?

— Não — geme ela e desata a chorar. — Não sei *o que* se passa comigo. Ninguém me deixou chocolates na almofada à noite. Não encontro os meus chinelos. Não havia pequeno-almoço à minha porta. E não me lembro da última vez em que alguém me disse que eu era bonita.

De súbito, lembro-me de *Frump* me ter dito uma vez que tinha de ir fazer a cama de Seraphima, como parte de uma artimanha continuada para a fazer acreditar que ela era

uma princesa a sério. Pergunto-me se o amor será isso. Ceder às ilusões de alguém apenas por sabermos que isso faz a pessoa feliz.

— Sabes do que precisas? De mudar de ares. Eu estou a tentar ver-me livre de um cão…

Seraphima geme ainda mais alto.

— Acredita em mim — murmuro. — Não és a única. Olha, conheces alguns bons esconderijos neste livro?

Ela para de chorar e pestaneja duas vezes. A seguir, levanta a bainha do lençol e assoa-se a ele.

— Deixa-me pensar — diz ela. Sai da cama e vai para trás de um biombo. Quando ela despe a camisa de dormir e eu vejo a sua silhueta nua, viro a cara noutra direção, corado. Uns minutos depois ela reaparece, envergando um vestido amarrotado e cheio de nódoas e com um sapato azul e outro verde calçados. Tem o cabelo apanhado num carrapito desalinhado, no meio da cabeça e apenas com metade do cabelo. — Estou bem?

— Hum. Claro.

Os ombros dela descaem.

— Também não faz diferença. Não tenho ninguém para impressionar.

Olho pela janela e vejo *Humphrey* a agitar-se lá fora.

— Temos de nos apressar — digo. — Por favor, diz-me que não tenho de voltar a descer pela parte de fora da torre.

— Eu normalmente salto.

— Estás *doida*?

— Até o Rapscullio consegue — diz ela. — E ele é um bebé grande. — Ela levanta a saia e passa uma perna por cima do peitoril da janela. Sorri e lança-se para fora.

— Seraphima! — grito. Hesito por um instante, quando olho para as ondas que rebentam nas rochas lá em baixo e para o corpo dela, que vai ficando mais pequeno à medida que ela se afasta e cai. A seguir, mergulho atrás dela.

Esta cena de ser herói é uma *treta.*

O chão aproxima-se a uma velocidade alarmante. Dou por mim a pensar: *É assim que eu vou morrer.* À frente dos meus olhos vejo passar tudo aquilo de que vou sentir mais saudades: a minha mãe, a próxima estreia da *Guerra das Estrelas,* almôndegas com esparguete…

Paro no ar, a um centímetro de o meu corpo ser esmagado contra as rochas, como se estivesse preso por uma corda de *bungee-jumping*. Mas, ao contrário do que aconteceria nesse caso, não volto a subir. Em vez disso, fico a pairar, viro a cara e vejo Seraphima

igualmente suspensa. Ela arqueia delicadamente o pé e desloca-se em bicos de pés até ao chão.

— Então? — pergunta ela, a olhar para mim. — Estás à espera de convite?

Respiro fundo e salto. Aterro sobre os dois pés, são e salvo.

— E agora?

— Segue-me — diz Seraphima. Agarra na minha mão e começa a correr, voando sobre as páginas até nos determos numa tundra coberta de neve. Ou, pelo menos, é isso que parece. Não há nada tanto quanto a vista alcance, mas não está frio.

— *Onde* é que estamos? — pergunto.

— Depois da página do título. Só estive aqui uma vez.

Dou um passo em frente e todo o meu corpo se inclina para a direita. Só consigo andar inclinado. Olho para cima e vejo a minha cabeça a roçar as letras que pairam a uma altura reduzida.

Claro. É itálico.

Também Seraphima se debate para conseguir manter o equilíbrio. O silêncio é esmagador, um vazio absoluto.

— Isto é perfeito. O *Humphrey* nunca me irá encontrar aqui — digo eu, e a minha voz ecoa como se tivesse caído na base de um desfiladeiro. — Como encontraste este sítio?

— Por acidente. Uma vez tive uma… borbulha — confessa Seraphima. — Não conseguia suportar que Oliver me visse assim. Por isso, afastei-me o máximo que consegui e acabei aqui. Sabes? Não é fácil ser sempre perfeita. — A atenção dela é captada por um pequeno círculo que pulsa a alguma distância. — O que é aquilo?

Parece o alçapão de um subterrâneo. Seraphima aproxima-se na diagonal e, num dos ângulos, tropeça. Os chinelos de princesa não oferecem qualquer tração e ela escorrega por uma ladeira branca, na direção de um ponto de tinta.

— Socorro! — grita ela. — Edgar! — As unhas dela cravam-se no enorme espaço vazio.

Dou um passo cauteloso, testando o solo antes de me aproximar, com medo de também cair a qualquer momento. Aquele lugar parece um mundo repleto de escorregas invisíveis. Consigo aproximar-me a rastejar e estendo a mão.

— Seraphima! — grito. — Agarra-te!

Ela estica-se na minha direção, os dedos dela tocam nos meus e aquele pequeno movimento põe-me a rodopiar como um louco. Seraphima, que cai à minha frente, é sugada pelo turbilhão preto. Estendo a mão para me segurar e dou-me conta de que o vórtice sorvedor é a letra C, rodeada por um círculo.

Caio dentro do símbolo de direitos de autor.

Aterro de costas, rodeado por várias pilhas de objetos dispersos.

Há frascos de poções, espadas e armaduras. Há uma estátua de um leopardo dourado com olhos de esmeraldas. Há uma pequena carruagem, correntes de prisioneiro e um monte de colchões, um sapatinho de cristal, uma lâmpada do génio dos desejos e um manto vermelho. Há uma roda-gigante e um pé de feijoeiro tão alto que não se consegue ver o topo. Há montes de moedas e mapas do tesouro, bicicletas abandonadas, um balão de ar quente meio cheio e um chapéu preto de bruxa. Numa das paredes há uma estante que se prolonga por vários quilómetros, repleta de pequenos manuscritos atados e identificada por uma placa de latão onde diz: FINS ALTERNATIVOS. Puxo um deles e leio a última página.

> E Rapscullio e a rainha Maureen viveram — e
> amaram — felizes para sempre.

— Uau! — Respiro e estico o pescoço para olhar à volta.

— Edgar? — A voz de Seraphima surge do meio de uma pilha de joias saqueadas. Tiro uma arca dos piratas do caminho e desembaraço-a das cordas de pérolas. — Que lugar *é* este?

— É um ovo da Páscoa — respondo. — Nos videojogos, os criadores deixam por vezes piadas privadas ou mensagens para os jogadores encontrarem. Elas podem desbloquear um nível secreto do jogo ou um atalho escondido. — Olho à volta, espantado. — Acho que isto é um portal para a imaginação da minha mãe. São todas as histórias que ela leu que a levaram a escrever esta… e todos os enredos que ela decidiu *não* escrever.

Eu sei que, se tentar explorar todas estas coisas, nunca vou chegar ao fim. Esta divisão, onde quer que ela fique no livro, é tão ilimitada como os sonhos da minha mãe.

Seraphima estica-se para apanhar um casaco de pele e veste-o. Mal isso acontece, o capuz aperta-se à volta do seu pescoço e dois olhos amarelos brilham no cimo da sua cabeça.

— Despe-o! — grito e tento tirar-lho à força, enquanto ela se agarra a ele com toda a força. Caímos para trás e aterramos num monte estranho. O joelho de Seraphima espeta-se com firmeza no meu peito. — Não toques em nada — digo, rangendo os dentes. — Nós não sabemos o que estas coisas são ou o que farão à história se as perturbarmos.

Ela franze a testa, desapontada, e sai de cima de mim, entre um emaranhado de seda e saiotes.

Levanto-me e é nessa altura que reparo no quadro.

O rei tem uma coroa de ouro e um manto de veludo debruado a arminho. Numa das mãos segura um globo de ouro. No outro braço tem aninhado um bebé.

Eu conheço esta imagem. Só que, quando a vi antes, ela estava na secretária da minha mãe. O homem tinha um boné de basebol em vez de uma coroa. As suas vestes reais são uma *t-shirt* dos Boston Red Sox e calças de ganga. O globo dourado que tem na mão é uma simples bola de basebol e o bebé que ele tem nos braços sou eu.

Não consigo parar de olhar para o rosto do meu pai e talvez seja por isso que não vejo que Seraphima se move na direção de uma outra pilha de quinquilharias.

— Oh, que bonito — geme ela, ao mesmo tempo que pega numa caixinha de comprimidos de esmalte. Na tampa está escrito a prateado *Desejo do Coração.*

Ela abre a caixinha e encontra um pequeno frasco de brilho para lábios cor-de-rosa.

— Seraphima! — grito-lhe. — Não! — Mas é tarde demais. Ela introduz o dedo no recipiente e leva a maquilhagem aos lábios.

Seraphima tem uma convulsão e os lábios dela abrem-se. Da sua garganta sai fumo, que desenha cinco letras:

FRUMP

O fumo rodopia e enrola-se à volta do seu corpo, da cabeça aos pés, consumindo-a completamente. Grito o nome dela, salto para a frente, tentando libertá-la, e agarro-a.

Quando a nuvem à nossa volta se dissipa, saio de cima dela.


Heart's
Desire

— Estás bem? — pergunto-lhe, e fico de queixo caído.

A rapariga que se encontra à minha frente tem o cabelo azul, *piercings* e botas da tropa.

— Mas quem diabo és tu?

SEGUNDA PARTE

O leitor acredita no Destino?

Acredita que exista algures um grande plano para cada um de nós? Que as nossas vidas estão escritas nas estrelas? Que as nossas vidas já estão escritas para nós?

Se assim for, então podemos considerar que somos personagens… e que a nossa vida é uma história.

Ou talvez acredite que nós avançamos para o futuro às cegas, vagueando de uma aventura para a seguinte e que a nossa viagem segue em ziguezague, sem respeitar um plano, mas ao sabor da sorte.

Ou, se calhar, por muito que as nossas vidas possam parecer aleatórias ou fruto do acaso, talvez fosse isso que o autor tinha em mente.



DELILAH

Quando Jules desaparece, uma forte rajada de vento sacode a minha escrivaninha, agita as folhas e arranca os *posters* das paredes. Alguma coisa embate na minha cara e cai no chão. Baixo-me para a apanhar. É uma tiara de pedras preciosas. E no sopro seguinte, estatelada no chão numa nuvem de seda e tule e com o cabelo louro comprido, está Seraphima.

Agarro-a pelos ombros e puxo-a para cima.

— O que é que tu fizeste à minha amiga?

Ela olha para mim de olhos arregalados.

— Eu… não sei. Estava a pôr brilho nos lábios. E, de repente, estava aqui. — O olhar dela passa ao meu lado e recai sobre *Frump*. E ela começa a chorar. — Tem sido horrível. Sem a tua orientação está tudo fora de controlo. E os criados deixaram o castelo. Ninguém tem cuidado de mim. — A voz dela baixa de tom, até se transformar num sussurro envergonhado. — Eu tive de escovar o meu próprio cabelo.

Frump late em resposta e Seraphima acena com a cabeça.

— É muito simpático da tua parte, mas eu sei que não estou tão perfeita como é costume.

— Espera — diz Oliver, avançando para ela. — Tu consegues entendê-lo?

Seraphima lança-se para os braços de Oliver e eu e *Frump* ficamos hirtos.

— Ollie! — grita ela. — Tu também estás aqui? Esta é a melhor surpresa de sempre! — Ela bate palmas e sorri. — Quero agradecer-vos a todos por estarem aqui. Não fazia ideia de que estavam a planear isto. E eu só faço anos daqui a um mês… — diz ela, radiante. — Estou pronta para receber os presentes.

— Isto não é uma festa para ti — responde Oliver.

Frump ladra e Seraphima cora.

— Ele diz que eu não pareço ter mais de dezasseis anos — traduz ela.

— Como é que tu consegues falar com ele?

— Oh, Ollie, o que é que tu *pensas* que as princesas fazem nas suas escolas? Eu vivo numa torre. O meu melhor amigo durante quatro anos foi um pássaro. Eu sou fluente em língua animal. Exceto a dos peixes. Acho-os sempre um bocado confusos. — Ela olha para mim. — Camponesa, podes preparar-me um banho? Tive um dia de viagem muito cansativo.

— Não, Seraphima. Esta é a *Delilah*.

— Ah, desculpa. — Ela sorri para mim. — Delilah, podes preparar-me um banho? Tive um dia de viagem muito cansativo.

Cruzo os braços.

— Eu não sou escrava dela.

Frump sai do quarto a trotar e, minutos depois, ouço a água a correr na casa de banho. Regressa a abanar a cauda.

— Muito obrigada, *Frump*. — Ela ergue o sobrolho para Oliver. — Definitivamente, devias formar melhor os teus criados, Oliver.

Ela desliza para fora do quarto.

— Delilah, vem servir-me.

Olho para Oliver, furiosa.

— Por favor — implora-me ele. — Só desta vez.

Sigo Seraphima até à casa de banho. Ela fica ali, de braços estendidos. Cerro os dentes e desaperto-lhe a parte de trás do vestido.

— Está tudo bem?

Seraphima aclara a garganta. Tem apenas vestida uma combinação de algodão, que parece demasiado pesada para ela conseguir despir sozinha. Tiro-lha pela cabeça e ela vira-se, completamente nua.

— És uma querida. — Ela faz um sorriso afetado e, antes de eu ter tempo de me afastar, lança os braços à minha volta para me dar um abraço de gratidão.

Sinceramente, a última coisa que eu preciso de saber é que, por baixo de toda a sua roupa, a ex do meu namorado é tão perfeita como a cara dela parece sempre ser.

Deixo Seraphima entregue a si mesma no banho (conhecendo-a, ela é bem capaz de se afogar) e dirijo-me para o meu quarto. Oliver encontrou o conto de fadas, que explodiu nas mãos de Jules no instante antes de ela ter desaparecido. O livro já se encontra aberto.

— Não percebo — diz ele. — O que queres dizer com eles desapareceram?

Espreito por cima do ombro de Oliver e vejo Orville a abanar a cabeça.

— Temos uma equipa de buscas à procura deles neste momento. Mas as fadas e *Socks* já varreram as páginas todas e as margens do livro e não os conseguiram localizar em parte nenhuma.

— O livro não é grande — digo eu, juntando-me à conversa. — E, francamente, quão difícil poderá ser encontrar uma miúda *punk rock* num conto de fadas?

— O Rapscullio está a pintar cartazes de PERDIDOS, as sereias estão a dirigir uma equipa de salvamento aquático. Prometo que, logo que saibamos alguma coisa, envio-te uma mensagem.

— Como? — pergunta Oliver, exasperado. — O cavalete mágico está partido.

— Bem visto — responde Orville, pensativo.

— Nós vamos verificando — sugiro eu.

Frump choraminga.

— O que é que fazemos com a Seraphima? — repete Orville.

Oliver franze o sobrolho.

— Mas sou o *único* aqui que não fala língua de cão?

— Acho que o melhor é tentar evitar que ela se envolva em muitos problemas — prossegue Orville, sorrindo para Oliver. — Penso que tens alguma experiência a fazer isso, não é verdade, Ollie?

Oliver fecha o livro com cuidado e *Frump* arranha a porta para o deixarem sair, sem dúvida para ocupar o seu posto de guarda à porta da casa de banho.

— Oliver — digo eu —, nós não podemos fazer isto. Uma rapariga estranha — com ênfase na palavra *estranha* — não pode aparecer assim no meu quarto sem levantar suspeitas. E o que é que eu vou dizer à mãe da Jules?

Oliver pega no *iPhone* de Jules, que está ligado à corrente a carregar.

— Porque é que não é a Jules a dizer-lhe? — pergunta ele. — Faz aquilo que costumas fazer com isto.

— Tu és brilhante. — Tiro-lhe o telefone das mãos e envio uma mensagem escrita à mãe de Jules.

Posso passar o fim de semana todo em casa da Delilah?

Sustenho a respiração, à espera de uma resposta. Um minuto depois ouço um toque.

Acabaste os TPC todos?

IAP, escrevo eu. :-)

NÃO TE DEITES MUITO TARDE.

— Ora aí está — diz Oliver. — Um problema resolvido.

— Apenas temporariamente. Consegui dois dias. E se a Jules não estiver de volta depois disso?

— Vai estar — responde ele para me tranquilizar.

— E a Seraphima? Como é que vou explicar à minha mãe que a Jules e uma princesa delirante trocaram de lugar?

De repente, surge-me uma ideia. É rebuscada, mas talvez consiga convencer a minha mãe — e as outras pessoas todas — que Seraphima é uma aluna de intercâmbio que está de visita. Isso explicaria em grande medida a sua falta de conhecimento sobre bom, tudo o que se passa num lar americano.

Viro-me para Oliver.

— Vamos dizer a toda a gente que ele vem de outro país.

— Qual?

Penso durante um bocado. Que língua seria menos provável as pessoas conhecerem? A última coisa que quero é que alguém tente comunicar com Seraphima na sua alegada língua materna.

— Islândia — decido.

Oliver concorda.

— Isso quase parece *real*.

— Porque *é* mesmo.

Ouve-se um latido vindo do corredor e a seguir:

— Iu-hu! Delilah! Estou pronta para me secares!

Olho para Oliver.

— Eu não vou fazer isto! Recuso-me terminantemente, decididamente.

Ele morde o lábio inferior.

— Claro. Bem, acho que *posso* ajudá-la…

Eu empurro-o com tanta força que ele cambaleia para trás.

— Nunca na vida — respondo. Quando chego ao patamar viro-me. — Espero bem que ela já cá não esteja na segunda-feira.

Quando Oliver se vai embora para casa dele, a minha mãe ainda não voltou do seu encontro com o doutor Ducharme, o que me dá mais algum tempo para aperfeiçoar a minha história antes de ter de lhe apresentar Seraphima. Deixei Seraphima usar o meu robe por cima da fina combinação dela e tirei um prazer dúbio de lhe escovar o cabelo cem vezes com uma escova que insisto ser cem por cento de pelo de javali, igual à que ela tem na sua torre, e não uma escova de um dólar comprada numa drogaria.

— Muito bem — anuncio. — Está na hora de ir para a cama. — Pego no saco-cama que Jules trouxe e entrego-lho, mas ela deixa-o cair. Com um suspiro, desenrolo o saco-cama na perpendicular em relação à minha cama. — Aí tens — digo e aponto para o colchão provisório.

Seraphima levanta delicadamente a combinação de algodão e caminha cuidadosamente sobre o saco-cama roxo, como se fosse uma passadeira vermelha. Atravessa-o e enfia-se na minha cama.

— Isto é magnífico — diz ela, puxando os cobertores até ao queixo.

— Magnífico — resmungo. Enfio-me no saco-cama mesmo a tempo de *Frump* me usar como rampa de lançamento para saltar para a cama, onde se deita ao lado de Seraphima.

— Tenta descansar bem — digo-lhe.

— Ah, descanso sempre — responde Seraphima, com sinceridade. — O sono de beleza é fundamental. Dorme bem, também — diz ela, olhando para mim. — Parece que tens umas horas em falta.

Frump uiva e enrosca-se aos pés dela.

— És muito querido — responde-lhe Seraphima. — Mas eu tenho a certeza de que *podia* ser mais bonita se tentasse.

Ouve-se mais um uivo e um latido suave. Seraphima dá uma risadinha.

— Claro que me lembro. Tu pediste às fadas para escreverem o meu nome no céu. E pediste à rainha Maureen para me fazer a minha tarte de maçã predileta, mas não lhe disseste que tinhas

roubado as maçãs do pomar do Rapscullio. — Ela baixa a mão e começa a fazer festas na cabeça de *Frump*, distraidamente. — E daquela vez que eu te fiz um biscoito para os teus anos, mas deixei-o cozer demais até ele se transformar num monte de cinzas e tu *ainda assim* comeste-o todo porque não querias que eu me sentisse mal?

Frump arrasta-se pelo colchão acima até ficar mais perto da cara de Seraphima e lambe-lhe a bochecha. Ela cora visivelmente.

— Tu foste sempre tão bom para mim, *Frump* — sussurra Seraphima. — Como é que só me apercebi disso depois de te teres ido embora?

Frump uiva baixinho e ela abana a cabeça.

— O teu aspeto nunca foi importante para mim. Sabes? Eu sempre soube. Que eras tu que me arrumavas os chinelos ao lado da cama, que fazias o meu pequeno-almoço, que me arrumavas o roupeiro e me lavavas a roupa. Está bem, és um cão. E então? Tu fazes-me sentir que eu sou a princesa que sempre quis ser.

Apesar de provavelmente eu não dever estar a ouvir aquela conversa, não consigo deixar de sorrir. Eles parecem eu e Oliver quando ele ainda estava dentro do livro e eu ficava a falar horas com ele, enfiada debaixo dos cobertores. Para alguém que pudesse estar a ouvir, podia parecer um monólogo, mas nós sabíamos que não era assim.

Adormeço ao som das pancadas da cauda de *Frump*, que refletem felicidade pura.

O Sol mal rompeu no horizonte quando sou acordada pelo som de alguém a cantar numa voz de soprano ensurdecedora.

— *Bem-vindo, bem-vindo, grande Sol brilhante… este dia vai ser deslumbrante… venham cantar-me os bons-dias, todas as aves e cotovias!*

Abro um olho e vejo Seraphima a dançar — literalmente, a dançar — pelo meu quarto.

— O que é que estás a fazer? São seis e meia da bendita manhã. E é *domingo*.

— Ah, bom dia, serva. Eu estava apenas a dar as boas-vindas ao novo dia! — Ela rodopia até à janela e encosta as mãos ao vidro. — Está uma manhã magnífica!

Ponho uma almofada em cima da cabeça.

— Ainda é noite. Volta para a cama, Seraphima. Voltamos a fazer isto daqui a quatro horas.

— Estás enganada. Uma dama levanta-se ao mesmo tempo que o Sol… — Seraphima senta-se à minha secretária, fazendo os seus lábios vibrarem em escalas ascendentes e descendentes. É muito possivelmente o som mais irritante à face da Terra.

— O que… estás… a fazer? — pergunto, entredentes.

— Se eu não aquecer a voz, como esperas que cante o dia todo?

— Eu não espero que cantes o dia todo! — grito.

Quando elevo a voz, *Frump* rosna e Seraphima acena com a cabeça.

— Eu sei. Ela *está* a falar demasiado alto.

— *Eu* estou a falar alto? — repito.

Ela põe a mão por baixo da cortina de cabelo louro e espalha-o por cima dos ombros.

— Bom, eu estava a pensar que quero o cabelo apanhado com uma trança à volta. Talvez acentuado com umas flores.

Saio do saco-cama e agarro o cabelo dela nas minhas mãos.

— Nesse caso, sai um rabo de cavalo — digo.

— Isto é completamente inaceitável — diz Seraphima. — Vou dizer ao Oliver que tu não és uma boa dama de companhia. Saías-te muito melhor num estábulo.

É agora. Lanço-me sobre Seraphima e, por um segundo, considero esmurrá-la, mas *Frump* abocanha-me as costas da minha *t-shirt* com os dentes e puxa-me para trás.

Seraphima empurra a janela para cima e debruça-se para fora.

— *Bem-vindo, bem-vindo, grande Sol brilhante.*

Fecho a janela à força.

— Não! Tu podes ter crescido numa torre, mas nós, os camponeses, temos *vizinhos*. — Suspiro. — Vamos vestir-te.

Frump fica imediatamente alerta. Cruzo o olhar com Seraphima e a seguir arrasto *Frump* pela coleira para fora do quarto, deixando-o no corredor. Abro uma gaveta da cómoda e tiro um sutiã e umas cuecas.

— Experimenta — sugiro.

Seraphima olha para mim e a seguir pega no sutiã, enfia-o por cima do rabo de cavalo e passa-o por debaixo do queixo, como se fosse uma touca.

— Não é bem assim — Tiro-lho da cabeça à força e ponho-o por cima da minha *t-shirt*, para lhe mostrar como se usa. — Despe o vestido e veste *isto* — digo eu. — Por cima *disto*.

Para variar, ela faz o que lhe digo. A seguir, vira-se, a sorrir. Ela está a rebentar para fora do meu sutiã.

Suspiro.

— *Claro* que tu tens o peito maior do que o meu.

Vou ao roupeiro procurar a maior camisola que consigo encontrar, a que uso nos dias em que me sinto gorda.

— Despe o sutiã e veste isto — digo-lhe. — E cruza os braços quando andas.

A seguir, ligo a Oliver através do Skype, na esperança de que o ruído do computador o acorde. Ele vem aos tropeções, com olhos de sono e o cabelo desgrenhado e aparece à frente do ecrã.

— Porque é que estás acordada? — pergunta-me.

— Porque aqui a princesinha é madrugadora. Se vieres até cá, faço-te o pequeno-almoço.

De repente, Seraphima debruça-se sobre o meu portátil e encosta a mão ao ecrã.

— Oliver! — exclama sustendo a respiração. — Estás tão plano.

— Despacha-te — digo eu. — Por favor.

Primeiro Seraphima recusa-se a sair do meu quarto porque acha que as *leggings* não são uma peça de roupa aceitável para as mulheres. Consigo incitá-la a descer ao andar de baixo com a promessa de comida. Às sete da manhã, já lhe fiz uma omelete, panquecas, *bacon* e papas de aveia, e ela devorou tudo. Estou convencida de que ela não tem fundo.

A minha mãe aparece na cozinha com a sua roupa de domingo — uma camisa de flanela e calças de pijama.

— Acordaste cedo — diz ela surpreendida por me ver. A seguir, olha para Seraphima. — Pensava que era a *Jules* que vinha cá dormir.

— Hum, não, não te lembras? Eu falei-te da Seraphima — minto. — É a aluna de intercâmbio de estudantes que vai ficar a viver connosco dois dias. Falámos disto na semana passada quando tu te estavas a arranjar para saíres com o Greg. Meu Deus, tu já nem me ouves!

— Hum… claro que me lembro — responde a minha mãe. — Tinha-me era esquecido de que era *esta* semana. — Ela sorri para Seraphima e fala devagar e alto. — De… onde… é… que… tu… és… querida?

— Mãe, ela é islandesa, não é surda.

Seraphima vira-se para a minha mãe.

— É a estalajadeira?

— Estalajadeira e… dona da casa… são palavras muito semelhantes em islandês — comento.

Seraphima estende a mão.

— A senhora tem o prazer de me conhecer.

A minha mãe ri-se.

— Pois tenho — responde. — Bem-vinda à América. — Ela vê *Frump* enroscado aos pés de Seraphima, com o focinho pousado na coxa dela. — *Humphrey*, xô!

— Não há problema. Eu e o *Frump* somos velhos amigos — diz Seraphima.

— É uma loucura — intervenho. — Mas parece que na Islândia todos os cães têm o mesmo nome… *Frump*. Parece que é capaz de ser confuso, mas, bom, cada maluco com a sua mania!

— Há quanto tempo estás cá, Seraphima? — pergunta a minha mãe.

— Primeiro, temos de descobrir como posso voltar…

— Um bilhete — remato. — Temos de reservar um bilhete. — Puxo Seraphima para ela se levantar da cadeira. — Hoje vamos ao centro comercial. Vamos comprar lembranças.

Depois de ter dito aquilo, apercebo-me de que é uma ideia brilhante. Seraphima não pode andar por aí com a minha camisola gigante de Nantucket para sempre. E não sabemos quanto tempo vai ela ficar por cá. Se eu quiser evitar o máximo de perguntas possível, o primeiro passo é pelo menos

fazer *parecer* que ela se integra.

A minha mãe serve-se de um café e senta-se à frente de Seraphima.

— Eu sempre quis ir à Islândia. Ouvi dizer que é lindíssimo. Como é o sítio onde cresceste?

— Bem, eu vivia sozinha numa torre com vista para o mar — responde Seraphima. — Mas via tudo lá de cima: os piratas, os dragões, as sereias…

O toque da campainha salva-nos do desastre iminente. A minha mãe abre a porta e Oliver entra, com as bochechas vermelhas por causa do vento.

— Olá, senhora McPhee — diz ele. — Atrevo-me a dizer que, cada vez que a vejo, parece mais nova.

A minha mãe — a minha *mãe* — cora.

— Lila, onde é que tu o desencantaste? — pergunta-me ela e abana a cabeça. Sobe as escadas, ainda com a caneca de café na mão.

— Obrigada — digo eu e beijo-o na cara. — Salvaste-me de ter de explicar à minha mãe porque é que a Islândia parece ter-se transformado num cenário da *Guerra dos Tronos*.

— Porque é que nunca jogámos esse jogo? Parece-me que perdemos uma belíssima oportunidade. De certeza que eu te derrotava.

— Não interessa — respondo. — Vamos ver se já encontraram a Jules no livro?

Para meu enorme alívio, mal abro o livro, Edgar está no meio da Praia da Eternidade. E, ao seu lado, está Jules.

Pelo menos, *penso* que seja Jules.

Ela não tem de todo a aparência habitual da minha melhor amiga. Para começar, usa um vestido de baile. Trocou as *Doc Martens* que a caracterizam por umas sapatilhas de *ballet* — Jules que diz que praticar *ballet* é apenas uma desculpa para quem tem perturbações do comportamento alimentar. E o cabelo azul dela tem uma madeixa prateada.

— Jules? — pergunto num sussurro.

— Muito bem — diz ela e aponta para Oliver. — De repente, ele faz muito mais sentido.

Seraphima bate o seu pé minúsculo.

— Esse vestido é *meu*.

— Tem calma, miúda — diz Jules. — Essa amiga é *minha*.

Orville intervém.

— O Edgar estava a contar-nos onde esteve, Oliver. Julgo que vais achar muito interessante.

Edgar olha para nós.

— A Seraphima levou-me à página dos direitos de autor, para fugirmos durante um bocado.

— Eu nunca estive na página dos direitos de autor — murmura Oliver.

— Precisamente. Mas isso não importa. Enquanto lá estávamos, aconteceu uma coisa. — Ele hesita. — Há um portal. A Seraphima e eu caímos num dentro do livro e, pelo que percebi, é uma espécie de lugar secreto entre as palavras que parece um armazém de ideias gigantesco. Com pensamentos, imagens e personagens que nunca chegaram a entrar neste livro, mas que estavam na cabeça da minha mãe.

Na cabeça da tua mãe. Oliver e eu entreolhamo-nos e pensamos imediatamente em Jessamyn.

Oliver aclara a voz.

— Edgar, há uma coisa que tu tens de saber. A tua mãe… caiu. Ela teve de ir para o hospital.

A boca de Edgar abre-se.

— Ela está bem? O que é que aconteceu?

— Ela desmaiou. Disse que se tinha esquecido de comer durante o dia — respondo. — Agora já está muito melhor, na verdade.

Mas Edgar não fica convencido. Começa a andar às voltas na página.

— Tenho de sair daqui. Tenho de me certificar de que ela está bem.

No entanto, para Edgar voltar, Oliver tem de ir novamente para dentro do livro. Algures no meu íntimo eu sabia que Edgar ia querer estar com a mãe novamente, quando soubesse as notícias. Mas não tinha pensado no que viria depois e não me tinha apercebido do que eu perderia nesse processo.

Oliver olha para mim e eu sei que ele está a pensar na mesma coisa.

— Talvez haja outra maneira — sussurra-me. Vira-se para Seraphima. — O Edgar disse que tu vieste para aqui por um portal?

Ela abana a cabeça.

— Era apenas maquilhagem.

Ergo o sobrolho.

— Edgar?

— Era mesmo maquilhagem. Mas a caixinha dizia *Desejo do Coração*. A Seraphima devia estar a desejar encontrar-se com o Oliver e foi isso que a levou até vocês.

Olho para Seraphima, que está de olhos fixos em *Frump*. Não era Oliver que ela desejava ver.

— Mas isso não explica o que aconteceu à Jules — digo eu.

— Explica, sim — diz Oliver. — O *Humphrey* trocou de lugar com o *Frump*. A única maneira de o livro ejetar uma personagem é sugando alguém parecido para a substituir.

É precisamente por causa disso que vou perdê-lo.

Mas, ainda que Oliver e Edgar sejam parecidos, Seraphima e Jules não podiam ser mais diferentes. Olho para a madeixa prateada no cabelo de Jules. Se o substituto não for parecido… será que o livro o transforma para encaixar no molde?

— Porque é que não vais buscar o *Desejo do Coração* — pergunto — e desejas que a Seraphima volte para o livro?

— Achas que não tentei? — pergunta Edgar. — Já fui à página dos direitos de autor uma dúzia de vezes, mas o turbilhão que nos sugou anteriormente já não está lá. Não sei o que o fez abrir-se naquela altura.

Oliver franze a testa.

— Portanto, basicamente, ninguém entra ou sai.

— Isso não é uma opção. Eu tenho de ir para casa — diz Edgar. — Parece-me lógico que, se há um portal no livro, é possível que haja outro. — Ele pega na mão de Jules e vejo que ela fica espantada. — Nós vamos encontrá-lo.

Seraphima está no átrio do centro comercial, de mãos apertadas uma na outra à sua frente e os olhos arregalados.

— Nunca vi nada assim — sussurra ela. Antes que eu ou Oliver tenhamos tempo de a deter, ela lança-se pelo corredor principal e vai da montra de uma loja para a seguinte como se fosse uma bola numa máquina de *pinball*. Ao passar, acena aos manequins e aceita alegremente uma borrifadela de perfume que lhe é oferecida por um empregado da Bath & Body Works. A seguir, olha para a mulher e diz num tom imperativo:

— Já me pode arranjar o cabelo.

— Há um salão Ultima no segundo piso — sugere-lhe a funcionária, e eu dou o braço a Seraphima para a arrastar dali para fora.

— Anda daí, princesa — digo-lhe.

No centro comercial, veem-se dois tipos de miúdos. O primeiro fecha-se face à hiperestimulação. Como quando eu fui ao centro comercial com Oliver e, quando virei costas por um instante, fui dar com ele agachado atrás de um banco onde um velhote tinha adormecido. O segundo tipo de miúdos pensa que está no Disney World — corre para a máquina das gomas e pede um quilo.

Seraphima pertence a esse grupo.

— Onde devemos levá-la primeiro? — pergunta Oliver.

— À Victoria's Secret.

— Podes confiar em mim — diz ele, com sinceridade. — Eu não conto a ninguém.

— Não. É uma loja. — Olho à volta e apercebo-me de que Seraphima desapareceu. No meio da multidão, vislumbro uma madeixa de cabelo louro-prateado. — Por ali — digo e corremos na direção dela.

Dobramos a esquina e encontramos Seraphima em cima de um castelo de plástico em miniatura, que é parte de uma zona de brincadeiras para crianças. Está em cima de um torreão a enxotar as crianças.

— Desapareçam, *trolls* — grita. — Este é o meu reino!

— Meu Deus — gemo.

Dou um passo em frente, mas Oliver pousa-me as mãos nos ombros.

— Eu trato disto — diz. Põe-se de joelhos, com a mão no peito. — Princesa, ó princesa — chama-a. — Descei da vossa torre.

Seraphima pestaneja.

— Oh, sim, meu nobre rei. Esperei a minha vida toda por vós.

As mães que se encontram à volta da zona de brincar, que abraçaram as suas crianças de forma protetora após a chegada do furacão Seraphima, começam a bater palmas. Primeiro, fazem-no discretamente, mas tornam-se progressivamente mais ruidosas. Seraphima desce da estrutura de brincar de plástico, pega na mão de Oliver e começa a fazer vénias à audiência. Até que vê algo à distância.

— Oh, vejam! — exclama Seraphima e volta a sair dali a correr.

Dispara na direção da zona da restauração, rompendo por entre a multidão. Tentamos segui-la, mas somos desviados do nosso caminho por filas de consumidores ávidos e pistas de obstáculos sob a forma de carrinhos de bebé e malas.

— Delilah — pergunta-me Oliver —, porque é que estamos a ser seguidos?

Olho por cima do ombro e vejo uma mulher de avental branco e uma pala que segue no nosso encalço.

— Não sei — respondo eu, no mesmo momento em que finalmente vislumbramos a nossa presa, que está a espreitar para o interior da loja da Tiffany & Co.

— Seraphima!

Ela vira-se e tem na mão um tabuleiro cheio de amostras de galinha *kun pao*. A mulher que corre atrás de nós trava e eu entrego-lhe a bandeja e peço-lhe desculpa. Ela abana a cabeça e vai-se embora, resmungando entredentes.

— Vou usar *aquela* — anuncia Seraphima, apontando para uma tiara de diamantes reluzente.

Perante isto, rio-me às gargalhadas.

— Nem *tu* tens dinheiro para ela, Alteza.

Eu e Oliver bloqueamos Seraphima entre nós — como se ela fosse um bebé ou um doente psiquiátrico — e conduzimo-la na direção da loja de roupa interior. Contudo, mal entramos na Victoria's Secret, Oliver solta o braço de Seraphima para tapar os olhos.

— Santo Deus, Delilah — diz ele numa voz rouca. — Isto não é decente!

Conduzo-o a um banco à porta da loja. Está cheio de pais, namorados e maridos, todos eles presos no purgatório que é fazer compras com a sua cara-metade.

— Por favor, não vás a lado nenhum! — imploro. — Eu não posso estar a preocupar-me com os dois.

Eu e Seraphima entramos na loja. Passo pelas asas de anjo, pelos cintos de ligas rendados e

pelos fatos sensuais de criada e dirijo-me à roupa interior mais comum, que se encontra nas traseiras. Enquanto atravesso a área promocional, tentando decidir qual o tamanho de sutiã de Seraphima, ela esvoaça de mesa em mesa, enterrando as mãos nas pilhas de cetim colorido. Dança à minha volta com um espartilho — cor-de-rosa debruado com renda branca — na mão.

— Não é perfeito? — geme.

Tiro-lhe a peça de vestuário da mão.

— Em primeiro lugar, isto custa cem dólares. Em segundo lugar, se quiséssemos um espartilho, usávamos aquele que trouxeste contigo. — Estendo-lhe um sutiã branco de algodão. — É disto que precisamos.

Seraphima franze o sobrolho.

— Eu gosto deste — diz ela, escolhendo o sutiã menos funcional que já vi. É cor-de-rosa forte, com um folho de tule na base e adornado com pedras preciosas que desenham um V num dos seios e um S no outro.

Arranco-lho da mão.

— Não — digo-lhe. — Simplesmente… não.

Arrasto-a para um provador, fecho a porta atrás dela e atiro o sutiã branco por cima da porta.

— Veste este.

Um minuto depois a porta abre-se e ali está Seraphima, envergando apenas um sutiã branco na parte de cima do corpo, acompanhado de um sorriso gigantesco.

— Isto é tão *libertador* — exclama. — Vê só como eu me consigo mexer.

Ela rodopia de um lado para o outro, debruça-se e volta a endireitar-se.

— Ainda bem que gostas. Agora despe-o, para eu poder pagar…

Em vez disso, ela empurra-me e corre para junto das outras mulheres que se encontram no provador. Aponta para o peito e diz:

— Não é *esplêndido?* — pergunta.

Algumas das outras clientes anuem, mas a maioria finge ignorá-la. Puxo-a pela mão para a impedir de sair do provador e mostrar o decote à loja toda.

É uma luta para convencer Seraphima a vestir a camisola outra vez. Consigo suborná-la com a promessa de comprar mais roupa nova. Vou buscar Oliver e dirijo-me à loja da Gap, à procura de uma *t-shirt*.

— Ah, isto é perfeito! — exclama Seraphima, que corre até ao fundo da loja e tira um macacão de bebé de uma prateleira. O fato tem um *tutu* prateado brilhante cosido à volta da cintura.

— Esta é a Gap para bebés. Não te caberia nem nas orelhas — digo-lhe. Dirijo-me à secção de adultos e encontro algo que julgo que irá satisfazer a necessidade de Seraphima por brilhantes: uma camisola cor-de-rosa com uma estrela de lantejoulas aplicada na parte da frente. — Olha, Seraphima — digo. — Brilhante!

Daí a quinze minutos saímos da loja, com Seraphima a usar a *t-shirt* nova, um par de calças de ganga e umas sabrinas. A cada cinco passos, ela agacha-se, dá um pontapé no ar ou vira-se para ver o rabo.

— Quem é que manda neste centro comercial? — pergunta. — Gostava muito de o conhecer e cumprimentá-lo pela invenção destas calças de ganga.

— Não sei se vamos ter tempo para isso — murmuro. — Mas vou fazer-lhe chegar essa mensagem.

Oliver aproxima-se mais de mim.

— Tu conhece-*lo*?

De repente, Seraphima pega no saco que eu levo na mão e que tem dentro a roupa que ela trazia vestida quando entrou no centro comercial e dirige-se a um dos modelos de tronco nu que se encontra à porta da Abercrombie.

— Lamento imenso que tenha caído em tamanha miséria, a ponto de nem conseguir comprar roupa para vestir. Aceite, por favor, este pequeno donativo da minha parte e espero que a sua situação se altere em breve. — Faz um sorriso radiante e põe a camisola nas mãos do modelo.

Naquele momento, sinto *tantas* saudades de Jules.

Passadas três horas, já expliquei a Seraphima que a Free People não é um sítio onde se compram servos e que não se vendem príncipes na Express Men. Exausta, anuncio que vamos beber um café no pátio da restauração. Seraphima fica imediatamente pálida.

— Nesse caso, tenho de me arranjar primeiro.

Oliver olha para ela.

— Tu estás muito bonita — diz ele, num tom de voz que me indica que teve de lhe dizer o mesmo milhares de vezes.

— Mas eu não posso encontrar o rei e a rainha assim tão mal-arranjada.

— Não se trata de nenhum pátio real — explico-lhe.

Como Seraphima fica desapontada, digo-lhe que pode ser ela a escolher o sítio onde vamos comer. Infelizmente, ela interpreta a mensagem como sendo perfeitamente aceitável comprar comida em todas as bancas. Observo-a, enquanto ela caminha por entre os balcões com um tabuleiro cheio de pedaços de frango frito, piza, *pretzels* quentes, arroz frito com crepes chineses, batatas fritas, um Big Mac e um batido de chocolate.

— Para princesa — digo a Oliver —, come como um camionista.

Seraphima dirige-se a um balcão onde escolhe uma salsicha panada. Segura-a como se se tratasse de uma espiga de milho e vai mordiscando à volta como se fosse um *hamster*.

Toco no ombro de Oliver com o meu e sorrio para ele.

— Então, qual é a sensação de ter sobrevivido oficialmente ao pior pesadelo da maior parte dos rapazes adolescentes: um dia de compras com a namorada?

Ele olha de soslaio para Seraphima e encolhe-se quando a vê enfiar um pedaço inteiro de frango frito na boca.

— Tecnicamente — responde-me —, aquela não é a minha namorada. — Ele agarra na minha mão e aperta-a sobre o banco entre nós. — Além disso, não percebo do que se queixam esses tipos. Um dia inteiro contigo? A mim, parece-me absolutamente perfeito.

Ele debruça-se para mim e eu ergo o queixo para ele me beijar.

— Ui. Por favor! — interrompe Seraphima. Ela está a olhar para nós com repulsa e fala com a boca cheia. — Eu estou a tentar comer.

— Começo a perceber porque é que quiseste sair de casa — murmuro para Oliver.

Quando penso que as coisas não podem piorar, Allie McAndrews pavoneia-se pelo pátio da restauração como se fosse o líder de um bando de gansos que voam para Sul no inverno. Traz a reboque a sua comitiva de admiradoras e movem-se todas em uníssono. Cada uma delas leva um tabuleiro com uma garrafa de água e mais nada.

Eu tinha dito a Seraphima que não havia rainha neste pátio, mas ela acaba de chegar.

Como se tivesse um radar, Allie consegue dirigir-se diretamente à mesa onde nos encontramos sentados. Quando vê Oliver comigo, semicerra os olhos e vem direita a nós.

— Meninas! Esta mesa parece estar livre. Veem aqui alguém? É que eu não vejo. — Pousa a mala com estrondo entre mim e Seraphima.

— Allie — diz Oliver. — És capaz de estar a precisar de óculos…

— Esquece — interrompo-o. — Vamos embora.

Mas Seraphima nem se mexe. Olha Allie de alto a baixo, fascinada.

— Eu ficava *tão* melhor com aquele fato.

Allie apercebe-se finalmente de que está mais alguém comigo e com Oliver.

— Quem és tu?

Oh, meu Deus.

— A Seraphima é uma aluna de intercâmbio que veio da Islândia. Vai ficar em minha casa uns dias.

Um dos clones de Allie debruça-se sobre Seraphima.

— Tens um cabelo lindíssimo!

Os olhos de Allie incendeiam-se de imediato e ela vira-se.

— Chloe! — sibila.

Seraphima sorri.

— Não há problema. O meu cabelo é *mesmo* lindíssimo.

Fico estupefacta. A verdade é que me estou a divertir com a situação. Parece que estou a ver o

Choque de Titãs.

Quase consigo sentir um campo magnético de raiva a fervilhar à volta de Allie. Ela cerra os lábios e olha para a salsicha de Seraphima.

— Tens de ter cuidado com o que comes — diz-lhe, com doçura. — Não queres perder a tua figura.

Seraphima pestaneja, inocentemente.

— É tão engraçado! Por muito que eu coma, vai tudo para o peito! — Ela lança um olhar a Allie e a seguir vira-se para mim. — É normal as raparigas daqui terem um bigode como os rapazes?

Quase cuspo a minha bebida.

Oliver levanta-se e agarra Seraphima pelo braço, puxando-a para cima.

— Vamos embora antes que alguém fique sem um olho.

Seraphima franze a testa.

— Eu ainda não acabei de comer.

— A Delilah faz-te um bolo quando chegarmos a casa.

Allie e a sua claque ocupam os nossos lugares, como se fossem uma toalha de linho antiga que é estendida sobre uma mesa de sala de jantar, e sentando-se todas ao mesmo tempo.

— Bom — diz Seraphima. — Parece que vamos ter de ir. Foi um prazer conhecer-vos, plebeias. — Debruça-se sobre Allie. — E esta localização *é* perfeita para ti. As restantes pessoas estão a cinco mesas de distância e tu pareces muito mais bonita ao longe! — Dirige-lhe um sorriso genuíno mostrando os dentes perfeitamente brancos e deixa Allie sem palavras.

Afasto-me, ao lado de Seraphima e de Oliver, sabendo que Allie nos fita.

Talvez ter a ex-namorada de Oliver por perto tenha as suas vantagens.

Mal entramos na minha casa, *Frump* começa a ladrar. Anda à volta de Seraphima e da sua indumentária nova, cheira as calças de ganga dela e puxa-lhe a parte de trás da *t-shirt*.

— Para! — grita ela. — *Frump*, vais rasgar isso.

Ele ladra e senta-se sobre as patas de trás.

— Bem, eu acho que pareço bastante atraente — exclama ela, cruzando os braços.

Oliver intervém.

— *Frump*, ela não pode andar por aí de vestido de gala o tempo todo sem chamar a atenção.

— E olha o que eu *consigo* fazer com esta roupa — acrescenta Seraphima. — Ela salta para a frente e estira-se, como se estivesse prestes a correr uma maratona.

Frump abana a cabeça com tanta força que a sua papada balança. Solta um ganido lamentoso.

Um franzido suave perpassa o rosto perfeito de Seraphima.

— Não me importa. Eu adoro este sítio. Adoro o que tenho vestido. E vou ficar aqui *para*

sempre.

— Não podes — diz Oliver imediatamente. — Tu não pertences aqui.

— E temos de trazer a Jules de volta — relembro.

— Tu também não pertences aqui — diz Seraphima a Oliver. Os olhos dela enchem-se de lágrimas. — Eu nunca pude ser eu mesma. Sempre fui a princesa que toda a gente esperava que eu fosse. Nem o príncipe da minha história me amava. Não mereço ser feliz, para variar?

Frump começa a ladrar tão alto que tenho a certeza de que os vizinhos conseguem ouvi-lo.

— O que é que ele está a dizer? — sussurro para Oliver, mas nem *Frump* nem Seraphima estão a dar-nos atenção.

— O que havia de errado em sermos nós próprios no conto de fadas? Tudo! — lamenta-se Seraphima.

O cachorro mostra os dentes e rosna.

— Talvez eu não me esteja a transformar numa pessoa diferente — diz-lhe Seraphima. — Se calhar, fui sempre assim.

Ele gane e descreve um círculo, olhando para ela com um ar suplicante.

— Mas nós *estamos* a falar — reponde-lhe ela. — Estamos a falar agora mesmo.

Frump fica muito quieto e mantém a cabeça muito baixa, arrastando as pontas das orelhas no chão. Tem a cauda entre as pernas.

Seraphima abandona a sua atitude de guerra. Atira-se para o chão e levanta o focinho dele entre as suas mãos.

— Não — admite ela. — É verdade que tu não *podes* falar comigo. Mas o que é que me dirias lá que não me podes dizer aqui?

Frump levanta o nariz na direção do teto, expondo a sua garganta branca. Uiva e enrola a língua em torno das vogais de uma forma tão bizarra que parece fala humana.

— Aaaooooeee — uiva ele.

Perplexa, vejo aquela cena a desenrolar-se diante dos meus olhos. Houve um breve período em que *Frump* era de novo um rapaz e Seraphima era a rapariga que ele amava e ele não conseguia reunir a coragem para lhe dizer o que sentia. E agora é demasiado tarde. O que aconteceria se as pessoas que devíamos amar estivessem no sítio certo à hora certa? E se disséssemos uns aos outros que nos amávamos antes que fosse tarde demais? Porque é que o amor nunca é simples?

Vejo as emoções sucederem-se no rosto de Seraphima: choque, sofrimento, pena. E amor. Eu sei que ela o ama. E sei como é pensar que, aconteça o que acontecer, nunca vamos ter a oportunidade de ficarmos juntos da forma como desejamos.

Sinto a mão de Oliver à procura da minha e sei que ele está a pensar na mesma coisa.

As lágrimas correm pelo rosto de Seraphima. Apanhada numa tempestade de emoções, ela põe-se de pé, abre a porta de casa e começa a correr.

Por muito que ela corra, sei que não vai conseguir correr mais depressa do que os seus pensamentos.

Frump levanta-se sobre as patas e dispara porta fora, perseguindo Seraphima, antes de eu ou Oliver termos a presença de espírito de o segurar pela coleira. Ladra e volta a ladrar, tentando chamar a atenção dela.

Por fim, ela para e olha para ele. Ele para no meio da rua, a arfar, a fitá-la. E, naquele momento, não importa que não haja palavras.

Nenhum de nós vê o carro que se aproxima.



OLIVER

Nunca senti nada que se pareça com isto.

Como se alguém me tivesse esvaziado por dentro, me tivesse raspado e deixado apenas a minha casca exterior. Sinto uma pontada quente de dor de cada vez que olho para ele. Sinto o peso dele nos meus braços. Ainda sinto o calor do seu corpo e o pelo a picar-me a pele. Ele está aqui, mas não está.

Quero fechar o livro. Quero começar do princípio. Quero que ele esteja ao meu lado à frente da rainha Maureen quando lhe contar que vou partir para salvar uma princesa. Quero que percorramos a história juntos mais um milhão de vezes.

Parece que estou dentro de uma caixa de vidro. Vejo a boca de Delilah a mexer-se quando ela me chama e os punhos dela embatem na parede transparente para captar a minha atenção. Mas só ouço o sangue a pulsar-me dentro dos ouvidos.

— *Frump*? — sussurro e abano-o com cuidado. — Vá lá. Acorda.

De repente, as mãos de Delilah fecham-se sobre os meus ombros e ela abana-me com força. Naquele segundo, o mundo abate-se sobre mim, como se uma onda traiçoeira me atirasse de um lado para o outro, tirando-me o fôlego e o rumo. Volto à superfície e tudo é demasiado ruidoso, demasiado brilhante, demasiado doloroso. Delilah enterra os dedos na minha pele com tanta força que me deixam marcas em forma de meias-luas. Seraphima está enrolada,

balança para a frente e para trás, a gemer. Não tenho qualquer memória de termos voltado para casa de Delilah. Há apenas um rasto de gotas de tinta que vai da rua até ao chão da cozinha.

— Tens de me ajudar — digo a Delilah, mas as palavras ficam presas na minha garganta.

— Oliver — sussurra ela. — Nós não podemos fazer nada. Ele partiu.

Mas ela está enganada. Ele está aqui mesmo.

— Nós só temos de voltar ao princípio. Temos de fechar o livro…

— Não há livro — responde-me ela suavemente. — Não podemos voltar atrás.

Há algo nas palavras dela que rompe a neblina que me envolve e eu olho para o rosto dela, surpreendido.

Para mim, a morte nunca foi mais do que uma mera palavra. A menção de um rei que eu nunca conheci, um vilão cujo falecimento conduzia a um final feliz. Eu nunca a vi, nunca a senti, nunca a segurei nas mãos.

Nunca houve um *para sempre.*

Seraphima ajoelha-se à minha frente e acaricia o corpo inerte de *Frump*.

— Não, não, não — diz ela, a chorar. — Não me podes deixar. Eu amo-te! Estás a ouvir-me? Eu *amo-te*! — Ela olha para mim e os seus olhos azuis brilham cheios de lágrimas. — Porque é que ele não acorda, Oliver?

Delilah pousa a mão no braço de Seraphima.

— As coisas aqui não funcionam dessa maneira — explica-lhe.

Os lábios dela tremem.

— Eu quero que as coisas voltem a ser como antes. — Ela atira-se contra o meu ombro e chora com tal intensidade que todo o seu corpo é sacudido. — Leva-me para casa, por favor — implora. — Leva-me para casa.

Por cima da cabeça inclinada de Seraphima, cruzo o olhar de Delilah. Parece um espelho. Vejo refletida no rosto dela a mesma angústia que deve estampar-se no meu.

Ela dirige-se a um dos armários da cozinha e tira de lá um pano de algodão branco. Aproxima-se de mim delicadamente e tira-me

Frump dos braços, para embrulhá-lo num casulo.

Quando solto o meu melhor amigo, parece que me falta um pedaço. Olho para as minhas mãos manchadas de tinta.

A cada golpe da pá, cerro os dentes. Tenho as mãos cheias de bolhas e doem-me os ombros, mas pelo menos este tipo de dor eu percebo. O buraco que estou a cavar vai ficando mais fundo e o monte de terra aumenta. Não olho para trás de mim. Não posso, porque sei aquilo que vou ver.

Delilah está sentada no alpendre das traseiras, com o telefone na mão, a tentar não chorar enquanto explica à mãe o sucedido. Apanho trechos de uma conversa de um só sentido.

— … carro apareceu do nada… dono ofereceu-se para nos levar ao veterinário… tarde demais…

O cabelo cai-me para os olhos quando enterro a pá ainda com mais força no solo.

Foi Delilah quem me fez perceber que não podíamos esperar que a senhora McPhee chegasse a casa para o enterrarmos. Para ela, *Frump* sempre fora *Humphrey*. Seria difícil explicar-lhe por que razão a mortalha do cão estava manchada de tinta ou porque é que eu estou tão destroçado por causa da perda de um cão que não me pertencia. Depois de servir um chá a Seraphima e de a acomodar numa cadeira, com um cobertor pelos ombros e uma caixa de lenços de papel no colo, Delilah e eu levámos *Frump* para o quintal, para lhe encontrarmos um lugar de descanso eterno.

Escolhi um sítio por baixo de um salgueiro, porque também tínhamos daquelas árvores em casa e eu achei que ele teria gostado. A seguir, sem dizer mais uma palavra que seja a Delilah, começo a cavar.

Sinto uma gota de água na mão e a seguir outra. Era adequado que o céu chorasse. Mas é então que olho para cima e vejo que está sol. E apercebo-me de que sou eu quem está a chorar.

Delilah aproxima-se, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás.

— Está perfeito. Deixa-me ir buscar a Seraphima e…

— Ainda não — interrompo-a. — Acho que devemos cavar um pouco

mais.

O buraco, sei-o, está suficientemente profundo. Só que eu não estou preparado para o que vem a seguir.

— Oliver — diz Delilah. — *Tem de ser.* A minha mãe está quase a chegar.

Anuo e pouso a pá. Ajoelho-me à frente de *Frump* enquanto Delilah vai buscar Seraphima.

Inclino-me sobre ele e sussurro.

— Lembras-te de quando convencemos o *Socks* que se ele não parasse de comer cenouras ia ficar cor de laranja? E de quando me pegaste pulgas e a rainha Maureen nos pôs aos dois de quarentena na torre? — Fico em silêncio durante um bocado, perdido no passado. — De todas aquelas vezes que caminhámos pela floresta e pelo prado dos unicórnios? Tu corrias à minha frente e depois voltavas sempre para trás, só para te certificares de que eu ainda estava lá. — Pouso a mão na cabeça de *Frump*. — Não te esqueças de voltar atrás, meu amigo.

Delilah volta, com o braço por cima de Seraphima. Percebo que, se não fosse o apoio de Delilah, ela já se tinha ido abaixo. Fica ali, rígida, à frente da campa aberta, com os olhos inchados e o rosto vermelho, enquanto eu tomo *Frump* nos braços e o desço à terra devagar.

Seraphima começa a chorar outra vez e segura um lenço de papel contra o nariz.

— Às vezes, nos funerais — diz Delilah —, as pessoas dizem algumas palavras.

Seraphima anui.

— Algumas palavras — repete solenemente.

— *Frump* — prossegue Delilah —, eu não te conhecia muito bem. Mas nunca vi ninguém amar com tanta intensidade nem com tanta lealdade como tu.

Ela olha para mim e eu percebo que é a minha vez de falar. Aclaro a voz.

— Espero que, onde quer que estejas, sejas finalmente quem querias ser.

Seraphima cai de joelhos a soluçar, e Delilah olha para mim e

comunica em silêncio. Ergo Seraphima nos meus braços e levo-a para dentro de casa, onde a ajudo a instalar-se no sofá da sala de estar. Quando volto lá para fora, Delilah já tapou metade do buraco com terra.

Por um momento, fico congelado de agonia ao vê-la. A seguir, tiro-lhe a pá das mãos e começo a atirar terra para cima da campa, furiosamente. Todo o meu corpo treme em resultado deste esforço e o suor escorre-me pelas costas. Delilah só consegue arrancar-me a pá das mãos à terceira tentativa.

— Para! — implora-me. — Já chega!

O meu rosto contorce-se de sofrimento.

— Este é o meu castigo! — digo. — Se não fosse eu, ele não estaria aqui.

— Oh, Oliver — murmura ela. E eu caio nos seus braços, sucumbindo à dor.

Quando se ama alguém, o silêncio não é desconfortável. Delilah está sentada ao meu lado, abraçando-me com firmeza, e nenhum de nós fala. Eu nasci num mar de palavras, vivi e respirei linguagem, mas neste momento o silêncio é o lugar mais confortável do mundo.

Quando a mãe de Delilah chega, passa uma hora lá fora, junto à campa de *Frump*, com o doutor Ducharme ao lado, com o braço por cima dela. Seraphima retira-se depois do jantar, dizendo que tem uma dor de cabeça, se bem que eu saiba que foram os acontecimentos deste dia que a esmagaram. Pela primeira vez, desde que cheguei a casa esta manhã, estou sozinho com Delilah no quarto dela, com uma tarefa hercúlea pela frente.

— Estás pronto? — pergunta-me Delilah, ao mesmo tempo que tira o conto de fadas da estante.

Respiro fundo e abro o livro na última página.

Todo o elenco se encontra em posição na Praia da Eternidade, numa mistura estranha de conto de fadas com história de ficção científica. As sereias estão a nadar nas poças de água. O capitão

Crabbe guia uma nave espacial e os *trolls* disparam lasers de trás de uma barricada. Edgar ergue a espada bem alto, num gesto de vitória. Ao lado dele, Jules puxa a gola justa do seu vestido de princesa. Quando vê que somos nós, relaxa.

— Eu *disse-vos* que era a Delilah e o Oliver — diz ela. — *Já posso* despir este espartilho?

Mas eu não me concentro nas palavras dela. Os meus olhos detêm-se no lugar onde *Frump* estaria e onde, em vez dele, se encontra *Humphrey* com uma pistola de laser na boca.

— Ei, rapaz — diz Edgar e pega na arma que o cachorro sacode violentamente de um lado para o outro. — Isto não é um brinquedo. — Ele olha para mim. — E, antes que perguntem, não, ainda não encontrámos mais nenhum portal. Mas talvez se vocês parassem de nos interromper ao abrirem o livro, nós pudéssemos efetivamente trabalhar…

— Não foi por isso que vos chamei aqui. — Engulo em seco. — Não sei como hei de dizer-vos isto…

Delilah pousa a mão em cima da minha, na margem da página.

— É o *Frump*.

— Ele… ele morreu — consigo dizer.

A rainha Maureen pisca-me o olho.

— Por amor de Deus, querido. Isso acontece ao Rapscullio todos os dias. Fecha o livro.

— Eu já não vivo no livro — respondo eu. — E o *Frump* também já não vivia aí quando morreu. Aqui as coisas são diferentes. Não há segundas oportunidades. As coisas são… permanentes.

Uma nuvem de choque abate-se sobre o elenco.

— E se o trouxermos outra vez para aqui? — pergunta *Socks*. — Talvez ele só precise de voltar para o livro.

— As coisas não funcionam assim, meu rapaz — responde Orville. — Quando se vive num determinado mundo, tem de se viver segundo as regras de lá. O *Frump* não pode morrer lá e ser ressuscitado aqui.

Uma das sereias começa a chorar, a seguir a segunda chora também e de seguida a terceira, e entretanto começa a formar-se uma onda. *Pyro* expele uma nuvem de fumo branco. *Socks* senta-se ruidosamente sobre os quadris.

— Mas ele era *meu amigo* — lamenta-se o cavalo. — Como é que pode simplesmente ter desaparecido?

— Eu sei que dói — diz Delilah. — Mas, à medida que os dias forem passando, vai doendo um pouco menos. — Ela afasta-se do livro para limpar os olhos.

Se eu ficar com eles enquanto eles sofrem, vou ficar destroçado outra vez e mal consegui recuperar o controlo depois do funeral.

— É mais importante do que nunca que vocês consigam fazer com que a Seraphima volte para o livro — digo a Edgar. — Ela precisa de voltar para aí, para junto de vós.

Rapscullio põe o braço sobre o ombro da rainha Maureen. Uma a uma, as fadas soltam uma chuva de faíscas, que se transformam em velas fúnebres em memória de *Frump*.

— Lamento — digo com a voz embargada pela dor. — Nunca pensei que pudesse acontecer alguma coisa deste género.

E naquele momento não consigo conter-me mais. Afasto-me, antes que todos me vejam desmanchar-me outra vez. Antes que isso aconteça, contudo, Delilah fecha o livro.

Sento-me na beira da cama e enterro o rosto nas mãos.

— Como pode alguém sobreviver neste mundo? — pergunto. — Como é que vocês conseguem deixar partir as pessoas de quem gostam?

Eu não estou exatamente à espera de que Delilah me responda, mas ela senta-se ao meu lado e entrelaça os seus dedos nos meus.

— Porque sabemos que elas vão para um lugar melhor — responde-me ela, calmamente. — É isso que toda a gente nos diz, mas eu achava que não era verdade, até agora.

Há algo no seu tom de voz, uma inflexão nas suas palavras, que me faz olhar para ela. Os olhos dela estão brilhantes por causa das lágrimas e ela morde o lábio inferior.

— Desde que o Edgar nos disse que queria sair do livro, eu tenho tentado arranjar uma maneira de te manter aqui também. Quando amamos alguém, queremos mantê-lo em segurança. Era por isso que o *Frump* queria que Seraphima voltasse com ele para dentro do livro. — Ela inspira profunda e ruidosamente. — Eu tenho tanto medo de te perder para sempre. Acho que não conseguiria continuar a viver se tu não estivesses vivo. E é por isso que percebi que não é só

Seraphima que tem de partir.

Lentamente, as palavras dela flutuam na minha mente até se tornarem claras e eu percebo o que ela quer dizer.

— Mas eu amo-te.

— Eu também te amo. Tanto que prefiro ter-te noutro mundo, em segurança, do que não te ter.

Quero contestar, mas sei que nunca irei ganhar. A prova está no quintal das traseiras de Delilah, debaixo do salgueiro. Está na terra que ainda se encontra entranhada debaixo das minhas unhas.

Delilah lança-se nos meus braços e eu agarro-a, abraçando-a com tanta intensidade, como se isso bastasse para me impedir de voltar a cair naquelas páginas. Abraço-a como se ela pudesse deixar a sua marca na minha pele, no meu coração.

Tento guardar tudo isto na memória — o que sinto quando lhe toco, o aroma a baunilha do seu cabelo.

Pergunto-me quantas pessoas irei perder num dia.

A morte é o visitante que não se convidou, que chega quando menos se espera, quando dele menos se precisa e quando menos se deseja.

É um golpe vindo de trás.

Uma faca espetada nas costas.

A sombra que persegue.

É por causa dela que se está permanentemente a olhar por cima do ombro.

EDGAR

Como se explica o conceito de *nunca* num mundo onde as possibilidades são infinitas?

Socks vira-se para mim, com os olhos toldados pela confusão.

— Então, quando o Oliver disse que o *Frump* não vai voltar — pergunta-me —, ele referia-se a *esta semana…* certo?

Olho à minha volta e vejo que está toda a gente a olhar para mim, à espera de respostas.

A maneira como as pessoas me explicaram o que era a morte, quando o meu pai morreu, foi um rol de tretas. *Ele está num lugar melhor. Ele vai estar sempre contigo. Enquanto te lembrares dele, ele vai estar sempre vivo.* Nada disso é verdade. Quando alguém de quem gostamos morre, por muito que tentemos agarrá-lo, esse alguém começa a desaparecer. Num dia deixamos de conseguir lembrar-nos do timbre da sua voz. A seguir esquecemos o seu cheiro. E, quando damos por isso, as únicas memórias que nos restam são aquelas que retiramos das fotografias.

— Não volta esta semana — respondo a *Socks*. — Nem nunca mais.

— Será que podemos falar com o *Frump* a este respeito? — pergunta-me *Socks*. — Tenho quase a certeza de que conseguimos convencê-lo a desistir da ideia de morrer.

— Ele não teve escolha — explico-lhe. — É como ser apagado. Como quando se deixa de fazer parte da história.

— Como o Oliver? — pergunta a fada Glint.

— Sim, tipo isso… se o Oliver nunca mais pudesse abrir o livro. E vocês não pudessem falar mais com ele.

Olho à minha volta, para os rostos perplexos das personagens que se encontram na praia, e pergunto-me se estarei a tornar a situação pior. Se Oliver estivesse aqui, em vez de mim, ele saberia precisamente o que devia dizer. Como sempre, eu sou apenas um

substituto mais fraco.

O lábio superior de *Socks* treme.

— Mas eu não tive oportunidade de me despedir.

— É isso que acontece quando alguém morre — ouço Jules, que entretanto se aproxima, dizer. — Raramente temos essa oportunidade.

Até agora, eu quase me tinha esquecido dela.

A madeixa branca do cabelo de Jules triplicou de volume. Ela continua a parecer ridícula com um vestido de princesa e botas da tropa, mas as personagens absorvem cada uma das suas palavras, como se elas fossem oferendas preciosas.

— É o facto de não termos a oportunidade de nos despedirmos que torna a situação tão surreal — prossegue Jules. — É isso que faz com que seja difícil aceitar a situação. Sentimos que, se alguém vai partir para sempre, pelo menos devia haver um abraço, um beijo, certo? Mas a morte é tramada. — Ela senta-se numa pedra. — Talvez vocês vejam uma nuvem com o formato de um osso para cão e vão chamar por *Frump* para que ele a veja também. Mas ele já não está convosco. Ou podem sonhar que ele está a cavar a terra do caminho onde há morangos, ao pé do castelo, como se ele ainda estivesse ali, mas não está. Mas, por muito que vocês achem que estão a sofrer agora, lamento dizer que só vai piorar. Quando o choque se dissipar e a verdade se instalar… é nessa altura que nos apercebemos das saudades que temos.

A rainha Maureen franze a testa.

— E o que é que fazemos?

Jules olha para ela.

— Continuamos a viver.

Quando o grupo começa a dispersar, Jules dirige-se a mim.

— Obrigado, doutor Phil — murmuro.

— Cala-te, Edgar.

Encolho-me quando me lembro de como era a escola secundária. Era bem mais fácil ficar calado e não ser visto do que ser constantemente mandado calar.

Uma onda de raiva consome-me.

— Já agora, como é que te tornaste perita no assunto da morte?

— Não é da tua conta. — Ela olha para mim. — É melhor irmos andando, para ver se encontramos o tal portal. Porque eu não tenciono ficar aqui nem mais um dia.

Deve haver umas mil árvores na Floresta Encantada e nós temos de observar cada

uma delas. Eu e Jules enfiamos os punhos fechados nos pequenos buracos dos troncos onde os esquilos normalmente vivem, tentando descobrir uma passagem secreta para fora do livro. Glint, Ember e Sparks também rastejam para dentro das fendas das árvores iluminando-as, como se fossem montras de um museu, quando olham lá para dentro à procura de alguma coisa de valor.

— Não estou a perceber — diz Jules, com um cotovelo enfiado num salgueiro. — Vocês *nunca* fizeram isto?

— Ah, sim. Eu enfio as mãos nas árvores sempre que tenho oportunidade.

— Não, estou a referir-me a esta cena da porta de escape. Não foi assim que tu e o Oliver trocaram de lugar no início? — Jules estica o pescoço e olha à volta de um tronco. — Não podemos dizer umas palavras mágicas e despachar isto?



— Se fosse assim tão fácil, não achas que já o tinha feito? — faço notar. — Eu e o Oliver trocámos de lugar reescrevendo o enredo e transformando a história numa batalha de ficção científica, em que eu era o protagonista, em vez de ser o Oliver, e ele era dado como tendo sido sempre um impostor. E, sim, eu acho que conseguimos enganar o livro tempo suficiente para podermos fazer a troca. Mas o livro quer retomar o seu formato inicial. Ele começou a deixar mensagens ao Oliver no mundo real. E, antes de o *Frump* ter partido, transformou-o novamente num cão.

— Então… se esperarmos algum tempo, não vamos ser cuspidos para fora do livro de uma maneira ou de outra?

— Não, isso não é assim. Ele parece tolerar bem a troca de personagens, mas não que se mexa na história. Quer um final feliz.

Jules revira os olhos.

— Mas isso é tão Disney.

— Também a Miley Cyrus era — respondo eu, e Jules ri-se.

— Posso fazer uma pergunta idiota? De que é que estamos à procura? É de um ovo da Páscoa a sério?

Aquilo faz-me pensar na minha mãe e no que Oliver me contou que lhe aconteceu. Delilah garantiu-me que ela já está perfeitamente recuperada, mas eu quero ver por mim próprio.

— Pode ser qualquer coisa.

— Então eu definitivamente encontrei-a — responde Jules, que tem a mão cheia de caca de esquilo. — É *isto* que vai definitivamente levar-me de volta a casa.

— Tens razão. Aqui não vamos encontrar nada. — Bato num dos troncos de árvore. — Olha, Glint — digo. E a fada põe a sua cabecinha de fora do buraco. — Vocês estão dispensadas.

As fadas voam para fora dali, deixando um rasto de luz atrás delas, como se fosse a luz fluorescente de um foguete do Quatro de Julho.

— E agora?

— O oceano — sugiro. — Aviso: as sereias são acumuladoras inveteradas. Sabe-se lá o que vamos encontrar.

— A minha tia é acumuladora — diz Jules. — Juro que, quando estive lá no verão, tive de rastejar até à casa de banho, como fazem os militares. E tenho quase a certeza de que o corpo de Amelia Earhart está escondido algures debaixo das pilhas de jornais que ela tem na sala.

— Porque é que foste para casa da tua tia?

— Os meus pais disseram-me que era para eu ter a experiência das alegrias de viver no campo. Tipo, içar baldes de lavagem para os porcos e limpar a capoeira. Mas, na verdade, eles estavam apenas a tentar livrar-se de mim.

— Porquê? — pergunto eu.

Há alguma coisa em Jules que se fecha.

— Porque acharam que era *bom* para mim ou coisa do género.

Enfio as mãos nos bolsos.

— Foi por isso que a minha mãe escreveu este livro — conto-lhe. — Depois de o meu pai ter morrido, eu fiquei meio aterrorizado. Com medo de tudo.

— O teu pai morreu?

Encolho os ombros.

— Acho que nenhum de nós está à altura das expectativas dos nossos pais, hein? Eu nunca seria o rapaz que a minha mãe esperava que eu viesse a ser… nomeadamente, o Oliver. Eu só conseguia ser como sou, mas isso não parecia ser suficientemente bom.

Dobro a esquina no fim do último parágrafo e dou por mim na mudança da página. Apercebo-me de que Jules parou de andar.

— O que foi?

Ela abana a cabeça.

— Eu ainda me estou a habituar a isto.

Sorrio.

— Alguém tem medo de espaços em branco…

— Dá-me um desconto. Eu só aqui estou há um dia. — Ela respira fundo e tenta parecer descontraída, mas eu vejo como o rosto dela está vermelho e como ela está a fazer um esforço para se acalmar. É um pouco estranho ver Jules, que provavelmente era capaz de sobreviver a um *tsunami* ou defrontar o exército talibã em peso, ficar tão abalada com um simples fim de página.

Finalmente, há uma coisa que eu sei fazer melhor do que ela.

Agarro na mão dela.

— Tenta não pensar demais — digo eu, e salto para a página seguinte.

Aterramos no prado dos unicórnios. Continuo agarrado a Jules. Olho para as nossas mãos dadas e sinto um arrepio percorrer-me a espinha. De súbito, Jules tira a mão da minha.

— Eu tinha conseguido sozinha — riposta ela e afasta-se.

— Também acho que sim — murmuro para mim mesmo. Não é a primeira vez que uma

rapariga olha para mim como se eu fosse lodo.

Apanho-a a meio do percurso pelo prado. Durante um bocado, caminhamos simplesmente lado a lado, em silêncio.

— Ei… — digo eu, tentando quebrar aquele silêncio desconfortável. — Quanto pesa um *hipster?*

Jules não responde.

— Um Instagram. — Faço uma pausa. — Percebeste? Instag…

Paro quando Jules se imobiliza a olhar para um unicórnio que come miscanto.

— Mas eu tomei algum alucinogénio? — pergunta ela.

— Ah, espera. Isto melhora. Estamos no prado dos unicórnios… e eles estão a comer erva-da-lua.

— A tua mãe estava pedrada quando escreveu este livro? — pergunta-me Jules.

Diante disto, rio-me. A minha mãe nem gosta de tomar aspirina.

— Há uma casa de banho exterior por trás daquela árvore. Tenho a certeza de que o Elvis morreu ali…

Jules sorri e, num piscar de olhos, qualquer desconforto que pudesse existir entre nós desaparece outra vez.

— Então… se nos estamos a dirigir para o oceano — pergunta ela —, como é que nos encontramos presos em terra com uma mão-cheia de criaturas míticas?

— Atalho — explico, apontando para a falésia lá ao longe. A água fica do outro lado.

Caminhamos pelo campo. Jules afaga carinhosamente um unicórnio pelo caminho. Um enxame de borboletas forma uma nuvem à nossa volta. É um festival de cores. Ela olha à volta, deleitada.

— Sabes o que significa vermos tantas borboletas juntas, não sabes?

Eu hesito e fico à espera de uma resposta típica de rapariga — que é um anjo da guarda, boa sorte ou apenas romântico.

— Significa que está alguma coisa morta por perto — prossegue Jules. — As borboletas alimentam-se de carne em decomposição.

Fito-a, impressionado.

— Borboletas-zombie — digo. — *Muito* fixe.

Chegamos à base da falésia e começamos a trepar. Jules é mais rápida do que eu e chega ao topo um pouco antes de mim. Iço-me para cima do rebordo e fico de gatas. A seguir, fico completamente imóvel e quase mordo a língua. Jules está a despir o vestido.

— O que é que foi? — pergunta-me. — Nunca viste uma rapariga de roupa interior?

Bom. Na verdade, não.

— Tu não tens nada vestido — faço notar.

— Obrigada, capitão Óbvio. E, tecnicamente, estou a usar o equivalente a um biquíni. Não vamos nadar?

— Sim, mas…

— *Tu* nadas vestido?

— N… não — gaguejo.

— O último a chegar é um ovo podre — diz Jules, que se lança num mergulho de cisne perfeito da falésia para o oceano.

Tu consegues, penso eu. Salto ao pé-coxinho, tentando despir o meu fato espacial e, quando olho para baixo, reparo, chocado, num par de *collants* cinzentos que não vesti esta manhã.

Boa. Portanto agora o livro está a tentar transformar-me num príncipe.

Debato-me para despir os *collants* e pergunto-me como raio é que as mulheres o fazem.

— Porque é que estás a demorar tanto? — grita Jules. Eu olho por cima do ombro e vejo-a a boiar na água, com o cabelo escorrido para trás.

Decido impressioná-la com o meu melhor mortal para trás. Consigo tirar uma das pernas de dentro dos *collants*. Mas, quando estou a tentar despir a outra, perco o equilíbrio e, em vez de executar um mortal digno dos Jogos Olímpicos, acabo por me desequilibrar no ar e embato na superfície da água de barriga para baixo com um enorme estrondo.

Consigo chegar à superfície a cuspir água. Jules ri-se.

— Mas que sensual — diz ela.

Somos rapidamente rodeados por um remoinho feito com as caudas de Marina, Ondine e Kyrie.

— Tens de beijar uma delas — digo a Jules.

— O quê? Não estamos a jogar ao bate-pé.

— Não, é para conseguires respirar debaixo de água. — Ondine vem à superfície. — É toda tua — digo-lhe.

— Creio que ainda não fomos formalmente apresentadas. Sou a Ondine — diz a sereia, que beija Jules e a puxa para debaixo de água.

Um minuto mais tarde, Kyrie pousa as suas mãos membranosas nos meus ombros.

— Estás preparado, bonitão? — pergunta-me.

— Não devias pelo menos levar-me a jantar primeiro? — gracejo. Ela fecha os lábios sobre os meus e leva-me para debaixo de água.

É a sensação mais estranha que experimentei neste livro — respirar água. Ao princípio, debatemo-nos, certos de que nos estamos a afogar quando os nossos pulmões se enchem. Mas a seguir, quando temos a certeza de que nos estamos a ir, o peito parece explodir e a água circula rapidamente para dentro e para fora do nosso nariz, como se fosse oxigénio. Fico de olho em Jules, que se debate nos braços de Ondine à medida que se entrega à sensação.

Os olhos dela abrem-se e o cabelo espalha-se à volta do seu rosto em madeixas cor de índigo com laivos prateados.

— Isto — diz ela — é tramado de bom!

— Eu sei. Não é? Espera um bocado. — Viro-me para as sereias. — Ei, meninas, podemos ter uma barbatana?

Elas entrelaçam os braços nos nossos e levam-nos a nadar até ao fundo do oceano numa questão de segundos. Jules não consegue parar de sorrir, parece uma criança a andar pela primeira vez na montanha-russa. Vejo-a esticar-se na direção de um cavalo-marinho, que lhe sobe para o braço fazendo-lhe cócegas. Por fim, as sereias deixam-nos à entrada da sua gruta subaquática. Jules olha para Ondine com admiração.

— Tu havias de fazer cá um figurão na seleção de natação da nossa escola.

— Tenho quase a certeza de que ter cauda é considerado batota — digo. Olho à volta da caverna. O teto e o chão são formados por estalactites e estalagmites, que parecem as presas de um animal gigantesco. Corais em forma de cérebro cor laranja brilhante adornam as paredes e no centro da gruta está uma laje de granito que é a mesa de refeições delas.

— Do que é que estamos à procura? — pergunta Marina.

— Uma saída — explico.

Kyrie bufa.

— Vieram ao sítio errado — responde ela, e abre uma pequena porta de madeira. Meia dúzia de esqueletos caem na nossa direção. Ainda têm à volta pedaços de fitas e veludo e estão a segurar as suas espadas. — Se estes tipos não encontraram uma abertura por onde sair, duvido que vocês a encontrem.

Fico à espera de que Jules se mostre apavorada com aquilo, mas, em vez disso, ela nada de bruços até junto de um dos esqueletos e aperta-lhe a mão.

— Fixe — sussurra.

Marina acena a cabeça, impressionada.

— *Gosto* desta rapariga.

Começo a abrir ostras, na esperança de encontrar algo mais do que uma vulgar pérola.

Marina nada até às profundezas do armário dos esqueletos e revista os seus habitantes. Ondine desliza sobre as algas e Kyrie salta por cima dos linguados e das estrelas-do-mar que se encontram no fundo do oceano. Entretanto, Jules está sentada de pernas cruzadas em cima da mesa de granito e tem o ombro enfiado numa concha cor-de-rosa gigante, cheia de chaves.

— Então e estas aqui? — pergunta ela. — Têm de abrir *alguma coisa.*

— Em tempos abriram, sim. Foram chaves de reinos, de grilhões, de diários. A maioria há muito que não tem uso — diz Kyrie.

Jules começa a examiná-las, uma a uma, e a separá-las em montes. Algumas estão enferrujadas, outras estão brilhantes. Umas estão envoltas em algas, algumas são simples, outras são ornamentadas. Não há nada que se destaque como sendo extraordinário. Nenhuma delas grita: «Esta é a vossa saída.»

— Esta aqui tem uma inscrição — diz ela, segurando a chave contra a luz trémula de uma enguia elétrica. — Não consigo perceber o que diz.

Tiro-lhe a chave da mão e leio a inscrição em latim, em voz alta.

— *Carcere aqua* — digo.

— Prisão de água — traduz Jules.

— Tu falas *latim*?

— Preparação para os exames do secundário, meu. Sou um *glutão* de vocabulário. — Ela franze a testa. — Fazes ideia do que isso é?

Olho de relance para o armário dos esqueletos.

— Esta é a única prisão de água que me ocorre, neste livro. — Pego na chave, fecho a porta e tento trancá-la, mas o ferrolho não gira.

Marina comprime os lábios.

— Não há uma cela de prisão no navio pirata do capitão Crabbe? Ele trancou-me lá uma vez que eu não usei fio dentário.

Enfio a chave no bolso e viro-me para Jules.

— Está na hora de voltarmos à superfície — digo.

Com a ajuda das sereias, subimos à superfície do oceano e aterramos a cerca de oito quilómetros da margem da Praia da Eternidade. O navio do capitão Crabbe ensombra as proximidades, qual grande baleia cinzenta. Começo a agitar os braços e a gritar para chamar a atenção dos ajudantes que estavam no convés.

De repente, ouço a voz rouca do pirata.

— Edgar, meu rapaz, és tu? — grita ele. — Homem ao mar!

O navio do capitão Crabbe rasga as ondas como uma faca a cortar manteiga. Borrifos salgados molham a amurada, ensopando o cobertor áspero que o primeiro imediato me deu depois de me ter içado em segurança. Jules está sentada num caixote virado ao contrário, enrolada no seu cobertor, com uma caneca de grogue quente. O cabelo dela está a começar a secar e, por esta altura, já está mais prateado do que azul. Não paro de pensar que parece uma bomba-relógio e que seria melhor descobrirmos como havemos de levar Jules de volta para o mundo real, antes de ela ficar completamente loura e começar a cantar para os passarinhos e os insetos no parapeito da sua janela.

O capitão Crabbe está à minha frente, com os pés afastados para se equilibrar no convés, que balouça para um lado e para o outro, ao ritmo das ondas.

— Diz-me, companheiro, porque anda um marinheiro de terra como tu a nadar por estes lados? Tens uma cárie a incomodar-te?

— Não, os meus dentes estão ótimos. — Abro a mão e mostro-lhe a chave. — Encontrámos isto na gruta das sereias e estamos à procura da fechadura onde ela encaixa — digo-lhe. — Acho que ela pode estar no seu barco.

— Eu cá não perdi chave nenhuma — responde o capitão num tom pensativo. — Mas estás à vontade para dar uma volta por aí. — Ele estende a mão a Jules, ajudando-a a levantar-se, e ela sorri. Quando o faz, o capitão inclina-se sobre ela. — Tu tens um canino torto — murmura. — Eu podia colocar-te um aparelho que resolvia isso…

— Obrigada — responde Jules. — Mas eu já tive a minha fase de usar aparelho nos dentes.

O capitão Crabbe funga.

— Bom, seja quem for que consultaste, não era obviamente um perfecionista.

Ando pelo convés superior a experimentar a chave em vários cadeados, mas nenhum deles se abre. Olho em volta, à procura de Jules, mas ela parece ter desaparecido sem aviso. É então que a ouço gritar:

— Olha, Edgar. Eu sou o rei do mundo?

Jules está sentada no mastro com os braços abertos em «T», imitando Leonardo DiCaprio.

— Ótimo. Quando parares de brincar ao *Titanic,* podes descer até aqui e vir ajudar-me?

— Tu és divertido — diz Jules, mas desce do sítio onde se encontra e dirige-se a Walleye, um dos imediatos, que está a lavar o chão a estibordo. — Há mais algum piso?

Walleye olha para baixo, para a madeira que está a lavar.

— Nós só temos este.

— Ela quer dizer se há mais um convés por baixo deste.

— Ah? Porque é que não explicaste isso? — resmunga Walleye, e conduz-nos por um escadote, que desce até duas pequenas celas no centro do navio.

— Muito bem. *Isto* é esquisito — diz Jules. — Porque é que há uma prisão num conto de fadas?

O capitão Crabbe encolhe os ombros.

— Já vinha com o navio.

Puxo as barras de ferro de uma porta trancada.

— Onde estão as chaves?

O capitão olha para Walleye, que baixa o olhar para o chão.

— Não sei — admite. — O Scuttle foi o último a mexer nelas.

— Scuttle! — grita o capitão Crabbe.

O segundo imediato sai da cozinha, a limpar as mãos a um pano.

— Chamou?

— Onde estão as chaves das celas?

— Eu guardo-as num frasco de bolachas — responde ele. — Esperem um minuto. — Scuttle desaparece outra vez para dentro da cozinha e nós ouvimos bater, chocalhar e um estrondo enorme. — Eu estou bem — grita ele. E um minuto mais tarde aparece com um recipiente de cerâmica. Esvazia-o para cima de uma mesa rústica de madeira. De dentro dele caem uma dúzia de bolachas de água e sal rançosas, recheadas de bichos-da-farinha, que eu vejo mexerem-se, e uma chave de latão.

Scuttle dá a chave ao capitão, que ma entrega. Abro a cela do lado esquerdo e eu e Jules entramos lá para dentro. O espaço quase não consegue acomodar uma pessoa, quanto mais duas, e nós temos de andar encostados um ao outro, enquanto puxamos tábuas soltas e pontapeamos a terra que se encontra aos nossos pés. Jules vira-se para mim e eu sinto a respiração dela no meu pescoço. Não consigo deixar de pensar em como estamos próximos, apesar de essa ser a última coisa em que devo focar-me.

— Parece que aqui não há nada — diz Jules. — Vamos ver na outra?

Pego na chave que tem a inscrição em latim e rodo-a na fechadura. Quando os pinos giram, fico com os pelos da nuca todos em pé.

É agora.

Por um instante, hesito. E se, logo que eu abrir a porta, Jules desaparecer tão depressa como apareceu? E se a melhor coisa que me aconteceu desde que cheguei aqui desaparecer antes de eu ter oportunidade de a conhecer?

— De que estás à *espera?* — pergunta Jules, que passa por mim bruscamente e

empurra a porta gradeada de ferro.

Inspiro fundo e fico à espera do pior.

Só que isso não acontece.

Jules está de pé no meio da cela e sacode as grades.

— Parece que esta também é um fiasco.

O capitão Crabbe levanta-se. Basta um olhar seu e os dois imediatos desaparecem para o convés por cima de nós. Seguimo-los e mantemo-nos a alguma distância, por baixo da vela, a ver começar o fogo de artifício entre eles.

— Algum de vocês faz o favor de me explicar como é que a nossa chave foi parar ao fundo do oceano, seus patetas? — grita o capitão.

Scuttle e Walleye entreolham-se. Bom, fazem-no o melhor que conseguem, uma vez que o olhar de Walleye segue em duas direções.

— Bem, capitão, é o seguinte… — Scuttle engole em seco. — Nós deixámo-la cair no mar.

O capitão Crabbe suspira.

— Sabem como é difícil encontrar tripulação decente nos dias de hoje? — resmunga ele. — Agora que *temos* a chave, talvez devêssemos usá-la para vos fechar aos dois durante umas horas.

— Foi sem querer — diz Scuttle.

— Sim — concorda Walleye. — Nós só queríamos ver se ela flutuava.

Enquanto eles discutem, vejo a Praia da Eternidade a cintilar sob o luar, a alguns metros de distância. Dou um toque a Jules com o ombro.

— Vamos dar um mergulho? — murmuro, ao mesmo tempo que trepo para a amurada do navio e lhe estendo a mão.

Ela dá-me a mão para eu a puxar para o meu lado.

— Estava a ver que não convidavas — responde ela, e saltamos juntos.

A distância é maior do que tínhamos pensado. Quando chegamos à praia, estamos os dois ofegantes. Jules vira-se de costas e deixa as ondas embalarem-na. Está demasiado cansada para nadar até um lugar mais seco. Fico deitado com a face encostada à concha de uma vieira.

— Porque é que não pediste aos piratas para nos darem boleia? — pergunta Jules, ofegante.

— Mmmmpht tkkkng — respondo, com a boca cheia de areia.

Demoro um bocado a recuperar o fôlego e, quando isso acontece, ponho-me de pé, subo para um lugar mais alto e aterro na praia. Pego num pedaço de coral curvo, que parece uma bengala de açúcar.

— Um *J* perfeito.

— Hum? — Jules veio sentar-se ao meu lado.

— Eu e a minha mãe costumávamos caminhar pela praia de Cape Cod, à procura de corais que tivessem a forma de *E* ou *J*. — Atiro-lhe o coral. — *J* de Jules.

Ela vira-o nas suas mãos, como se fosse um pequeno osso reluzente.

— Estou preocupado com a minha mãe. — Desvio o olhar. — Quer dizer, tenho saudades dela. Vejo pequenos pedaços dela por toda a parte. A rainha Maureen usa a receita de *scones* dela. As flores preferidas dela, as margaridas, são as únicas que crescem no prado dos unicórnios. E… — Aponto para o coral que Jules tem na mão. — Bom, mas isso não é a mesma coisa, sabes?

Jules abraça os joelhos contra o peito.

— É mais ou menos como com a minha irmã.

— Tens uma irmã?

— Tive — responde Jules. — Chamava-se Sofia. Eu sou perita em morte. — Ela gira o coral nas mãos. — Eu tinha seis anos quando a minha mãe engravidou e fiquei tão entusiasmada por ir ter uma irmã que perguntava umas cem vezes por dia quando é que ela ia nascer. Finalmente, o meu sonho tornou-se realidade. A Sofia nasceu… quatro meses antes do tempo. Só viveu umas horas. Eu sei que a culpa não foi minha, mas às vezes ainda penso… se eu não tivesse desejado tanto que ela chegasse… se não a tivesse querido tão intensamente… ela ainda estaria viva? — Jules põe a mão à frente dos olhos. — Que estupidez. Nem sei porque é que te estou a contar isto.

— Não… ainda bem que contaste — digo-lhe. — É bom saber que não sou o único baralhado.

Jules ri-se.

— Tu és mais baralhado do que eu.

— Tens razão — concordo. — Porque eu estou mesmo meio doido por não termos encontrado um portal no navio dos piratas.

— Estás?

— Sim. — Viro-me e cruzo o olhar com o dela. Os seus olhos são escuros como a noite. — Tudo o que eu conseguia pensar, quando rodei a chave naquela fechadura, era que tu estavas prestes a partir… e eu ainda não estava preparado para ficar sem ti.

Reúno todos os resquícios de coragem que consigo e pego na mão de Jules.

Ela foge, tal como aconteceu da última vez que eu lhe toquei, no prado dos unicórnios.

— Não! — geme ela. — Edgar… desculpa… mas… eu não posso.

Sinto o rosto a ferver. Caramba, mas sou assim tão repulsivo?

— Quer dizer, tu és um borracho e isso tudo… mas isto parece-me esquisito e errado. Quer dizer, tu és *igual* ao namorado da minha melhor amiga.

Abro a boca.

— Tu achas que eu sou um borracho?

A boca dela forma um sorriso discreto.

— Agora não fiques para aí todo convencido.

— Então o teu problema é eu ser parecido com o Oliver?

Ela anui.

— Então, fecha os olhos.

As pestanas dela descem e eu debruço-me sobre ela.

Tenho a certeza de que estou prestes a vomitar. O meu coração está literalmente aos saltos dentro do meu peito, de tão depressa que está a bater. E se eu fizer isto mal? Se acabar por pôr o nariz no sítio errado? Se não acertar na boca dela? Porque é que não me lembrei de pesquisar isto no Google? Ou porque é que não roubei a revista *Cosmopolitan* da minha mãe quando tive oportunidade?

Chega, Edgar, digo a mim mesmo num discurso motivacional interior. *Não penses. Age.*

E é então que, maravilhosamente, miraculosamente, estou a beijá-la.

Jules derrete-se contra mim e eu ponho os braços à volta dela. Tenho medo de me mexer porque, se o fizer, vou acordar. Por isso, mantenho os lábios encostados aos dela até começar a ver estrelas nos cantos dos olhos, porque estou a ficar sem ar.

Ela afasta-se de mim, a arfar.

— São sempre os mais calados — murmura.

Pergunto-me se alguma vez teria conhecido Jules, se tivesse ficado no mundo real. Se a magia entre nós é um produto de ficção ou se ela teria acontecido onde quer que nos conhecêssemos.

Pergunto-me se ela estará a pensar a mesma coisa.

Deito-me na areia a olhar para as estrelas lá em cima. Jules tem a cabeça apoiada no meu braço e eu sorrio tanto que parece que a minha pele vai estalar.

Este foi um dia bom.

— Eu costumava ser capaz de encontrar o Papagaio de Papel — comento. — Mas tenho a certeza de que a minha mãe não percebe nada de astronomia, porque estas estrelas parecem-me completamente aleatórias. Conheces alguma constelação?

Jules congela.

— Eu, hum… alguém me tentou mostrar algumas há pouco tempo, mas já não me lembro bem.

Encolho os ombros.

— Vamos inventar umas para nós. — Aponto para o céu. — Aquela ali? Chama-se Balouço. Vês como parece uma cadeira?

Ela sorri.

— Sim, é exatamente isso que eu vejo. E ali à esquerda? Com dois olhos e uma boca irregular? Aquela é o Jóquer.

De repente, ele senta-se.

— Edgar — diz Jules. — Estás a ver o mesmo que eu? Há algo de errado com aquela estrela. Ela parece… plana.

Perscruto o céu. Um dos olhos do Jóquer cintila contra o veludo da noite. O outro, contudo, não brilha na nossa direção. Não tem vida, é inerte.

Mais parece um buraco no céu do que uma estrela.

Ou por outras palavras: parece um portal.

O som do martelo é ensurdecedor. Os *trolls* estão a pregar o maior escadote que eu já vi e que começa no meio do oceano porque esta estrela em particular — obviamente — não está diretamente sobre a praia. Como tal, trata-se de uma maravilha da engenharia que requer a coordenação dos *trolls* — que estão a conceber aquele mecanismo —, do capitão Crabbe — cujo barco serve de plataforma para o escadote — e das sereias — que nadam num frenesim contra a corrente, para controlarem os padrões de ondulação que batem no navio.

Eu e Jules passamos pelo castelo para mudar de roupa, antes de nos juntarmos à equipa de construção. Fico chocado ao descobrir que no meu roupeiro já não há fatos espaciais, apenas filas de túnicas e *collants*. Jules demorou dez minutos a convencer-me a ir lá para fora e eu ainda não consigo acreditar que estou vestido como o Robin Hood.

— Quanto tempo falta? — pergunto a Biggle, quando ele passa por mim com um martelo de orelhas na mão. A madrugada está quase a romper o limite da noite. E se as estrelas desaparecerem antes de nós termos tempo para chegar ao portal? E se esperarmos pela noite e ele desaparecer?

Biggle bufa.

— Estamos na última tábua — diz. — Usámos a madeira toda que tínhamos disponível.

Se precisarmos de mais, teremos de começar a deitar abaixo a Floresta Encantada.

Eu nem quero imaginar como o livro ficaria furioso connosco se começássemos a arrasar as árvores.

Trogg grita para todos se desviarem. O capitão Crabbe dá um abanão forte à base do escadote.

— Parece resistente — diz ele.

— Espero que não tenhas medo de alturas — comenta Jules a rir-se, ao mesmo tempo que levanta a bainha da saia. As botas da tropa dela desapareceram e ela tem calçados aqueles chinelinhos ridículos que parecem proteger tanto como uma meia. — Porque eu não vou trepar com isto calçado.

— Eu fico bem — minto.

Pouso o pé no primeiro degrau, sinto a bota escorregar, iço-me e começo a subir. O barco balança debaixo de mim e o escadote guina para um lado e para o outro. Estou a trepar completamente às escuras, o que é uma bênção, pois, se eu conseguisse ver o que se encontra por baixo de mim, não seria capaz de o fazer. À medida que me aproximo do topo do livro, as pancadas produzidas pelos rabos das sereias e as vozes dos *trolls* enfraquecem. Contudo, parece que, por muito que eu suba, nunca mais chego ao cimo.

Alcanço finalmente o topo do escadote dos *trolls*, agarro-me como se a minha vida dependesse disso quando ele balança para a esquerda e para a direita e quase me arremessa. Estico o pescoço e olho para as estrelas. Uma delas é definitivamente diferente das outras. Tem cinco pontas, é branca com contorno amarelo. Ao passo que as restantes estrelas cintilam como se fossem diamantes, esta está imóvel, como se estivesse ali colada.

Ponho-me em bicos de pés e estico-me o máximo que consigo, mas, ainda assim, fico a vários metros de conseguir nem que seja tocar-lhe. Penso por um momento se conseguiria alcançá-la com uma espada e soltá-la ou se devo pegar num dos tacos dos *trolls* e atirá-la para fora do céu. Mas, mesmo que eu fosse capaz de a alcançar com uma arma à minha escolha, não podia ter a certeza de que não a destruiria ao fazê-lo. Começo a descer o escadote, com relutância, até estar de novo no convés oscilante do capitão Crabbe.

— Deixa ver, meu rapaz — diz-me ele.

— Não consegui alcançá-la — admito.

— E se for o Rapscullio? — sugere Jules. — Ele é mais alto, não é?

— Não tem mais quarenta centímetros — assinalo. Viro-me para os *trolls*. — Não há mesmo mais madeira?

Snort abana a cabeça.

— Neste momento, já desmontámos todas as casas no exterior do castelo.

— Se calhar é melhor remediarem isso — digo eu. — De preferência antes de a rainha Maureen acordar.

— Então estamos sem sorte? — pergunta Jules. — Não há ninguém suficientemente alto para alcançar uma estrela?

Penso naquilo por um momento.

— Talvez não seja de altura que nós precisamos. — Coloco a mão ao lado da boca e chamo ao longe. — Ember! Sparks! Glint!

As fadas têm uma audição fantástica, o que pouca gente sabe. É por isso que elas são tão boas a ouvir conversas. Mas esse facto funciona a meu favor e elas aparecem quase imediatamente, como três pequenos pirilampos a zumbir cada vez mais perto, e eu vejo os seus três corpos reluzentes minúsculos.

— O que é que se passa? — pergunta Ember. A hipotética fúria que ela tenha sentido por perder o seu sono de beleza dissipou-se quando viu o escadote vacilante.

Esse é um outro facto pouco conhecido em relação às fadas. Elas odeiam ser deixadas de fora.

— Estás a ver aquela estrela? — pergunto, e aponto. — A que parece um botão e não uma joia?

Glint e Sparks voam mais alto, para verem melhor.

— O que é que tem? — pergunta Sparks.

— Preciso que vocês ma tragam para aqui.

— Tudo bem — diz Ember. — Meninas?

As três fadas disparam como se fossem foguetes. À medida que elas se embrenham na escuridão da noite, vejo as suas luzes ficarem cada vez mais pequenas, azul, verde e vermelho, como se fossem pequenos pontos de lasers.

Durante um bocado, há apenas silêncio. Até que, de repente, ouvimos um estrondo. Uma chuva de letras pretas retorcidas cai à nossa volta, despedaçando os degraus e arrancando o mastro principal do navio do capitão Crabbe. Por pouco Jules não é empalada por um *K* que acaba por lhe prender a bainha do vestido ao convés de madeira.

— Cuidado! — grito, ao mesmo tempo que a agarro e empurro para debaixo da porta da escotilha que conduz ao piso inferior.

Pouco depois, uma bola de fogo solta-se do céu e bate com força contra a madeira. Ember fica ali estatelada, com os braços e as pernas para cada lado e a luz do seu corpo intermitente. Tem uma asa partida e, dos seus ombros, perna e barriga saem lascas

pretas. O capitão Crabbe aconchega-a de imediato nas suas mãos e Glint e Sparks aproximam-se.

— Foram as letras — arqueja Glint. — No escuro, não conseguíamos vê-las e, com o livro fechado, elas formam uma barricada.

O capitão tira um lenço que tem ao pescoço e improvisa uma pequena rede de dormir. Deita Ember com cuidado ali e entrega os cantos às suas irmãs.

— Levem-na já ao Orville — instrui. — Ele saberá o que deve fazer.

Viro-me para Jules, que se encontra no lugar onde Ember caiu no convés.

— Quase matámos uma fada — diz-me ela com uma expressão grave. — Tenho a certeza de que se vai para o Inferno por causa disso.

— Parece-me que tu és capaz de estar com pouca sorte, meu rapaz — diz o capitão Crabbe

Olho para cima, para o céu noturno, para as letras que não vejo, mas que estão escritas nas folhas deste livro.

— O que é que vence o papel? — pergunto a Jules.

— Tesouras? — responde ela.

— Não — digo, taciturno. — Fogo.

Enquanto corremos pelas páginas da gruta de *Pyro*, explico o meu plano a Jules. As fadas podem ser as criaturas mais fortes desta história, mas elas não conseguiram passar entre as letras recorrendo a força bruta. Isso significa que nós também não conseguiremos vencer pela força. Mas a letras estão impressas em papel e o papel arde. Por isso, só precisamos de um pouco de fogo portátil.

Jules parece impressionada.

— Uau! Parece que tu não és só uma cara bonita.

— O que é que posso dizer? Sou o pacote completo.

Contornamos a falésia na direção da gruta de *Pyro*. Jules tem a mão firmemente entrelaçada na minha.

— A fada vai ficar bem? — pergunta Jules.

Eu paro de andar e olho para ela.

— Não te preocupes. A Ember não pode morrer aqui. Na pior das hipóteses, mal o Oliver abra o livro outra vez, ela volta a ser como sempre foi.

— Ela parecia tão… ferida. — Jules estremece. — E se nos acontecer a nós? Também voltamos a ser como dantes?

Recordo o que Orville nos disse: «Jogas segundo as regras do mundo em que te encontras.»

— Sim — respondo-lhe. — Aqui, eu e tu somos invencíveis.

Um sorriso espalha-se pelo rosto de Jules.

— *Okay*. Então, depois de acabarmos isto, vamos definitivamente abrir um clube de combate.

Minutos mais tarde, chegamos à entrada da gruta de *Pyro*. A parte que caiu — quando o livro manifestou o seu descontentamento — foi reconstruída, provavelmente graças à mesma magia obstinada que me pôs a vestir *collants*. O dragão está deitado de costas, a ressonar e a expelir anéis de fumo.

Os pés de Jules enterram-se no chão poeirento.

— Tens a certeza de que isto é seguro?

— Tu já o conheceste. Ele é um cachorrinho em tamanho grande.

— Parece-me uma daquelas regras implícitas: nunca acordes um dragão adormecido.

Olho para ela.

— Estás a pensar nos bebés. — Dirijo-me à cabeça colossal de *Pyro* para lhe sussurrar ao ouvido. — *Pyro* — chamo. — Toca a acordar. — A minha voz é abafada pelo ressonar vibrante do dragão. — PYRO! — grito mais alto. Ele acorda sobressaltado e abre as asas como se fossem um chapéu de chuva. Foca os olhos vermelhos em mim e faz um esgar assustador que deixa os seus dentes expostos.

— Preciso da tua ajuda — explico-lhe. — Podes levar-nos a voar até à última página da história?

O gigantesco animal anui e baixa uma asa, para eu poder trepar. Para minha surpresa, Jules acomoda-se atrás de mim.

— A sério? — pergunto-lhe.

— Ora, por favor. Quantas vezes na vida é que vou apanhar boleia de um dragão?

Sinto os braços dela apertarem-se à minha volta. Através dos *collants* finos, sinto as escamas de *Pyro* a arranharem e a mexerem-se quando ele se levanta e se arrasta, como um lagarto, para fora da gruta e para o rebordo desta.

— Segura-te bem — digo por cima do ombro, e *Pyro* lança uma bola de fogo pelas mandíbulas, que iluminam o vale lá em baixo por um bocado, para depois voltar a cair na escuridão. Ele inclina-se sobre os quadris e impulsiona-se para a frente, apanhando o vento e içando-se como a vela de um barco, enquanto nos dirigimos ao céu.

Aqui estou eu — um tipo que basicamente vivia fechado no quarto e cujos amigos eram avatares, que tinha medo de tudo, desde as aulas de ginástica até à interação social —

montado num *dragão*, com uma miúda gira agarrada a mim, como se a vida dela dependesse disso. Finalmente, sou um herói. *Se ao menos a minha mãe me pudesse ver,* penso.

Jules grita deliciada quando *Pyro* se move por entre as montanhas, subindo e descendo como uma montanha-russa que descarrilou. Ela agarra-se a mim com tanta força que fica com os nós dos dedos brancos e eu sinto o rosto dela enterrado no meu ombro. Naquele momento penso que podia planar montado em *Pyro* para sempre. Quando ele salta de uma página para a outra, sente-se uma lufada extra de vento e ele voa um pouco mais alto, até chegarmos finalmente ao final da história.

— Devagar, rapaz — digo-lhe. Apesar de eu não ver, segundo Ember foi aqui que ela colidiu com a parede de letras.

Puxo a crina de *Pyro*, semelhante a couro, como se fosse uma rédea. Ele detém-se, com as asas a baterem e os seus poderosos músculos a fletirem-se sob as minhas coxas.

— *Pyro* — ordeno-lhe. — Ilumina o céu!

O dragão abre a mandíbula e pinta o céu com um manto de fogo. Por um instante, o mundo fica cor de laranja brilhante. Contra as chamas, distingue-se a silhueta do que parece ser uma lixeira de letras, um emaranhado de palavras esmagadas e juntas, coladas umas às outras, selando as páginas que se encontram frente a frente.

— Aproxima-te — digo ao dragão, que avança. — Quando eu contar até três, quero que lhes lances fogo. Um… — digo eu, e *Pyro* inspira profundamente. — Dois… — As bochechas dele expandem-se, iluminadas pelo fogo interior. — TRÊS! — grito, e *Pyro* atinge as letras com uma chama incandescente.

As letras começam a pingar e dão lugar a uma chuva negra que cai do céu e mancha o oceano lá em baixo. Quando surge um buraco suficientemente grande para cabermos lá dentro, eu puxo a crina de *Pyro* outra vez.

— Já chega — digo-lhe, e faço-lhe uma festa no pescoço, ao que ele ruge em resposta. Bato-lhe ao de leve com a bota nos flancos, como se faz com as esporas aos cavalos. *Pyro* lança-se para a frente e mergulha num mar de estrelas.

Atrás de mim, Jules arqueja. Parece que alguém nos atirou um punhado de diamantes e, quando roçamos as estrelas, elas brilham como vidros partidos. Por fim, alcançamos a única que não brilha.



— Vou segurá-lo para ele ficar parado — digo-lhe. — Consegues apanhá-la?

Agarro-me com firmeza à crina de *Pyro*, mantendo-o seguro o tempo suficiente para Jules conseguir inclinar-se para a direita, esticar os dedos e chegar à estrela.

— Consegui! — exclama ela.

Enquanto ela tira a estrela, as restantes movem-se e realinham-se em pequenos grupos, deixando um espaço vazio no céu noturno.

A viagem de regresso à gruta de *Pyro* é linda. Entretanto, o Sol já nasceu e pintou no céu uma língua cor-de-rosa. Os pássaros investem e mergulham à nossa volta, enquanto nós rompemos por entre as nuvens. *Pyro* voa por cima do castelo a zurrar, como faz todas as manhãs. Só que desta vez eu não estou lá para ele me acordar. Não dormi, mas não me lembro de alguma vez me ter sentido tão vivo.

Quando aterramos no rebordo da gruta de *Pyro*, ele espreguiça-se em todo o seu comprimento e cospe fumo.

— És um campeão — digo-lhe, enquanto desço do lombo dele e ajudo Jules a descer também.

O dragão desliza para os recantos da sua gruta e, quando eu e Jules nos sentamos no rebordo da gruta, já ressona. Jules retira o tesouro da noite do corpete do vestido dela.

— A sério? — digo.

— O que foi? — resmunga ela. — Não tenho bolsos! — Ela pousa a estrela na palma da minha mão.

Estou à espera de que arda um pouco. Que seja quente ou faça cócegas quando lhe tocar e seja tão pesada como um meteorito. Mas a estrela não é nada assim. Na verdade, vista ao perto, parece precisamente um biscoito de açúcar, com cinco pontas, decorado com cobertura amarela.

Viro-a na minha mão e reparo que a cobertura continua para o outro lado. PEDE UM DESEJO A UMA ESTRELA, lê-se.

— Jules — sussurro. — Acho que o encontrámos.

O que faria se lhe restasse apenas mais um dia neste mundo?

Passava-o com as pessoas que ama?

Viajava até aos lugares mais remotos da Terra para ver todas as maravilhas que conseguisse?

Não comia mais nada a não ser chocolate?

Pedia desculpa pelos seus erros? Enfrentava todas as pessoas que nunca conseguiu enfrentar? Dizia ao seu amor secreto que o amava?

Porque é que esperamos até ao último minuto para fazermos as coisas que devíamos ter feito desde sempre?



OLIVER

Segundo reza a minha história, no momento em que o meu pai lutava contra um dragão, a minha mãe dava-me à luz assistida por três fadas que ali estavam para oferecer presentes ao seu recém-nascido. A primeira fada deu-me sabedoria. A segunda, lealdade. Mas, imediatamente antes de a terceira fada me ter dado coragem, a minha mãe teve uma visão da morte iminente do rei e gritou: *Salvem-no!* A terceira fada, interpretando mal aquela súplica, não me ofereceu bravura. Em vez disso, soprou vida para dentro de mim e, no momento em que o meu pai morreu, eu nasci.

Sempre pensei que talvez fosse isso que me tornou tão inquieto entre as linhas. Eu era a única personagem do livro a quem literalmente fora dada vida, era natural que quisesse experimentá-la ao máximo, sem estar confinado à história de outra pessoa, mas em vez disso numa história da minha autoria. Estiquei os meus limites, sonhei com coisas maiores. Que sentido fazia ter uma vida se não tivesse a oportunidade de a viver?

Contudo, quando estamos no interior e olhamos lá para fora, a ideia que temos do outro mundo é que ele é perfeito. Nunca espreitamos nos cantos escuros onde há teias de aranha. Nunca se salta por cima do final feliz para ver a turbulência lá em baixo. Nunca pensamos no que pode correr mal.

Eis a verdade acerca das coisas reais: elas podem ser

destruídas.

Ao princípio, quando abro os olhos e dou uma sapatada no despertador que se encontra em cima da mesa de cabeceira, estou abençoada e completamente inconsciente. Ainda estou perdido naquela área enevoada entre o sono e a consciência. Não me lembro do dia de ontem. Não me recordo do que está para vir.

Mas é então que, de repente, a memória desaba sobre mim e me rouba o fôlego.

Frump. O carro. Cavar uma sepultura.

Deixar a Delilah.

Cada recordação parece uma facada, mas a última é o rodar da faca.

Esfrego o rosto com a mão e pergunto-me como vou aguentar o dia de hoje — fazer o meu sotaque americano falso e a minha personagem de adolescente, fingir que ouço os problemas dos meus colegas do liceu como se fossem importantes, agir como um estudante típico. Nem consigo imaginar-me a enfrentar Delilah e fingir que não estou a contar os minutos que nos restam juntos.

Puxo a roupa da cama para cima — algo que não terei de fazer quando regressar ao maldito livro, onde a minha cama parece fazer-se sozinha. A seguir, cambaleio até à casa de banho, lavo os dentes, dispo os *boxers* e entro para o duche, onde deixo a água cair sobre mim como uma cascata.

No entanto, no momento em que fecho os olhos, vejo *Frump*. Daqui a quanto tempo deixará isto de acontecer? E, se isso acontecer, quererá dizer que o esqueci? Quando eu e Delilah nos separarmos, será igual?

Não, digo a mim mesmo, porque ela pode sempre abrir o livro e falar comigo, como fazia dantes.

Mas o que acontecerá quando ela encontrar outra pessoa? Quando ela sair num encontro e voltar corada e a pensar num rapaz que não eu? Quando ela se casar, tiver filhos e envelhecer, ao passo que eu permanecerei para sempre um príncipe de dezasseis anos.

Eu não ficaria incomodado com o facto de o cabelo dela ficar branco e as rugas marcarem o seu rosto. Sei que vou amar Delilah até ao fim dos tempos, o que, na minha experiência, é infinito.

Mas o mesmo não se passa com ela. Eu não tenho para onde ir, não tenho para onde seguir em frente, mas a vida de Delilah vai evoluir. O mundo dela vai obrigá-la a esquecer-me, ao mesmo tempo que o meu me vai obrigar a recordá-la.

Fecho a torneira e fico na cabina de duche um bocado, com as mãos contra os azulejos, a tentar adiar o inevitável. A seguir, enrolo uma toalha à volta da cintura e dirijo-me ao meu quarto, onde escolho roupas que ainda não usei tempo suficiente para me serem familiares. Preparo a mochila, que encho de livros e trabalhos de casa que não acabei, e apresso-me a descer as escadas para comer alguma coisa antes de chegar o autocarro.

Jessamyn está na cozinha. Já preparou uma tigela de cereais que eu imagino que Edgar goste, mas que a mim me sabem a terra. Quando ela se vira, reparo que tem círculos escuros debaixo dos olhos e o rosto dela está invulgarmente pálido. Será que voltou a sentir-se mal? Estaria eu mais uma vez demasiado perdido nos meus próprios dramas para reparar?

— Estás a sentir-te bem? — pergunto-lhe.

Jessamyn encolhe os ombros.

— Não dormi bem a noite passada. Deve ser da lua cheia ou coisa assim. — Abre o frigorífico e tira um pacote de sumo de laranja. Fico à espera de que ela pegue num copo e me sirva, mas, em vez disso, ela debruça-se sobre a minha tigela de cereais e enche-a de sumo.

— Jess… mãe! O que estás a fazer? — Agarro-lhe no braço para a impedir. — Isso não é leite.

— Claro que é, Edgar — contesta ela.

Aponto para a tigela.

— É *cor de laranja*.

Ela pestaneja, olha para os pedaços de cereais que flutuam no líquido, como se estivesse a ver pela primeira vez.

— Oh! — Ela força um sorriso. — Parece que estou mais cansada do que pensava. — Volta a sorrir debilmente. — Talvez esteja na altura de me trocares por um modelo mais recente.

Apercebo-me de repente de que esta pode ser a última vez que vejo Jessamyn Jacobs. Que, se Edgar tiver feito o seu trabalho bem

feito, eu poderei já não estar aqui quando anoitecer. Esta mulher tomou conta de mim durante quase quatro meses e deu-me o benefício da dúvida sempre que eu dizia ou fazia alguma coisa que não era típica de Edgar. Posso tê-la conhecido pessoalmente apenas por um curto período de tempo, mas foi ela que me criou e, por isso mesmo, é como se fosse minha mãe.

— Tens sido mesmo uma mãe espetacular — expludo. — Achei que devias saber.

Jessamyn empalidece, mas, com a mesma rapidez, parece recuperar.

— Uau. E nem sequer é Dia da Mãe — graceja ela, enquanto me serve uma nova tigela de cereais, desta feita com leite. — Estás muito sério e ainda nem sequer são oito da manhã. Até parece que hoje é o fim do mundo.

Mergulho a colher na tigela e forço um sorriso.

É como se fosse.

Delilah está à minha espera quando eu chego à escola. Olho-a de frente durante um bocado — os seus olhos dourados, o cabelo castanho, as sardas no nariz e nas maçãs do rosto. Os seus lábios cor-de-rosa e doces como uma guloseima. Guardo cada uma das características na memória e tranco-as na minha mente, para poder guardá-las para sempre.

Esta pode ser a última vez que saio do autocarro, a última vez que percorro os corredores de mão dada com Delilah, a última vez que ouço a música da sua voz.

Hoje é um dia cheio de finais.

— Como é que estás? — pergunta ela, calmamente.

— Já tive dias melhores — confesso. — Onde é que está a Seraphima?

— Como ela não parava de chorar, fechei-a no meu quarto com uma caixa de lenços e chocolates suficientes para abastecer um camião.

Pego nas mãos dela.

— Não é tarde demais para pensar melhor nisto — digo-lhe. — Para arranjar outro plano.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas.

— Eu não te posso perder.

No entanto, é exatamente isso que vai acontecer.

— Então, o que é que fazemos? — pergunto-lhe.

— Bom — diz Delilah cuidadosamente. — Suponho que tenhamos de falar com o Edgar. — Ela abre o fecho da mochila e mostra-me o conto de fadas.

Parece que comi cimento ao pequeno-almoço. Não tenho energia para me mexer nem para raciocinar. Sigo Delilah rapidamente pelos corredores, tentando sorrir para os outros estudantes que passam por mim e murmurando respostas quando os meus amigos e conhecidos me cumprimentam. Será que eles conseguem ver que já sou um fantasma?

Raj agarra-me pelo ombro e abana-me.

— Meu, já não falta nada. Estou-me a passar!

Fico a olhar para ele, perguntando-me como raio é que ele sabe que eu posso já não estar aqui por muito mais tempo.

— Quer dizer, eu não penso em mais nada a não ser nas notas dos exames — prossegue Raj. — Isto vai decidir o resto da minha vida. Ouvi um psicólogo escolar a falar com o senhor Elyk e ele disse que os resultados devem sair ainda esta semana.

— Sim — digo eu, fingindo entusiasmo. — Vai ser uma loucura. Olha, tenho de ir… estou atrasado para… — Deixo a minha voz morrer, pois nem sequer consigo inventar uma mentira decente.

— Como é que irias dar-te na faculdade?— murmura Delilah.

De repente, Chris dirige-se a nós com uma expressão perturbada.

— Ei, pessoal. Olhem, isto é meio esquisito, mas a Jules disse-vos alguma coisa acerca de mim? — pergunta ele a Delilah. — Quer dizer, eu achei que tínhamos passado uma noite muito fixe, mas ela não responde às minhas mensagens.

Delilah troca um olhar comigo.

— Ela está muito doente…

— Oh pá, isso é uma treta. Mas fico relativamente contente que não seja nada comigo — confessa Chris. — Sou capaz de passar por casa dela mais tarde e levar-lhe uma sopa.

— Hum, não vás — exclama Delilah. — Ela não vai querer que a vejas assim, de maneira nenhuma. Especialmente quando ainda só

tiveram um encontro.

Chris anui.

— Tudo bem. Mas podes pelo menos dizer-lhe que perguntei por ela?

— Claro que sim — responde Delilah. Mal Chris se afasta, ela respira finalmente. — O que é que achas de faltarmos à primeira aula?

— Duvido que isso faça diferença, tendo em conta que estou de partida.

Ela pega-me na mão. A dela é pequena e fresca à volta da minha, enquanto me conduz pela porta ao lado do ginásio até ao campo de futebol que fica atrás da escola. Acomoda-se por baixo das bancadas, onde ninguém nos vê.

Delilah abre o fecho da mochila e pega no livro, mas eu agarro-lhe no pulso, para a impedir.

— Prometes-me uma coisa? — pergunto-lhe. — Dá-me tempo para me despedir de ti.

Estou a pensar em *Frump*. Estou a pensar em como o «para sempre» é duro quando não nos apercebemos de que ele se aproxima.

Delilah fita-me.

— Prometo — responde-me.

Juntos, abrimos a capa do livro e vamos para a última página. As personagens estão reunidas ao acaso na Praia da Eternidade.

— Conseguimos — gaba-se Edgar, que segura na mão um objeto minúsculo que não percebo exatamente o que é.

Franzo a testa quando olho para ele.

— Porque é que tens os meus *collants* vestidos?

— E porque é que tu *tens collants*? — responde Edgar. — Acredita. Não é uma escolha minha. Aparentemente, o livro não gosta tanto da minha escrita como da da minha mãe. Pelas minhas contas, já só faltam algumas horas até eu começar a falar com sotaque britânico e a Jules começar a ficar loura.

— Conto de fadas errado — murmuro.

— O que é que encontraste? — interrompe Delilah.

— Outra passagem — explica Edgar. Ele assobia para as fadas, que esvoaçam para junto dele, cada uma delas ocupando um canto do

pequeno objeto. — Ainda bem que te estás a sentir melhor — diz ele a Ember, que cintila em resposta. As fadas levam o pequeno disco para mais perto da superfície do livro, para podermos vê-lo melhor.

— Isso é… uma bolacha? — pergunto.

— Bem. Não temos bem a certeza — admite Jules. Ainda não fizemos o teste do sabor.

Leio a inscrição: PEDE UM DESEJO A UMA ESTRELA.

— Já tentaram pedir um desejo? — pergunto.

— Claro — responde Edgar. — Não funcionou. Eu até disse aquela lengalenga «luz de estrela, estrela brilhante».

— Não é suposto pedir desejos a uma bolacha — interrompe Delilah. — Têm de a comer.

— Por que raio havia alguém de comer uma estrela? — pergunto.

— Vocês já leram *Alice no País das Maravilhas?* — pergunta ela, e olha para Edgar e para Jules, que encolhem os ombros. — Caramba, vocês os dois precisam de prestar mais atenção às aulas de inglês. Isto é como os doces que a Alice come e que a fazem encolher ou aumentar de tamanho.

— Doces? — diz *Humphrey* roçando a túnica de Edgar. — Posso comer um?

— Por amor de Deus, não o deixem comer essa bolacha — digo eu. — Vão começar a chover bolas de ténis.

Orville dá um passo em frente.

— O Oliver tem razão — diz, pensativo. — A pessoa que comer a bolacha deve ter o desejo mais puro. Essa é a única maneira de garantir que toda a gente acaba no sítio onde deve estar. — Ele olha para Edgar e para Jules. — Por exemplo, tu, Edgar, pareces ter um recém-formado conflito de interesses.

Delilah arregala os olhos.

— Não posso. *Vocês os dois?*

— Tu és a primeira pessoa que devia perceber que ele é lindo! — diz Jules.

— Então e o Chris? — pergunta Delilah.

— Pois — continua Edgar, enfaticamente. — O que é que *tem* o Chris?

— Podemos falar disto mais tarde, por favor? — interrompo. — Orville, estavas a dizer?

— Quem comer a bolacha deve estar focado apenas no facto de tu e a Seraphima voltarem para casa.

A rainha Maureen aclara a garganta com delicadeza.

— Eu como a bolacha — oferece-se ela, e abre caminho entre a multidão. — Eu tenho imensas saudades tuas, Oliver. Não há nada que eu desejasse mais do que ter-te aqui outra vez, por muito egoísta que isso seja. E, para ser sincera, nunca percebi aquele enredo do Zorg. — Ela olha de relance para Edgar. — Sem ofensa, querido.

— Não me ofendeu — murmura ele.

— Querem que faça isso já? — pergunta ela, aproximando-se da bolacha.

— Não! — grito, e toda a gente na praia fica imóvel. — Ah… quer dizer, a Seraphima não está connosco. Ela está em casa da Delilah. Voltamos daqui a umas horas e fazemos a troca nessa altura.

Trogg acena-me.

— Espera só até ouvires o noturno para flauta que eu compus, Oliver!

— Tens de ver o que eu fiz à minha gruta — acrescenta Rapscullio. — Redecorei-a toda.

— Eu preparo a tua refeição preferida — promete a rainha Maureen.

Finjo um sorriso.

— Mal posso esperar — digo-lhes, quando, na verdade, preferia adiar este momento para sempre.

Delilah fecha o livro e guarda-o na mochila. Eu estendo os braços e ela aninha-se neles.

— Temos sete horas — diz-me ela calmamente. — Não acredito que temos de as passar na escola.

Eu olho para ela.

— Quem disse que tínhamos?

Não podemos ir para casa de Delilah, porque Seraphima está lá a

chorar. Não podemos ficar na escola, porque somos apanhados. Por isso, entramos no carro de Delilah e guiamos até ao fim da estrada. Ela estaciona à frente de um muro baixo, por cima do qual conseguimos ver o oceano.

Nesta altura do ano não está ninguém na praia. Está frio e só nos temos um ao outro para nos aquecermos. Quando nos sentamos na areia, pego na mão de Delilah e esfrego o polegar sobre os nós dos dedos dela.

— Vais ter muitos sarilhos por faltares à escola?

— Não importa — responde ela e inclina a cabeça sobre o meu ombro. O vento sopra o cabelo dela à nossa volta.

— Lembras-te de eu te ter dito que tu eras a maior aventura da minha vida? — pergunto-lhe.

Ela anui.

— Foi antes de teres saído do livro.

— Até tu apareceres, nunca senti que tivesse um objetivo de vida. Porque é que me escreveram? Por que razão era a minha existência necessária? Mas, quando tu me leste, tornaste-me real. E quando te apaixonaste por mim, fizeste-me perceber a razão para eu estar aqui. — Prendo-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha. — É para te amar, incondicionalmente.

Delilah vira-se e tem os olhos molhados.

— Sem ti, eu não sei quem devo ser.

— Serás quem sempre foste. A rapariga que me deu vida… e me tirou o fôlego.

— Sou mais a pária de serviço — responde Delilah.

Eu levanto a palma da mão dela e beijo-a.

— Eu gosto muito de párias — respondo.

Quando ela olha para mim como se mesmo o mais doce elogio a destroçasse, eu vou-me abaixo.

— Eu não quero ir — sussurro, com a voz a tremer.

— Oliver…

— Não. — Pouso um dedo nos lábios dela. — Neste momento, não me vou embora. Neste momento, ainda não parti para sempre. Neste momento, somos só tu e eu, como da primeira vez em que nos vimos… quando isto era tudo o que eu sonhava. — Puxo Delilah para os meus

braços e beijo-a. Primeiro, delicadamente e a seguir com mais insistência. Deitamo-nos de costas na areia fria e ela põe os braços à minha volta, como um torno. Percorro-a com as mãos, desde os ombros e pelas costas abaixo, sentindo cada centímetro, bloqueando as ancas dela com as minhas. Tento imprimir na pele dela uma memória do que sente quando eu a abraço.

Como é possível alguém sentir tanta paixão, dor, sofrimento, *emoção* — sem se desintegrar? Como é que as pessoas comuns se apaixonam todos os dias?

O resto da minha vida vai consistir em salvar uma princesa de quem pouco gosto, beijá-la, desejando uma vida com ela. Mas, de cada vez, estarei a salvar Delilah, a beijar Delilah. Estarei eternamente a sonhar com Delilah.

Quando voltamos para casa de Delilah naquela tarde, não consigo deixá-la. Seguro-lhe na mão livre enquanto ela conduz, abraço-a pela cintura quando entramos em casa e subimos as escadas. Sinto-me como um prisioneiro condenado que marcha para a sua morte.

Por sorte, a mãe de Delilah ainda está a trabalhar, por isso não vai perguntar-nos o que se passa quando nos vir de olhos vermelhos e taciturnos. Delilah agarra a maçaneta da porta do seu quarto e hesita.

— Estás pronto? — pergunta-me.

— Nunca vou estar pronto — respondo-lhe.

Ela abraça-me e enterra o rosto no meu pescoço.

— Ouvi dizer que amanhã vai chover — sussurra ela.

Intrigado, afasto-me.

— Desculpa?

— Eu só queria que as últimas palavras que te disser sejam completamente banais. Algo que pudesse dizer-te se fosse ver-te amanhã e depois de amanhã e no dia seguinte.

Eu anuo, com uma expressão grave.

— Talvez na quarta-feira faça sol — digo eu, entrando no jogo.

Ela respira fundo e abre a porta. Seraphima está sentada em cima da cama, de pernas cruzadas. Tem os olhos inchados. Está rodeada

por um monte de embalagens de comida. Tira um lenço da caixa e assoa-se ruidosamente.

— Quando é que posso ir para casa? — pergunta ela, a fungar.

Sento-me ao lado dela enquanto Delilah tira o conto de fadas da mochila.

— Agora — digo-lhe. — O Edgar descobriu uma maneira. — E não vais estar sozinha. — Olho para Delilah e prendo o olhar no dela. — Eu vou contigo.

Seraphima lança os braços à volta do meu pescoço e começa a chorar outra vez.

— Fico tão feliz — diz ela, a soluçar. — Eu estava com medo de regressar sozinha. E se acontecesse alguma coisa horrível?

Já aconteceu uma coisa horrível, penso eu.

Delilah pousa o livro em cima da cama e entrelaça os dedos nos meus.

— Cá vai — diz ela, ao mesmo tempo que abre o livro na última página.

A alegria inunda o rosto de Seraphima quando ela vê a família de quem sente tantas saudades. Edgar e Jules põem-se de pé.

— Estão prontos? — pergunta ele.

Eu anuo.

— E vocês, estão?

Ele respira fundo e estende a mão para Jules.

— Estamos — responde. Olha para a rainha Maureen, que me dirige um sorriso encorajador.

Edgar enfia a mão no bolso da túnica — a *minha* túnica — e o rosto dele congela.

— Onde é que ela foi parar?

— O que queres dizer? — pergunto, e o meu coração começa a acelerar. Se ele não conseguir encontrar a bolacha, eu não posso voltar para o livro.

— Estava aqui há um minuto. — Ele vira-se para a rainha Maureen. — Tirou-a?

— Porque é que havia de a tirar, querido? Estavas a guardá-la como se fosse a joia da coroa.

Ele começa a andar em círculos, a olhar para o chão.

— Ninguém se mexa — adverte. — Eu não a quero esmagar, no caso de ela ter caído…

Humphrey começa a cheirar à sua volta, deixando um rasto de baba.

— Consigo cheirá-la… consigo cheirá-la… consigo cheirá-la… não, esperem, é um cavalo.

Ele esbarra no rabo consideravelmente grande de *Socks*. O pónei vira-se e vê-se metade de uma bolacha em forma de estrela pendurada dos seus lábios. Sente-se absolutamente humilhado por ter sido apanhado em flagrante.

— Não consegui resistir — diz ele, com os dentes ainda ferrados na guloseima. — Ela estava literalmente a chamar por mim. *Soooocks… eu só tenho cem caloriiiias.*

— Não acredito nisto! — grita Edgar. — Não dês nem mais uma dentada.

— Eu juro — promete *Socks*. — Começo a fazer dieta amanhã.

Edgar arranca o que resta da bolacha da boca de *Socks* e entrega-a à rainha Maureen, que limpa a baba do cavalo no vestido de veludo.

— Meia bolacha não serve — diz Orville. — É demasiado arriscado. A magia pode diluir-se. Vai ter de ser o *Socks* a desejar que tu voltes para casa.

Socks parece ansioso e leva uma pata ao peito.

— Eu? — pergunta ele. — Não sei. Quer dizer, eu não me preparei para isto. Não preparei um discurso. E *nem sequer* estou a usar a sela da cor certa…

— *Socks* — digo-lhe firmemente. — Tu consegues fazer isto. Eu acredito em ti.

Ele olha para mim.

— Obrigado, Ollie. Mas e se eu fizer alguma coisa mal?

— Tu queres que eu volte, não queres? Queres ter a oportunidade de gozar uma cavalgada de cortar a respiração pelo prado dos unicórnios, comigo montado no teu lombo. E também queres a Seraphima aí, para ela poder fazer-te tranças de margaridas na crina, como tu gostas.

Socks pensa no assunto.

— Eu *fico* bem com margaridas…

— Estás a ver? É fácil. Só tens de comer a bolacha, fechar os olhos e imaginar que os teus sonhos se vão tornar realidade.

Ele hesita.

— Eu ia embrulhar a outra metade e guardá-la para mais tarde…

— Estás a brincar? — exclama Delilah. — *Socks*, eu ia mesmo dizer-te uma coisa. Estás demasiado magro. Até vejo as tuas costelas. Estou preocupada que não andes a comer o suficiente.

Não só não se vê as costelas de *Socks*, como também não vemos nada para lá dele. Mas a tática de Delilah resulta.

— Bom. — *Socks* faz um sorriso amarelo. — *Nesse* caso…

Debruça-se sobre a mão estendida de Edgar e devora o resto da bolacha numa dentada única.

— Agora — diz Orville —, pede um desejo.

Delilah agarra-me a mão com tanta força que sinto as unhas dela cravarem-se na minha pele. As pálpebras de *Socks* fecham-se e eu sustenho a respiração.

Lentamente, meticulosamente, o rabo de *Socks* começa a encolher, centímetro a centímetro de celulite.

— *Socks*! — grito-lhe. — *Concentra-te!*

O cavalo abre os olhos de repente e abana a cabeça, arrependido.

— Desculpa, desculpa…

Fecha os olhos novamente e eu começo a sentir um formigueiro nos dedos das mãos e dos pés. Olho para a minha mão, que ainda está entrelaçada na de Delilah mas começa a desaparecer.

Naquele último segundo horrível, percebo aquilo que Delilah me tem tentado explicar: quando se ama alguém, temos de o deixar partir.

Agarro-a pelos ombros enquanto ainda posso. Ela está a olhar para mim aterrorizada, com os lábios a tremer.

— Ouve-me, Delilah. Vive a tua vida. Apaixona-te novamente. — Respiro fundo. — Não te atrevas a esperar por mim.

Ela está a soluçar, abraçada a mim com força, e eu estou a beijá-la, mas de repente… já não estou.

Voltar a ser bidimensional é como ser esmagado da cabeça aos pés, sentir o ar ser-nos sugado dos pulmões e ser enrolado e esticado como a massa de uma tarte. Dou por mim deitado na praia, de barriga para baixo, sem fôlego. Quando tento levantar-me, começo por não conseguir. Os músculos que usava no mundo de Delilah não funcionam bem aqui, onde a ação resulta do pensamento e da intenção e não da força física bruta.

É como voltar a aprender a andar a cavalo. Quando consigo virar-me de costas, Rapscullio oferece-me a mão para me ajudar a levantar-me. *Socks* faz cabriolas em círculos.

— Consegui! Consegui! — canta ele. — Vou receber uma medalha por causa disto? Estava a pensar que o ouro combina melhor com os meus olhos.

Vejo-me rodeado de um comité de boas-vindas. Os *trolls* batem-me nas costas, as sereias sopram-me beijos, as fadas manifestam a sua excitação em pequenas explosões de faíscas. A rainha Maureen toma-me nos braços.

— É maravilhoso ver-te outra vez, Oliver — diz ela.

Olho por cima do ombro dela e vejo os outros a ajudarem Seraphima a levantar-se. Ela parece baralhada e aturdida. Até que vislumbra algo atrás de uma pedra e corre para lá, com os olhos cheios de espanto e alegria.

— Oh, *Frump*! Tu *estás* aqui — grita ela, ajoelhando-se à frente de *Humphrey* e estendendo a mão para lhe fazer festas.

O cão abana a cauda, feliz com aquela atenção. Põe a cabeça de lado.

— Olá, bela senhora. Eu sou o *Humphrey* e gostava de dormir aos seus pés esta noite.

O rosto de Seraphima entristece-se, mas ela deixa *Humphrey* lamber-lhe a face. Ela parece completamente deslocada com as suas calças de ganga e *t-shirt*, mas eu também pareço deslocado. Olho para baixo. A minha camisola ainda está manchada pelas lágrimas de Delilah. Cambaleio para longe da multidão e estico o pescoço para o cimo da página. O rosto de Delilah paira sobre mim, pálido e sofrido. Ela soluça mais uma vez e fecha o livro muito devagar.

— Todos à vontade! — grita Orville, usando as mesmas palavras

que *Frump* costumava dizer quando o livro era fechado por um leitor.

As personagens começam a vaguear fora das margens.

— Isto significa que já não temos de fazer mais treinos de laser? — pergunta Biggle a Snort.

A rainha Maureen afaga-me o braço quando passa por mim.

— Vou começar a preparar o jantar, querido.

Orville é o último a ir-se embora.

— Eu sei que provavelmente isto não era o que tu querias, Oliver — diz ele. — Mas estamos felizes por te ter de volta a casa.

Mas, para mim, casa é junto de Delilah. Sem ela ao meu lado, este mundo é apenas o lugar onde ocupo um espaço.

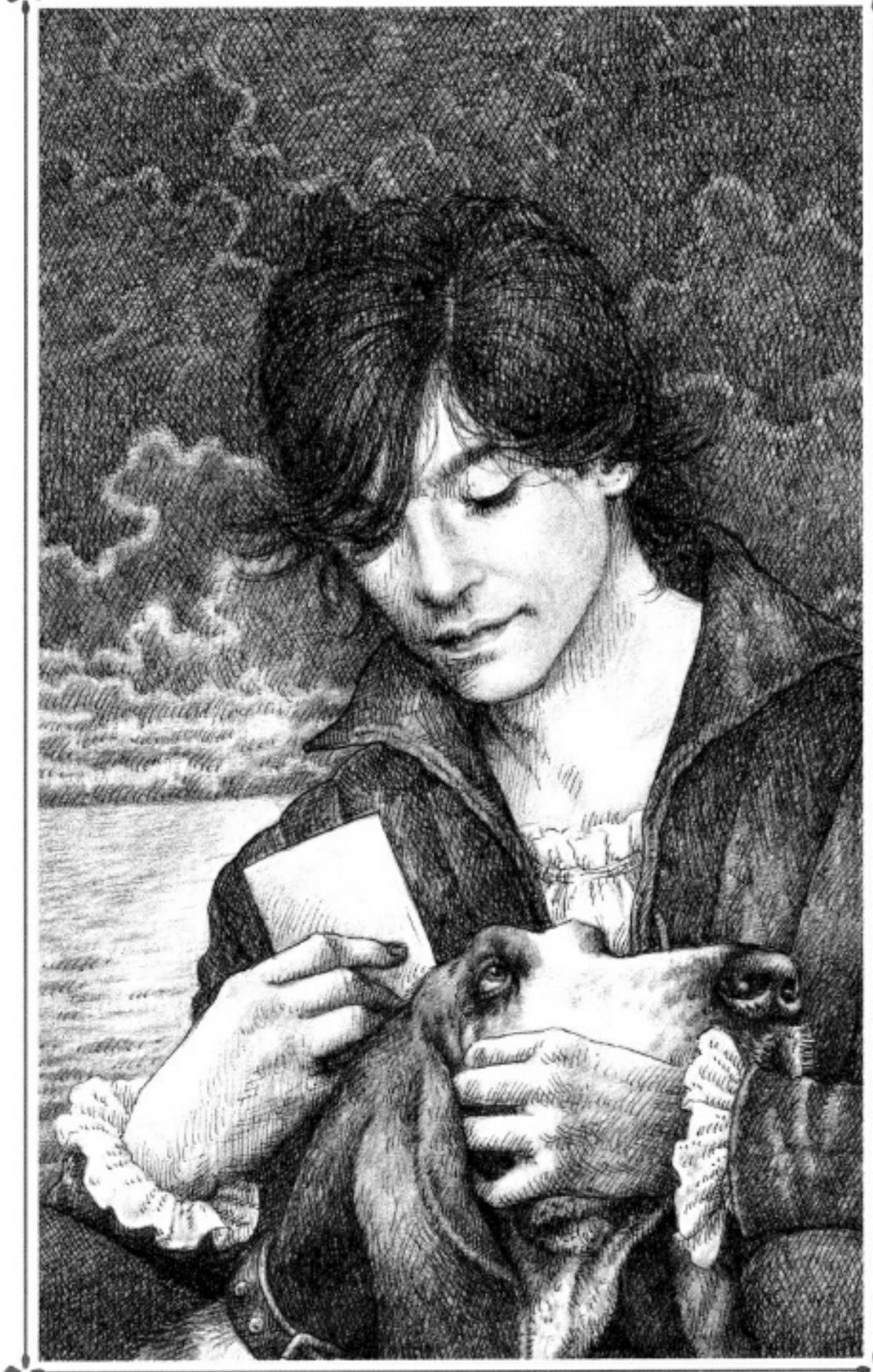
Fico sentado na praia sozinho tanto tempo que a rainha Maureen acaba de preparar o jantar e o ar fica mais frio. Fico ali o tempo suficiente para o céu se tornar escuro e o luar dançar sobre o oceano. As estrelas lá em cima parecem esgotadas e fora do lugar depois da remoção da bolacha dos desejos. Há no firmamento um espaço escuro gigante onde algo parece faltar.

Enquanto estou a olhar, nasce uma nova estrela. Ela cintila duas vezes e depois arde com maior intensidade, brilhante e efervescente, ofuscando todas as outras à sua volta. As restantes estrelas são colocadas em posição pela sua força gravitacional e formam uma constelação que eu já tinha visto antes.

Chris chamava-lhe *Canis Majoris* e apontou-me o mais brilhante astro do céu noturno: Sírio — a Estrela Cão.

Eu sorrio pois tinha menosprezado a lealdade de *Frump* para comigo.

— Bem-vindo de volta, velho amigo.



Tenho quase a certeza de que ele me pisca o olho.

Tiro do bolso a fotografia de Delilah que roubei há algumas semanas. A fotografia do Halloween em que ela era pequena e estava vestida de princesa, com uma tiara falsa na cabeça.

— Nós voltámos todos para cá — digo-lhe. — Eu, a Seraphima e até o *Frump*. Só faltas tu.

Espero pela resposta dela, mas é claro que já não é assim tão fácil.

Suspiro, levanto-me e, quando vou guardar a fotografia no bolso, descubro que a minha camisola e as calças de ganga já se transformaram numa túnica verde de veludo e nuns *collants* e os meus ténis foram substituídos por umas botas pretas de pele.

Consigo discernir as luzes suaves do castelo à distância.

E assim, sem mais nem menos, volto a ser um mero príncipe.



DELILAH

Cometi um erro terrível.

Apercebo-me disso quando já é tarde demais, quando Oliver me agarra pelos ombros e me diz para o esquecer. Eu acabei de afastar a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

Antes de Oliver, eu era apenas a miúda estranha, com o nariz enfiado num livro e uma vida tão pequena que cabia num dedal. Mas foi então que nos conhecemos e fizemos o impossível acontecer. Eu experimentei o mundo, em vez de simplesmente ler sobre ele. Já não estava sozinha. Era amada.

E agora fiz basicamente tudo ao meu alcance para arruinar tudo.

Agarro-o pelos ombros com firmeza, mas o tecido da camisola dele escorrega-me por entre os dedos.

— Espera! — grito. — Não me deixes.

Mas ele já partiu.

Atrás de mim, ouço um estrondo e um praguejar abafado, mas nem sequer me viro. Não consigo desviar os olhos do livro onde Seraphima e Oliver aterraram. Eles estão rodeados pelas outras personagens e são acolhidos e recebidos de volta na história. Apercebo-me de que Oliver parece tão perdido como eu. Anda para a frente, afasta-se da multidão e olha para mim, com as mãos fechadas ao lado do corpo

Engole em seco mas não fala. Não tem de o fazer. Acho que não há nenhuma palavra em inglês que consiga descrever o que se sente quando se perde a nossa outra metade.

— Caramba — diz Jules. — Isso resultou *mesmo?*

Levanto o canto da capa do conto de fadas com muito cuidado, como se ele fosse feito de vidro, e fecho o livro.

Naquele momento, sou atacada por trás quando Jules se lança sobre mim.

— Nunca pensei dizer isto — admite ela, num suspiro. — Mas estou feliz por estar de volta a esta cidade infernal.

Edgar levanta-se e sacode-se.

— E que cidade *é* esta, afinal?

Apercebo-me de que, quando Edgar partiu, estávamos em Wellfleet e não aqui, no New Hampshire. Estou prestes a responder, mas, quando me viro para o olhar, o rosto dele obriga-me a parar. Eu sei que não é Oliver. Mas os olhos dele são do mesmo tom de verde dos de Oliver, o seu cabelo preto está despenteado e eu conheço a curva daquele maxilar pelo toque. Não é Oliver, mas bem podia ser.

Não disse uma palavra, mas Jules olha para mim com atenção e a seguir aproxima-se de Edgar e dá-lhe a mão.

— Então, como é que *isto* vai funcionar? — pergunta ela, enfaticamente.

É o suficiente para me tirar do meu transe. Percebo horrorizada que toda a gente na escola pensa que Edgar é meu namorado… e não vai parecer bem a minha melhor amiga atirar-se a ele.

Eu gemo.

— Não sei. Não pensei nisto.

— Tenho de voltar para casa, para junto da minha mãe — diz Edgar, que depois hesita. — Eu nem sei onde *vivo*.

Alguém bate à porta e nós ficamos imóveis. A minha mãe enfia a cabeça para o interior do quarto.

— Oh, Jules! — exclama. — Deves estar a sentir-te melhor.

— Hum… muito melhor — responde Jules.

— Onde está a Seraphima? — pergunta a minha mãe.

— Saiu de manhã cedo. Os alunos islandeses decidiram ir todos passar a última semana no Canadá — respondo.

Os olhos da minha mãe desviam-se de Jules para Edgar.

— Que belos *collants* — diz ela, tentando não se rir.

— Halloween — exclamo eu. — Estamos a experimentar os nossos fatos. Estamos a apostar em Shakespeare este ano.

Edgar e Jules fazem um sorriso tão rasgado que acho que as caras deles vão estalar.

— Então — diz Jules, rompendo aquele silêncio desconfortável. — Vou-me embora. Edgar, acompanho-te a casa. — Ela pega no saco de desporto que se encontra no chão do meu quarto, dá a mão a Edgar e começa a puxá-lo na direção da porta.

— Excelente ideia — concordo. — Jules, mando-te uma mensagem depois do jantar para podermos falar de… tu sabes… daquilo que perdeste na escola. — Viro-me para Edgar. — Parece-me que… falamos pelo Skype mais logo?

Ele olha para mim, baralhado.

— Como queiras.

— Edgar…? — digo de uma maneira contundente. Viro-me, para a minha mãe não poder ver a minha cara e, entredentes, sibilo: — *Beija-me.*

Os olhos de Edgar disparam na direção de Jules. Ergo as sobrancelhas e forço um sorriso. Quanto mais nós conseguirmos convencer toda a gente de que as coisas estão normais, melhor isto vai correr.

Ele revira os olhos, debruça-se sobre mim e dá-me um beijo na cara, como se eu lhe tivesse pedido para ele beijar um sapo.

A minha mãe ri-se.

— Francamente, Edgar. Não tens de te comportar como um príncipe só porque eu estou aqui. Podes dar-lhe um beijo de despedida a sério.

— Fixe — suspira Edgar. Ele pousa as mãos nos meus ombros, debruça-se e encosta os lábios aos meus.

Eu só consigo pensar: *Ele não é o Oliver.*

Passado um instante, afasto-me dele. Jules lança-me punhais com o olhar.

— Vamos? — pergunta ela. Pega no braço de Edgar e puxa-o bruscamente pela porta.

Ouvimos a porta da entrada fechar-se atrás deles quando eles saem. A minha mãe vira-se para mim.

— Tens muitos trabalhos?

— Nem por isso — respondo. *Quando não se vai às aulas, não se tem trabalhos de casa.*

— Bom… somos só nós duas ao jantar. O que me dizes a um prato principal de pipocas e um dos nossos filmes preferidos?

Engulo em seco, contendo as lágrimas.

— Parece-me perfeito — digo-lhe. Naquele momento, só quero enfiar-me debaixo de um monte de cobertores e ver um clássico da Disney com a minha mãe. Tudo o que quero é saber que existe pelo menos uma pessoa aqui para mim.

Tenho saudades das minhas Doc Martens, diz a mensagem de Jules. Achas que há um Perdidos & Achados para contos de fadas?

Pego no telemóvel, que está em cima da mesinha de cabeceira, e respondo:

Pergunta à Cinderela.

:-), responde Jules. Um minuto depois ouve-se outro toque.

Eu não acredito que aquilo aconteceu mesmo.

Eu disse-te, escrevo. Bem-vinda à minha vida.

Faz-se uma pausa.

Tens saudades dele?, pergunta Jules.

Nem imaginas.

Da primeira vez que Oliver me viu a enviar uma mensagem escrita a alguém, tirou-me o telemóvel da mão para tentar perceber como é que a pequena pessoa que estava lá dentro me respondia.

É estranho estar de volta. Começava a habituar-me.

Os meus dedos voam por cima do teclado.

Tu e o Edgar???

…

E o Chris?, escrevo.

Posso ficar com os dois?

Sorrio.

Só se fores um fundamentalista mórmon.

Ok, escreve Jules. É bom saber.

Hesito, sabendo que vou ter de ter uma conversa com ela que não quero.

Tu sabes que tenho de fingir que o Edgar continua a ser o meu namorado.

Só não esqueças que eu sou a tua melhor amiga.

Nunca, respondo. Como é que as coisas se complicaram tanto?

Tu apaixonaste-te por um tipo de um livro, escreve Jules.

Suspiro.

Ninguém é perfeito.

Vemo-nos amanhã?, escreve Jules.

Sim. Prepara-te para uma atuação digna de um Tony.

LOL, responde Jules. Ah, só mais uma coisa.

???, pergunto eu.

Não uses a língua.

Estou perdida num pesadelo, mas continuo acordada.

São três da manhã e só consigo pensar no facto de Oliver me ter dito para seguir em frente. Como se tudo aquilo que tínhamos vivido até àquele momento não significasse nada, como se fosse fácil de substituir. Ou será que ele me disse para não abrir o livro porque sabe, tal como eu, como vai ser difícil agora que já vivemos a alternativa.

Tiro o conto de fadas da prateleira e enfio-o na cama, ao pé de mim. Passo a mão pela capa dourada. Vou fazê-lo. Vou abrir o livro. Aquilo que Oliver disse era provavelmente ele a tentar ser um cavalheiro, a tentar impedir-me de voltar para a minha insignificante e triste vida de miúda solitária, obcecada com uma história de ficção.

Folheio as páginas, decidida a dirigir-me diretamente à página 43, onde se encontra a ilustração de Oliver sozinho na falésia. Foi ali que tivemos a maior parte das nossas conversas, antes de ele ter saído do conto de fadas. Mas, no último momento, hesito. Ao passo que Oliver está seguro no livro — protegido de carros em fuga, doenças e morte —, eu não estou. Dentro das páginas, ele vive numa bolha, onde tem dezasseis anos para sempre. E talvez isso não tenha importância agora. Mas e quando um dia eu abrir o livro e o meu cabelo estiver grisalho? Quando eu tiver rugas? Quando eu já

não for a rapariga por quem ele se apaixonou?

O que vai acontecer-lhe quando eu morrer?

Abrir o livro é dar-lhe esperança: de que eu estarei com ele para sempre, que estou disposta a pôr a minha vida em espera por causa de uma personagem de um livro. Mas isso não é justo para Oliver, pois não?

Pego no livro e ponho-o novamente na prateleira.

Mas.

Eu tenho a certeza absoluta de que, independentemente de quem eu venha a conhecer no futuro, ninguém será como ele.

Pego outra vez no livro.

O que é uma relação se não podemos sair juntos? Não podemos dar as mãos? Se já nem podemos beijar-nos outra vez? Daqui a quanto tempo me esquecerei do sabor dele? Do seu cheiro? Do que sinto quando estava aninhada nos seus braços.

Atiro o livro para o chão.

A questão é que, sem Oliver, eu já não sei quem sou.

Pego no conto de fadas e deixo-o abrir-se na página 43.

Oliver salta para a parede rochosa e fica à espera, como faria se uma pessoa comum estivesse prestes a abrir o livro. Contudo, quando ele vê que o leitor sou eu, arregala os olhos.

— Desculpa — digo de imediato. — Tentei não abrir o livro. Tentei mesmo. Sei que tu me disseste que não devia voltar aqui. Só que… não consigo não falar contigo.

Apercebo-me de que Oliver desceu da falésia e tem um sorriso de orelha a orelha.

— Ainda bem que não me deste ouvidos — diz ele. — Não consigo parar de pensar em ti.

— O que vamos fazer? — sussurro.

— Bem — responde ele, corajosamente. — Não é mau de todo. Foi mais ou menos assim que começámos, não foi?

— Não estou a falar de agora. Estou a falar daqui a dez anos. Ou vinte. Eu vou ficar velhinha e tu vais continuar… perfeito.

Ele sorri.

— Tu achas que eu sou perfeito?

— Não estou a brincar, Oliver — Abano a cabeça. — Só que não funciona, se tu estiveres aí e eu aqui.

Ele pensa nisso por um momento.

— Mas tu *estás* aqui. Para onde quer que olhe, vejo-te.

— Consegues dizer-me que isso é suficiente para ti? Não te vais fartar de andar atrás de alguém que nunca poderás verdadeiramente ter?

Oliver olha para mim.

— Tu és uma parte de mim — diz ele. — Separar-me de ti destrói-me, literalmente.

Pela primeira vez desde que Oliver partiu, sorrio.

— Aposto que dizes isso a todas as raparigas que te serviram de bilhete para a liberdade.

Espero que Oliver se ria, mas, em vez disso, ele fica mais sério.

— Delilah — diz ele. — Mesmo que eu tivesse nascido no teu mundo, iria encontrar-*te,* haveria de *te* escolher.

— Como é que eu posso ir para a escola, ser normal e fingir que nada disto aconteceu?

— É o que eu faço todos os dias. Chama-se atuar. Não é assim tão difícil ser a pessoa que os outros esperam que sejamos. É mais difícil lembrarmo-nos de quem realmente somos.

— Quem sou eu realmente? — repito. — Acho que sou apenas uma rapariga à procura de um príncipe.

— Um príncipe qualquer? — brinca ele.

— Apenas do tipo ficcional. Tenho um fraco pelas duas dimensões. Gosto dos meus homens planos.

Ele encolhe-se de encontro à parede rochosa e leva os joelhos ao peito.

— Não seria maravilhoso se pudéssemos escrever o nosso próprio conto de fadas? — diz Oliver, pensativo.

Viro-me de lado, encolho-me e coloco o livro em cima da almofada.

— Como começaria?

— «Era uma vez», obviamente — diz ele. — Conhecemo-nos no… supermercado.

— Eu peço-te para me tirares um pacote de esparguete da prateleira de cima — prossigo.

— E é amor à primeira vista — acrescenta Oliver.

— O que faríamos?

— Bem — diz ele. — Vivíamos numa pequena casa de campo. Com canteiros nas janelas, onde tu plantarias violetas. E todas as manhãs me farias umas panquecas fantásticas, com pepitas de chocolate.

— E o que farias tu por mim enquanto me escravizavas na tua pequena cozinha sexista? — pergunto.

— *Alguém* tem de tomar conta do bebé — responde Oliver.

— Nós temos um miúdo?

— Três. Dois rapazes robustos e uma princesinha.

Puxo os cobertores para mim.

— Temos animais de estimação?

— Só uma dúzia de cães — responde Oliver. — Todos da raça *basset,* claro.

— Todos os dias — acrescento — tu vais trabalhar.

— Vou? — pergunta Oliver, verdadeiramente surpreendido.

— O nosso país não é uma monarquia — faço notar. — Não são os plebeus que vão pagar a faculdade dos teus três filhos.

— E o que é que eu faço?

Penso um bocado.

— Ensinas… esgrima!

— E tu és a dona da livraria da esquina — declara Oliver. — Que está cheia de contos de fadas.

— Todos os dias, depois do jantar, aconchegamos as crianças na cama e bebemos um chá enquanto vemos as notícias.

— E a melhor parte é que, à noite eu posso abraçar-te — diz Oliver. — E sei que nunca, nunca vou ter de te largar.

— E nós somos completa, decidida e abençoadamente comuns — suspiro eu.

Ele ergue os olhos para mim, eu olho para baixo, para ele e, apesar de estarmos ambos a sorrir, há todo um mundo de tristeza entre nós.

— Oliver? Ficas comigo enquanto adormeço?

— Sempre — promete-me ele.

Pouso o livro na almofada ao meu lado, ainda aberto. Num minuto estou acordada e no seguinte já não estou. Acontece assim rapidamente, sem esforço nenhum, como o momento em que a noite dá lugar à manhã ou o verão se transforma em outono. Como o amor.

Já viu aquelas imagens de casais a beijarem-se à frente de uma árvore de Natal, ou de mãos dadas no dia do casamento, ou a pegarem num recém-nascido no meio dos dois — um instantâneo de felicidade. Mas o que sabe realmente acerca deles? Apenas que, no momento em que o obturador disparou, eles se amavam? Não faz ideia das provações e atribulações que vieram antes ou que se seguiram. Não sabe se algum deles traiu, se se afastaram, se um divórcio pairava no horizonte. Vê apenas que, num momento estático, eles estavam felizes.

Um conto de fadas também é um instantâneo. Nunca se sabe o que está depois do viveram-felizes-para-sempre. Trata-se de um momento isolado e o único que parecemos recordar.

A diferença é que, num conto de fadas, a história não pode ser alterada. O príncipe e a princesa nunca vão discutir. Nunca se vai ouvir a rainha levantar a voz. Ninguém adoece e ninguém se magoa.

Talvez o amor só seja seguro em lugares onde não pode mudar.



EDGAR

Estamos ao fundo do caminho de acesso à minha casa. Pelo menos Jules garante-me que este é o acesso à minha nova casa.

— Então — digo eu. — E agora?

Ela dá um passo atrás.

— Acho que nos vemos na escola amanhã.

Ela não me parece muito entusiasmada com a ideia. Na verdade, parece que acaba de me anunciar que tem de desvitalizar um dente ou que encontrou uma ratazana debaixo da cama.

Vou enfiar as mãos nos bolsos, mas lembro-me de que estou a usar os benditos *collants*.

— Estamos… bem? — pergunto eu.

Jules anui, mas não olha para mim.

Pego na mão dela e puxo-a para mim, para lhe dar um beijo de boa-noite, mas ela impede-me.

— Aqui é diferente, Edgar.

— Continuas a ser tu e continuo a ser eu — respondo.

— Não. Aqui, tu és o namorado da minha melhor amiga. — Ela faz um gesto entre nós. — *Isto* não pode ser.

— Então vais simplesmente fingir que nunca aconteceu? — protesto. — Nós? — Penso em como, no livro, ela me *tocou* de uma maneira que ninguém alguma vez me tocara.

— *Não* aconteceu. Pelo menos, a sério — responde Jules. — Edgar, era um conto de fadas. Não podes acreditar em tudo o que lês nos livros.

Ela vira-se rapidamente e eu começo a chamá-la, mas detenho-me. E se ela tiver razão? Se o tipo que eu era no livro — alguém confiante, corajoso, um líder e não um seguidor — fosse apenas faz-de-conta? Bem pode ter sido um sonho. Eu sou bem capaz de nunca ter partido.

Ela desce a rua até que deixo de a ver. Parece que nada mudou: Mundo 1, Edgar 0.

Respiro fundo e percorro o caminho até à porta principal. Estou quase a tocar à campainha quando me lembro de que vivo aqui. Por isso, rodo a maçaneta e sigo o rasto de luz até à cozinha, onde a minha mãe está de costas para mim a fazer o jantar.

Com uma aparência completa e incrivelmente normal.

Em toda a minha vida, nunca estive tão ansioso por a ver.

— Mãe? — grito e envolvo-a num abraço, apertando-a com tanta força que ela geme.

— O que é que se passa contigo? — diz ela a rir-se. Vira-se e agarra-me à distância do comprimento dos seus braços. Agora que lhe vejo a cara, reparo nas olheiras escuras debaixo dos olhos dela e no penso rápido que tem na testa.

— Primeiro foi a despedida dramática desta manhã — diz a minha mãe. — E agora é isto?

Observo-a com atenção, tentando perceber se Oliver tem razão, se ela está bem.

— Eu só tive mesmo muitas saudades tuas… hoje.

O olhar da minha mãe viaja do meu rosto para a minha túnica de veludo e depois para as minhas botas de cano alto.

— Queres explicar-te?

— Grupo de teatro — digo rapidamente. — Juntei-me ao da escola.

Ela parece deliciada com a notícia.

— A sério? Isso é incrível, Edgar. Juro que, desde que nos mudámos para aqui, tu tornaste-te uma pessoa completamente diferente.

— Vá-se lá perceber porquê — murmuro.

— O jantar está quase pronto. Podes pôr a mesa?

Ela tira um tabuleiro do forno e pousa-o em cima do fogão para arrefecer. Abro o armário onde me parece que possam estar os pratos, mas encontro cereais e bolachas de água e sal. Abro outra porta e vejo as tigelas.

— A sério, Edgar? — diz a minha mãe ao passar por mim, e abre a gaveta onde tem os pratos. — Tu ainda não sabes onde estão as coisas nesta casa?

— Quem é que guarda os pratos numa gaveta? — digo entredentes.

— Vai buscar os copos — diz a minha mãe, que suspira e sai da cozinha, na direção da vastidão onde deve encontrar-se a sala de jantar.

Abro os armários todos, para tentar memorizar onde está tudo. A seguir, armado com

dois copos, sigo a minha mãe para o interior da minha casa nova. *Nada mal,* penso eu, quando olho a volta. Tenho algumas saudades do charme da nossa pequena casa de Cape Cod, mas esta não é nada má. O chão é de madeira, as janelas gigantescas e todos os móveis que me lembro de estarem na nossa casa anterior encontram-se agora dispostos em novas combinações, fazendo com que tudo pareça familiar e diferente ao mesmo tempo.

Faz-me lembrar quando estava no conto de fadas e via pedaços da vida da minha mãe espalhados pelas páginas.

Sentamo-nos e a minha mãe serve-me uma grande dose de lasanha. Respiro fundo e penso que, ainda que a rainha Maureen seja uma boa cozinheira, não consegue chegar aos calcanhares da minha mãe na cozinha. Já engoli metade do que tinha no prato quando me apercebo de que ela está a olhar para mim como se eu tivesse seis cabeças.

— Com fome? — pergunta-me polidamente.

— Esfomeado. — Faço um esforço para parar de comer como se fosse um animal. — Então, hum, passaste um dia bom?

— Não foi tão produtivo como gostaria — responde a minha mãe. — Acho que dormi mais tempo do que trabalhei.

Oliver disse-me que ela andava cansada e eu ignorei-o. Mas e se for mais alguma coisa?

— Bom, tu não trabalhas por conta própria? Não podes dar-te umas férias… ou um aumento?

A minha mãe foi em tempos uma escritora de livros de mistério famosa. Quando o meu pai morreu e eu fiquei mal, ela escreveu o conto de fadas para me dar a esperança de um final feliz. Oliver era o rapaz que eu devia ser. Mas não fui. Na verdade, já sou um ano mais velho do que Oliver no conto de fadas, por isso, ela provavelmente já se confrontou com a triste verdade: sou apenas eu.

Ela parou de escrever quando terminou o *Entre as Linhas.* Depois disso, começou a trabalhar como *freelancer* em projetos de edição para pagar as contas. Suponho que ela pode trabalhar onde quer que possa ligar o computador, por isso é que Oliver conseguiu convencê-la a mudar-se para mais perto de Delilah.

— Então, o que andas a editar agora? — pergunto-lhe.

— É um primeiro romance sobre viagens no tempo.

— É muito mau?

A minha mãe ri-se.

— O autor não faz ideia para que serve uma vírgula, mas o conceito é excelente. Quer

dizer, imagina como seria libertador acordar num mundo diferente e poder começar de novo.

Hesito.

— Se calhar não é assim tão espetacular como tu imaginas.

Ela ataca a lasanha.

— Diz o rapaz que joga consola vinte e quatro horas por dia?

Respondo instintivamente.

— Não jogo nada.

— Na verdade, tens razão — responde a minha mãe. — Não jogas mesmo. Desde que começaste a namorar com a Delilah.

De repente, a conversa piorou.

— Vocês os dois parecem colados com supercola — comenta ela.

— Ela é fixe — digo.

— Fixe? — repete a minha mãe. — Mas que comentário apaixonado.

— Ela é fantástica — corrijo-me, mas apercebo-me de que não posso ficar ali a falar de Delilah, uma rapariga que mal conheço. Na verdade, há apenas uma rapariga na minha vida que eu posso descrever como sendo fantástica. — É destemida, não desiste de nada. E é completamente independente. Não aceita um «não» como resposta e não se importa com aquilo que os outros pensam dela. — Só de dizer tudo isto, tenho vontade de que Jules esteja aqui.

Dou pela minha mãe a fitar-me.

— Fico feliz que tenhas alguém assim. Alguém que vai cuidar de ti.

— Porquê? — brinco. — Estás a pensar ser raptada por extraterrestres em breve?

A minha mãe lança-me um sorriso.

— A minha nave espacial parte amanhã ao meio-dia — diz ela.

Tudo começa mal eu entro no autocarro.

Baixo imediatamente a cabeça e vou sentar-me lá atrás, onde ninguém repare em mim. Mas, antes de lá chegar, meia dúzia de pessoas já me está a chamar e a «dar-me cinco» enquanto eu percorro o corredor.

— Ei, Edgar — chama-me um miúdo com um laço às pintinhas. Aponta para o lugar ao seu lado.

— Hum, obrigado — Deslizo para o assento e apercebo-me de duas coisas: eu sou muitíssimo popular aqui e estas pessoas esperam que eu saiba quem são.

— Tive um sonho louco ontem à noite — diz o rapaz. — Eu entrava numa produção do

Peter Pan que estava em cena no caminho de acesso à casa da minha avó e deu-me uma vontade louca de correr, por isso, corri para o bosque, mas, passados alguns minutos, estava cheio de fome por causa do exercício, olhei para baixo e vi que as minhas mãos se transformaram em bolos. Por isso, comi-as. E disse para mim mesmo: «E *agora* o que é que vais fazer, James? Tu não tens mãos.»

James, memorizo.

— Mas que cena marada — comento. E a seguir acrescento: — Eram de chocolate ou de baunilha?

— Eram totalmente a comida do diabo — responde James a sorrir.

O autocarro chia ao travar à frente da escola secundária. Pelo menos, a escola é parecida com qualquer outra escola pública do planeta. Jules anda de um lado para outro à frente de um carvalho enorme, com os braços cruzados, novamente vestida de preto da cabeça aos pés.

Se calhar, estar no mundo real não é assim tão mau.

Despeço-me de James e dirijo-me imediatamente a ela.

— És a ninja mais sensual que já vi — digo-lhe.

— Em primeiro lugar, as ninjas são naturalmente sensuais. Em segundo lugar, eu não sou sensual. Não para ti. Sabes quem é sensual? A *Delilah.*

Um outro miúdo aproxima-se e abraça Jules — a *minha* Jules.

— Sentes-te melhor? — pergunta-lhe ele.

Jules cora até à raiz dos cabelos.

— Chris — diz ela e afasta-se. — Estamos em público.

— E então? Passou tipo uma semana desde que te vi pela última vez.

Ela sorri.

— Foram só três dias.

Vou esmurrá-lo. Nunca bati em ninguém na minha vida, mas parece-me que esta é a ocasião acertada para o fazer.

Sinto alguém bater-me nas costas e fecho os punhos ao lado do corpo. Delilah fita-me e a seguir olha para Chris e para Jules.

— Olá — diz ela e, tardiamente, acrescenta: — Querido.

Jules comprime os lábios. Eu dou a mão a Delilah e ergo o sobrolho para Jules.

— Queres que te acompanhe às aulas, miúda? — pergunto a Delilah.

Ao entrarmos na escola, sinto os olhos de Jules cravarem-me um buraco nas costas. Espero até estarmos no interior do edifício, suficientemente longe para não sermos ouvidos. Viro-me para Delilah.

— Quem raio é aquele?

— O teu melhor amigo — responde ela.

— Só podes estar a gozar comigo — digo eu.

Ela dá-me uma palmadinha no ombro.

— Vai ser um dia divertido. — A seguir, Delilah tira um pedaço de papel da mochila. — Escrevi aqui todas as aulas que vais ter — diz ela. — E tens um mapa assinalado, para saberes para onde ir. Também está aí o meu número de telemóvel. Se te perderes, envia-me uma mensagem. Ah, e para que saibas, hoje temos Hora de Atividades entre o terceiro e o quarto tempo. Começas com xadrez e a seguir vais para o clube de teatro. Já agora, és o protagonista do *Romeu e Julieta.*

— Espera, *o quê*?

— Eu guardo-te um lugar no refeitório à hora de almoço — diz-me ela.

Eu não quero viver neste mundo, tão perto de Jules mas sem poder estar com ela.

— Nós devíamos acabar. — Aquelas palavras saem pela minha boca com tanta veemência que eu nem tinha percebido o esforço que andava a fazer para as conter dentro de mim. — Assim, eu e a Jules podemos ficar juntos.

Delilah semicerra os olhos e fala mais baixo.

— Tu achas mesmo que eu quero estar contigo?

Lembro-me da maneira como ela olhava para Oliver quando eu ainda estava dentro do livro e os via juntos. Abano a cabeça devagar.

— Tu fizeste com que a tua mãe se mudasse para cá por minha causa — diz Delilah. — E as pessoas vão começar a fazer perguntas se tu me deixares e no dia seguinte começares a andar com a minha melhor amiga. Isto não é para sempre. Mas é por agora.

Anuo, tristemente. A seguir, abraço-a pela cintura, como se gostasse mesmo dela, e caminhamos pelo corredor solidários, já que não o fazemos por amor.

O clube de xadrez é cancelado, pelo que podemos ir para a nossa sala, onde o psicólogo escolar nos vai revelar os resultados dos exames. Lá se vai a minha vida universitária. O meu teste padronizado foi feito por um tipo cujo único conhecimento consiste em domesticar um dragão. Quando nos dispensam, fico à frente do meu cacifo. Respiro fundo e preparo-me para abrir o envelope.

Contudo, antes de conseguir espreitar o seu conteúdo, um outro estranho vem ter comigo a correr.

— Meu — diz-me. — Tive 2280. Posso perfeitamente contentar-me com isso. Acho

que, se tiver boas recomendações dos profes, Harvard ainda é uma opção.

Olho para ele nervoso, à procura de uma pista que me diga como ele se chama. Até que a encontro, na mochila tem uma etiqueta que diz: DEVOLVER A RAJ PATEL.

— Raj — murmuro.

— Sim? Vá lá. Diz-me já o teu resultado.

— Ainda nem sequer olhei… mas eu estava esquisito naquele dia… parecia que não estava aqui.

Raj tira-me o envelope da mão e tira o papel lá de dentro.

— Edgar — sussurra ele. — Tu és um deus entre os homens.

— O quê? — Pego na folha impressa e viro-a para mim: 2400.

— Tiveste um resultado perfeito, meu.

Fico estupefacto. Oliver fez-me um megafavor.

Raj abraça-me.

— Harvard é 2020, meu! Nós podemos ser *colegas de quarto.*

Ele percorre o corredor a farejar outros alunos com quem comparar os resultados. Abano a cabeça e sorrio. Pergunto-me como é que Oliver conseguiu aquilo.

— Ei, Edgar — diz-me uma voz. Uma voz que, infelizmente, reconheço. — Ainda bem que te apanho.

Viro-me e vejo Chris a abrir o cacifo ao lado do meu. *Claro,* somos colegas de cacifo. Quem mais haveria eu de querer ver todas as manhãs senão o tipo que anda a tentar curtir com a miúda de quem eu gosto?

— Quero falar contigo sobre a Jules.

— O que é que tem? — pergunto, constrangido.

— Ela está mesmo esquisita hoje. Quer dizer, eu achei que tinha corrido tudo tão bem na sexta-feira à noite, mas agora ela parece não estar interessada.

— A sério? — digo eu mais animado. — Ei, deste o teu melhor.

— A questão é mesmo essa, não dei. Eu ainda acho que posso dar a volta a isto. Só preciso de mais uma oportunidade. Ela não me vai rejeitar se sairmos outra vez os quatro.

— Queres sair comigo e com a Delilah?

— Sim — responde Chris. — Vocês são o casal perfeito. Talvez isso mexa com ela.

O casal perfeito, penso eu. *Ah.*

— Então, como é que é? — pergunta Chris. — Minigolfe? Hoje? Depois das aulas?

A última coisa que quero é ver este tipo com as mãos em Jules outra vez. Mas aquilo que mais quero é passar mais tempo com ela.

— Mal posso esperar — respondo.

Eu não entraria para o clube de teatro nem que essa fosse a única atividade à face da Terra. Escondo-me ao pé da porta, na esperança de passar despercebido, mas a senhorita Pingree vê-me e, com um sorriso radiante, faz sinal para eu avançar.

— Ah, é o nosso Romeu — exclama, entusiasmada. — Não sejas tímido, Edgar!

Um bando de miúdas está sentado em semicírculo no palco. Quando eu me aproximo da zona iluminada, começam a tagarelar, como se fossem galinhas.

Uma das raparigas senta-se afastada, a olhar para o *iPhone*. Quando ela olha para mim, eu sorrio e tenho quase a certeza de que ela me mostra os dentes cerrados em resposta.

— Como eu estava a dizer — prossegue a senhorita Pingree —, esta é a cena mais emblemática da peça. Gostava que vocês conseguissem transmitir a ideia de que, no momento em que olham para a vossa cara-metade, há mesmo amor à primeira vista. Que nesse momento sentiram que o universo trabalhou aquele tempo todo para vos juntar…

Com desconforto, apercebo-me de que todas as raparigas que estão no palco olham para mim como se eu fosse comida e elas estivessem esfomeadas. De repente, lembro-me do sonho de James.

Se ser um conquistador é assim, acho que preferia ser anónimo.

— Muito bem, vamos a isto. — A senhora Pingree entrega-nos os guiões.

— Romeu? Julieta? Para o meio do palco.

Eu coloco-me em posição, desconfortável, e fico sozinho à espera, no meio de um círculo de luz.

— Allie? — diz a senhorita Pingree. — Não havia Facebook na bela Verona.

A rapariga antipática levanta-se. Aproxima-se tanto que eu vejo as faíscas cintilantes no meio do brilho labial dela. Mal a professora se vira, ela pisa-me.

— Ai — gemo.

— Desculpa. Estava a tentar atingir-te… mais acima.

O que é que Oliver fez para a deixar tão furiosa?

— Quando estiverem prontos — diz a senhorita Pingree.

Olho para Allie e sorrio discretamente, propondo-lhe umas tréguas.

— Tenho de te avisar de que não tenho jeito nenhum para isto.

Ela semicerra os olhos.

— E tens jeito para *quê*?

A senhorita Pingree aclara a voz.

— Agora, vocês os dois, lembrem-se, vocês estão apaixonados. Quando olham um para o outro, as estrelas chocam. Vocês completam-se.

Pego no meu guião e atrapalho-me com as falas de Romeu.

— Hum… «Senhora. Por aquela lua abençoada eu juro / Aquela que derrama um brilho de prata no cimo destas árvores de fruta…», quer dizer, de fruto… — Olho para cima. — Mas afinal quem escreveu esta cena?

O rosto da senhorita Pingree entristece-se.

— O *Bardo* — sussurra.

Allie esconde a pastilha elástica.

— «Oh, não jureis pela lua» — diz ela, sem emoção — «a desconstante lua…»

— *Inconstante* — corrige a senhorita Pingree. — Como uma coisa que pode alterar-se. O que preocupa Julieta é que o amor de Romeu possa ceder.

— A sérioooo? — diz Allie, erguendo o sobrolho. — Se calhar Julieta achava que ele ia beijá-la, mas ele humilhou-a no refeitório à frente de metade da escola.

A senhorita Pingree franze a testa.

— É capaz de ser exagero, mas se te ajudar a entrar na personagem…

Allie empurra-me com as duas mãos. Eu cambaleio para trás e ela grita as próximas falas para a minha cara.

— «… que muda todos os meses na sua órbita circular / Assim o vosso amor não venha a provar ser igualmente variável.»

— Sabes? — diz a senhorita Pingree. — Julieta é um pouco mais doce nesta cena…

Allie vira-se para a professora.

— Acho que está enganada. Eu acho que Julieta está muito chateada porque Romeu acaba de a rejeitar. Além disso, ela não gostava assim tanto dele. Ele era simplesmente novo e mais interessante do que as centenas de rapazes comuns que andavam atrás dela. Mas o que ela está mesmo a pensar é que Mercúcio é mais giro do que Romeu, anda na faculdade e tem um *Mustang* clássico!

Fico a olhar para ela, sem palavras. Não sei se devo fazer uma vénia submissa ou telefonar para o hospício mais próximo para a internar.

— Sabem que mais? — grita Allie. — Eu não consigo trabalhar com idiotas. Desisto. — Ela atira o guião para uma rapariga calada como um rato, que enverga uma camisola com um gato brilhante. — Partam uma perna, seus falhados. — Os saltos altos dela ecoam até ela sair do auditório, num acesso de raiva e de perfume.

A senhorita Pingree parece prestes a vomitar. Deixa as mãos caírem ao longo do corpo.

— Hum, isto quer dizer que nos podemos ir embora? — pergunto.

— Não, não — diz ela, depois de um minuto. — O espetáculo tem de continuar…

Claire, és a nossa nova Julieta.

A rapariga da camisola do gato levanta-se e aproxima-se demasiado de mim, com uma respiração pesada. Quando ela sorri, as luzes do palco incidem-lhe no aparelho dos dentes.

— Vamos começar pelo beijo — sugere ela, lançando os braços à minha volta e depositando um beijo molhado e pegajoso nos meus lábios.

Ele *tinha* mesmo de entrar para o clube de teatro, não tinha?

No ano passado, fiz uma cadeira de Mitologia Grega na escola. Há uma história sobre Tântalo, um tipo que enfureceu os deuses de tal maneira que foi condenado ao círculo mais profundo do Inferno e ficou preso num lago com uma árvore de fruto pendurada por cima da cabeça. Mas, de cada vez que ele tentava alcançar um fruto, o ramo fugia do seu alcance. E, de cada vez que ele tentava beber, a água recuava. Por isso, basicamente ele estava rodeado por tudo aquilo que queria mas não podia ter.

É precisamente nesse inferno que eu estou preso neste encontro a quatro.

Nunca fui grande fã de minigolfe. Por algum motivo, os campos parecem sempre rachados ou bizarramente inclinados ou cheios de miúdos a fazerem birras. Nem Tiger Woods conseguia fazer um *hole in one.*

No entanto, eu pareço ser a única pessoa aqui que se importa com as irregularidades do campo ou com o facto de a água do lago do moinho de vento do buraco cinco ser de um verde assustador e tóxico. Delilah não sorriu uma única vez e arrasta o taco como se fosse uma bola presa a uma corrente. Jules, que considera o desporto o cúmulo da decadência da sociedade atual, está a fazer rabiscos no cartão da pontuação. Já Chris, em contrapartida, parece conseguir jogar melhor do que todos nós, mesmo quando não está a olhar. O que se aplica perfeitamente, uma vez que ele tem os olhos colados ao rabo de Jules.

— Não acredito que nos faltem mais nove buracos — comenta Delilah.

— O teu entusiasmo é avassalador, querida. — Agarro o braço dela e baixo a voz. — Foste tu que disseste que nos devíamos comportar como um casal.

Ela suspira e dá-me a mão, sensivelmente com o mesmo ímpeto romântico com que uma enfermeira toma o pulso de um paciente.

— Acho que é a tua vez — diz Chris a Jules.

Ela ocupa a sua posição, meneando as ancas enquanto tenta alinhar a bola.

— Ugh — exclama. — Eu sei que nunca vou conseguir enfiar esta bola.

— Espera… deixa-me ajudar-te. — Chris pousa o seu taco e aproxima-se, encaixando-se atrás dela e fazendo deslizar as mãos até aos seus pulsos.

— Ai — reclama Delilah, e eu apercebo-me de que lhe apertei a mão com demasiada força.

— O *swing* é tudo — prossegue Chris, que se balança para um lado e para o outro com Jules nos braços.

Raios — ela está a rir.

Não consigo ficar aqui a assistir a isto. Parece que a minha cabeça vai explodir. E não ajuda nada saber que Jules não está a fazer nada para impedir aquilo.

Como é que, quando estávamos dentro do livro, ela não me largava e aqui já não lhe sirvo. Eu era diferente lá dentro do que sou aqui fora?

Costumava ser, isso é certo. O antigo Edgar olharia para um concorrente como Chris e desistiria, assumindo que não tinha hipótese com Jules.

Mas eu não sou o antigo Edgar.

Puxo Delilah para os meus braços.

— Já te disse que tu hoje estás linda?

Ela olha para mim, intrigada. *Fumaste alguma coisa?*, articula em silêncio com os lábios.

Chris ri-se.

— Arranjem um quarto, vocês os dois.

Sinto o calor do olhar de Jules, como se ela me pudesse pegar fogo por puro desejo. Ela vira-se e finge tropeçar, para Chris a amparar.

— Uau — exclama ela, apalpando-lhe os bíceps. — Quantas flexões é que consegues mesmo fazer?

— Quantas queres que eu faça? — indaga Chris a sorrir.

— Vais jogar na tua vez? — pergunto a Jules num tom agressivo.

— Não sei — responde ela, num tom desafiador. — Chris, preciso de ajuda…

Mal ela se debruça, assumindo a sua posição, Chris encosta-se a ela.

— Preparada? Um… dois…

Enquanto ele conta, puxo Delilah para mim. Aos três, começo a beijá-la. Intensamente. Apaixonadamente. Desejando em cada momento que ela fosse Jules — que dá uma tacada na bola e a atira por cima da vedação, para o meio do trânsito.

Delilah cambaleia para trás.

— Mas por que carga de água — ela para, quando se apercebe de que Jules e Chris estão a olhar fixamente para nós — é que paraste? — conclui numa voz débil.

Chris sorri para Jules.

— Talvez para a próxima não tenhas de te armar em Hulk — comenta ele.

Depois de Delilah atirar a bola, quase com tanta violência como Jules o fez, partimos para o buraco seguinte.

— Sabem uma coisa que nunca vos perguntei? — diz Chris, pensativo. — Como é que vocês se conheceram?

Eu e Delilah olhamos um para o outro e, por um instante, ficamos em pânico. Ela abre a boca para explicar, mas eu interrompo-a.

— Querida, deixa-me ser eu a contar. — Cruzo o olhar de Jules. — Ela estava a ajudar-me a procurar uma coisa que eu tinha perdido — começo. — Procurámos por todo o lado. Num campo, no mar, num barco. Por fim, desistimos e deitámo-nos na areia a olhar para as estrelas.

As maçãs do rosto de Jules ficam rosadas.

— E encontraram? — pergunta Chris.

— Encontrámos o quê?

— A tal coisa que tinhas perdido?

— Ah, sim. As minhas… hum… chaves do carro. Tinha-as no bolso o tempo todo.

— Parece mesmo uma cena do destino — comenta Chris.

— Não parece? — pergunto eu, enfaticamente.

Durante um grande bocado, Jules fica de olhos cravados em mim. Até que anuncia:

— Vou à casa de banho.

— E eu vou mostrar-te o caminho — digo eu, correndo atrás dela.

Sigo Jules até à casa de banho das senhoras e fecho a porta atrás de mim.

— O que é que tu estás a fazer? — queixa-se ela. — Estás a estragar tudo.

— *Eu* estou a estragar tudo? «Quantas flexões consegues fazer, Chris? Tens uns bíceps tão grandes que mal consigo agarrá-los com as minhas mãos!»

— Estou surpreendida que tenhas reparado nisso, já que estavas tão ocupado a curtir com a minha melhor amiga — grita Jules. — Tu não podes simplesmente entrar na minha vida e assumir que eu vou abandonar tudo o que já existia antes de ti.

— Achas que é fácil ver a rapariga por quem estou doido a namoriscar com outro tipo?

Jules empurra-me.

— Foste tu quem concordou com este encontro.

Eu empurro-a para trás e encosto-a à parede.

— Pois fui. Para passar mais tempo contigo.

— Então, és um idiota! — grita ela.

— Também tu! — respondo-lhe, gritando também.

Há um segundo ofegante e furioso de silêncio entre nós e, de repente, as mãos dela estão por todo o meu corpo e as minhas estão enfiadas no cabelo dela e eu beijo-a num frenesim de lábios, dentes e calor, como se fosse capaz de a devorar.

Quando paramos para respirar, os meus braços ainda rodeiam o corpo de Jules, como se estivesse a prendê-la. Ela ajeita o cabelo e endireita a camisola.

— É melhor voltarmos — diz ela, empurrando-me para o lado e abrindo a porta da casa de banho.

Talvez este dia *não tenha sido* um desperdício total.

Dou-lhe alguns minutos de avanço e a seguir saio também da casa de banho. Quando dobro a esquina, vejo Chris junto ao balcão a levantar uma bola de substituição para aquela que Jules atirou para a estratosfera.

— Ei — diz ele a sorrir. — Este encontro está a resultar às mil maravilhas.

— Estou completamente de acordo — respondo-lhe.

Depois do minigolfe, Delilah leva-me a casa. Durante cinco minutos não fala. Até que para num sinal vermelho e vira-se para mim.

— Nunca, mas nunca *mais* me faças aquilo.

— Estás a enviar-me mensagens completamente antagónicas — realço. — Devo ou não agir como teu namorado?

— Ora, por favor. Ambos sabemos que aquela atuação não foi para mim.

A minha expressão entristece-se.

— É muito difícil encontrar finalmente a rapariga que me percebe perfeitamente e a seguir vê-la ser-me arrancada.

— Estás a ensinar a missa ao padre, Edgar.

— Se mandá-los de volta para o livro era a coisa certa, porque é que estamos todos infelizes?

— Parece-me que às vezes fazer a coisa certa não implica termos aquilo que queremos — diz Delilah. — Pelo menos, vocês os dois estão no mesmo mundo. Tu podes vê-la em carne e osso. Tu e a Jules ainda são uma *possibilidade.*

Fico a pensar naquilo um bocado.

— Já falaste com ele?

Ela respira fundo e anui, com um ar magoado.

— Eu não consigo *não falar* com ele. Mas quando falo parece que estou a despedaçar

o meu coração.

Ela estaciona na curva ao pé do caminho de acesso à minha casa.

— Desculpa ter-te beijado — digo-lhe.

— Desculpa se não sou a Jules.

Abro a porta do lado do passageiro e saio, mas a seguir debruço-me para dentro do carro.

— Ei, Delilah? — digo. — Eu sei que não és minha namorada a sério, mas fico muito feliz que sejas minha amiga.

Ela sorri discretamente.

— Até amanhã, Edgar.

O carro da minha mãe está à porta, mas a casa está vazia. Ela não está na cozinha a fazer o jantar. Não está na sala de estar a ver o noticiário das cinco.

— Mãe? — chamo, ao mesmo tempo me dirijo ao quarto dela no andar de cima e bato à porta, mas não obtenho resposta. Rodo a maçaneta devagar e encontro a cama dela impecavelmente feita.

Ela também não está na casa de banho nem no meu quarto. Percorro o corredor e espreito para o escritório.

Há papéis espalhados por cima da secretária, uns sublinhados com tinta fluorescente, outros com palavras rodeadas a vermelho e outros ainda com *post-its* colados dos lados. Uma vez que ela não está ali, vou para fechar a porta atrás de mim, quando reparo nas lombadas de uma pilha de livros:

Tumores Cerebrais em Adultos.

A Última Caminhada: Uma Abordagem Prática de Preparação para o Fim da Vida.

A Esperança Vive no Nosso Coração: Um Guia de Combate ao Cancro.

No interior do livro que se encontra no cimo da pilha, está guardada uma brochura, como se fosse um marcador de livros, que diz: ST. BRIGID'S MEMORIAL HOSPITAL — O LÍDER NA PESQUISA DO CANCRO E NEUROLOGIA DA NOVA INGLATERRA.

Começo a transpirar e os meus joelhos tremem. A minha mãe disse-me que andava a editar um romance sobre viagens no tempo. Porque havia de precisar destes documentos?

Dirijo-me à secretária dela, como se ali em cima pudesse estar uma granada prestes a explodir. Espalhados no tampo encontram-se vários artigos impressos, daqueles que apenas os médicos conseguem ler, carregados de jargão. Pego num dos que está por cima.

SÍNDROMA DE CAPGRAS COM MENINGIOMA DO LOBO FRONTAL DIREITO, leio.

Resumo: Uma mulher de quarenta e sete anos, com um meningioma parassagital do lobo frontal direito, que desenvolveu o delírio de que o marido tinha sido substituído por um sósia que se fazia passar pelo seu cônjuge. Este tipo de delírio implica um comprometimento do giro fusiforme, o mecanismo cerebral que permite o reconhecimento facial. Apesar de tradicionalmente os pacientes com este tipo de delírio serem diagnosticados com esquizofrenia, sugerimos que possa haver uma causa biológica e que uma parte da patologia pode dever-se ao tumor, tal como foi evidenciado pelo facto de, após uma cirurgia, os pacientes relatarem o fim do delírio.

Semicerro os olhos, como se isso me ajudasse a perceber melhor aquela confusão de palavras. Imagine que acordava uma certa manhã e que o seu filho, que você conhecia melhor do que ninguém, tivesse exatamente a mesma aparência de sempre, mas se comportasse como um príncipe inglês. Você procuraria uma explicação e a ideia de o seu filho ter trocado de lugar com a personagem de um conto de fadas não seria certamente a primeira a vir-lhe à cabeça. Por isso, é possível que começasse a culpar-se, a pensar que era louco. Ou que estava doente.

Talvez até mudasse de casa e fosse viver para a cidade onde está situado o melhor hospital para o tratamento do cancro em Nova Inglaterra.

Vou contar-lhe. Vou explicar-lhe tudo o que aconteceu. Se ela deixar de pensar que *está* louca e achar que *eu* é que estou, pelo menos isso já é um começo.

Mas o que é importante é que ela não está a morrer. Ela não tem cancro.

Não pode, porque ela é a minha mãe e é tudo o que me resta.

Ao longe, ouço a porta abrir-se lá em baixo e a voz da minha mãe a chamar o meu nome. Tento sair do escritório dela, mas dou por mim pregado ao chão.

Ela aparece à porta, de rosto corado. Tem vestidas as *leggings* pretas e a camisola larga que usa sempre que vai dar longos passeios.

As pessoas que estão mesmo muito doentes não podem dar passeios, digo a mim mesmo.

— Edgar — sussurra-me ela, olhando para mim e a seguir para a secretária onde estão aqueles papéis horríveis. — Eu não sabia como havia de te dizer.

— Dizer-me o quê? — murmuro entredentes. Tenho de ouvir as palavras em voz alta. Tenho de a ouvir dizer.

Ela abre a boca. Mas, antes de conseguir falar, os olhos dela reviram-se até só se ver

a parte branca. Todo o seu corpo entra em convulsões.

Eu agarro-a mesmo antes de ela cair no chão.

OLIVER

Aqui, é tudo demasiado brilhante. As árvores parecem feitas de néon, as charnecas brilham. E a paisagem é tão plana que se torna desorientador, e isso é algo em que eu não tinha reparado antes. Não paro de chocar nas esquinas e cantos, incapaz de calcular o espaço à minha volta.

O pior de tudo, no entanto, é a claustrofobia. Sinto-me encurralado, encaixotado. Como se as paredes se fechassem à minha volta. Ou, no mínimos, as páginas.

Esta manhã percorri todo o comprimento do livro — duas vezes — e continuo a sentir-me inquieto. *Socks* trota atrás de mim e as campainhas da sela dele provocam-me uma enorme dor de cabeça.

— Tens mesmo de fazer esse ruído todo? — pergunto-lhe num tom agressivo, olhando por cima do ombro.

— Alguém dormiu com os pés de fora — murmura *Socks*.

— Alguém vai acabar a dormir ao relento — contra-ataco.

— Vá lá, Ollie. Vê o lado positivo.

— Ora, *diz-me lá* qual é o lado positivo…

Socks pensa durante um bocado.

— O Orville fez-me uma máscara para o cabelo.

— Mas que raio é uma máscara para o cabelo?

— Não sei — confidencia ele. — Mas é suposto ajudar-me a tratar as pontas espigadas. — *Socks* hesita. — Tenho a certeza de que ele também te fazia uma, se lhe pedisses com jeitinho.

— Eu não preciso de uma máscara para o cabelo. — Preciso de

Delilah.

— Posso fazer-te uma pergunta? — indaga *Socks*. — Não me vês há algum tempo. Eu pareço-te… diferente? — Ele pestaneja e, como não lhe respondo, prossegue: — Maior? Mais pequeno? — A voz dele cede. — Ouvi dizer que, quando não vemos as pessoas todos os dias, notamos mais as mudanças… e há um mês que eu só como cenouras bebés.

— Tu estás ótimo, *Socks* — digo eu, sem me dar ao trabalho de olhar na direção dele.

Ele empina-se à minha volta, descrevendo círculos.

— Eu sabia. Tinha a certeza de que isto ia funcionar melhor do que a desintoxicação. Sabes, eu *sinto* mesmo que tenho mais energia.

Por instinto, salto sobre a margem da página para a seguinte.

— Vamos a algum lado em particular? — pergunta *Socks*.

— Não — respondo-lhe.

— Está bem. — Ele trota satisfeito ao meu lado, enxotando borboletas com a cauda. E, passado um momento, diz: — Queres jogar um jogo? O «estou a ver…» talvez?

— *Socks*, eu não me importo que me acompanhes. Mas, neste momento, não me apetece falar.

Ele para e olha para mim.

— Eu sei. Parece errado, não é? Sermos só nós os dois.

Pensar em *Frump* dói-me tanto como doía há dois dias.

— Sim — concordo, e a minha voz falha. — Imagino que nunca mais vá parecer certo.

Irá acontecer isso com alguma coisa?

Socks sacode a cabeça e a crina dele balança como se fosse de seda.

— Aquilo de que tu precisas, Ollie, é de uma distração. Alguma coisa que te anime. Como a tua festa surpresa! — Os olhos dele arregalam-se e ele faz uma careta. — Podes fingir que não ouviste isto?

Eu sorrio suavemente.

— *Tu* foste a primeira escolha para me distrair?

— Todos os outros tinham alguma coisa importante para fazer —

diz *Socks*, tristíssimo. — Eu tentei pendurar as bandeiras, mas acabei enrolado nelas e o capitão Crabbe teve de me soltar com a espada dele.

— Prometo que finjo ficar surpreendido — digo.

— Isso era excelente. Especialmente quando eles te derem o presente, o…

— Para — interrompo-o. — Para… por favor.

Socks resfolega.

— Ui. Foi por pouco.

— Então, onde é a festarola?

— No castelo — responde ele. — Daqui a uma hora.

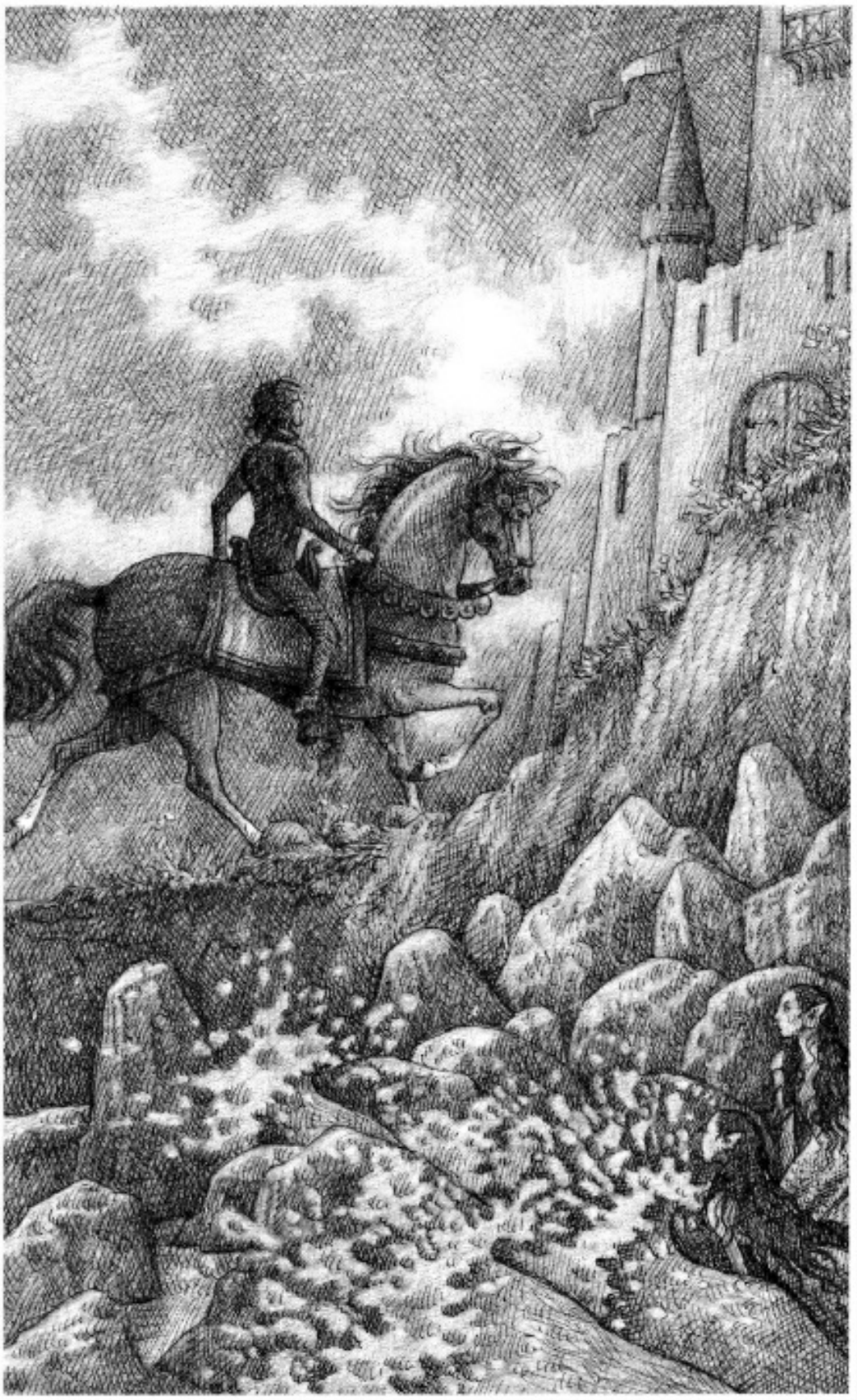
Estamos no extremo oposto do livro. Vamos demorar quase esse tempo todo a chegar ao castelo.

— Suponho que é melhor pormo-nos a caminho. — Começo a caminhar, mas *Socks* toca-me com o focinho.

— Ollie? — diz ele. — Em nome dos velhos tempos?

Eu quero mesmo andar a pé. A única maneira de conseguir existir aqui nos últimos dias tem sido estafar-me a ponto de cair na cama à noite e adormecer, em vez de ficar a pensar no que perdi. Mas ele tem um ar tão esperançado que eu ponho o pé num estribo e subo para a sela. *Socks* começa a galopar e o mundo voa à minha volta. O vento sopra-me o cabelo e quase tenho a mesma sensação que experimentei quando andei de carro pela primeira vez, no mundo de Delilah, com as janelas abertas. Se eu fechar os olhos e não prestar atenção às letras penduradas por cima da minha cabeça, quase parece que ainda estou lá.

Chegamos ao castelo e a ponte levadiça desce para *Socks* poder entrar para o pátio. Ele para, com as narinas dilatadas. Espalhadas pela entrada, estão quase vinte telas de Rapscullio, cada uma contendo uma letra, que juntas formam a mensagem: BEM-VINDO A CASA, OLIVER. Os arcos de pedra estão decorados com bandeiras de todas as cores do arco-íris — à exceção do laranja. *Socks* segue o meu olhar.



— Foi nessa que eu me emaranhei — confessa ele.

Um bolo mais alto do que eu foi levado sobre rodas para o meio do pátio. Está decorado com violetas, as flores preferidas de Delilah. E, em cada canto disponível, encontra-se uma personagem da história. Estão todos aqui — até as sereias, que flutuam na gamela da água de *Socks*.

— Surpresa! — gritam todos.

Olho sorrateiramente para *Socks* e depois levo a mão ao peito.

— Oh, meu Deus! — grito. — Nem num milhão de anos, esperava uma coisa destas. Como é que conseguiram guardar segredo?

Esta é possivelmente a minha pior representação de sempre e, uma vez que atuar é o trabalho de toda a minha vida, isso é dizer muito.

A rainha Maureen abraça-me.

— Estás contente? Isto é demais?

— É perfeito. — Beijo-a na face. — Não precisavam de ter tido tanto trabalho.

— Ora, Oliver, não é trabalho nenhum — diz ela, verdadeiramente apanhada de surpresa. — Tu és o mais parecido que eu tenho de um filho.

Naquele momento, apercebo-me das saudades que tive dela. Na verdade, as saudades que tive de todos eles.

— Discurso — grita um dos *trolls*, e os irmãos juntam-se a ele, batendo com os seus bastões contra os postes de ferro onde se prendem os cavalos.

Subo para um pódio, não por estar desejoso de proferir um monólogo, mas porque prefiro que eles não danifiquem propriedade do castelo, e aclaro a voz.

— Amigos, quero agradecer muito a todos vós. Estes últimos dias têm sido difíceis, eu sei, para todos nós e pode parecer que temos poucas razões para festejar. Mas, em vez de nos centrarmos naquilo que perdemos… sugiro que nos foquemos no que temos. — Olho à volta da multidão. — Uns aos outros — digo.

Entre o grupo, ergue-se uma ovação e Scuttle e Walleye começam a entoar um canto para abrirmos o bolo. As fadas pairam perto dos

meus ombros e puxam-me pelo veludo da túnica para me levarem para a frente, na direção da iguaria. O capitão Crabbe desembainha a espada.

— Fazes tu as honras, Oliver?

Ergo a espada e corto o bolo. Cavalheirescamente, levo os três primeiros pratos às sereias, que não são capazes de se servir.

O ambiente está animado. As pessoas estão a apreciar a companhia umas das outras e riem e dançam ao som da música da flauta de Trogg. Rapscullio e a rainha Maureen dirigem-se à pista de dança. Seraphima come a sua terceira fatia de bolo.

Encontro o capitão Crabbe ao pé da taça de ponche, tentando equilibrar um copo na sua manápula. Bebe um gole de sumo.

— Como é que vai isso? — pergunto-lhe.

— Apetecia-me um pouco de rum.

Eu sorrio e sirvo-me de uma bebida. Vou dar um gole quando ele se aproxima de mim e puxa-me o lábio inferior para baixo.

— Tens andado a negligenciar as tuas gengivas? — pergunta-me ele. — Oliver, já tivemos esta conversa. As gengivas estão para os dentes como o solo está para uma planta. Se não cuidares do solo, nada crescerá, certo?

Pouso o meu copo devagar em cima da mesa.

— Como é que tu fazes isso? Como é que simplesmente abafas os teus sonhos?

— Desculpa?

— É evidente que tu querias ser dentista. Mas, em vez disso, estás preso aqui e és capitão de um navio pirata. — Cruzo o olhar intenso dele. — Como é que te levantas de manhã sabendo que nunca vais ter aquilo que desejas?

O capitão Crabbe parece surpreendido com o rumo da nossa conversa.

— Olha, rapaz, eu não percebo porque é que achas que desisti dos meus sonhos. Eu limito-me a viver com aquilo que tenho. — Ele olha à volta e faz um gesto com a mão, que abrange o castelo, a festa, as pessoas. — O que podes tu querer lá fora que não encontres aqui?

O *amor verdadeiro*, penso e circulo entre a multidão, sentindo-me

completamente sozinho.

A rainha Maureen partilhou em tempos uma história comigo sobre um homem cego a quem uma bruxa concedeu um desejo. Quando ele desejou ver, ela lançou um feitiço e ele começou a ver, por milagre. O mundo transformou-se num espetáculo de cores, uma onda de movimento, um poço de descobertas sem fim.

Mas, certo dia, a bruxa regressou.

— Tu percebeste mal — disse-lhe ela. — Eu nunca te prometi que era para sempre. — Sem aviso, sem ter tido tempo para se preparar, o homem deu por si na escuridão novamente.

Depois de ter vivido no mundo de Delilah, livre e capaz de fazer as minhas próprias escolhas, voltar para aqui é como estar numa prisão. Não só o número de pessoas que posso encontrar e de conversas que posso ter é finito, como nem sequer tenho aqui o meu confidente — *Frump* — para aquietar a minha agitação.

Estou sentado no grande salão do castelo, encostado à parede de pedra, e atiro uma bola para a parede no extremo oposto, que volta depois para mim. Faço isto vezes sem conta e, de cada vez que a bola bate na parede, ela produz um estrondo satisfatório.

A rainha Maureen entra no salão de avental e com as mãos sujas de farinha.

— Santo Deus, Oliver. Pensei que estávamos a ser atacados. Isso é mesmo necessário?

— Desculpa — murmuro. — Estou a ter alguma dificuldade em passar o tempo.

— Bem, dava-me jeito mais duas mãos para trabalhar. Vem para a cozinha.

Deixo cair a bola e, vindo do nada, aparece *Humphrey* a voar e apanha a bola.

Maureen está a fazer um bolo.

— Porque não o decoras? — sugere ela. — Enquanto eu começo a modelar *croissants*?

Olho para as três rodelas de bolo e para a cobertura cor-de-rosa. Molho o dedo e provo. Como sempre, está delicioso. Maureen é

uma doceira de mão-cheia.

— Posso fazer-te uma pergunta? — digo. — Afinal, quem é que *come* todas as coisas que tu cozinhas?

— Eu sei que parece excessivo — admite ela. — Mas desaparece sempre tudo ao final do dia. Cerca de metade vai parar à torre da Seraphima.

Tendo já observado aquela rapariga a devorar tudo a que tinha deitado a mão no centro comercial, não posso dizer que fico surpreendido.

Vejo Maureen estender um quadrado de massa e começar a cortá-la em triângulos com uma faca afiada.

— Agora é a minha vez de te perguntar uma coisa — diz ela. — Como é que foi?

Olho para ela.

— Queres dizer, lá fora? Imagina que não existem fronteiras nem muros.

Ela leva a mão à garganta.

— Parece assustador.

— E é. Mas da melhor maneira — respondo-lhe. — Há livros com tantas receitas que não se consegue contar. — Olho à volta da cozinha. — Há ingredientes e especiarias de países cujos nomes são quase impossíveis de pronunciar. Recipientes de todos os formatos e tamanhos. E tantas pessoas… tantas pessoas para quem podes cozinhar dia e noite e ainda assim não alimentas toda a gente.

A rainha Maureen arregala os olhos, espantada.

— Percebo porque é que te está a ser difícil voltares para aqui.

Pego na espátula e espalho uma camada de cobertura na primeira rodela de bolo.

— Pode não ser o ideal para ti, mas todos nós temos de nos manter firmes. Fazer o melhor com aquilo que temos. Foi isto que nos foi dado.

— Mas por quem? — pergunto eu, enquanto coloco a segunda camada de bolo em cima da primeira. — Porque é que havemos de ficar presos aqui só porque uma mulher decidiu contar uma história?

— Porque é que o céu é azul? Porque é que o Sol nasce? — pergunta Maureen. — Consegues dizer-me, com honestidade, que a tua

amiga no outro mundo não tem de obedecer a regras?

Penso na escola, nas tarefas domésticas, em Allie McAndrews. Em todos os muros que encaixotam Delilah.

Acho que a diferença não é que não haja caixotes. É o facto de eu não estar dentro de um com Delilah.

— O que tu precisas, querido, é de descobrir um passatempo. Alguma coisa que te ocupe. Talvez pudesses começar a trabalhar madeiras. Ouvi dizer que o *Socks* começou um grupo de tricô. — Ela sorri. — Até podes descobrir que tens queda para fazer bolos.

Olhamos os dois para a criação que tenho entre as mãos. O bolo está inclinado para a esquerda, a cobertura acumula-se num dos lados e escorre para o meio, para onde acidentalmente espetei a espátula.

— Ou talvez não — comenta a rainha Maureen, benevolente.

Rapscullio e eu sentamo-nos ao lado um do outro no prado dos unicórnios, à frente dos nossos respetivos cavaletes. Em cada um deles encontra-se uma tela vazia. Pegamos ambos numa paleta de tintas e eu imito os gestos dele. Um dos animais come erva-da-lua a uns escassos metros de nós, ignorando o facto de que é um modelo.

— Quando pensamos em aproximação da imagem — ensina Rapscullio —, temos de usar bem os olhos. O chifre que está virado para nós tem de ser dez vezes maior do que o casco esquerdo traseiro, apenas por uma questão de perspetiva.

Ele olha para mim, com tanta esperança que eu o perceba, que eu sorrio-lhe, apesar de tudo aquilo ser grego para mim.

— Agora — diz Rapscullio — pega no teu pincel e sente a energia. Deixa a arte fluir da tua mente para os teus dedos. Nada de esquinas pontiagudas, apenas movimentos suaves da mão. — Ele desenha com o seu pincel e na sua tela aparece uma imagem razoavelmente parecida com o unicórnio.

Respiro fundo e desenho a primeira linha.

— Sabes? — diz ele, pensativo. — De todas as pessoas que existem neste livro, eu sou provavelmente o único que compreende

verdadeiramente o que tu estás a sentir neste momento.

Franzo a testa.

— O que queres dizer?

— Bom, afinal de contas, eu sei como é *não* ficar com a rapariga.

Hesito, com o pincel a pairar por cima da tela.

— Mas isso não és *tu*. É a tua *personagem*.

— E o que é um homem, senão a sua personagem?

Abano a cabeça.

— É diferente. Tu não escolheste apaixonares-te pela Maureen. Foi escrito que iria ser assim.

— Tu *escolheste* mesmo amar a tua Delilah? Lembras-te do preciso momento em que tomaste essa decisão? Ou simplesmente… aconteceu? — Rapscullio inclina a cabeça para o lado. — Se calhar o teu romance também foi escrito. Pelo destino, pelas estrelas. Todos nós temos autores, Oliver.

De repente, *Pyro* voa por cima de nós, faz uma descida rasante e assusta o unicórnio, que foge para a Floresta Encantada. Rapscullio suspira.

— Parece que perdemos o nosso modelo. Vamos ver como nos saímos.

Na minha tela, não desenhei um unicórnio. Apenas dois palitos humanos de mãos dadas.

Rapscullio aclara a garganta.

— Bom — diz ele, polidamente. — Acho que capturaste a sua essência.

Quando irrompo pela casa de Orville adentro, este está em cima de um escadote a remexer um caldeirão três vezes maior do que ele.

— O que é que tu estás… — Abano a cabeça. — Esquece. Não quero saber.

Pela primeira vez desde que regressei, sinto que tenho um propósito. Posso não conseguir viver no mundo de Delilah, mas sei como posso vê-la novamente. Se eu conseguir vê-la, talvez isso me ajude a passar melhor o dia. Afinal de contas, não é razoável pensar que vou desistir dela de todo, completamente, em vez de me ir desligando aos poucos.

— Ollie, meu rapaz. Ainda bem que apareceste! Dá-me jeito aqui uma ajuda. *Pyro* está com azia e é um autêntico desafio mexer um quilo de bicarbonato de sódio com setenta e cinco litros de iogurte, mas é a única maneira de não ficar a saber a alcatrão.

— Orville — digo. — Lembras-te de quando me mostraste o meu futuro? — Antes de eu ter fugido do livro, o feiticeiro criou uma coluna de fumo que me mostrou o que estava para vir. Como se fosse uma semente que se transforma numa flor. E uma madeixa do meu cabelo permitiu-me testemunhar uma cena que agora faz todo o sentido para mim. Numa casa desconhecida, com uma mulher desconhecida: Jessamyn Jacobs.

— Claro — diz Orville.

— Tens alguma maneira de me mostrar o presente?

Orville olha para mim, baralhado.

— Queres dizer… aos teus próprios olhos?

— Não — respondo. — Eu quero ver o presente noutro lado. Quero ver a vida de outra pessoa.

— Ah! Talvez com um telescópio.

— Não me parece que tenha alcance suficiente.

— Este é mágico — explica Orville. Desce do escadote e remexe o interior de uma mochila que já o vi usar várias vezes no livro. — Às vezes, quando estou a ser chamado por outra personagem, uso-o — confessa ele. — Quando sinto os joelhos perros e estou com um pouco de preguiça, vejo se se trata de uma emergência primeiro, antes de fazer o esforço de percorrer as páginas todas. — Ele passa-me o tubo de latão e eu abro-o até ao máximo do seu comprimento.

— Como é que funciona? — pergunto, espreitando por um dos lados.

Orville tira-me o aparelho das mãos.

— Assim não é, naturalmente. — Ele dá uma gargalhada. Pousa o telescópio no chão e, com um movimento dos seus dedos, põe-no a girar como se fosse uma garrafa. — À volta, à volta, à volta, ele move-se… onde vai parar ninguém sabe!

— Ora, isso é um disparate! — exclamo eu. — De que me vai servir isso?

— Não, isto é o feitiço, Oliver. Repete-o e ele mostra-te o que

desejas ver.

— Oh. — Sentindo-me patético, rodo o telescópio e repito a lengalenga. Quando ele para de rodar, a sua ponta brilha como se fosse o foco de uma lanterna.

Ergo-o até junto do meu olho e semicerro os olhos.

Olho para um lugar que não conheço, mas sei que é no mundo de Delilah. Há carros, ruas e cartazes. Delilah está lá, assim como Jules, Chris e Edgar. Estão a jogar uma espécie de críquete.

Jules começa a balançar o seu malho e Chris posiciona-se atrás, rodeando os braços dela com os seus. Ele começa a contar e ela solta o malho.

Fico sem ar.

Edgar está a abraçar Delilah e beija-a como eu devia fazer.

Largo o telescópio como se ele me estivesse a queimar a mão e corro o mais depressa que consigo até à página 43.

Primeiro, começo a andar de um lado para o outro.

Quem é que ela julga que é?

Já encontrou um substituto para mim.

Puxo o meu punhal e começo a golpear a parede rochosa.

Cada vez que penso nela, vejo a boca de Edgar na dela e ataco a rocha até choverem faíscas.

Quando ela abre finalmente o livro, já passaram horas desde que presenciei a catástrofe através do telescópio de Orville. Ela sorri para mim como se não tivesse passado a tarde enroscada com outro tipo.

Levanto-me, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Tens uma grande lata! — grito. — Diz-me uma coisa: andas com qualquer um ou só com tipos que se pareçam comigo?

Ela fica pasmada.

— De que é que estás a falar?

— Eu *vi-te*. O Orville deu-me um telescópio mágico e eu vi-te a beijá-lo.

Ela semicerra os olhos.

— Tu andaste a *espiar-me*?

— E tu andaste a *trair-me*!

— Não andei nada. Eu não beijei o Edgar. Foi *ele* que me beijou. E, acredita, nenhum de nós queria. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Quantas vezes é que eu *te* vi a beijar a Seraphima?

— Tu sabias que a Seraphima não significava nada para mim. Nós estávamos a desempenhar um papel.

— É precisamente o que eu estou a fazer!

— ÓTIMO! — grito eu.

— ÓTIMO! — grita-me ela, em resposta.

Durante um bocado, fitamo-nos, furiosos. A seguir, Delilah ergue o queixo.

— É tudo o que tens para me dizer?

Os meus olhos lançam faíscas.

— Bom, imagino que estejas cansada por causa… do teu esforço desta tarde.

Um músculo do queixo dela treme.

— Se só me vais insultar, vou-me embora. — Ela agarra o canto do livro e começa a fechá-lo. Parece que o mundo se vai fechar sobre mim.

— Espera — digo-lhe suavemente.

O livro volta a abrir-se e ela alisa a página.

— Não imaginas como é difícil ver-te a fazer isso — confesso-lhe.

— É só por algum tempo. Até arranjarmos uma desculpa para acabarmos.

Ouve-se uma voz junto à porta. É a senhora McPhee.

— Delilah? — Chama ela. — Com quem é que estás a falar?

O mundo fica imediatamente escuro quando Delilah empurra o livro aberto para debaixo dos cobertores da cama. — Com ninguém. Com a Jules.

— Então, afinal, com quem é? Com ninguém? Ou com a Jules?

— Com a Jules — responde Delilah, corada.

— Vocês estão a discutir? Ouvi gritos.

— Estávamos a discutir por causa de uma estupidez. O filme que íamos ver este fim de semana. Nada de especial.

Há uma hesitação.

— Pareceram-me muitos gritos por causa de um simples filme.

— Estamos as duas com TPM — responde Delilah. — Eu estou completamente exausta, mãe. Não vês que quero dormir?

Ouve-se o som da porta a fechar e o rosto de Delilah volta a aparecer de repente.

— Foste muito dura — murmuro eu. — O que é isso da TPM?

— Não queres saber — responde-me ela. Desvia o olhar do livro. — Será que a minha mãe percebeu que eu tenho o telefone a carregar ao pé da secretária?

— E então?

— Isso faz com que seja bem mais difícil estar a falar com a Jules — suspira ela. — Quando é que a minha mãe vai achar que se passa algo de errado comigo outra vez e que eu estou obcecada com o livro?

— Desculpa — digo. — Vou tentar não fazer tanto barulho da próxima vez que gritar contigo.

Finalmente, isto fá-la sorrir.

— Quando ele te toca — pergunto, calmamente —, tu pensas em mim?

Os olhos de Delilah parecem ouro líquido.

— Penso que ele *não* és tu — responde-me ela. — E que nunca ninguém será.

Olho para ela. Ela é o meu céu, o meu universo.

— Fala-me do teu dia — digo.

Na manhã seguinte, decido virar uma nova página. Fazer bolos não é definitivamente o meu forte, a arte também não é a minha praia e, ao que parece, perseguir alguém não é considerado um passatempo. Por isso, peço emprestado equipamento a Scuttle e a Walleye e dirijo-me à praia, para tentar pescar.

Mal lanço a linha, Marina vem à superfície, com a cauda a cortar as ondas.

— Sabes? Os peixes têm sentimentos — diz-me ela num tom reprovador.

— Também as plantas — faço notar. — Que tal estava a tua salada de algas esta manhã?

Ela bufa e mergulha. Durante alguns minutos, aprecio o sol a bater-me na cabeça, a calmaria das ondas e os gritos distantes das gaivotas, que voam em círculos no céu. Sabe-me bem estirar os músculos, enquanto desenrolo a linha e a lanço outra vez. Isto… isto é algo a que eu podia habituar-me.

A minha solidão é abalada pela chegada húmida, confusa e barulhenta de um tornado de pelo, que me derruba sobre os joelhos e prossegue lambendo-me a cara.

— *Humphrey*! — ouço. — Senta!

O cão senta-se imediatamente, com a cauda a abanar, de modo a conseguir aproximar-se milímetro a milímetro. Tem a língua tão pendurada para fora da boca, que quase arrasta na areia.

Seraphima prende uma trela à coleira de *Humphrey*.

— Desculpa — diz-me ela. — Ainda estamos a trabalhar no treino básico.

O cão olha para ela.

— És tão bonita. O teu cabelo parece o Sol.

Ela cora e afaga-lhe a cabeça.

— Então — digo eu. — Como é que tens passado?

Seraphima olha para o oceano.

— Continuo a pensar que foi um sonho. Aquela carruagem estranha sem cavalos… o mercado fechado… e como o *Frump*… bem, tu sabes. Mas não foi um sonho, pois não, Ollie?

Eu abano a cabeça.

— Foi real.

Os olhos dela iluminam-se.

— *Eu* era real — sussurra ela. — Acho que nunca tinha pensado em tomar as minhas próprias decisões. Quer dizer, quando se é uma princesa, porque é que haveria de querer-se ser qualquer outra coisa? — Ela debruça-se sobre mim, num movimento conspirativo. — Posso mostrar-te um segredo?

— Hum… sim — respondo.

Ela levanta delicadamente a bainha do vestido até à cintura e mostra-me um par de calções azuis costurados para parecerem umas calças de ganga.

— São fantásticos — diz ela, entusiasmada. — Podes correr,

trepar e dançar com eles vestidos… podes fazer *tudo* sem teres de te preocupar em enredares-te nos saiotes.

Eu sorrio.

— Ah, eu bem sei. Estou sempre a tropeçar nos saiotes…

— Não é? — concorda ela. — Eu dei uma peça de ponto cheio ao Scuttle em troca dos calções suplentes dele. E só foram precisas algumas horas de costura para alterá-los de modo a servirem-me.

— Ficam-te lindamente — declaro.

Ela abre muito os olhos.

— Não contas a ninguém, pois não, Ollie? É o nosso segredo?

De todas as personagens que aqui estão comigo, Seraphima é a única que entende verdadeiramente como é viver noutro mundo que não o deste livro. Ironicamente, a única pessoa com quem antes eu não tinha nada em comum é agora a única com quem me posso identificar.

Suponho que isso significa que somos amigos.

— Alguma vez foste à pesca? — pergunto-lhe.

Seraphima pisca-me o olho.

— Não é uma atividade comum para uma princesa.

— Ainda bem que tu não és uma princesa comum.

No rosto de Seraphima desenha-se um sorriso. Ela olha para os dois lados da praia e a seguir solta a trela de *Humphrey*. Ele começa a correr em círculos e a ladrar para as gaivotas, enquanto ela desaperta a saia do seu vestido, que pousa cuidadosamente na areia. Envergando agora o corpete e as calças de ganga falsas, acocora-se ao meu lado enquanto eu pego num isco.

— Ooh! — grita ela. — Deixa-me fazer isso!

Observo-a com um certo prazer a enfiar um gancho pelo meio do corpo da minhoca. Quem havia de dizer que Seraphima era tão sanguinária?

Ela levanta-se com a cana na mão e a minhoca a contorcer-se.

— E agora? — pergunta-me.

Antes de eu lhe conseguir responder, no entanto, uma brisa varre a praia e levanta a saia dela no ar como se fosse um papagaio de papel. Diante do meu olhar, a saia aproxima-se da sua cintura e enrola-se à sua volta, apertando-se sozinha.

— Que estranho — comento. São as únicas palavras que consigo dizer antes de ser arrancado para fora da praia e arrastado pelas páginas, frases e particípios balançantes que me batem no rosto até eu aterrar, violentamente, no chão da sala do trono, no pátio real.

Há tanto tempo que represento esta história que, ao princípio, não percebo o que se está a passar.

Por que raio está Delilah a começar do princípio? Porque é que ela não vai ao meu encontro na página 43, como costumamos fazer?

Eu não apareço na primeira página da história. Há um reviver do meu nascimento e, por isso, enquanto espero pela minha cena — aquela em que Rapscullio, o nosso vilão, me convence de que tenho de encontrar a sua filha que foi raptada e trancada numa torre —, estou habitualmente sozinho com *Frump*.

Mas isso já não é possível.

Humphrey gane e vai de um extremo da página até ao outro.

— O que é que se passa? O que é que se passa? É o fim do mundo. Nós vamos morrer. Espera! Já sei. Vou mastigar esta parede. Isso vai ajudar.

— Relaxa — digo-lhe. — Não é uma tempestade. É apenas um leitor. Só tens de ficar sentado ao pé de mim e agir como um cão.

— Eu… eu não sei…. Eu nunca fiz isso antes…

— Confia em mim. Vai-te sair naturalmente.

Ouço as deixas da página anterior a serem proferidas e sei que se está a aproximar a minha entrada. Rapscullio desliza sem esforço da cena anterior para esta. Eu abro a boca para perguntar a Delilah o que é que ela está a fazer. Mas Rapscullio abana a cabeça quase impercetivelmente e, quando olho para cima, para o leitor, não é Delilah.

É a mãe dela.

Nós estamos enferrujados. Mas somos profissionais. Sinto as palavras serem-me arrancadas da garganta, como se fossem uma fita.

— Salvar quem? — pergunto, e faço uma careta.

Olho sub-repticiamente para a senhora McPhee e vejo-a arregalar os olhos quando observa com atenção a minha cara. Meu Deus, ela vai reconhecer-me como sendo o namorado de Delilah.

Tenho de fazer um esforço enorme para posicionar a cabeça de tal maneira que ela apenas possa ver o meu perfil e não todo o rosto.

— O que é que há dentro deste livro sem o que não podes viver, Delilah? — murmura a senhora McPhee, perdida nos seus pensamentos. Termina a página e segue para a próxima. De súbito, eu estou ao pé da rainha Maureen a tentar explicar-lhe porque vou embarcar numa missão para salvar aquela princesa. Os lábios de Maureen tremem enquanto eu falo. Noto o medo espelhado no seu rosto enquanto ela diz como deve ser para uma mãe despedir-se do seu filho. Ela está a fazer o seu melhor trabalho de representação de sempre, assim como todos os outros. Todas as personagens irradiam energia, deliciadas por estarem a ser lidas pela primeira vez em meses.

Ou seja, todas menos eu.

Eu estou a reviver um pesadelo.

Galopo pela Floresta Encantada e ultrapasso as fadas. Quase me afogo no oceano. Engano os *trolls* para garantir uma passagem segura e faço tudo isto enquanto mantenho a cara voltada ao Leitor. Quando chego à página 43 e escalo a parede da falésia, o meu corpo treme em virtude do esforço.

Quando Rapscullio me tranca na masmorra, é quase um alívio, porque o meu rosto fica mergulhado na penumbra.



Finalmente sou puxado para a areia branca da Praia da Eternidade. *Humphrey* está a tentar comer as alianças de casamento que traz penduradas na coleira. As sereias acenam das ondas, os *trolls* seguram os postes do toldo nupcial, as fadas estão enroladas em fitas. E Seraphima está, como sempre, abraçada a mim, envergando o seu vestido de noiva prateado.

Com um par de calças de ganga por baixo.

Quando os olhos da senhora McPhee percorrem as últimas palavras do conto de fadas, eu sou inexoravelmente atraído para Seraphima.

Penso em Delilah a beijar Edgar.

E, tal como Delilah me disse acerca *daquele* beijo, só consigo pensar que Seraphima tem o tamanho errado, a forma errada, tudo errado. Só penso que ela não é a Delilah.

Mas os meus lábios ficam presos nos dela, colados pelo felizes-para-sempre, até o livro se fechar.

À minha volta, as outras personagens começam a dar vivas.

Muito bem! Bravo!

Foi excelente!

Viste aquela parte em que eu…?

Ah, que saudades que eu tinha de representar…

Caio a arfar de joelhos, como se tivesse levado um murro.

Rapscullio dá-me uma palmada no ombro.

— Tal como nos velhos tempos, não foi, Oliver? — diz ele, fazendo um sorriso aberto.

As palavras dele são como um fósforo que acende uma chama em mim. Levanto-me com esforço e começo a correr o mais depressa que consigo. Percorro as páginas tão depressa que as cenas se esbatem atrás de mim. Não paro para ver onde estou. Corro até passar por cima da minha primeira cena e da anterior, percorro as dedicatórias e deslizo sobre os direitos de autor, até derrapar no grande pântano branco da página do título. Ali, hesito, momentaneamente atordoado pela vastidão do vazio.

Não tenho para onde ir.

Mas isso não me vai impedir.

Iço-me para a margem e balanço para trás. Atiro-me repetidamente

contra a capa de cartolina, até magoar as mãos. Ainda assim, obrigo-me a pôr-me de pé e lanço o corpo contra as margens do livro.

Por fim, estafado, caio para trás, sobre o frontispício.

Os meus punhos deixam manchas de sangue na grande superfície branca.

Olho lá para cima, para o céu, para o nada.

Passado um momento, ergo-me sobre os cotovelos, ainda a arfar. Flito os dedos doridos. Vejo as minhas nódoas negras desaparecerem. Vejo o meu sangue a desaparecer, como se nunca tivesse existido.

Como se *eu* nunca tivesse existido.

O mundo é todo ele um palco, onde não são apenas os atores que desempenham papéis.

Mesmo quando não estamos a seguir um guião, é como se estivéssemos. Não nos comportamos da mesma maneira à frente de toda a gente. Sabemos o que faz os nossos amigos rir, o que deixa os nossos pais orgulhosos e o que faz com que os professores nos respeitem. E exibimos uma personagem diferente diante de cada um deles.

Com tantas representações… como é que alguma vez sabemos quem realmente somos?

Bom, temos de encontrar aquela pessoa rara para quem não temos de representar. Alguém que acende um foco na nossa direção — não porque sejamos o que eles precisam ou quem eles querem que sejamos… mas apenas porque somos nós.



DELILAH

O que é realmente mau em ser-se adolescente é que, mesmo quando tens um problema legítimo, monumental — o céu está a cair, começou um apocalipse *zombie* ou contraíste uma praga —, ainda assim, tens de fazer os trabalhos de casa de geometria. Por isso, apesar do facto de eu estar a ter provavelmente a pior terça-feira da minha vida, de o meu namorado estar preso num conto de fadas e de a minha melhor amiga andar com o clone dele, tenho de provar que os triângulos são congruentes.

Estou a vender esta ideia a mim mesma como se fosse uma promessa. Se eu terminar esta prova, permito-me falar com Oliver durante uma hora para depois me arrastar e escrever um trabalho sobre a queda de Troia.

De repente, a porta do meu quarto é escancarada. Viro-me, faço uma careta, pronta para dar um sermão à minha mãe sobre privacidade, mas é Jules.

— Não consigo encontrá-lo — diz ela, muito agitada. — Ele não está em casa, não atende o telefone e não me responde às mensagens. É como se tivesse desaparecido por completo.

— Quem?

Ela pestaneja.

— O Edgar. Meu Deus. Mas tu nem te apercebeste de que ele não estava na escola hoje? A sério? É suposto seres a namorada a fingir dele.

— Talvez esteja apenas doente. Ele viveu literalmente numa bolha nos últimos três meses.

— Ou então — diz Jules, e faz um gesto com os olhos na direção do conto de fadas, que se encontra em cima da minha cómoda — voltou para a bolha.

— O quê? Não voltou, não.

— Verificaste?

— Não preciso de o fazer. O Oliver está lá, o que significa que o Edgar está cá fora.

— Quando é que falaste com o Oliver pela última vez? — pergunta Jules.

Uma vaga gelada de pânico abate-se sobre mim. Se Oliver tivesse saído do livro outra vez, ele viria diretamente ter comigo. Eu sei disso.

Não viria?

Jules e eu tentamos pegar no livro ao mesmo tempo. Abro-o numa página ao acaso — uma página onde Oliver vai montado em *Socks* até casa de Orville, com o seu cão de confiança a trotar ao lado deles. Porém, abro o livro tão depressa que a sela onde Oliver está montado vira-se ao contrário e *Humphrey* leva uma perna de peru no meio dos dentes —, a qual *Socks* lhe sibila para esconder. Contudo, quando todos eles veem a minha cara, relaxam.

— Ainda bem que és tu — diz Oliver.

— Quem mais havia de ser?

— Ias ficar sur…

— O Edgar está aí? — interrompe Jules.

— Infelizmente, não — murmura Oliver. — Porquê?

— Ugh — resmunga Jules. — Não serves para nada.

— Desculpa…?

— Desculpa — murmuro. — Falamos mais tarde, está bem? — Baixo a voz até ao nível de um sussurro. — Ela está a ter problemas com rapazes.

Fecho o livro com cuidado e abraço-o contra o peito.

— Pareces muito obcecada com o Edgar, tendo em conta que ainda não há vinte e quatro horas estavas num encontro com outro rapaz.

— É mais ou menos por isso que tenho de o encontrar. — Jules deixa-se cair em cima da minha cama. — Eu acabei com o Chris hoje.

Eu arregalo os olhos.

— A sério?

— O Chris é excelente. É esperto, engraçado e giro. Mas o Edgar disse-me que, se mergulhares um corpo em sumo de ananás durante uma semana, a pele cai toda.

— Uau, ele parece um rapaz de *sonho* — comento.

— Ele *percebe-me*. E é pecaminosamente lindo. Bem. *Tu* sabes. — Ela ergue os olhos para mim. — Daqui a quanto tempo achas que podes acabar com ele?

— Daqui a quanto tempo achas que começa a correr o boato de que nós andamos com o mesmo rapaz?

Eu estou a sorrir, mas penso em como me irei sentir quando vir Jules e Edgar a percorrer os corredores da escola de mãos dadas. A sussurrar um para o outro. A existirem no seu pequeno mundo. Por muito feliz que eu fique por Jules, tenho de admitir que vai ser difícil vê-la a ter tudo o que quer, enquanto eu perco tudo o que tinha.

De súbito, o telemóvel de Jules toca.

— É ele — suspira ela. — Finalmente. — Porém, quando lê a mensagem, empalidece. Passa-me o telefone.

Eu sei que nós ainda não sabemos o que é que somos, mas tu és o mais próximo que eu tenho de uma amiga aqui e eu preciso de ti. A minha mãe está no hospital… e eu não sei o que hei de fazer.

Jules salta da cama.

— Anda — diz-me. — Temos de ir.

Não sei se alguma vez tinha visto Jules assim tão agitada. Há poucas coisas que a abalem. Mas os

olhos dela estão escuros de preocupação e ela está a apertar-me o braço com toda a força. Eu quero estar lá pela minha melhor amiga, mas não sei se devo aparecer num quarto de hospital sem ser chamada.

— Eu… não sei se o Edgar me quer lá…

— Tu és a namorada falsa dele. Tens de estar lá.

Só quando entro no carro é que me apercebo de que ainda estou agarrada ao livro.

Os hospitais causam-me arrepios. Cheiram a líquido de limpeza e a lixívia que nós sabemos que apenas servem para disfarçar o cheiro a vómito e a sangue. As luzes estão sempre a piscar. As pessoas percorrem os corredores, por vezes a chorar, e parece uma cena saída de um filme de terror. Eu acho que as pessoas doentes só recuperam para poderem pirar-se dali.

Edgar envia uma mensagem a Jules a dizer em que andar devemos encontrar-nos com ele. Quando saímos do elevador, ao fundo há um posto de enfermeiros. Jules trata dos nossos cartões de visitantes e percorremos o corredor em silêncio. Antes de chegarmos ao quarto de Jessamyn, Jules vira-se para mim.

— Eu não sei o que devo dizer-lhe.

— Então não digas nada — aconselho-a. — Limita-te a *estar* lá, para ele ter alguém com quem falar.

Espreitamos pela porta aberta e paramos as duas, abruptamente.

Jessamyn está deitada na cama, a dormir. Parece minúscula, etérea, como as fadas do livro de Oliver. Como se ela já tivesse parcialmente desaparecido.

A questão com as mães é que elas estão sempre lá. São elas que nos massajam as costas quando estamos doentes, que conseguem aperceber-se de que não temos roupa interior lavada e lavam a nossa roupa suja, que abastecem o frigorífico com as coisas de que gostamos sem terem de fazer perguntas. A questão com as mães é que nós nunca nos imaginamos a tomar conta delas, em vez de ser ao contrário.

A minha mãe teve dois empregos a maior parte da minha vida, só para nos manter à tona. Quando ela não está a limpar as casas das clientes, está… bem… está a fazer a mesma coisa na *nossa* casa. Eu não a imagino a ficar um dia em casa doente, quanto mais a ficar num hospital. Estar sentada ao lado dela, como Edgar está ao lado da sua mãe neste momento, seria o equivalente a acordar de manhã e descobrir que o céu é verde em vez de ser azul.

Tento recordar qual foi a última vez que eu agradeci à minha mãe por tudo o que ela faz por mim, e não consigo. Com uma pontada de dor, decido fazê-lo logo que chegue a casa. Acho que todos nós partimos do princípio de que amanhã diremos essas palavras ou iremos abraçar a nossa mãe, só porque sim. Aposto que Edgar pensava a mesma coisa.

Ele tem os braços cruzados em cima do colchão e a cabeça pousada neles.

— Edgar — diz Jules, e ele olha para cima.

Ele olha para a mãe, para se certificar de que ela continua a dormir. A seguir, leva um dedo aos lábios, sai para o corredor, fecha a porta com cuidado atrás dele e leva-nos até um átrio vazio. Na televisão, está a dar o *Sponge Bob* em silêncio, com legendas.

Jules atira-se para os braços dele.

— Vieste — diz ele, aliviado.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Ela desmaiou — responde ele. — Outra vez. E eu sei que vocês achavam que ela estava melhor e que provavelmente não era nada. — Para meu choque, os olhos dele enchem-se de lágrimas. — Mas a questão é que… *não era* assim.

A explicação atropela-se numa enxurrada de sílabas e sofrimento: *Glioblastoma. Subtipo neural. Fatal.*

Olho fixamente para ele. Acho que não há palavras na língua inglesa que exprimam o que estou a sentir neste momento. A mãe de Edgar está a *morrer* com um tumor cerebral e eu e Oliver fomos demasiado egoístas para o trazer de volta a fim de ele passar algum tempo com ela.

— Lamento — consigo dizer. — Lamento tanto.

— Quanto tempo? — pergunta Jules.

— Meses. — Edgar limpa os olhos às costas das mãos. — Pode ser um pouco mais se ela fizer quimioterapia e radioterapia, mas é apenas adiar a sentença. Quer dizer que ela tem quinze meses de enjoos e calvície e a desejar estar morta antes de estar mesmo. Quando o meu pai morreu, foram anos. Foi um inferno na terra. A minha mãe não quer passar pelo mesmo. Ela não quer que *eu* passe pelo mesmo. — Ele enterra o rosto nas mãos. — Eu não posso perdê-la também — sussurra ele. — Fico completamente sozinho.

O que é que acontece quando não se tem pais? Ainda existem orfanatos? Oliver nunca falou em avós, tios ou primos que os visitassem. Penso em Edgar a andar pela casa, completamente sozinho, tendo de repente de ser o adulto.

Edgar deixa-se cair numa cadeira.

— Não paro de pensar em todos os jogos idiotas que eu jogava. A minha mãe dizia-me «vamos dar um passeio» ou «queres tratar de uns recados»? E eu recusava sempre. Em vez disso, pegava na porcaria do comando. — Ele olha para mim. — Num jogo eletrónico, quando morres, tens uma segunda oportunidade. Podes começar de novo. Porque é que na vida real não é igual?

Vejo Jules remexer no bolso, à procura de alguma coisa. Ela pega num pedaço de coral em forma de *J* e esfrega o polegar na superfície. A seguir, olha para mim.

Quando somos o melhor amigo de alguém, não é preciso falarmos para sabermos aquilo em que a pessoa está a pensar. Não precisamos de a ouvir chorar para sabermos que está a desfazer-se em mil

pedaços no seu íntimo. Jules pressiona o coral contra a palma da mão de Edgar.

— A vida *pode* ser assim — diz-lhe ela. — Vai para o sítio onde és invencível.



EDGAR

A conversa acerca da morte dela foi a pior da minha vida.

Senta-te ao meu lado, disse-me ela, dando uma palmadinha na cama de hospital. *Eu não me parto.*

Tudo começou com uma dor de cabeça que não desaparecia. E depois, às tantas, deixei de conseguir que as coisas fizessem sentido. E pensei que estava a ter alucinações. Via um rapaz que parecia o meu filho… mas eu sabia que não era ele. Os médicos chamam a isso síndroma de Capgras — quando acreditamos que um familiar próximo foi substituído por um impostor. Comecei por ir a um psiquiatra, mas ele referenciou-me para um neurologista. Alguém que podia dar uma olhadela ao meu cérebro.

A ressonância magnética detetou o tumor cerebral. Está localizado nas células da glia, que são uma espécie de cola do sistema nervoso. São elas que mantêm os neurónios no lugar e que fornecem nutrientes e oxigénio ao cérebro. Elas separam os neurónios uns dos outros. E destroem as toxinas. Descobrir que se tem um glioblastoma é um pouco como descobrir que se tem térmitas a comerem a estrutura da nossa casa. Elas não comem o alumínio, as canalizações nem os eletrodomésticos… mas boa sorte para quem viver numa casa assim.

Enquanto ela falava, eu sentia que devia começar aos pontapés. Devia estar aos gritos. A virar mesas ao contrário. A gritar a plenos pulmões. Mas, em vez disso, fiquei sem reação.

Enquanto ela falava, eu achava que a minha mãe devia estar a chorar convulsivamente, a gritar, a praguejar. Mas, em vez disso, ela estava a relatar-me os pormenores numa voz

calma, como se tivesse ensaiado.

Parecia que estávamos a falar sobre uma coisa terrível que estava a acontecer a outras duas pessoas e não a nós.

Nós mudámo-nos de Wellfleet para cá porque o melhor neurologista da Nova Inglaterra trabalha aqui, no St. Brigid. Enquanto tu estavas nas aulas, eu ia às consultas. E tentava reunir toda a minha coragem para te contar o que se estava a passar comigo.

Não percebo. Porque é que tu não podes fazer uma cirurgia?, perguntei-lhe. Ou quimioterapia?

Este tipo de tumor é tão parecido com as células cerebrais normais que é impossível tratá-lo sem destruir também muitas células saudáveis. Por isso, qualquer medicamento ou operação vai apenas protelar o inevitável. Eu vou morrer, Edgar. A questão é se eu quero passar quinze meses a sofrer com um tratamento que não me vai curar ou se prefiro passar quatro meses perfeitos contigo.

Eu engoli em seco.

Dói-te?, perguntei.

Só quando penso naquilo que vou perder, respondeu a minha mãe. *Aplaudir-te no dia da tua formatura. Dançar contigo no teu casamento. Pegar no meu primeiro neto ao colo. Ver-te transformares-te num homem magnífico.*

Mas eu não conseguia imaginar-me a crescer sem ela a assistir. Respirei fundo e tentei, mas apenas via um grande, um enorme vazio. Tive a sensação de que ia vomitar.

O que é que me acontece? O que posso eu fazer sem ti?

Daqui a uma semana fazes anos. Vais ter dezoito anos — o que significa que, legalmente, és um adulto. Tens primos na Califórnia com quem podes ir viver. Podes ir para a faculdade — eu e o teu pai poupámos dinheiro suficiente para assegurar isso. Vais prosseguir e viver uma vida espetacular.

O que eu queria, a meio daquela conversa, era voltar atrás. Como quando eu ia para a piscina municipal com a minha mãe treinar os meus mortais na prancha de mergulho e acabava por cair de chapa. De barriga para baixo. *Este não conta!*, gritava eu da beira da piscina, ela anuía e eu começava de novo. Eu queria que isto — este quarto de hospital, esta conversa, esta realidade — não contasse. Queria voltar atrás no tempo, até ao momento antes de entrarmos neste hospital. Antes de eu ter entrado no escritório dela em casa. Antes de ter descoberto o segredo dela.

Tentei dizer-lhe isto, mas a única coisa que me saiu foi *Eu devia ter-te dito mais vezes que te amo.*

Eu sou a tua mãe, respondeu ela. *Achas que não sei?*

Nessa altura, comecei a chorar. Quando o meu pai morreu, pensei que estava em segurança — que o mundo nunca mais podia ser tão mau. Pensei que a pior coisa que podia acontecer já tinha acontecido e que, dali em diante, as coisas só podiam melhorar. Mas consegui ganhar a pior das lotarias *duas vezes* — dois pais com doenças terminais. Pensei em como tinha deixado a minha mãe, de livre vontade, para ir para dentro daquele livro estúpido, abdicando de meses que podia ter passado com ela. Pensei em como ela me mandava limpar o meu quarto ou levantar a louça suja e levá-la para o lava-louças e eu desligava, e agora eu só queria que ela não parasse de falar, para nunca me esquecer da voz dela.

Não é justo, sussurrei.

Oh, Edgar. Ela apertou-me a mão. *A vida não é justa.*

Quando eu estava no conto de fadas e me sentia infeliz e Oliver vinha ver como estávamos, instintivamente eu dizia-lhe que estava tudo ótimo, mesmo que não fosse verdade. Foi *Frump* quem me disse, mais tarde, que todos nós escondemos coisas para fazermos felizes as pessoas que amamos.

Por isso, obriguei-me a sorrir, como se fosse uma cavilha quadrada num buraco redondo ou um sapato dois números abaixo.

E disse-lhe que era melhor começarmos a preparar a lista de desejos dela.

Quando eu tinha cinco anos, fui apanhar maçãs com a minha mãe em Cape Cod. Foi em setembro e havia um labirinto de milho na quinta. O ar cheirava a sidra e a dónutes acabados de fazer. As famílias enchiam o pomar e apanhavam maçãs para sacos de lona. Estava sol e frio ao mesmo tempo e o céu era tão azul que parecia o cenário de um filme. Um cavalo peludo puxava uma carroça até às áreas do pomar onde os frutos ainda não tinham sido colhidos. Eu e a minha mãe fomos o mais longe que conseguimos, até ao limite do campo, onde um adolescente aborrecido nos levou dinheiro para nos deixar entrar no labirinto.

As espigas eram mais altas do que eu. Percorri a margem estreita do corredor, dando «mais cincos» às folhas, como se elas fossem as minhas maiores fãs. A minha mãe corria atrás de mim, com o cuidado de se certificar que eu não me afastava muito.

O ar era poeirento e seco e, ao fim de cerca de quinze minutos, comecei a sentir comichão nos olhos e na garganta. A minha mãe pegou em mim e pôs-me às cavalitas, para eu poder fazer de periscópio dela, mas nem com essa vantagem éramos suficientemente altos. Eu tinha quase a certeza de que andávamos em círculos.

Passado um bocado, o sol iluminou o topo das espigas de milho, como se fossem velas. Eu estava cansado e com fome e era um peso morto nos braços da minha mãe. *Edgar,* dizia ela, *em tempos de desespero, há que tomar medidas desesperadas.*

Em vez de virar no cruzamento seguinte dentro do labirinto, a minha mãe começou a dar pontapés nas espigas, com as suas botas, criando uma pequena passagem. Começámos então a atravessar paredes, como se fôssemos fantasmas. Por fim, fomos cuspidos no extremo oposto da propriedade, num campo que nunca tínhamos visto antes. Era como se alguém tivesse puxado a corda de um paraquedas e a noite pairasse sobre nós.

— Onde é que estamos? — perguntei-lhe eu. Tudo parecia desconhecido e eu comecei a ter aquela sensação estranha no estômago, que aparecia quando estava assustado.

A minha mãe pegou-me na mão. *Vamos descobrir,* dizia ela. E, sem mais nem menos, eu já não tinha medo. Estava no meio de uma aventura.

Jules tem razão.

Se a minha mãe ficar aqui, ela vai morrer.

Mas e se não tiver de ser assim?

Dado o número de vezes em que as personagens tinham trocado de lugar com pessoas comuns, tinha de haver uma maneira. E ninguém podia conhecer melhor essa maneira do que a autora do conto de fadas. Mas isso implicava ser aberto com a minha mãe e explicar-lhe tudo o que acontecera.

Quando a minha mãe abre os olhos, por momentos eles estão enevoados e a seguir fixam-se em mim.

— Como é que te sentes? — pergunto.

Ela não responde, limita-se a acenar com a cabeça.

— Mãe, há uma coisa que tenho de te dizer. E vai ser difícil tu acreditares, por isso, trouxe testemunhas. — Faço sinal a Delilah e a Jules para elas entrarem. Delilah tem o livro aninhado nos braços. — Tu já conheces a Delilah e esta é a Jules, a melhor amiga dela.

Elas entram no quarto com cuidado, como se o chão fosse feito de lava.

— Olá, Jules. E Delilah — diz a minha mãe. — Que bom ver-te.

— Lamento… hum… muito… por saber que está doente — diz Delilah. — Se houver alguma coisa que eu possa fazer…

— Já fizeste. Fizeste o meu filho muito feliz. — Ela sorri para mim.

— É mais ou menos disso que eu quero falar contigo — digo-lhe. — A Delilah não é

mesmo a minha namorada. — Pego numa cadeira e sento-me ao lado da cama, para poder segurar na mão da minha mãe. — E quando tu pensaste que eu era um impostor a viver na nossa casa? Não estavas assim tão longe da verdade.

A minha mãe franze a testa e tenta sentar-se direita.

— Não percebo.

Delilah dá um passo para a frente.

— Tudo começou comigo — diz ela, e aponta para o livro. — Eu encontrei a sua história na biblioteca da minha escola. E apaixonei-me por ela. Lia este conto de fadas dez vezes ao dia. Sabia palavra por palavra, de trás para a frente e da frente para trás. Até que uma das personagens falou comigo.

— É sempre bom saber que um leitor sente uma ligação com uma personagem — diz a minha mãe.

— Não — explica Delilah. — Esta personagem? Falou *mesmo* comigo.

— Foi o Oliver — digo eu. — O príncipe que tu criaste.

— Só que ele não queria ser príncipe — continua Delilah. — Ele queria ser real. E queria a minha ajuda para sair do livro. Por isso, fiz tudo aquilo de que me lembrei para ajudá-lo, incluindo ir ter consigo à sua casa para lhe pedir para alterar o final.

— O que eu não fiz — responde a minha mãe, lembrando-se.

— Pois não — concordo. — E, para ser sincero, eu achei que ela era doida. Até que abri o livro e o Oliver também falou comigo.

— Mas isso é impossível — diz a minha mãe, que a seguir se encosta à almofada, como se de repente tudo fizesse sentido. — Esta conversa não está a acontecer. É a medicação.

— Nós descobrimos uma maneira de tirar o Oliver do livro — digo à minha mãe. — Mas isso implicou que uma outra pessoa tivesse de ocupar o lugar dele: eu.

— Edgar, querido, eu sei que o dia de hoje foi muito difícil para ti. Há aqui pessoas com quem podes falar e que podem ajudar-te…

— Ele não está maluco — interrompe Jules. — Eu estive com ele dentro do livro. E Delilah também lá esteve. Eu *sei* que parece uma loucura. E sei que todo o seu ser lhe está a dizer para não acreditar nisto. Mas tem de acreditar, porque é *verdade.*

A minha mãe vira-se para mim.

— Está bem — responde ela, num tom que as pessoas usam para aplacar um louco.

— Eu sei que não faz sentido. De alguma maneira, nós editámos a história para o livro pensar que precisava de mim em vez do Oliver. Para que ele pensasse que a personagem principal era *eu* e não o Oliver. E isso resultou durante algum tempo. Mas o livro tem

vontade própria. Quando uma coisa não está bem, ele autocorrige-se.

— Pois claro — responde a minha mãe, como se nós tivéssemos de repente começado a falar inglês. — O que vocês estão a descrever… é como *funciona* a escrita. As personagens ganham vida e seguem um enredo o tempo todo.

Ela não está a perceber.

— Durante alguns meses, o Oliver fez-se passar por mim — digo-lhe e lembro-me do que ela me disse antes. *Eu vi um rapaz que parecia o meu filho… mas que eu sabia que não era.*

Foi isso que a fez decidir-se ir ao médico. E mesmo que ela não estivesse com alucinações — mas apenas muito atenta — foi isso que levou os médicos a fazerem os exames que identificaram o tumor.

E se eles não o tivessem descoberto? Será que ela não saberia que estava doente?

Seria melhor assim?

Afasto aquele pensamento.

— O Oliver é que é o namorado de Delilah — prossigo eu. — Eu… eu estava escondido dentro da história.

A minha mãe olha para mim e a seguir para Delilah e para Jules, como se não estivesse a perceber a nossa estranha conspiração.

— Edgar — diz ela, calmamente. — Os contos de fadas não existem.

Há muito tempo, quando ela escreveu o livro, a minha mãe pensava de maneira diferente. Parece-me que a vida nos pode levar para um lugar onde somos completamente diferentes da pessoa que fomos em tempos.

Antes de eu ter tempo de perceber o que se está a passar, Jules arranca o livro dos braços de Delilah. Abre-o na página onde Oliver está a trepar à torre. Ele ergue os olhos, vê um rosto familiar e sorri.

— Oliver — diz-lhe ela. — Está aqui uma pessoa que te quer cumprimentar. — Ela vira o livro de frente para a minha mãe. Os olhos de Oliver disparam para cima e, quando ele vê o rosto da minha mãe, parece chocado, mas recupera rapidamente. Ele sorri e agarra-se com mais força à parede rochosa, fazendo a sua tarefa e assumindo que não deve falar.

Eu debruço-me sobre a minha mãe para conseguir vê-lo também.

— Oliver — digo-lhe. — Podes falar com ela.

Muito lentamente, ele vira-se de frente para nós.

— Olá — diz ele, timidamente. — É um prazer conhecê-la oficialmente.

O rosto da minha mãe empalidece.

— Isto não está a acontecer.

— Desculpem. Será que devo voltar a ficar pendurado na parede? — pergunta Oliver. — Mas antes disso, posso aproveitar para lhe dizer que adorei fazer de seu filho por algum tempo? A senhora é uma excelente mãe.

Após um longo silêncio, a minha mãe começa a falar.

— Quando eu escrevia, sentia que as personagens falavam comigo. Ouvia-as nitidamente na minha cabeça.

— E se calhar falavam mesmo — comenta Delilah. — Mas talvez a Jessamyn nunca lhes tenha respondido.

Um dia, eu cheguei do jardim de infância e a minha mãe não estava à minha espera à porta de casa. Curvado, com a mochila às costas como se fosse a carapaça de uma tartaruga, chamei-a. Queria mostrar-lhe a pintura que tinha feito naquele dia com as digitintas e oferecer-lhe o colar de massinhas que fizera para ela. Mas ela também não estava na cozinha a fazer-me o jantar. Comecei a andar pela casa, a abrir portas, cada vez mais ansioso. E se lhe tivesse acontecido alguma coisa má? E se algo de mau estivesse prestes a acontecer-me a mim?

A última porta que abri foi a do escritório dela. Nas paredes, havia esboços de um barco pirata, princesas e castelos. No cavalete, estava uma pintura de um dragão a cuspir fogo e um príncipe a olhar para ele, todo em vermelhos e laranjas, que pareciam as placas elétricas do fogão, em que eu não devia tocar. A minha mãe estava sentada na sua cadeira. Tinha os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás, de modo que a cara dela apontava para o teto.

— Mãe — chamei. E, como ela não respondeu, voltei a chamar um pouco mais alto.

— Chiu — sussurrou ela. — Eles estão a falar comigo.

Eu olhei à volta da divisão, mas estávamos completamente sozinhos.

— Quem?

Perante aquela pergunta, os olhos dela abriram-se de imediato.

— As personagens — respondeu-me a sorrir.

Quando tento explicar o conceito dos ovos da Páscoa nos jogos e nos vídeos à minha mãe, ela fica a olhar para mim com uma expressão vazia.

— É como quando estás a ver a *Ameaça Fantasma* e percebes que o E.T. está no

Senado com os apoiantes do Palpatine…

Jules interrompe-me.

— É como quando vestimos o casaco de inverno pela primeira vez ao fim de meses e encontramos vinte dólares no bolso.

— Ou seja, algo inesperado? — diz a minha mãe.

— Sim — respondo, e acrescento: — Mas nos jogos eletrónicos, quando encontramos algo assim, podemos saltar um nível inteiro do jogo. Ou ir parar ao fim do jogo. Ou simplesmente ganhar automaticamente.

— É um atalho — diz Delilah, simplificando. — Nós encontrámos aqueles que espalhou pelo livro. A embalagem de brilho labial na página dos direitos de autor e a bolacha em forma de estrela.

Eu cruzo o olhar com o da minha mãe.

— De cada vez que alguém lê o teu conto de fadas, o Rapscullio cai de uma das janelas da torre e morre. Mas não definitivamente porque, da próxima vez que o livro é aberto, lá está ele outra vez a dar a volta ao Oliver para o ajudar. — Respiro fundo. — Não há morte. Não há doença. O livro não o permite. Se nos conseguires dizer onde escondeste apenas mais umas dessas portas de acesso, nós podemos entrar lá. E uma vez no interior do livro, podemos viver para sempre.

Ela fica em silêncio durante algum tempo.

— Edgar — diz finalmente. — Tu tens cá uma imaginação.

— Tu também tinhas. Por isso é que acho que isto pode resultar. — Pego na mão dela. — Tu acabaste de falar com o Oliver, não foi? Por isso, sabes que é possível existir… não, não é existir, é *viver* dentro do livro… e, apesar de quereres convencer-te disso, isto não tem nada a ver com a medicação que estás a tomar. Se o Oliver e a Maureen estiverem dispostos a trocar de lugar connosco e se tu e eu respeitarmos o enredo, em vez de mexer nele, não há razão nenhuma para o livro não nos *aceitar.* Está bem, eu vou ter de usar *collants* para o resto da vida, mas tudo bem, desde que isso signifique que tu estás comigo. E há coisas piores do que trabalhar como rainha, certo? — Hesito. — Mãe, o que é que tens a perder? A sério?

A minha mãe já está acordada há uma hora e eu percebo que está exausta.

— Mesmo que isso fosse verdade, que não pode ser, eu não saberia dizer-te onde podes encontrar um portal. — Ela suspira. — Não fui eu que os criei.

Olho para Delilah e para Jules.

— Se não foste tu, então *quem* foi?

— Não sei. Os estudantes escrevem artigos acerca de temáticas e simbolismo nos

livros… e metade das vezes o autor não planeou nada disso. Apenas *aconteceu* assim.

— Quer dizer, tipo, subconscientemente? — pergunta Jules.

— Talvez — admite a minha mãe.

— Então, quem é que nos diz que não há mais uma passagem secreta subconsciente noutro lado qualquer? Só temos de a encontrar — exclamo eu.

— Mas elas não são o que tu pensas. Não são bónus nem pontos extra. Eram desejos. Eles só funcionaram naqueles momentos porque as pessoas acreditaram do fundo do coração. Um desejo são apenas palavras. A crença é o catalisador. É ela que põe o desejo em ação. Quando duas pessoas desejam exatamente a mesma coisa e esse desejo fica preso entre os dois, não há nada mais poderoso.

— Então, porque é que os desejos não se tornam realidade todos os dias? — pergunto-lhe. — Se ambos queremos que tu fiques boa, como é que pode não ser simples?

Ela olha para mim, com os olhos bem abertos e uma expressão triste.

— Este mundo não está cheio de magia — diz a minha mãe. — Porque é que achas que tantas pessoas fogem através da ficção? — Ela enterra-se na almofada e a sua voz começa a falhar. — Edgar, acho que preciso de fechar os olhos um bocadinho.

Saio do quarto, seguido por Delilah e por Jules.

— Achas que ela tem razão? — pergunta Jules. — Que não há portais nem escapatórias? Que se tratou apenas do facto de duas pessoas desejarem a mesma coisa em simultâneo?

— Então como é que tu ficaste preso no desejo da Seraphima? — pergunta-lhe Delilah. — Obviamente, tu não querias ir para o livro, mas acabaste lá na mesma. E, já agora, eu e o Oliver desejámos muitas vezes em simultâneo que ele saísse do livro e nunca resultou.

— Não sei — digo eu, com a cabeça a zunir. — Eu não tenho as respostas. Só sei que tenho de as encontrar depressa.

E acho que sei quem nos pode ajudar.

OLIVER

Eu sei que alguma coisa não está bem. Soube no momento em que Edgar me disse para cumprimentar Jessamyn e vi aqueles fios e tubos todos presos atrás dela, como se ela fosse uma das experiências de Orville. Soube pela cara de Delilah antes de fechar o livro, quando me disse que me explicava tudo assim que pudesse.

Tenho andado às voltas na página 43, à espera dela, mas ela ainda não abriu o livro.

O amor não é como esperamos que seja. Imaginamo-nos embriagados de felicidade, mas a verdade é que passamos o tempo preocupados. Ela estará doente? Magoou-se? Terá conhecido outra pessoa? Há um momento em que percebemos que temos tudo aquilo que desejámos. E, logo a seguir, damo-nos conta de que isso significa que agora temos muito mais a perder.

Quando sinto o chão estremecer debaixo dos meus pés e o livro começar a abrir, fico num frenesim, a pensar em toda a espécie de horrores.

No entanto, para minha surpresa, Delilah não abre o livro na nossa página do costume. Dou por mim a saltar pela história, até ser arremessado com toda a força para dentro do caldeirão de cobre de Orville. Ele encolhe-se, por empatia. Sento-me cautelosamente, mas *Humphrey* vem direito a mim, lambe-me a cara e faz-me cair de costas.

Socks entra na página a trotar e a arfar.

— Hum. Isso é que foi exercício — diz ele.

A cena ondula antes de estabilizar, e olho sub-repticiamente para cima, onde vejo Delilah — na companhia de Jules e de Edgar.

— Estás bem? — pergunto a Delilah. — O que é que se passa? E desta vez não te atrevas a fechar-me o livro na cara.

— Eu estou bem — assegura-me Delilah —, mas a Jessamyn… não está. Ela está muito doente, Oliver. Não vai viver muito mais tempo.

Vejo *Socks* e Orville processarem a informação.

— Como o *Frump*? — pergunta *Socks* um minuto depois.

— Não é bem a mesma coisa — responde Delilah. — Porque desta vez nós sabemos o que se vai passar.

Olho para ela.

— E achas que podes fazer alguma coisa para parar isso?

É Edgar quem responde.

— Eu acho que *nós* conseguimos — responde ele.

Eu sei aquilo que Edgar vai dizer antes mesmo de ele falar. E sustenho a respiração, na esperança de que, se Edgar planear levar a mãe para o livro definitivamente, ele queira ir com ela.

Porque eu posso sair.

Ouvimos Edgar delinear o seu plano. Se Jessamyn entrar no livro, ela cura-se automaticamente. Da mesma maneira que o cabelo de Jules começou a ficar louro e *Frump* se transformou novamente num cão, a história vai fazer o que for preciso para ela encaixar no papel da rainha Maureen — que é, felizmente, completamente saudável.

— Mas tu vasculhaste as páginas — contrapõe Orville. — E só encontraste aquela bolacha em forma de estrela quando estavas à procura de uma saída.

— Talvez nós não precisemos de outro portal — explica Edgar. — A minha mãe jura que não os introduziu no livro de propósito. Ela diz que basicamente foi apenas um desejo que estava, por acaso, no sítio certo à hora certa.

— É um quebra-cabeças — diz Delilah. — Nós só temos de perceber o que é que todas as trocas têm em comum.

— A primeira fui eu e o Edgar. Nós não tínhamos nenhum atalho em

particular, a não ser que contemos com o enredo revisto. — Olho para Delilah. — E uma vez que tu e eu nunca conseguimos libertar-me usando o cavalete do Rapscullio, nem arrancando as páginas ou eliminando-me do enredo, sabemos que tem de haver algum ponto-chave que fez a diferença.

— Uma troca semelhante — diz Orville. — Um corpo no lugar de outro corpo. Oliver, tu não conseguias abandonar a história por muito que a Delilah o desejasse porque não havia ninguém para tomar o teu lugar.

— Certo. Mas o Edgar e o Oliver estavam ambos dispostos a fazer a troca. Quando a Seraphima saiu do livro — faz notar Delilah —, a Jules foi sugada contra a sua vontade.

— Talvez o desejo não tenha de funcionar nos dois sentidos — sugere Orville.

— Nesse caso, porque é que eu não consegui sair sozinho? — pergunto. — E porque é que nenhum estranho foi engolido pelo livro?

— Eu era a única pessoa a ler o livro — destaca Delilah. — E fazia-o em segredo, por ter vergonha de estar a ler uma história para crianças.

— Por isso não havia nenhum rapaz ao pé de ti para ser puxado para dentro da história e ocupar o meu lugar — concluo.

Socks relincha discretamente.

— Eu não quero incomodar — diz. — Mas como é que o *Humphrey* veio aqui parar?

— Ele estava connosco quando o livro foi aberto — respondo. — Estávamos todos a ver o Orville a lançar o feitiço ao *Frump*.

Orville anui.

— O que isto nos diz é que, em nome da permanência, a história quer um substituto que seja suficientemente parecido com a personagem original para poder moldá-lo à mesma imagem.

— Então, como é que, de todas aquelas vezes que eu desejei estar com o Oliver, não troquei acidentalmente de lugar com a Seraphima? — pergunta Delilah.

Antes de conseguirmos responder, *Humphrey* vagueia até à esquina no extremo oposto da página e levanta a pata.

— Não! — grito. — Por amor de Deus, *Humphrey*, aqui nós não fazemos isso! Este mundo tem regras.

As orelhas de *Humphrey* descaem.

— Lamento imenso. Vou arrumar as minhas coisas e partir. Na verdade, eu não tenho coisas nenhumas. Vou simplesmente partir…

— Esperem — diz Orville, com os olhos a brilhar. — Tu tocaste num aspeto importante, rapaz. Este mundo tem *regras.* E, como eu já disse antes, nós temos de nos reger por elas. No entanto, numa história tudo é possível. Por isso, o desejo deve ter tido origem *aqui.*

Tento fazer uma lista mental de tudo o que já discutimos até agora. Se duas pessoas trocam de lugar e apenas uma dela consentiu, tem de estar envolvida uma ajuda — uma bolacha, um portal, um feitiço, um brilho para lábios mágico. Se, por outro lado, há duas pessoas que querem trocar de lugar e ambas deram o seu consentimento, isso pode acontecer sem recurso a nenhum atalho físico. Basta o poder do desejo.

Ergo o olhar para Edgar.

— A tua mãe falou comigo. Mas ela acreditou em ti quando lhe disseste que viveste quatro meses dentro do livro?

— Acho que não — admite Edgar. — Ela achou que eu estava a inventar aquilo tudo. Ela pensava que *tu* eras uma alucinação.

— Se a conseguíssemos convencer, segundo o que diz o Orville, para nós trocarmos de lugar bastava que tu, eu, a tua mãe a rainha Maureen o queiramos desesperadamente.

Edgar abana a cabeça.

— Isso não vai acontecer. Ela já acha que é a cabeça dela que lhe está a pregar partidas.

— Então tens de pensar em mais um dos teus truques especiais — responde Orville.

Ficamos todos em silêncio, porque sabemos como aquilo é tão mais difícil do que parece. Olho para Edgar e vejo a derrota espelhada nas suas feições. Penso em *Frump* e em quantas vezes ao dia eu desejo que ele ainda esteja ali. Para se rir comigo de cada vez que *Socks* fica atolado num pântano lamacento, para se maravilhar quando o pôr do sol pinta cores na praia, para me ajudar a acabar

uma das tartes de limão da rainha Maureen. Apercebo-me de que Edgar já desistiu. Ele já começou a despedir-se.

— Muito bem — digo bruscamente e endireito o tronco. — Nesse caso, é melhor pormo-nos ao caminho. Temos muitas páginas para percorrer, se queremos encontrar alguma coisa que funcione para salvar a Jessamyn.

Edgar abana a cabeça.

— É inútil.

— Não, não é. Mesmo que ela duvide, desde que nós os três desejemos fazer a troca e tenhamos uma explosão de magia como a Seraphima, o *Frump* e o *Socks* tiveram antes, quando *eles* tiveram desejos, pode funcionar.

— Mas nós não temos tempo para encontrar essa magia — diz Edgar. — Acreditem. Eu e a Jules percorremos esta narrativa ao milímetro.

De repente, ocorre-me algo. E se nós não estivermos à procura de um *o quê?*, mas sim de um *quando?*

— Delilah — começo —, quando é que acontece magia no teu mundo?

— Quando usamos o Photoshop — responde ela.

— Não. Eu quero dizer, vocês estão sempre a pedir desejos. Pedem desejos às estrelas, às pestanas e uma vez até pediste um desejo àquele osso estranho do frango que a tua mãe cozinhou. Há alguma dessas formas que pareça dar um pouco mais de sorte do que as outras?

Jules e Delilah entreolham-se.

— Aniversário — dizem em coro.

— Quando sopramos a vela — diz-me Delilah. — Esse é o desejo que as pessoas acreditam que vai concretizar-se. Há toda uma onda de antecipação, porque as pessoas veem-nos pedir o desejo, mas nós mantemo-lo em segredo e nunca o revelamos em voz alta. As pestanas e as estrelas cadentes são para desejar coisas pequenas, para desejos que não são muito importantes. Como quando dizemos em voz alta: «Deseja-me sorte». Nós sabemos que isso não vai fazer diferença, mas dizemos na mesma. Já o nosso desejo de aniversário, esse é aquele que nós achamos que pode mesmo vir a acontecer.

— O que é que desejaste no teu último aniversário? — pergunto-lhe.

Delilah cora.

— Um príncipe que me arrebatasse.

— Uau — suspira *Socks*, impressionado. — Foi muito perto.

— Eu faço anos para a próxima semana — anuncio.

— Antes disso, esse era o *meu* aniversário — resmunga Edgar.

— Eu posso ficar eternamente com dezasseis anos e ser cronologicamente mais novo do que Edgar, mas mesmo assim celebro essa data. Aqui todos celebramos. Só não envelhecemos.

— Não estás a ver? — digo-lhe. — É perfeito. Se nós desejarmos a mesma coisa, ao mesmo tempo, no mesmo aniversário, de certeza que esse desejo é suficientemente forte para te trazer a ti e à Jessamyn para cá.

Sinto-me orgulhoso por ter descoberto isto — ainda por cima na presença de um feiticeiro —, mas Edgar não me parece entusiasmado.

— E se não for, este vai ser o último aniversário que passo com a minha mãe.

Endireito-me e olho Edgar nos olhos.

— Nesse caso, é melhor certificarmo-nos de que resulta — respondo-lhe.

A rainha Maureen está a podar as rosas no jardim real quando a encontro. Colho uma rosa e entrego-lha num gesto galanteador.

— Uma beleza para outra beleza — digo, usando todo o meu charme.

Se quero convencer esta mulher a abandonar tudo o que ela conhece, é melhor usar as minhas melhores cartas.

— Deixa-me adivinhar — diz Maureen. — Partiste outro prato?

— Achas mesmo que essa seria a única razão para eu vir ver o teu lindo rosto neste dia? Podes ficar surpreendida por me ouvir dizer isto, mas a verdade é que aprecio a tua companhia.

Ela sorri.

— Eu aposto no prato partido.

Sento-me num banco de mármore.

— Nesse caso, vais perder a aposta — digo-lhe. — Se bem que eu queira falar de uma coisa contigo.

— Ah, estás a ver? — exclama ela, ao mesmo tempo que arranca um

ramo morto. — Eu sabia. Intuição de mãe.

— Em relação a isso… — Respiro fundo. — Tu disseste que me consideras um filho. E eu sempre te vi como minha mãe. Não acho que a família tenha de se reger por laços de sangue, tu achas? Não te parece que a família são as pessoas que mais amamos?



— Claro — responde Maureen.

— E… bom… se o teu filho fosse mudar-se, tu quererias ir com ele, não é verdade?

Maureen revira os olhos.

— Eu já te disse que não podes ir viver para a casa por cima da loja do sapateiro na página três. Não é digno de um príncipe e não faz sentido estarmos a içar uma cama lá para cima quando tens uma cama maravilhosa no castelo.

— Eu não me quero mudar para a página três. Quero viver no mundo real. — Faço uma pausa. — Contigo.

— Eu? No mundo real? — A rainha Maureen engasga-se na sua gargalhada. — Eu não iria fazer ideia de como devia viver lá.

— É por isso que me vais ter contigo.

Os olhos dela cruzam os meus.

— Isto é por causa da tua Delilah?

— Desta vez, não — confesso. — É por causa de um rapaz que vai perder a mãe. E, se nós trocarmos de lugar com ele, bem, acho que isso não tem de acontecer.

— Que tragédia — diz Maureen. Senta-se ao meu lado no banco de mármore. — Mas porque é que tu hás de pensar que uma mulher comum e o filho dela podem vir cá para dentro? Tu viste como os outros estranhos foram forçados a sair.

— Não se trata de uma mulher comum — explico-lhe. — É a Jessamyn Jacobs. Foi ela que escreveu esta história.

A rainha Maureen fica em silêncio por um instante. Arranca as pétalas da rosa que tem na mão uma a uma e deixa-as flutuar até caírem no chão. Para antes de arrancar a última pétala e coloca o caule entre nós.

— Ela deu-me a vida — diz Maureen, calmamente. — É o mínimo que posso fazer por ela.

Hoje aconteceram tantas coisas que não tenho a certeza se vou ter oportunidade de falar a sós com Delilah esta noite. Mas eis que, pouco depois de a última estrela surgir no céu, vejo um raio

de luz perpassar a lombada do livro e sinto-me a ser puxado para a nossa página do costume.

— Olá — diz ela, delicadamente.

— Olá. — Não consigo parar de sorrir para ela. Parece que a terrível verdade que descobri hoje serviu apenas para me lembrar da sorte que tenho por a ter encontrado. — Espero que tenhas um presente espetacular para o meu aniversário.

— Tu *não sabes* se vai resultar — diz Delilah.

— E tu *não podes* achar que não vai — sublinho. — Estava a pensar… primeiro, vamos jantar fora e *a seguir* dás-me o teu presente. E, para ser completamente sincero, *estou* a contar com um bolo. De preferência de chocolate, mas não vou regatear.

— Não me posso permitir ter esperança de que isto venha a acontecer — diz Delilah. — Porque, se não acontecer, há muitas coisas em jogo. E, desta vez, não é só para nós. Mas também para o Edgar.

Olho para ela e fico sério.

— Eu sei.

— Hoje, quando cheguei do hospital, abracei a minha mãe com tanta força que ela deve ter achado que eu estava louca. Não podia dizer-lhe que a Jessamyn está a morrer… porque a rainha Maureen pode vir aqui parar completamente saudável. Por isso, disse-lhe apenas que tinha tido um dia péssimo e estava a precisar da minha mãe. Mas não consigo deixar de pensar que ainda bem que não é a *minha* mãe. O que é horrível, não é?

— Acho que faz parte da natureza humana — respondo-lhe.

— A culpa disto é nossa? — sussurra Delilah. — Quando a Jessamyn desmaiou da primeira vez, não devíamos ter tentado trazer o Edgar para cá imediatamente?

— Ela jurou-me que não estava doente — digo.

— Ela *mentiu* porque não quis preocupar-te, tal como nós não quisemos preocupar o Edgar. — Delilah abana a cabeça. — Perdemos semanas que ele podia ter passado com ela.

Os olhos de Delilah estão carregados de tempestades.

— Não podemos voltar atrás no tempo — digo-lhe. — A única coisa que podemos fazer é certificarmo-nos de que o Edgar e a Jessamyn

têm mais tempo juntos.

Delilah morde o lábio inferior

— Eu sei que tu és parecido com o Edgar… mas achas mesmo que a Maureen pode passar pela Jessamyn?

— Quase de certeza. Pelas fotografias de família que vi quando vivia em casa dela, a Maureen é muito parecida com a Jessamyn quando ela se casou. Apesar de o seu cabelo ter estranhamente passado de castanho a ruivo. Já agora, o rei Maurice é a cara chapada do falecido pai do Edgar. — Inclino a cabeça para o lado e penso. — Só nos resta esperar que tenhamos a sorte de conseguir disfarçar a rainha Maureen para ela ficar igualzinha à Jessamyn.

— O que é que acontece ao Edgar se… o livro não deixar a Jessamyn entrar? Quer dizer, as coisas aqui não funcionam como aí. A comida não aparece por magia. Tem de se ganhar dinheiro para poder comprá-la. Tem de se conseguir pagar a prestação da casa. O Edgar só tem dezassete anos. Ele não devia ter de crescer tão depressa.

— Ele não terá de o fazer. Na verdade, ele nunca vai crescer — digo eu.

Delilah ergue o sobrolho, ainda desconfiada.

— Para que haja hipótese de isto funcionar — digo-lhe. — Eu tenho de acreditar a cem por cento e, para isso, preciso que tu também acredites.

Ela baixa as pestanas, que lhe desenham sombras nas maçãs do rosto. Por um momento, penso que talvez a tenha feito chorar. Quando ela volta a olhar para mim, apercebo-me de que o desespero e a esperança são gémeos, são apenas versões alteradas da mesma emoção.

— Qual é a cobertura que queres no bolo? — pergunta-me.

— Creme de manteiga — respondo, calmamente.

É a esperança que nos faz olhar pela janela para vermos se já parou de chover.

É a esperança que nos faz acreditar que ele vai enviar mais uma mensagem.

É a esperança que nos faz comprar umas calças de ganga um pouco apertadas.

É a esperança que nos faz colocar uma colher debaixo da almofada e vestir o pijama do avesso quando ouvimos dizer que é capaz de nevar.

É a esperança que nos faz sair da cama de manhã e que nos faz sonhar de noite.

É a esperança que nos faz acreditar que as coisas só podem melhorar.

É a esperança que nos faz seguir em frente.


HAPPY HALLOWEEN

DELILAH

E quando eu pensava que as coisas não podiam tornar-se mais complicadas, surge *Harvey*.

No dia em que vou dar uma festa de Halloween e de aniversário para a escola toda — algo que nunca pensei fazer em toda a minha vida —, um furacão que estava previsto seguir na direção do mar nas Carolinas faz um desvio abrupto e inesperado e sobe na direção da Costa Leste. O furacão *Harvey* começa por uns pingos de chuva até dar lugar a uma bátega que bate como um martelo no telhado. Quando eu e Jules nos sentamos no meu quarto a riscar os itens de uma lista de afazeres, a luz começa a falhar.

— Tenho várias embalagens de seis latas de *Coca-Cola* e de uma dúzia de pacotes de batatas fritas — digo eu. — E convenci a minha mãe a não fazermos o jogo de apanhar maçãs com a boca. Mas ela insiste em fazer vegetais com a forma de um esqueleto.

— Esta vai ser a pior festa da história das festas — murmura Jules.

— Bom, o que é que queres que eu faça? — contesto. — A minha mãe e a mãe do Edgar vão lá estar. Não me pareceu que jogar pingue-pongue de cerveja fosse uma opção.

É uma seca dar uma festa em minha casa pelo aniversário de Edgar, mas é a única maneira de o nosso plano poder resultar. Além disso, não me interessa se a minha reputação cair por terra por causa disto, porque, se resultar, o Oliver volta para cá e a opinião dele é a única que me importa.

Passou uma semana desde que Jessamyn teve alta do hospital, uma semana que passámos a trabalhar com Oliver e as personagens do livro para garantir que esta troca não falha. Edgar tem andado bastante alheado, pois está ocupado a cuidar da mãe. Ele diz que a parte mais difícil é o facto de Jessamyn parecer tão normal. À exceção da medicação anticonvulsiva e da dor de cabeça, que não desaparece, é como se estivesse a combater uma gripe.

— O Edgar contou à Jessamyn por que razão estamos realmente a dar esta festa? — pergunto. — Ela sabe ao menos que estamos a tentar levá-la para dentro do livro?

— Não. Ela continua a não acreditar em nada disto. O Edgar acha que é melhor ela não saber o que andamos a planear. Assim é mais provável aceitar vir.

Faz sentido. Jessamyn não acreditou de todo na teoria do portal secreto de Edgar. Apesar de ter visto Oliver vivo e a falar, ela ignorou o facto como sendo uma alucinação provocada pela medicação. Uma vez que estamos dependentes de um desejo, não ganhamos nada se Jessamyn duvidar do processo. Tanto quanto sabemos, essa é a única coisa que pode correr mal.

Pendurado ao fundo do meu roupeiro está um disfarce que pedi emprestado à senhorita Pingree e ao departamento de teatro da escola. Jules vai mascarar-se de Sally de *O Estranho Mundo de Jack*.

Foi ela que fez a observação perspicaz de que se a troca correr bem vamos acabar com um tipo vestido de príncipe no meio de uma festa de liceu. Uma vez que já só falta uma semana para o Halloween, fez todo o sentido as pessoas mascararam-se todas para, se Oliver e Maureen chegarem hoje, ninguém achar estranho.

— Então — pergunta Jules, desviando os olhos de mim —, tiveste notícias do Chris? Ele vem?

Olho para ela.

— Tive de o convidar. Ele é o melhor amigo do Edgar. Ou seja, do Oliver. Tu sabes o que eu quero dizer.

— Vai ser estranho — diz Jules. — Eu não falo com ele… desde que acabei tudo. E não lhe dei uma justificação.

Pouso uma mão no ombro dela.

— Estás bem em relação a isto tudo? À partida do Edgar?

— Pois, tenho de estar, não é? — Ela olha para mim. — Vamos ver as coisas como elas são. Ele não ia ficar aqui comigo se o preço a pagar fosse perder a mãe.

— Para que conste — digo-lhe. — Ele gostava mesmo de ti. Só que, neste momento, tem preocupações maiores.

Ela força um sorriso.

— Não te preocupes comigo. Eu sou mais forte do que pareço.

Olho para os *collants* pretos rasgados de Jules, as pulseiras de couro com tachas, o alfinete de dama que usa como brinco e o *eyeliner* preto e rio-me.

— Estás assustadora — digo-lhe. — Lembra-me para nunca me envolver numa luta contigo.

De repente, ouve-se o estrondo de um trovão, as luzes enfraquecem e depois voltam à intensidade normal com um zunido.

— Eu não acredito nisto — reclamo. — E se ninguém aparece?

— E isso interessa? As únicas pessoas que *têm* de aparecer vão estar cá. Além disso, não há nada como uma pequena catástrofe natural para apimentar uma festa. — Jules olha para o telemóvel. — Tenho de ir a casa mudar de roupa. Disse ao Edgar e à mãe que ia buscá-los às sete horas e só a minha maquilhagem demora meia hora. — Levantamo-nos as duas e ela abraça-me, num impulso. — Vai resultar.

— Tem de resultar — digo eu.

Mal ouço o carro de Jules arrancar, apercebo-me de que preparei tudo para *esta* festa, mas não pensei nos preparativos para o outro lado. E se Oliver precisar da minha ajuda ou se alguma coisa correr mal, ele só vai conseguir dizer-me se eu abrir o livro.

Não está na minha mesa de cabeceira, onde habitualmente o deixo.

Ajoelho-me e espreito debaixo da cama. Puxo os cobertores e lençóis para trás, à procura. Despejo a mochila. Viro o quarto do avesso, vasculho as gavetas todas e tiro os livros todos das

prateleiras, mas não o encontro.

Será que o deixei na escola? Em casa de Edgar? Onde é que eu estava da última vez que falei com Oliver?

Foi ontem à noite. Na cama. Antes de adormecer. E esta manhã deixei o livro na mesa de cabeceira.

Eu *sei* que deixei. Então, porque é que não está lá?

Como é que posso ter perdido o meu próprio namorado?

E como posso ter perdido o livro logo no dia em que mais preciso dele?

Escancaro a porta do quarto e desço as escadas a correr.

— Mãe! — grito, na fronteira entre o berro e o choro. — Viste o meu livro?

Ela vira-se, a meio da limpeza do balcão.

— Que livro?

— Tu sabes que livro. O *Entre as Linhas*… — Abro as gavetas da cozinha ao acaso e vasculho. — Preciso dele. Agora.

— Delilah, tem calma — diz a minha mãe. — Pu-lo na estante, ao pé dos álbuns de fotografias.

— Porquê? — pergunto, ao mesmo tempo que corro para a sala de estar e examino as lombadas dos livros, até encontrar um com letras douradas. Pego nele, agarro-o contra o peito e sinto o coração aos pulos contra a capa.

A minha mãe vem ter comigo, surpreendida com a minha explosão. Aproxima-se para me tirar o conto de fadas dos braços, mas eu viro-me de costas para ela, protegendo-o com o meu corpo.

— Delilah — pergunta-me ela, calmamente. — O que é que *tem* este livro? Porque é que és tão agarrada a ele?

— Tu não ias perceber.

— Tenta. *Fala* comigo. Eu pensava que era só uma fase… que ia passar quando começasse a namorar e a ter mais amigos. Mas agora, de repente, voltaste ao mesmo de antes. Estás obcecada com um conto de fadas para crianças. O que é que se passou?

Tenho a garganta entupida com mil e uma respostas, nenhuma das quais ela entenderia.

— Não mexas nas minhas coisas! — grito, e volto lá para cima a correr.

Quando chego ao meu quarto, bato com a porta e abro na página 43. Oliver ainda está em posição na parede rochosa, com as mãos no peito. Quando me vê, solta a túnica e vários rolos de serpentinas de cores vivas caem das pregas de veludo, desenrolando-se até ao fundo da página.

— Porque é que me estás a interromper? — pergunta-me. — Eu estou a meio dos preparativos para a minha própria festa de aniversário.

— Eu sei — respondo-lhe. — Só queria certificar-me de que estava tudo a correr bem.

— Bem, até estava. Até me interromperes. — Ele sorri ao dizer aquilo, por isso, sei que não está mesmo aborrecido comigo. — E os teus preparativos?

— Estavam a correr muito bem até eu te ter perdido temporariamente — digo-lhe. — A minha mãe mudou o livro de sítio.

— Ah, bom. Eu esqueci-me de te contar, no meio de tudo o que tem acontecido, da doença da Jessamyn, mas a tua mãe leu-nos há dias.

— Ela fez *o quê?*

— Acho que deve ter sido quando tu estavas na escola. Eu pensei que eras tu a abrir o livro, como de costume, mas não eras.

— Estás a falar a sério? O que é que ela estava a fazer no meu quarto? A espiar?

— Se calhar só estava à procura de uma boa história para ler. — Oliver olha para cima. — Nós *somos* um livro, sabes? Quer acredites ou não, nós trabalhamos. Há muito tempo que não tínhamos a oportunidade de representar o conto de fadas. Ficou toda a gente deliciada. Todos menos eu — confessa ele.

— Mas e se alguma coisa corresse mal? Se ela te *reconhecesse?*

— Esforcei-me ao máximo para não a deixar ver a minha cara — admite Oliver. — Ela não pareceu achar nada estranho.

— *Desta vez* — sublinho.

— Bom — diz Oliver —, se tudo correr bem esta noite… talvez *não haja* uma próxima vez. — Ele presenteia-me com um sorriso aberto. — Eu adoro falar contigo, Delilah, mas não posso sair desta página a não ser que tu te vás embora. — Ele ergue dois rolos de serpentinas. — E tenho um reino inteiro para decorar.

Eu disfarço um sorriso.

— Eu também te amo — digo-lhe, e fecho o livro com cuidado.

Vestir o meu disfarce implica bastante planeamento e esforço. A primeira camada é uma saia com aro e um espartilho, seguida por um saiote que se prende e se ata à volta da cintura. A seguir vem o vestido debruado a cetim e renda. A cereja no topo é a tiara, uma pequena travessa que se prende no cabelo e que brilha graças a imitações de pedras preciosas.

Por baixo, tenho os meus ténis *Converse* calçados, porque ninguém vai vê-los.

A seguir, dirijo-me ao meu temido espelho de corpo inteiro, que se encontra do lado de dentro da porta do roupeiro — no qual normalmente lanço um derradeiro olhar a mim própria antes de sair para a escola e encontro sempre alguma coisa para criticar: o cabelo, as ancas, as sardas.

Mas, desta vez, limito-me a ficar ali parada a admirar-me.

Estou… bonita.

O vestido cor-de-rosa dá um tom rosado ao meu rosto e a forma como assenta na cintura cria a ilusão de que até tenho uma boa figura. Para variar, o cabelo não parece um ninho de pássaro. Está

parcialmente apanhado para segurar a pequena coroa e o restante cai numa cascata de caracóis, graças à humidade do furacão *Harvey*.

O que irá Orville pensar quando me vir?

Se ele me vir.

Abano a cabeça e obrigo-me a pensar positivo. «Quando», digo com firmeza e em voz alta.

Se Jessamyn estiver certa e bastar desejar para que um sonho se torne realidade, então pelo menos vale a pena tentar. Por isso, apesar de me sentir patética, apesar de não ter o hábito de falar sozinha, fecho os olhos, uno as mãos e tenho esperança.

— Por favor — sussurro. — Trá-lo de volta para mim.

Naquele momento, ouve-se o ribombar de um trovão, tão alto que faz a casa estremecer, e o clarão de um relâmpago ilumina o quarto. De seguida, a energia vai-se abaixo e fica tudo às escuras.

Não me parece ser um grande augúrio.

Se há festa que beneficiasse de uma falha de energia, essa é uma festa de Halloween. Eu e a minha mãe espalhámos velas pela casa toda, em todos os pratos que temos — são tantos que sugeri que convidássemos os bombeiros, só para lhes poupar a viagem. As chamas tremeluzem e lançam sombras nas paredes, fazendo com que tudo tenha um ar dez vezes mais assustador. As gotas da chuva que escorrem pelas vidraças são iluminadas pela luz das velas e, talvez por não haver mais nada para fazer — não há televisão nem computador — a afluência à festa é formidável.

Há miúdos mascarados de piratas, *cowboys* e polícias. James e o namorado vêm vestidos de saleiro e pimenteiro. Raj tem um pacote de leite na cabeça, com a cara recortada e a palavra DESAPARECIDO impressa no topo.

— A sério? — pergunto-lhe quando ele chega.

— É inteligente — responde-me ele. — As miúdas curtem inteligência.

— Mas… a sério?

— O cérebro sobrepõe-se ao corpo — insiste Raj. — Então, onde é que estão as miúdas giras?

Vejo-o perscrutar a multidão e os olhos dele iluminam-se quando vê Claire, cujo fato tenta transmitir uma mensagem de «croma sensual», mas parece estar simplesmente a vestir a mesma roupa de ontem, com um par de óculos da moda.

— Boa! — diz Raj, que parte na direção dela.

Toda a gente parece estar a divertir-se, menos Chris, que está a um canto da sala. Deslizo até junto dele, o melhor que alguém consegue fazer com um saiote vestido.

— Olá — digo-lhe.

Ele olha para mim do alto da pala do seu chapéu vermelho de Super Mario. Os lábios dele mexem-se por baixo do bigode falso.

— Calculo que já saibas.

Estendo a mão e dou-lhe uma palmadinha no ombro.

— Tenho muita pena que não tenha resultado. Mas não vais ter dificuldade nenhuma em encontrar outra pessoa.

Ele tenta sorrir, mas sem sucesso.

— Ela explicou-te porquê? — pergunta-me Chris. — Foi alguma coisa que eu tenha feito?

— Acredita, não teve nada a ver contigo. É apenas… uma má altura.

Ele olha para mim com uma expressão de dor.

— Eu não quero que as coisas fiquem estranhas, percebes? Quer dizer, sendo tu a melhor amiga da Jules e isso…?

— Só é estranho se tu quiseres — garanto-lhe.

Naquele momento, um carro aproxima-se da casa e os faróis atravessam a sala quando estaciona na esquina. Estou à espera de Jules com o convidado de honra e a mãe dele. Porém fico completamente em choque quando abro a porta e vejo Allie McAndrews e a sua comitiva.

As meninas dela estão todas vestidas de gatas sensuais.

E Allie? Tem um vestido *idêntico* ao meu.

— Não pensei que viesses — digo-lhe.

Allie ergue o sobrolho.

— Por favor. Eu é que vou fazer disto uma festa. Devias sentir-te honrada.

Eu *não vou* deixar Allie estragar esta noite.

— Bom, é óbvio que tens bom gosto para disfarces — comento, com simpatia, apontando para os nossos vestidos iguais e tentando fazer uma piada parva. — Duas princesas ervilha…

Allie fica horrorizada.

— Eu não sou apenas uma princesa idiota da Disney — diz ela. — Eu sou…

— A princesa Peach! — termina Chris, que lhe pega na mão e lhe faz uma vénia, com o seu fato-macaco azul.

Allie ilumina-se.

— Obrigada por me salvares, Mario — chilreia ela.

— Não te imaginava fã do Super Mario.

— Estás a brincar? — responde Allie, animada como eu nunca a vi. — É o melhor jogo de sempre. O que é que eu havia de fazer enquanto espero que as unhas dos pés sequem?

Contenho uma gargalhada e desejo que Jules estivesse aqui para ver isto. As gatas que se encontram atrás de Allie entreolham-se, completamente baralhadas. Acho que faz sentido. Não é todos os dias que se descobre que a nossa abelha-rainha é fã de jogos.

Allie contra-ataca.

— Por favor, Britanny, todas nós sabemos que tu ainda vês *O Meu Pequeno Pónei*. E, Chloe, não

é só o teu cabeleireiro que sabe que tu não és mesmo loura.

Ela soa como Allie — ou seja, mesquinha —, mas há alguma coisa diferente. Ela parece aborrecida, como se estivesse farta de ter de agradar a uma audiência vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Até parece que ela é… bom, que ela é humana.

— Graças a Deus que no *Super Mario 3D World* fizeram um *upgrade* da Peach — acrescenta Allie. — Quer dizer, foi mesmo mau que quando o *New Super Mario Brothers* saiu para a *Wii*, a *Nintendo* não tenha tido dinheiro para pagar a programação extra do vestido dela e por isso ela não era uma personagem ativa do jogo.

Chris fica estupefacto.

— Casa comigo — graceja ele.

Ela dá-lhe o braço.

— E se começássemos por beber uma *Diet Cola?*

Ao mesmo tempo que eles se juntam à multidão, a porta abre-se outra vez. Jules tem um chapéu de chuva a abrigá-la e Jessamyn vem vestida com uma bata do bloco operatório, uma touca cirúrgica que lhe tapa o cabelo e uma máscara a cobrir-lhe metade da cara.

Ela apanha-me a olhar fixamente para o seu disfarce.

— Eu era escritora — explica ela, com os olhos a dançarem por cima da máscara. — Gosto de ironia.

— E eu gosto de roupa seca — resmunga Edgar, que está atrás delas, à chuva. — Há alguma hipótese de entrarmos?

Por um instante, quando ele entra com um fato de príncipe igual ao de Oliver, fico sem fôlego. Eles são *mesmo* parecidos.

Razão pela qual, recordo a mim mesma, *isto vai resultar.*

— Parabéns! — digo-lhe.

— Só às nove e um quarto — replica Edgar. — Lembras-te?

Sem querermos deixar nada ao acaso, combinámos com Oliver que ele sopraria as velas do seu bolo de aniversário precisamente à hora do nascimento de Edgar.

A minha mãe, que enverga o seu fato de bruxa, aproxima-se quando vê Edgar entrar.

— Deve ser a Jessamyn — diz ela. — Eu sou a Grace. É um prazer conhecê-la finalmente.

— Obrigada por ter tomado conta do Edgar há umas semanas — responde Jessamyn. — Eu tenho tido problemas de saúde ultimamente e é muito bom saber que há quem olhe por ele.

Sigo o olhar dela, que incide sobre a minha mãe e a multidão de amigos de Edgar. Estas são as pessoas nas mãos de quem ela pensa que irá deixar o filho quando partir.

Aos poucos, toda a gente se apercebe de que Edgar já está ali. O nome dele é entoado e ecoa pela casa e as felicitações de aniversário chovem como se fossem papelinhos.

A minha mãe vira-se para Jessamyn.

— Vou preparar o bolo. Quer vir até à cozinha? A não ser, claro, que seja mais dada a festas.

Ela sorri.

— A cozinha parece-me muito bem.

Quando elas se afastam, Jules, Edgar e eu reunimo-nos.

— O Oliver está pronto? — pergunta Edgar.

— Acho que sim — respondo. — E *tu?*

— Sim. A Jules tem mais uma bata de médico na mala para a Maureen vestir quando aqui chegar. As pessoas são capazes de reparar se a minha mãe de repente mudar de disfarce a meio da festa. — Os olhos dele movem-se na direção da cozinha. — Vou só certificar-me de que ela não precisa de nada.

Enquanto ele caminha na direção da multidão, eu sou a única pessoa a perceber o sofrimento espelhado no rosto de Jules. Ela vira-se e arregala os olhos.

— A *Allie* está aqui? Quem é que a convidou?

— Ela fez-se convidada — digo calmamente. — Mas, Jules, há uma coisa que precisas de saber…

Naquele momento, Chris aproxima-se de Allie com uma lata de *Diet Cola.* As cabeças deles juntam-se e eles riem enquanto conversam.

— E… *agora* é que esta noite não pode piorar mais — geme Jules.

— Lamento.

— Tudo bem. Ele merece ser feliz — diz Jules. Mas não é para o Chris que ela está a olhar. E sim para o Edgar, que se afasta dela.

A festa desenrola-se à minha frente como se fosse a cena de um filme, como algo que estou a ver mas de que não faço parte. Gargalhadas e conversas, dança e movimento; conversas carregadas de gestos que, ao longe, parecem charadas.

Edgar aparece por trás de mim, suficientemente perto para me sussurrar ao ouvido:

— Quem havia de dizer que um furacão podia ser tão divertido? — diz ele.

Viro-me e, ao ver pessoas a olharem para nós, entrelaço os dedos nos dele e represento.

— Eu estava a pensar — digo-lhe — que no livro nunca chove.

Ele franze a testa e a seguir acena afirmativamente com a cabeça.

— Tens razão. Acho que nunca tinha reparado.

Quando Oliver chegou aqui e viu chover, perguntou-me quem é que estava a chorar. Acho que esse era o único tipo de precipitação que ele já tinha visto: as lágrimas de um leitor. — Ergo os olhos para Edgar. — Sabes como aqui ninguém gosta da chuva? Como baixamos a cabeça para nos

protegermos, ou nos queixamos quando nos molha os sapatos, ou ficamos irritados por nos termos esquecido do chapéu de chuva? Bem, o Oliver adorou. Ele achou que era a coisa mais miraculosa que o céu pingasse e depois voltasse a reparar-se. Naquela primeira tempestade, ele correu lá para fora, abriu os braços e ficou a andar em círculos e a rir-se enquanto ficava ensopado.

Olho novamente pela janela.

— Na última semana que o Oliver passou aqui, choveu. Quando ele chegou à escola, reparei que trazia um chapéu de chuva. E pensei: *Fui eu que lhe fiz isto? Eu fi-lo deixar de acreditar na magia?*

— Se calhar, nós adaptamo-nos ao sítio onde temos de estar — diz Edgar. — Talvez *seja* isso a magia.

Eu anuo e respiro fundo, ao mesmo tempo que Jules se aproxima. Ela retocou a maquilhagem, mas eu percebo que esteve a chorar. Tem os olhos vermelhos.

— Já passa das nove — diz ela. — Vamos preparar-nos?

Olho para Edgar e para Jules. Eles estão a fitar-se tão fixamente que acho que o espaço que há entre eles vai entrar em combustão espontânea.

— Posso falar com a Jules um minuto? — pergunta ele.

— Claro — respondo, mas tenho quase a certeza de que eles nem me ouvem.

Na cozinha, encontro a minha mãe e Jessamyn a espetarem dezoito velas no bolo.

— E uma para dar sorte — digo à minha mãe num tom desesperado. — Não te podes esquecer dessa. É a mais importante.

A minha mãe olha para mim com uma expressão estranha, mas vai à despensa à procura de mais uma vela.

Jessamyn pousa-me a mão no ombro.

— Obrigada, Delilah — diz-me. — Por fazeres isto pelo Edgar. E por mim.

Eu abro a boca para lhe dizer que ela vai passar muitos mais aniversários com o filho, mas detenho-me.

— O Edgar ama-a — digo-lhe. — Acima de tudo. Ele abdicaria de tudo por si, sabe?

— Sou uma mulher cheia de sorte — diz Jessamyn. E, por cima da sua máscara cirúrgica, os olhos dela brilham intensamente.

A minha mãe regressa, não só com a vela, mas também com uma caixa de fósforos. E Jessamyn pestaneja para não chorar.

Olho para o relógio. São nove e dez.

— Vamos a isto — digo, e expiro.

Enquanto a minha mãe acende as velas, vou à sala de estar e desligo o portátil onde a música está a tocar. A conversa vai esmorecendo, até morrer e dar lugar ao silêncio. Toda a gente se vira para mim.

— Onde está o aniversariante? — pergunto.

— Aqui — anuncia Jules. Ela entra na sala, puxando Edgar atrás de si. Não faço ideia do que se passou entre eles, mas parece que estiveram numa batalha. Quando chega ao pé da mesa da sala de jantar, Jules solta Edgar e vem colocar-se ao pé de mim, à frente dele.

São nove e doze.

— Parabéns a você — começa a minha mãe a cantar e toda a gente se junta a ela.

Parabéns a você…

Parabéns, querido Edgar…

Muitos anos de vida!

Olho para o meu telemóvel. São nove e treze. Bolas. Porque é que esta canção é tão curta? Edgar fita-me, em pânico.

— Viva o Edgar… uma — grito. — Viva o Edgar… duas! Viva o Edgar… três! — Bato palmas a cada número e a multidão acaba por se juntar a mim.

Quando chegamos ao dezoito são nove e catorze. Fico a olhar para os segundos a passarem.

— Muito bem — incito. — Espero que tenhas um grande desejo!

Mais dez segundos. É a nossa deixa. Aceno a Edgar, que se debruça sobre o bolo. Este lança um clarão sobre o seu rosto e ele franze a testa quando se concentra. Vejo os lábios dele mexerem-se em silêncio, enquanto diz as palavras previamente acordadas.

Neste preciso momento, dentro do livro, que aguarda em segurança no meu quarto, Oliver está a dizer exatamente a mesma frase.

Desejo passar a vida com a pessoa que eu mais amo.

O alarme que acionei no telemóvel apita. Nove e quinze.

No último instante, Jules corre para a frente e fica tão perto de Edgar que consegue tocar-lhe. De repente, ouve-se um estrondo, quando uma rajada de vento abre uma das velhas janelas sem isolamento da nossa casa. O vento rodopia à volta da sala e apaga todas as velas. Por um instante, a sala fica escura como breu.

E, a seguir, entre o ruído de máquinas e bipes eletrónicos, a eletricidade volta a ligar-se.

— Que desejo espetacular, meu — grita Raj.

Eu pestanejo para me habituar à luz forte. E sinto-me imediatamente nauseada. Não aconteceu nada. Não mudou nada. Edgar continua debruçado sobre o bolo, de olhos fechados. Jules tem a mão pousada nas costas dele.

— Edgar? — sussurra ela.

Quando ouve o som da voz dela, ele abre os olhos.

Vira-se para Jules.

E passa por ela.

Fitando-me, como se eu fosse a única pessoa naquela sala, esboça um sorriso malicioso. Um sorriso que eu conheço, um sorriso pelo qual me apaixonei. E é então que Oliver me puxa para os

seus braços e me beija.

EDGAR

Desejo passar a vida com a pessoa que eu mais amo.

De repente, o meu cabelo é soprado para trás por um vento forte e fica tudo às escuras. Sinto a cabeça latejar e estou rodeado por tanta claridade que semicerro os olhos, incapaz de ver.

Sinto uma mão nas costas.

— Edgar?

Viro-me e foco o rosto da médica. Até que ela puxa a máscara para baixo e eu vejo a minha mãe.

Olho para cima e vejo que estamos na areia, na Praia da Eternidade. Num semicírculo à nossa volta encontram-se todas as personagens do livro. Estico o pescoço e vejo as caudas desenhadas das letras por cima de mim.

A minha mãe dá um passo atrás e sustém a respiração.

— Eu… eu morri?

— Não — grito e abraço-a. — Não. Tu estás bem viva. — Olhando por cima do ombro, faço um sorriso enorme para os outros. — Resultou! — grito, e as palavras disparam da minha boca como se fossem fogo de artifício. — Resultou mesmo!

Um coro de felicitações ergue-se na praia. A minha mãe, no entanto, está em pânico. Anda às voltas, como se estivesse encurralada, e arregala os olhos perante a estranha planura bidimensional do interior do livro. O corpo dela salta ligeiramente cada vez que uma das personagens fala. Ela agarra-me o braço, num gesto admoestador.

— Onde é que nós estamos? — sussurra-me.

Eu seguro-a pelos ombros.

— Está tudo bem, mãe. Eu já estive aqui. E tu também. Foste tu que escreveste isto.

Ela abana a cabeça.

— Isto não é… não pode ser…

Rapscullio caminha na nossa direção, hesitante. Pega na mão da minha mãe, flete um joelho e faz uma vénia.

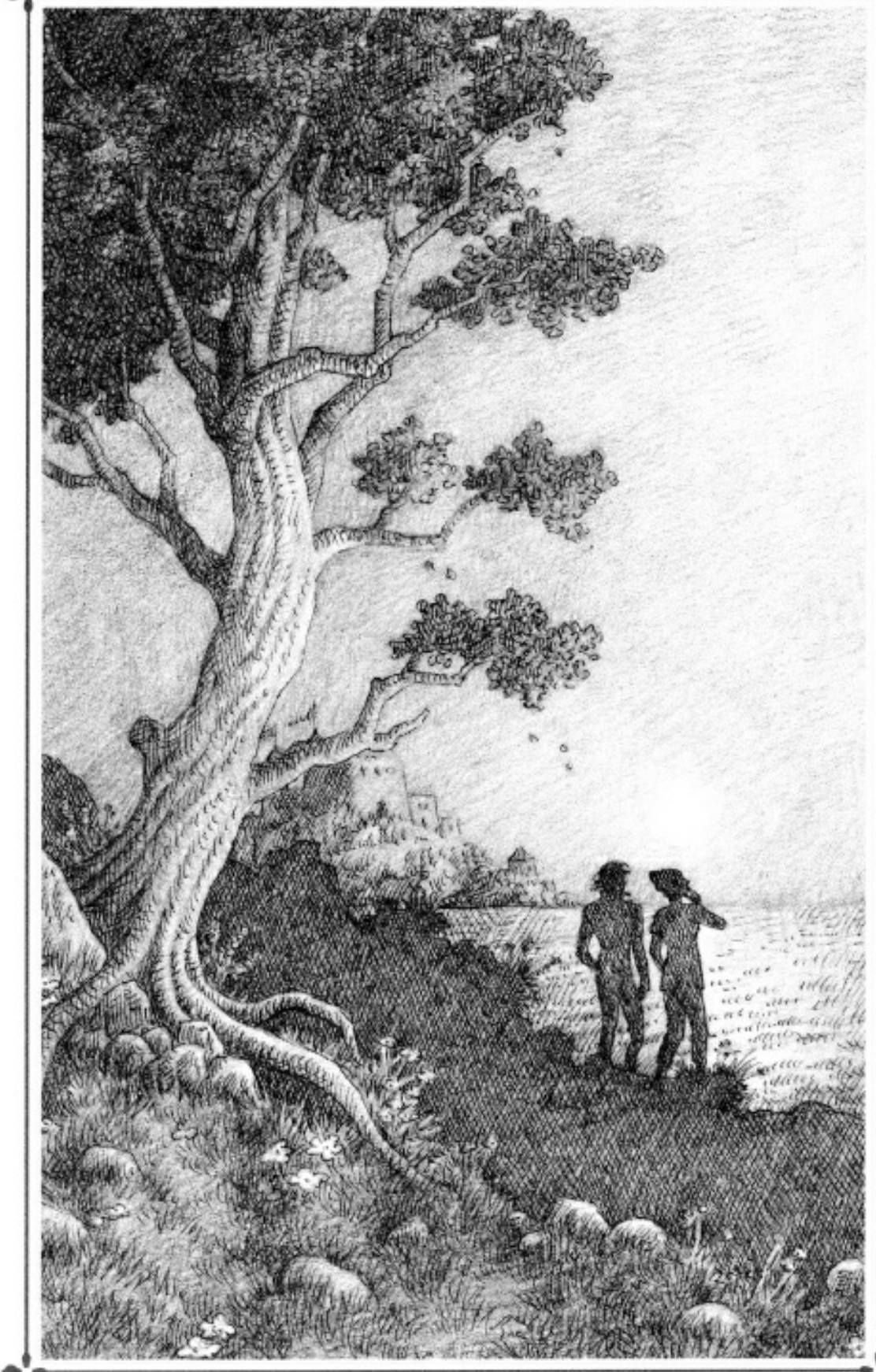
— Vossa Majestade, é uma honra e um privilégio conhecê-la finalmente.

A seguir é o capitão Crabbe que se aproxima e lhe beija a mão.

— Juro vassalagem para sempre — proclama.

Humphrey descreve um círculo à volta da minha mãe e lambe-lhe a parte de trás dos joelhos.

— És deliciosa — diz ele, e ela sustém a respiração.



— Tu… tu sabes falar?

— Sei, sim — responde *Humphrey*. — Eu sei muitas palavras. *Batata. Termos. Lápis. Comunismo.*

— Isso é excelente — diz a minha mãe, ao mesmo tempo que *Socks* depõe timidamente uma margarida aos seus pés. Ela afaga-lhe a crina e faz um sorriso rasgado. — Tu sempre foste o meu preferido.

— Eu sabia — responde o animal, que se afasta, empinando-se.

Orville é o primeiro a abraçar a minha mãe.

— Bem-vinda a casa, minha querida — exclama.

Uma a uma, as restantes personagens avançam e apresentam-se. As fadas voam em torno do rosto dela. As sereias dão cambalhotas e batem com as caudas, os *trolls* revelam um castelo de areia feito em honra dela. Até *Pyro* rasga os céus como se fosse um *skywriter* e escreve o nome dela.

— Odeio dizer-te «eu bem te disse» — murmuro. — Mas eu bem te disse.

A minha mãe olha para mim e abana a cabeça.

— Eu estou a sonhar. Isto só pode ser um sonho.

— É mais ou menos isso — concordo. — Vais habituar-te às coisas esquisitas. Como o facto de conseguires saltar especialmente alto e correres particularmente rápido e de poderes comer tudo sem engordares um único grama. E também há a maneira de andares de uma página para a outra. Parece que só pode ser um sonho… mas esta é a tua nova *realidade.*

Ela criou esta aventura para mim, há muitos anos, quando eu tinha medo da morte. Desta vez, sou eu quem vai fazer o mesmo por ela

— Anda — digo e agarro na mão da minha mãe. — Há muitas coisas para ver.

Percebo que ela acha que vai acordar a qualquer momento. Vejo que não confia naquilo que tem à frente dos seus olhos. Talvez ela precise de algum tempo.

Não consigo deixar de sorrir perante aquele pensamento. Porque, aqui, tempo é precisamente o que não nos falta.

O castelo é exatamente como eu me lembrava dele: deslumbrante, grandioso, requintado. Vejo a minha mãe entrar no salão nobre, fitar o teto abobadado e as elaboradas tapeçarias e ocasionalmente estender a mão para tocar nalguma estátua de mármore ou nas espadas penduradas na parede. Levo-a a uma das torres, onde fica o

quarto da rainha Maureen. Abro as portas duplas e revelo-lhe um quarto circular com uma cama de dossel alta e trabalhada, uma lareira enorme e um roupeiro gigantesco onde se encontram os mais ricos vestidos de seda e cetim debruados a fio de ouro.

— Então? — pergunto-lhe. — Gostas?

— É lindo — responde a minha mãe. — Mal posso esperar para te contar tudo quando acordar.

Eu suspiro.

— Tu não estás a sonhar, mãe. Tu estás aqui. *Nós* estamos aqui. Para sempre.

O relógio que se encontra em cima da lareira toca. É feito de porcelana inglesa e ouro, coberto de rubis, esmeraldas e safiras. Os olhos da minha mãe disparam na direção do mostrador e ela começa a remexer no bolso da bata de médico que ainda tem vestida.

— Tenho de tomar os meus medicamentos — diz ela. Mas é claro que os comprimidos não estão ali. Eles desapareceram na transição.

A minha mãe apalpa os bolsos todos.

— Devem ter caído na praia — diz-me. — Temos de voltar lá.

— Não temos, não. Tu não precisas desses comprimidos aqui. Já não precisas mais deles.

— Edgar, tu tens de aceitar o facto de que eu estou doente. Não é o que tu queres, nem o que eu quero, mas temos de enfrentar a situação. E é muito mais fácil aceitarmos se eu não tiver convulsões a toda a hora.

Frustrado, desesperado por lhe provar que ela se vai curar aqui, pego no relógio de cima da lareira e atiro-o com toda a minha força contra a parede. Ele despedaça-se em centenas de peças. Rodas, molas e pedras preciosas espalham-se pelo chão de madeira.

— O que é que tu *fizeste?* — grita a minha mãe. Ela cai imediatamente sobre os joelhos e tenta apanhar as peças, mas estas começam a tremer nas suas mãos. Saltam-lhe da palma da mão, a trepidar, os mecanismos encontram-se e voltam às suas posições, as juntas douradas fundem-se umas nas outras, até que o relógio — inteiro e restaurado — aparece no chão, à sua frente.

Eu pego nele e pouso-o com cuidado na lareira.

— É isto que tenho estado a tentar dizer-te — declaro. — Aqui, tu não podes ser destruída. O livro repara-te.

A minha mãe levanta-se e estende a mão trémula para tocar no relógio.

— Claro — murmura ela. — Eu percebo.

— Percebes… mesmo?

Nunca se morre nos sonhos.

Fecho os olhos. Por muito que tente convencer a minha mãe da magia que há no livro — quer seja ao cortar-me com uma espada e deixar a ferida sarar ou a saltar de um penhasco e aterrar em segurança e em pé —, ela vai sempre pensar que se trata de um sonho e bem podia ser. Afinal, toda esta história surgiu da imaginação dela.

De súbito, percebo para onde tenho de a levar.

A página dos direitos de autor é um mar de gelo branco até onde a vista alcança. Os meus sapatos escorregam e puxo a minha mãe atrás de mim, a cambalear, tentando manter o equilíbrio na inclinação das letras em itálico. O símbolo de direitos de autor é um círculo minúsculo, que aumenta de tamanho à medida que nos aproximamos. E é o único indicador de que nos estamos a aproximar de algum lugar à medida que caminhamos. Por cima de nós, o texto pende tão baixo que eu passo o tempo a dar cabeçadas nas caudas dos *yy e dos pp.*

Quanto mais nos aproximamos do símbolo dos direitos de autor, mais o chão parece inclinado. Eu estive nesta página quando Seraphima foi sugada para fora do livro, mas o vórtice foi selado. Ainda não sei exatamente o que fez com que ele se abrisse da primeira vez. Só sei que vou dar o meu melhor para que isso volte a acontecer.

Trata-se de uma ilusão ótica, mas a página tem o formato de um cone, na base do qual se encontra o símbolo dos direitos de autor. Graças a isso, quando chegamos ao fundo da página, a minha mãe tem de se esforçar para não cair por cima de mim.

— Agarra-te bem — digo-lhe e baixo-me para agarrar uma das pontas da letra *c.* Ela segue o meu exemplo e, de imediato, o círculo desvia-se para a esquerda.

— Acho que temos de a virar — digo eu, e emprego todo o peso do meu corpo para empurrar no sentido dos ponteiros do relógio. Centímetro a centímetro, com uma chiadeira, a roda destranca-se e abre-se finalmente como se fosse a escotilha de um submarino. Eu olho para a minha mãe. — Salta — digo-lhe. E desapareço através do buraco.

Ela aterra ao meu lado, ligeiramente acocorada, e levanta-se depois lentamente, espantada com aquilo que vê. Há prateleiras cheias de papéis atados, tronos enfeitados com teias de aranha, uma gaiola para aves gigantes, do tamanho de uma pessoa. Há cestos cheios de corações de vidro partidos e garrafas tapadas com rolhas de cortiça com papéis enrolados no interior. Há um dente de dragão do tamanho da minha cabeça encostado à parede e a roda de uma carroça. No canto, um violoncelo toca sozinho.

— Bem-vinda à tua imaginação — digo-lhe.

Acho que a minha mãe não em ouve. Ela caminha pelo percurso de obstáculos feito dos mais diversos objetos, nos quais toca ao de leve quando passa por eles. A mão dela detém-se na estátua de um leopardo banhado a ouro.

— Este era um leopardo invejoso — murmura ela. — Que pediu a uma bruxa que o transformasse no mais premiado animal do reino. Por causa do egoísmo dele, ela transformou-o precisamente nisso: numa estátua de ouro. — Aproxima-se da gaiola. — Uma experiência científica louca que correu mal e em que o pássaro se transformou no amo. — A seguir, percorre o cesto das garrafas com a mão. — Um homem parte para a guerra. Sobe o rio com o exército e todos os dias envia uma carta de amor para a mulher, que vive na foz do curso de água. — Toca no violoncelo que continua a tocar. — Um rapaz humano apaixona-se por uma musa, mas a única maneira que ele tem de a impressionar é com um violoncelo mágico, que foi criado pelos deuses e nunca para de tocar. A musa adora a música dele… e acaba por se apaixonar também pelo músico… mas ele nunca pode largar o arco do violoncelo para a abraçar, porque ela descobrirá que é falso. — Por fim, ela pega no retrato que eu vi da última vez que estive aqui: o rei Maurice com um bebé ao colo. Podia perfeitamente tratar-se de uma fotografia do meu pai comigo. A minha mãe vira-se, com uma expressão maravilhada no rosto. — Estas são as minhas histórias todas — murmura ela. — Aquelas que eu nunca escrevi.

— Tu costumavas acreditar no impossível — digo-lhe. — Não podes voltar a fazer isso?

Afasto uma pele de jiboia e um tapete de pele de urso e mostro-lhe uma secretária de marfim impecável, onde se encontra uma caneta de tinta permanente e um pergaminho interminável, enrolado. Puxo um dos tronos vazios para perto da secretária e seguro-o, para a minha mãe poder sentar-se.

Ela pega na caneta com cuidado e, pela primeira vez em muitos anos, volta a escrever.



Deixo a minha mãe para trás, na página dos direitos de autor e começo a vaguear pelo livro. Parece que estou a ver o cenário com outros olhos. De repente, as margens do livro não me parecem esmagadoras, nem os meus *collants* me parecem justos. Pelo simples facto de ter conseguido trazer a minha mãe para aqui, tudo é possível.

Só me apercebo do quanto já andei quando os meus pés se enterram na areia da Praia da Eternidade. Por um momento, fico junto à margem, a ver o sol pintar as nuvens de rosa e pincelar o céu com tons de laranja e vermelho.

— É bonito, não é?

Viro-me e percebo que não estou sozinho. Seraphima está sentada a alguma distância, com os joelhos puxados para o peito.

— É — respondo.

— É a minha parte preferida do dia — afirma Seraphima.

— O pôr do sol?

— Não — responde ela. — A noite.

A noite instala-se e as estrelas surgem, como se o Sol se tivesse estilhaçado em milhares de pedaços. Seraphima inclina a cabeça para o céu.

— Antes de partir, o Ollie mostrou-me uma coisa — confessa-me ela. Aponta para uma estrela cintilante. — Aquele é o *Frump*.

Abro a boca para lhe dizer que *Frump* não se transformou numa bola de gás, mas depois penso melhor. Quer dizer, se isso a faz feliz…

— Tenho saudades dele — sussurra Seraphima. — Tenho mesmo muitas saudades dele.

Com a luz do luar, consigo ver que ela esteve a chorar.

Não sei bem o que se faz quando se vê uma rapariga a chorar. Acaricio-lhe as costas, envergonhado, para tentar fazer com que ela se sinta melhor. A distância que separa Seraphima de *Frump* é basicamente incomensurável, tal como aquela que me separa de Jules.

Jules.

— Tenho uma ideia — digo a Seraphima, e estendo a mão para a ajudar a levantar-se. — Confias em mim?

Ela hesita apenas por um segundo. Conduzo-a para fora da praia, passamos pela Torre Timble, atravessamos a Floresta Encantada, passamos junto à casa de campo de Orville, contornamos as imediações do castelo e percorremos um rebordo rochoso que nos leva à gruta de *Pyro*.

— Espera aqui — digo-lhe. Inclino-me para dentro da abertura da gruta e assobio. Uma baforada de fumo sai das profundezas e os meus olhos lacrimejam. O chão estremece à medida que *Pyro* se desloca até ao rebordo da caverna.

Os olhos vermelhos do dragão cintilam na escuridão da noite e a sua pele coberta de escamas ondula cada vez que ele inspira. Quando ele me vê, arreganha o focinho e revela os seus dentes afiados como uma lâmina.

— Quem é um lindo menino? — digo e faço-lhe festas no pescoço. Agarro a crina dele e balanço-me para me içar sobre o seu pescoço. A seguir, inclino-me para baixo, para ajudar Seraphima a sentar-se atrás de mim.

— Tens a certeza de que isto é boa ideia? — pergunta-me ela. — Ele não está domado.

— Na pior das hipóteses, tu cais… e aterras suavemente no chão — digo a sorrir. — Não foste tu que me ensinaste a atirar-me das janelas?

Ela sorri, abraça-me pela cintura e grita de prazer quando eu bato com o calcanhar no lombo de *Pyro* e ele dispara na direção do céu.

Subimos a uma velocidade louca e eu sinto o vento rasgar-me os ouvidos. Semicerro os olhos e procuro as palavras que se encontram no cimo da página. ERA UMA VEZ. Inclino-me sobre o pescoço de *Pyro* e conduzo-o, como se ele fosse uma seta, através do E.

A letra fica presa no meio do corpo do dragão, como se ele fosse um tubo e a seguir rebenta, enchendo-nos de pó preto. De repente, estamos no meio das estrelas. Elas estão penduradas à nossa frente, roçam-nos os ombros, emaranham-se nos nossos cabelos, e *Pyro* mergulha, desenhando oitos. Seraphima ri-se, deliciada, nas minhas costas.

Incito *Pyro* na direção da constelação que me mostrou na praia. Refreio firmemente o dragão e paramos ao lado da estrela mais brilhante. Seraphima estende a mão e toca nela. A estrela tilinta, produzindo um som igual ao que as borlas da coleira de *Frump* faziam.

Ela deixa a estrela pousar na palma da sua mão, onde brilha com tanta intensidade que é difícil olhar para ela. A seguir, ela retira a mão e encolhe-se. Olha para a sua palma e vê o contorno de um coração gravado na pele.

Pyro faz uma descida suave até à Torre Timble, para podermos deixar Seraphima na sua janela. Ela desmonta cuidadosamente para o parapeito.

— Talvez possamos repetir um dia destes — sugere.

— Isso era excelente — respondo a sorrir. Aceno um adeus e, quando estou prestes a virar *Pyro* na direção do castelo, Seraphima volta a chamar-me.

Vê-se a silhueta dela na janela, com o seu cabelo prateado a brilhar tanto como a lua.

— Edgar — diz-me ela. — É bom ter um amigo aqui.

Só quando *Pyro* regressa à sua gruta e a minha mãe acaba de se instalar nos seus aposentos a meio da noite — ainda com as mãos manchadas de tinta — é que me permito pensar em Jules.

Nos minutos que antecederam a minha partida, puxei-a para uma arrecadação minúscula na casa de Delilah. Estava escuro como breu, porque não tinham posto velas ali, mas eu não precisava de ver o rosto de Jules para saber o que ela estava a pensar ou a sentir.

— Jules — comecei, mas ela interrompeu-me levando os dedos aos meus lábios. Eu só tinha vontade de os beijar.

— Não fales — interrompeu-me ela. — Eu tenho de te dizer uma coisa. — Lembras-te de quando te disse que aquilo não tinha sido real? Tudo o que se tinha passado entre nós no livro? Eu estava a mentir. Eu *tinha* de mentir, porque também me estava a enganar a mim mesma. Parecia completamente saído de uma história da Disney ter finalmente encontrado um rapaz que não desatava a fugir quando eu dizia que uma cabeça humana permanece consciente quinze segundos depois de ter sido cortada.

— Sim. Tenho a certeza de que o nosso relacionamento dava um guião para a próxima curta-metragem da Pixar — respondi-lhe.

Jules riu-se.

— Caramba. Olha só a minha sorte. O que quer isso dizer? Que todos os tipos decentes ou são comprometidos, ou são *gay,* ou estão presos em contos de fadas infantis.

Eu sei que ela me tinha dito para não o fazer, mas tomei o rosto dela nas minhas mãos e beijei-a. Mas beijei-a mesmo *a sério. Neste mundo,* numa festa de escola secundária, curti com a miúda mais gira de todas. Foi um bom apontamento para deixar.

Jules inclinou a cabeça para junto da minha.

— Tu *tinhas* de me fazer amar-te, não tinhas?

— Tu foste aterrar na minha história. O que é que eu havia de fazer?

No escuro, vi o brilho nos olhos dela. Pensei que ela devia ter estado a chorar, mas Jules nunca iria admitir tal coisa.

— Não te esqueças de mim.

— Jules, tu és inesquecível.

— Bem — respondeu ela. — A eternidade é tempo demais.

Havia tantas coisas que eu queria dizer-lhe. Havia muito mais coisas que eu queria

saber sobre ela. Mas entretanto ouvimos Delilah chamar da outra sala: «Onde está o aniversariante?»

E, sem mais nem menos, o meu tempo esgotou-se.

Dou tantas voltas na cama naquela noite que tenho a certeza de que não vou conseguir adormecer, mas isso não pode ter sido verdade, porque acordo com a rainha Maureen sentada na beira da minha cama.

Levanto-me de um salto, em pânico.

Mas nesse momento a minha visão foca-a e eu vejo que se trata da minha mãe, com o seu cabelo ruivo preso num carrapito, debaixo de uma coroa de joias. Ela usa um dos vestidos da rainha Maureen. As lágrimas correm-lhe pelo rosto.

— Mãe, estás bem? — pergunto-lhe.

— Eu estou bem — responde-me ela a soluçar. Os olhos dela encontram os meus. — Edgar — diz a minha mãe, maravilhada. — A minha dor de cabeça desapareceu.



DELILAH

Deve ser esta a sensação de se ser sobre-humano.

Os sentidos estão todos ao rubro. Até de olhos fechados consigo distinguir todas as cores do arco-íris. Sinto a alteração da minha temperatura corporal quando os braços de Oliver se fecham à minha volta. Percorro a túnica de veludo dele com as pontas dos dedos, memorizando cada ponto.

Estou a pairar através do universo, sem raízes, sem chão, a rodopiar.

Brilho como se tivesse engolido uma estrela.

E quando cair finalmente na Terra, será uma aterragem segura, porque eu sei que ele está lá para me apanhar.

— Então — sussurra-me Oliver, ao mesmo tempo que me afasta o cabelo do rosto. — Ouvi dizer que amanhã vai chover.

Eu estava à espera de uma declaração de amor ou, pelo menos, de um «olá». E não do boletim meteorológico.

— O quê?

Ele sorri.

— Eu só queria que as primeiras palavras que te dissesse aqui fossem absolutamente comuns. Algo que eu possa dizer-te amanhã, depois de amanhã e no dia seguinte.

De repente, eu estou a sorrir. Foi o que eu lhe disse quando nos despedimos, mas com uma diferença fundamental: é que eu *vou* vê-lo amanhã, depois de amanhã e no dia seguinte.

Sinto a alegria a borbulhar dentro de mim. Parece que tenho champanhe nas veias.

— Talvez — respondo, papagueando o que Oliver me tinha dito outrora — faça sol na quarta-feira. — E volto a beijá-lo.

Aos poucos, tomo consciência do resto do mundo: o som das conversas a animar, o tilintar de pratos e de garfos à medida que o bolo vai sendo distribuído, o cheiro da cera derretida das velas de aniversário.

Oliver não me larga. Olha-me desde a tiara até à bainha do vestido e faz um sorriso rasgado.

— Que vestido extraordinário.

— Eu achei que ias gostar…

De repente, Jules agarra-me no ombro.

— Se os dois pombinhos puderem dispensar-me uns minutos, temos uma rainha para esconder.

Eu afasto-me para me certificar de que a minha mãe está ocupada e vejo-a a servir bolo. Agarro na mão de Oliver e puxo-o atrás de mim, enquanto sigo Jules até à casa de banho. Ela bate ao de leve

e a porta abre-se.

A rainha Maureen abriu a torneira do lavatório e está a puxar o autoclismo.

— Tu já *viste* isto, Oliver? — pergunta, encantada. — De onde vem a água?

— Resultou! — sussurro. — Eles foram-se os dois embora.

Jules desvia o olhar.

— Sim.

— Temos de te vestir — diz Oliver. — Lembras-te?

A rainha Maureen anui. Também ela foi informada do plano. Ela vai vestir a bata de médico suplente que Jules trouxe consigo e a seguir Jules leva-a para casa.

— Minha querida — diz-me ela —, importas-te de me desapertar o corpete?

Tiro a bata de médico das mãos de Jules e desapareço na casa de banho com a rainha Maureen. Ela vira-se e eu puxo os laços do vestido, desapertando-o. Ela despe o vestido e eu ajudo-a a vestir a parte de cima da farda.

— Agora que o Oliver não está aqui — sussurra ela, enquanto puxa as calças largas para cima e as aperta na cintura —, posso fazer uma pergunta?

— Claro — respondo.

— A Seraphima falou-me de um sítio mágico onde tu a levaste. Podemos ir a esse tal… centro comercial?

Eu rio-me e torço as tranças dela, para acomodá-las na touca e esconder a cor do cabelo — que é mais escuro do que o de Jessamyn. Penso que tenho de lhe comprar tinta para o cabelo.

— Claro que sim — prometo-lhe. — Temos todo o tempo do mundo.

Quando saímos da casa de banho (depois de brincar algumas vezes com o interruptor para a Maureen experimentar o milagre da eletricidade), encontro Jules sentada no chão, encostada à parede. E Oliver não está ali. Controlo o pânico imediato que começa formar-se dentro de mim. Tenho de ser capaz de o perder de vista sem me passar de cada vez e assumir que ele foi novamente sugado para dentro da história.

Jules olha para mim.

— Relaxa. Eu disse-lhe para ele ir lá abaixo despedir-se das pessoas que se vão embora. É estranho o aniversariante não estar na sua própria festa. — A seguir, examina Maureen com sentido crítico. — Acho que passa. Mas o melhor é sairmos daqui rapidamente para não tentarmos o destino.

Viro-me para a Maureen.

— Pode dar-nos um minuto? — Remexo os folhos do meu vestido de princesa, pego no telemóvel e atiro-lho. — Tome — digo-lhe. — Divirta-se.

Deixo Maureen a carregar em botões e a suster a respiração, surpreendida, quando ouve música sair através das duas colunas minúsculas. Pego no braço de Jules, arrasto-a para o meu quarto e fecho a porta atrás de nós.

— Não devias ter feito aquilo — graceja Jules. — Provavelmente ela vai piratear o teu Facebook.

Sento-me na cama.

— Tu podes falar comigo, sabes?

Jules, ao jeito clássico de Jules, bufa.

— Obrigada, doutor Phil.

— Podes ser irónica à vontade — digo-lhe. — Eu sei como te estás a sentir mal neste momento. Eu já estive no teu lugar. *Duas vezes*.

Jules empina o queixo.

— Eu estou bem. Preocupa-te com o Príncipe Encantado. Não tens de te preocupar comigo.

— Eu *sei* que não tenho de me preocupar contigo. Mas preocupo-me. E eu sei que podes falar comigo… mas que *preferias* falar com outra pessoa. — Passo ao lado dela, pego no conto de fadas que se encontra na mesa de cabeceira e coloco-lho nas mãos. — Acho que isto agora te pertence.

Levanto-me.

— Vou levar a Maureen lá abaixo para se despedir da minha mãe. De preferência sem falar com sotaque britânico. Encontramo-nos no carro?

Jules olha para mim e a seguir passa os dedos pela inscrição da capa do livro. A seguir, inesperadamente, ela abraça-me com força.

— Obrigada — sussurra.

Quando saio do quarto, ela está a abrir a história.

Encontro Oliver de plantão à porta da frente, a agradecer às pessoas que vão saindo. Raj despede-se.

— Grande festa, meu — diz ele, e Oliver sorri.

— Ainda bem que gostaste.

Allie e Chris são os últimos a ir embora.

— Vemo-nos na segunda-feira, meu — diz-me Chris, ao mesmo tempo que coloca a mão ao fundo das costas dela. Oliver olha para mim, chocado.

— Depois ponho-te a par — murmuro-lhe.

Quando por fim as coisas acalmam, a minha mãe sai da cozinha com um pano da louça na mão.

— Isto correu bem — diz ela, num tom animado. — Estava a pensar que devíamos fazer o jantar do Dia de Ação de Graças a meio de um furacão.

Eu rio-me.

— Obrigada pela ajuda, mãe.

— É melhor eu levar a minha mãe para casa — diz Oliver. — Obrigado por nos ter deixado usar

a sua casa, senhora McPhee.

— Sempre às ordens. — A minha mãe abraça Oliver e a seguir a rainha Maureen. — Espero que se sinta melhor rapidamente.

— Obrigada — responde Maureen com um sotaque britânico muito disfarçado.

Naquele preciso momento, Jules desce as escadas a correr, com a cara rosada.

— Desculpem — diz. — Estou aqui. — As chaves do carro dela balançam-lhe na mão. — Estão prontos para ir, vocês dois?

Ela acompanha Maureen até à rua. Oliver fica para trás, com a mão na minha cintura.

— Vemo-nos… amanhã — diz-me.

Ouvir aquelas palavras faz-me sorrir.

Ele debruça-se e roça os seus lábios nos meus, despedindo-se de mim como nos despedimos de alguém de quem sabemos que vamos despedir-nos muitas vezes.

Quando a porta se fecha, viro-me e vejo a minha mãe a agitar um saco de lixo preto gigante.

— Não, mãe. Eu trato disso. Tu já fizeste muita coisa. Vai deitar-te e deixa-me limpar.

— Não vou dizer que não. — A minha mãe boceja. — Achas que o Edgar gostou da festa dele?

— Tenho a certeza de que foi o melhor aniversário que já teve.

À medida que ela sobe as escadas, os seus passos vão deixando de se ouvir e eu começo a varrer o lixo deixado pela festa para dentro do saco. Deito fora os pratos e copos de papel e apanho as migalhas e a cobertura do bolo, de cima da mesa, com uma esponja.

— Bem, Delilah — digo em voz alta, bastante orgulhosa comigo mesma por ter organizado isto. — O que é que tu *não consegues* fazer.

— Eu estava a pensar o mesmo.

Quase dou um salto quando ouço uma voz por trás de mim. Oliver está na soleira da porta a ver-me limpar.

— Pregaste-me cá um susto! — digo-lhe, sorrindo. Não consigo *não* sorrir. — Porque é que voltaste?

Ele caminha na minha direção.

— Eu disse à Jules para levar a Maureen a casa sozinha. Lembrei-me de que me tinha esquecido de uma coisa. — Ele arranca-me o saco do lixo da mão e pousa-o longe de mim.

— O que foi? — pergunto-lhe.

— Não chegaste a dar-me o meu presente. — Oliver põe as mãos nas minhas ancas. — Então? O que é que me compraste?

Eu ponho os braços à volta do seu pescoço e inclino-me lentamente para ele.

— Para sempre — sussurro.

Oliver baixa a cabeça, que se encontra apenas a escassos centímetros de mim.

— Olha só — diz ele, e deposita-me um beijo nos lábios. — Serve-me na perfeição.

Há uma diferença entre uma casa e um lar.

Porque é que não entramos no apartamento do nosso vizinho ou na arrecadação do nosso melhor amigo e pensamos que vivemos lá? Obviamente, o espaço é diferente. Há peças de mobiliário estranhas, paredes pintadas da cor errada e animais de estimação que não nos pertencem.

Mas, mesmo que as casas fossem todas iguais e as mobílias fossem as mesmas, ainda assim não nos sentiríamos em casa.

Isso acontece porque o lar não é o sítio onde estamos. Mas sim com quem estamos.



OLIVER

DOIS MESES MAIS TARDE

Todos os dias acordo com o aroma a baunilha.

Maureen levanta-se antes de o Sol nascer para fazer os *cupcakes* que se tornaram os bolos mais procurados da Nova Inglaterra. O negócio que ela montou em casa — a Rainha das Tartes — já apareceu em jornais, revistas e até na televisão. Quando ela percebeu como funcionam as bases da economia — nomeadamente o facto de que se pode vender bolos e ter lucro, em vez de os oferecer gratuitamente — e quando percebeu que o frigorífico não se reabastece sozinho à noite, a sua carreira como *chef* especializada em pastelaria descolou. As pessoas que provam as tartes e os bolos que ela faz imploram para que ela lhes revele o ingrediente secreto, ao que ela responde sempre: «Uma pitada de magia.»

Tomo um duche rápido, seco o cabelo com uma toalha e visto umas calças de ganga e uma camisola. A seguir, pego com orgulho nas chaves do carro, que tenho em cima da secretária. Ao cabo de várias semanas no Campo de Treinos de Condução de Delilah, ela declarou-me merecedor de receber a carta de condução de Edgar. Uma vez que nem eu nem Maureen sabíamos conduzir quando chegámos, esta era uma grande necessidade. A carrinha de Jessamyn é agora oficialmente o meu valente corcel.

De acordo com o que Jules nos tem contado, a carreira de Jessamyn também está a progredir. Ela está a escrever novamente, pela primeira vez desde que redigiu *Entre as Linhas*, a um ritmo rápido. O reino está rendido aos livros dela, que têm uma característica especial: ela consegue, de alguma maneira, criar uma história que é exatamente aquilo de que o leitor precisa no momento em que está a ler. O que cada pessoa retira do livro pode ser diferente — quase como se a história se alterasse dependendo de quem está a lê-la, onde e quando. Mas se calhar todos os livros são assim — um pouco diferentes de cada vez que são abertos. A verdadeira questão é quem causará a mudança: se a história ou o leitor.

A melhor notícia de todas é que Jessamyn voltou a ficar saudável e está a ser cortejada pelo capitão Crabbe, que a levou num passeio de barco ao luar e aprendeu a comer de garfo e faca só por causa dela.

Quanto a Edgar? Por incrível que pareça, ele acabou por fazer viagens no espaço no interior do livro. Pode não fazer parte do argumento, mas é um passatempo fantástico. A nave espacial dele é o *Pyro* e ele navega pelas galáxias montado no seu dragão. Mais incrível ainda é o facto de ele não ser o único aspirante a astronauta. Seraphima, que dantes não conseguia formular um pensamento coerente na sua cabecinha, agora fala sem parar de buracos negros, pulsares e quasares.

Contudo, quando não anda em missões espaciais, Edgar passa imenso tempo na página 43 a falar com Jules.

Olho para o relógio e desço as escadas a correr. Quero chegar a casa de Delilah o mais cedo possível. Tenho uma coisa para lhe mostrar e mal posso esperar.

Maureen espreita-me por cima de um bolo de várias camadas. O *fondant* já está a assentar e ela espalhou pétalas cor-de-rosa pelo rebordo, decoradas com pérolas prateadas de açúcar. Neste preciso momento, está a escrever uma mensagem na parte de cima.

— Bom dia, querido — diz-me. — Dormiste bem?

— Muito bem, obrigado — respondo, e automaticamente molho um dedo na tigela da cobertura para a provar.

Ela bate-me com a espátula.

— Eu *preciso* disso — diz-me, em tom de reprimenda.

Com o saco de pasteleiro, escreve a palavra FELIZ por cima do bolo.

Vejo-a a trabalhar durante uns minutos, até ela se aperceber de que estou a fitá-la.

— O que é?

— Tu és? — pergunto-lhe. — Feliz?

Ela sorri.

— Eu acho que não sabia exatamente o que isso queria dizer até ter vindo para cá. Não sabia que o mundo podia ser muito maior ou que tinha muito mais para oferecer.

Deixo escapar a respiração, que nem tinha percebido que estava a conter. É bom saber que, por uma vez, todos parecemos estar satisfeitos com quem somos.

— Se esperares dois minutos — diz-me Maureen —, podes comer um queque acabado de fazer.

— Não posso. — Deposito-lhe um beijo na cara e saio da cozinha. — Não trabalhes demais.

— Só é trabalho se tu não gostares do que fazes — responde-me ela.

Quando entro na carrinha, ligo o rádio e conduzo os dez minutos que me separam da casa de Delilah. Quando chego lá, a mãe dela está a sair, com uma caneca de viagem com café na mão, a caminho do trabalho.

— Chegaste adiantado — diz-me a senhora McPhee. — A Delilah ainda está a dormir.

— Tudo bem. É que eu tenho uma boa notícia que quero partilhar com ela.

— Fica à vontade. Tenho a certeza de que ela vai ficar mais feliz por te ver a ti, do que a mim quando acordar. — Ela acena, entra no carro e afasta-se da entrada da casa.

Neste momento, já me sinto tão confortável na casa de Delilah como na minha. Subo as escadas e abro a porta do quarto dela.

Ela está deitada de costas, com os cobertores aos pés, os braços abertos e o cabelo espalhado pela almofada. Tem uma *t-shirt*

gigantesca vestida, onde se pode ler CHURRASQUEIRA BURBA: NÃO TENS DE ROUBAR PARA A NOSSA CARNE APRECIAR. E tem apenas uma meia às riscas calçada. Acho que nunca vi nada tão belo.

Ajoelho-me ao lado da cama, debruço-me e beijo-a até ela acordar.

— Bom dia, princesa — digo-lhe.

— Grunf — responde ela, com as pálpebras a meia haste. — Como — murmura.

— Como, o quê?

— Como é que tens *esse* aspeto de manhã cedo?

— É um dom. — Rio-me e sento-me ao lado dela na cama. — Tenho uma coisa para te mostrar. Não consegui esperar.

Ela ergue-se sobre o cotovelo e boceja.

— Espero que valha a pena.

Pego na carta que imprimi no computador ontem à noite e coloco-a nas mãos dela. Ela desdobra-a e os seus olhos percorrem a primeira linha.

PARABÉNS, FOI ACEITE NO
DARTMOUTH COLLEGE
TURMA DE 2019.

Delilah arregala os olhos e abraça-me.

— Isto é espantoso, Oliver! Fico tão feliz por ti.

— A melhor parte é que fico apenas a duas cidades de distância de ti.

Ela sorri.

— Eu nem acredito que namoro com um universitário. — Porém, de repente, ela fica séria. — Não acredito que vais estar rodeado de *universitárias.*

Suspiro.

— Delilah…

— Não me digas que estou a ser parva. Só vais saber como é quando lá estiveres. Podes conhecer a rapariga dos teus sonhos mal ponhas os pés no campus.

— Eu já conheci a rapariga dos meus sonhos — sublinho. — Tenho

de te lembrar de que não me apaixonei por ti por tu seres bonita, esperta ou popular?

— Ui, obrigada. — Delilah faz uma careta.

— Eu apaixonei-me por ti porque tu tinhas o nariz enfiado num livro. Se tu não fosses… bem… tu… nós nunca nos teríamos conhecido — digo-lhe. — Tens muito mais com que te preocupar do que com uma rapariga qualquer que eu possa conhecer. Nós os dois vamos discutir, fazer as pazes, vamos ao baile de finalistas e sofrer nas épocas de exames, vamos pegar a gripe um ao outro e oferecer presentes no Dia dos Namorados, e todos os dias eu vou lembrar-te de como é que nos apaixonámos.

Delilah olha para baixo.

— Mas sabes? É que neste mundo… nem sempre se vive feliz-para-sempre.

Levanto o queixo dela, para nos olharmos nos olhos.

— Eu abdicava de mil felizes-para-sempre, em troca do aqui-e-agora contigo.

Ela beija-me e puxa-me para baixo, até ficarmos enroscados em cima dos cobertores. Até que, de repente, ela se senta.

— Acabo de me lembrar. Tenho um presente de felicitações para ti.

— Mas tu não podias saber que eu ia ser aceite…

— Eu sou uma otimista — responde Delilah, sorrindo. Ela procura algo na gaveta da sua mesa de cabeceira. — Não está embrulhado, mas…

Delilah entrega-me um livro com um atilho de pele. Eu abro-o, mas a primeira página está vazia. Bem como a segunda e a seguinte. Na verdade, não há nada escrito em nenhuma das páginas. Olho para ela, baralhado.

— Chama-se diário — explica-me Delilah. — És tu que tens de preenchê-lo. Acho que está na hora de tu escreveres a *tua* própria história.

Puxo-a para os meus braços e penso: *É precisamente por aqui que vou começar.*

Toda a gente tem uma história.

Podemos achar que não vale a pena contá-la, mas a verdade é que se trata de uma história que nunca ninguém ouviu. Aquilo que fazemos, o que dizemos, a forma como conduzimos o nosso enredo, pode deixar uma marca em alguém.

Porque é isso que as histórias fazem.

Elas ajudam-nos a fugir e dão-nos a oportunidade de fazer coisas que nunca tínhamos imaginado fazer ou ser capazes de fazer. Elas permitem-nos sentir desgostos como nunca antes tínhamos sentido e viver aventuras na segurança do nosso próprio quarto. São sonhos para aqueles que permanecem acordados. Podem ser tão confortáveis como um par de chinelos antigos ou inquietantes como a lâmina de uma faca. Elas têm em si o poder para nos mudar, para nos inspirar, para nos abrir horizontes.

Há histórias a toda a nossa volta, presas na garganta de estranhos por quem passamos e rascunhadas nas páginas de diários trancados. Estão em cartas de amor que nunca foram enviadas e nas entrelinhas de todas as conversas que já tiveram lugar. Lá porque a sua história não foi escrita, isso não quer dizer que ela não existe.

Na verdade, talvez alguém esteja a ler a sua história neste momento, a imaginar os seus olhos a percorrerem esta página e as suas mãos a segurarem a fita, enquanto se apressa para chegar à última linha.

É melhor despachar-se. O seu leitor aguarda ansiosamente o próximo capítulo.

Cumprimentos,

Jessamyn.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a Peter Antelyes, professor associado de Inglês no Vassar College, pela sua perspicácia e encorajamento enquanto escrevíamos este romance. Também estamos em dívida para com Abigail Baird, professora associada de Psicologia no Vassar College, por inspirar diversas personagens e por investigar tumores cerebrais para nós. Obrigada a Ryan Eykholt, por ter inventado a expressão *triple-tearing* e a Kevin Ferreira, que nos deixou usar a sua piada do Instagram. Obrigada a Kathy Reichs e a Lisa Genova — elas próprias autoras fantásticas —, cuja experiência nos ajudou a preencher lacunas em relação a factos da nossa história. A Will Henderson — agradecemos por ter pensado neste título, muito antes de nós termos ponderado escrever uma sequela. Obrigada a: Barbara Marcus, Beverly Horowitz, Dominique Cimina, John Adamo, Kim Lauber, Stephanie O'Cain e a toda a família da Delacorte Press e da Random House Children's Books, que provam que os contos de fadas se tornam mesmo realidade. Por fim, obrigada a Tim/Pai, por nos fazer rir e por às vezes nos pregar sustos de morte, ao subir as escadas para o escritório sorrateiramente, e a *Dudley*, *Alvin*, *Oliver* e *Humphrey*, que nos proporcionaram o tão necessário apoio moral e pausas caninas.